

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**A GERAÇÃO Z E SUAS RESPOSTAS
COMPORTAMENTAL E EMOTIVA NAS REDES
SOCIAIS VIRTUAIS**

ROGÉRIA ALBERTINASE PINCELLI MUSSIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.
Orientadora: Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião

**Rio Claro- SP
Junho/2017**

155.5 Mussio, Rogéria Albertinase Pincelli
M989g A geração Z e suas respostas comportamental e emotiva
nas redes sociais virtuais / Rogéria Albertinase Pincelli
Mussio. - Rio Claro, 2017
204 f. : il., figs., gráfs., forms., tabs., quadros, fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Adriane Beatriz de Souza Serapião

1. Adolescência. 2. Cibercultura. 3. Tecnologia. 4. Mídias
sociais. 5. Emoções. I. Título.

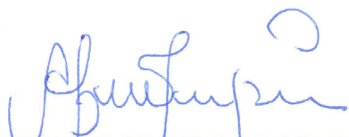
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A geração Z e sua resposta emotiva nas redes sociais

AUTORA: ROGERIA ALBERTINASE PINCELLI MUSSIO

ORIENTADORA: ADRIANE BEATRIZ DE SOUZA SERAPIÃO

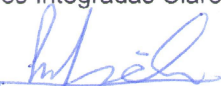
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. ADRIANE BEATRIZ DE SOUZA SERAPIÃO
DEMAC / INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS DE RIO CLARO / SP



Prof. Dr. GUSTAVO LIMA ISLER
Faculdades Integradas Claretianas / Unidade Rio Claro / SP



Prof. Dr. CARLOS NORBERTO FISCHER
Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação / Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Rio Claro- SP

Rio Claro, 30 de junho de 2017

Título alterado para: **A GERAÇÃO Z E SUAS RESPOSTAS COMPORTAMENTAL E EMOTIVA NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

*Aos motivos e razões do meu viver...
Alex e Erik.*

*Ao meu amor, Milton José Mussio
(in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Supremo Deus que em Sua bondade divina me deu a oportunidade da vida.

Aos meus pais, pelo amor incondicional. Aos meus irmãos André Luiz e Carlos Alberto, pelo apoio e incentivo. Aos meus filhos Alex e Erik, companheiros dessa linda e louca jornada que tanto vibraram a cada conquista, dando-me energia e incentivo para continuar.

Ao pequeno Vinícius, que com seus três aninhos nos traz tanto amor e alegria com sua presença. Ao Rafael, que mesmo à distância, torceu e acreditou em mim.

À Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião, minha orientadora, que me concedeu oportunidade para fazer aflorar em mim um potencial que eu já não acreditava florescer. Sua constante presença e força me fez absorver todo tipo de conhecimento desta etapa. Fez-me vislumbrar novos horizontes pessoais e acadêmicos onde existem mais que pesquisadores e resultados por trás de uma pesquisa, mas vidas humanas...

À Fernanda Carolina Pereira, pela parceria desde o início e, principalmente, pelo carinho e ajuda nos arremates da dissertação.

À Maristela, amiga de sempre, por só querer o meu bem e me valorizar tanto como pessoa.

À Leide, braço direito que, a seu modo, sempre me incentivou com palavras e gestos de carinho ao cuidar de todos os meus... nossos.

A todos docentes e funcionários do Departamento de Estatística Matemática Aplicada e Computação – DEMAC da UNESP, em especial, ao Dr. Farid Nourani, chefe do departamento, pelo apoio, confiança e incentivo de sempre.

“Há em cada adolescente um mundo
encoberto, um almirante e um sol de outubro”

(Machado de Assis – Dom Casmurro)

RESUMO

A adolescência é uma fase fundamental do desenvolvimento humano. Com a evolução tecnológica transformando a era contemporânea, a jovem geração atual, conhecida como Geração Z, será a primeira a viver uma vida completa totalmente em um mundo digital e conectado. Este “novo mundo” já está propiciando os mais diversos tipos de interação com o outro e mudando comportamentos e as relações sociais. Esta pesquisa é um estudo transversal com o objetivo analisar como os adolescentes utilizam as novas mídias digitais e as redes sociais em seus relacionamentos interpessoais e na comunicação virtual, buscando encontrar pontos relevantes que estejam relacionados com questões comportamentais envolvendo os estados emotivos e o uso das mídias e das tecnologias de comunicação. Participaram deste estudo 267 adolescentes estudantes de escola pública entre 14 e 17 anos de idade com acesso à Internet e às redes sociais. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário elaborado pela pesquisadora, composto por 50 perguntas fechadas em escala Likert, cuja finalidade era conhecer a leitura que os adolescentes fazem sobre os seus relacionamentos virtuais, o modo e os efeitos da comunicação *online*, e os sentimentos e emoções que são despertados através do uso das novas mídias na comunicação em seus relacionamentos. A amostra foi dividida por grupos separados por gênero e por faixa etária. Os resultados foram avaliados através de análise estatística descritiva e inferencial não paramétrica (teste de Mann-Whitney e teste G). O estudo mostrou que os adolescentes fazem uso regular das redes sociais com diversos propósitos, sobretudo utilizando *smartphones*. Observou-se que, embora não seja frequente, o uso das redes sociais pode provocar respostas emocionais intensas nos adolescentes, e existem diferenças entre os comportamentos de meninos e meninas na interação virtual. As relações dos adolescentes nas redes sociais virtuais com os amigos e pessoas próximas são intensas, Não foram constatados indícios fortes de dependência tecnológica na amostra da Geração Z analisada e nem dificuldades de comunicação. Entretanto, verificou-se que os adolescentes buscam conectar-se *online* rapidamente e manifestam uma certa ansiedade e irritabilidade quando não conseguem a conexão com a Internet.

Palavras-chave: adolescentes, tecnologias, mídias digitais, redes sociais virtuais, estados emocionais.

ABSTRACT

Adolescence is a critical stage of human development. With technological evolution transforming the contemporary age, the current young generation, known as Generation Z, will be the first to live a complete life totally in a digital and networked world. This “new world” is already providing diverse types of interaction with each other and changing behaviors and social relationships. This research is a cross-sectional study that aims to analyze how adolescents use new digital media and social networks in their interpersonal relationships and in virtual communication, seeking to find relevant points that are related to issues involving emotive states and the use of digital media and communication technologies. Participated in this study 267 teenagers from public schools between 14 and 17 years old with access to the Internet and social networks. The instrument used for data acquisition was a questionnaire elaborated by the researcher, composed of 50 closed questions in the Likert scale, whose purpose is to know the reading that adolescents do about their online relationships, the mode and the upshot of online communication, and feelings and emotions that are aroused by the use of new communication media in their relationships. The sample was divided by groups separated by gender and by age. The results were evaluated through descriptive and non-parametric inferential (Mann-Whitney test and G test) statistical analysis. The study showed that adolescents make regular use of social networks for various purposes, especially using smartphones. It was observed that, although it is not frequent, the use of social networks can provoke intense emotional responses in the adolescents, and there are differences between the behaviors of boys and girls in the virtual interaction. The relationships of adolescents in virtual social networks with friends and close people are intensive. No strong evidence of technological dependence was found in the sample of Generation Z analyzed nor communication difficulties. However, it has been found that adolescents seek to connect online quickly and manifest a certain anxiety and irritability when they can not connect to the Internet.

Keywords: adolescents, technology, digital media, virtual social networks, emotional states.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Etapas de regulação de emoções e possibilidades de ação.....	34
Figura 2.2 – Estruturas neuroanatômicas do sistema límbico.	36
Figura 2.3 – Representação sumária dos caminhos dos estímulos sensoriais para a emoção.	37
Figura 2.4 – Expressões faciais de emoções primárias.	37
Figura 2.5 – Níveis de intensidade de emoções primárias.....	38
Figura 2.6 – Emoções agradáveis e desagradáveis em diferentes intensidades.....	38
Figura 2.7 – Combinações das emoções primárias.	41
Figura 3.1 – Proporção (%) de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos por atividades realizadas na Internet em um mês por sexo em 2015.....	67
Figura 4.1 – Evolução dos meios de comunicação e entretenimento.	77
Figura 4.2 – A Geração Alfa inserida no mundo digital.	83
Figura 4.3 – Os nativos digitais e a vida digital.	88
Figura 4.4 – Modelo de autoapresentação proposto por Zhao et al. (2008).....	96
Figura 6.1 – Gráfico de respostas da Questão 1, separado por grupos.....	120
Figura 6.2 – Gráfico de respostas da Questão 2, separado por grupos.....	122
Figura 6.3 – Gráfico de respostas da Questão 3, separado por grupos.....	122
Figura 6.4 – Gráfico de respostas da Questão 7, separado por grupos.....	123
Figura 6.5 – Gráfico de respostas da Questão 8, separado por grupos.....	125
Figura 6.6 – Gráfico de respostas da Questão 9, separado por grupos.....	126
Figura 6.7 – Gráfico de respostas da Questão 10, separado por grupos.....	127
Figura 6.8 – Gráfico de respostas da Questão 11, separado por grupos.....	128
Figura 6.9 – Gráfico de respostas da Questão 18, separado por grupos.....	129
Figura 6.10 – Gráfico de respostas da Questão 34, separado por grupos.....	130
Figura 6.11 – Gráfico de respostas da Questão 43, separado por grupos.....	131
Figura 6.12 – Gráfico de respostas da Questão 46, separado por grupos.....	132
Figura 6.13 – Gráfico de respostas da Questão 45, separado por grupos.....	137
Figura 6.14 – Gráfico de respostas da Questão 6, separado por grupos.....	138
Figura 6.15 – Gráfico de respostas da Questão 19, separado por grupos.....	139

Figura 6.16 – Gráfico de respostas da Questão 33, separado por grupos.....	140
Figura 6.17 – Gráfico de respostas da Questão 20, separado por grupos.....	140
Figura 6.18 – Gráfico de respostas da Questão 32, separado por grupos.....	141
Figura 6.19 – Gráfico de respostas da Questão 49, separado por grupos.....	142
Figura 6.20 – Gráfico de respostas da Questão 50, separado por grupos.....	143
Figura 6.21 – Gráfico de respostas da Questão 31, separado por grupos.....	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – Diferenciação de características de concepção de diferentes tipos de fenômenos afetivos.	31
Tabela 2.2 – Estímulos e emoções.	31
Tabela 2.3 – Relações entre subsistemas orgânicos e as funções e componentes da emoção.	35
Tabela 2.4 – Classificação das emoções segundo Damásio.	40
Tabela 2.5 – Forças propulsoras, repressoras e seus efeitos.	46
Tabela 3.1 – Funções dos elementos de comunicação.	64
Tabela 4.1 – Comparativos entre as características das gerações.	84
Tabela 4.2 – Comparativo entre imigrantes e nativos digitais.	86
Tabela 6.1 – Distribuição dos entrevistados por idade, escolaridade e gênero.	116
Tabela 6.2 – Diferenças significativas dos grupos por gênero e faixa etária pelo teste G na dimensão 'Identificação e hábitos de mídias sociais usadas'.	118
Tabela 6.3 – Estatística dos grupos por gênero e o teste de Mann-Whitney.	134
Tabela 6.4 – Estatística dos grupos por faixa etária e o teste de Mann-Whitney.	135

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Considerações iniciais.....	13
1.2 Motivação e justificativa.....	16
1.3 Objetivos	21
1.3.1 Hipóteses	21
1.3.2 Objetivo geral	21
1.3.3 Objetivos específicos.....	21
1.4 Organização do Trabalho	22
CAPÍTULO 2 - EMOÇÕES E SENTIMENTOS	24
2.1 Introdução	24
2.2 Diferenciando emoções de outros estados	26
2.3 O estímulo das emoções.....	30
2.4 Processos que regulam as emoções	32
2.5 A neurobiologia das emoções	35
2.6 Funções primárias e secundárias.....	37
2.7 Avaliação das emoções.....	42
2.8 Universalidade das emoções básicas	43
2.9 Vivenciando as emoções.....	44
2.10 Relacionamentos: razão e emoção	46
2.11 Sentimentos: conceito, origem e função.....	47
2.12 Administrando sentimentos: causa e efeito	50
2.13 Adolescentes e a afetividade.....	52
2.14 Considerações adicionais.....	54
CAPÍTULO 3 - O MUNDO CONECTADO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE	56
3.1 Relacionamentos intrapessoal e interpessoal	56
3.2 Cibercultura e Ciberespaço	58
3.3 Os impactos ciberculturais na sociedade	60
3.4 Internet móvel no Brasil e no mundo	63
3.5 Características e tipos de mídias sociais digitais	68

3.6 O domínio das novas tecnologias afetando as relações interpessoais	69
--	----

CAPÍTULO 4 - AS TECNOLOGIA E A GERAÇÃO DIGITAL.....73

4.1 A adolescência: aspectos importantes do desenvolvimento social e emocional .	73
4.2 Diferenciando as gerações.....	77
4.2.1 Geração <i>Baby Boomers</i>	77
4.2.2 Geração X	78
4.2.3 Geração Y	79
4.2.4 4. Geração Z	80
4.2.5 Geração Alfa	81
4.2.6 Conflito entre as gerações.....	83
4.3 Nativos digitais × imigrantes digitais.....	85
4.4 Influência e impacto das redes sociais nos nativos digitais.....	86
4.5 Aspectos positivos e negativos das mídias digitais na adolescência	91
4.5.1 Aspectos positivos.....	93
4.5.1.1 Autoexpressão e construção da identidade.....	94
4.5.1.2 Expansão dos relacionamentos	96
4.5.2 Aspectos negativos	98
4.5.2.1 Dependência tecnológica	98
4.5.2.2 Vulnerabilidade afetiva	100
4.5.2.3 <i>Cyberbullying</i>	103
4.5.2.4 <i>Grooming</i>	104
4.5.2.5 <i>Sexting</i>	104
4.5.2.6 <i>Self cyberbullyng</i>	105
4.5.2.7 Distúrbios do sono e distúrbios acadêmicos	105
4.5.2.8 Transtornos mentais.....	106
4.5.2.9 Mudanças posturais	107

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA.....108

5.1 Método de pesquisa	108
5.2 Ética	108
5.3 Participantes.....	109
5.4 Procedimento metodológico	109
5.5 Descrição do questionário	110

5.6 Análise de dados.....	114
CAPÍTULO 6 - RESULTADOS	116
6.1 Análise de dados.....	116
6.2 Identificação e hábitos de mídias sociais usadas.....	118
6.3 Análise das dimensões por frequência e intensidade	133
6.4 Compreensão da informação	136
6.5 Influência social.....	137
6.6 Dependência tecnológica	139
6.7 Manifestação dos sentimentos	144
CAPÍTULO 7 - CONCLUSÕES.....	146
7.1 Conclusões.....	146
7.2 Contribuições do trabalho.....	148
7.3 Limitações do trabalho	149
7.4 Trabalhos futuros	150
REFERÊNCIAS.....	152
ANEXO A	174
ANEXO B	176
ANEXO C	179
ANEXO D	186

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de novas tecnologias e as mudanças na sociedade tem nos levado a uma intensa imersão na cibercultura, revelando uma necessidade de identificarmos os impactos sobre a vida cotidiana e das transformações decorrentes. Neste sentido, este capítulo introdutório pretende contextualizar a temática da pesquisa, mostrando a influência e possíveis consequências do uso de tecnologias móveis e das mídias sociais no comportamento, no desenvolvimento emocional e no processo comunicativo dos adolescentes da Geração Z, usuários nativos de tais recursos tecnológicos,.

1.1 Considerações iniciais

O desenvolvimento humano pode ser estudado sob diversos prismas, tais como aspectos históricos, científicos, biológicos, econômicos, políticos, sociais, comportamentais e antropológicos, dentre outros. Outro aspecto que também pode ser estudado é o processo de expansão das potencialidades humanas e a maneira de se construir relacionamentos.

A comunicação, certamente, é o centro de todo relacionamento. Ela é o alicerce para o desenvolvimento de uma relação com o outro, visto que pode ser considerada o talento de entender e de fazer-se entender. A origem etimológica da palavra comunicar deriva do termo em latim *communicare*, que significa “tornar comum, partilhar, participar algo” (FERREIRA, 2010). Portanto, comunicação significa “ação em comum”, considerando-se o “algo em comum” um mesmo objetivo da consciência e não valores materiais.

A humanidade está atingindo um alto grau de interação através de uma grande revolução nos meios de comunicação. As informações são rápidas e seguras, podemos acessar o mundo todo em segundos. Porém, esse processo já causa preocupação. Algumas dessas ferramentas, se usadas sem controle e critério, acabam gerando distanciamento e frieza no relacionamento entre as pessoas. Antes, dividíamos a televisão, o computador, o telefone, e éramos obrigados a aprender a ceder e interagir com as pessoas a nossa volta. Hoje, nos restaurantes, bares, ônibus, almoço em casa, reuniões de trabalho e eventos importantes, as pessoas estão conversando nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens rápidas, e postando fotos pelo celular. Já não observam mais como estão se sentindo as pessoas à sua volta, já não trocam olhares carinhosos, as palavras ficaram escassas e a expressão de amor, carinho e respeito são hoje postagem de mensagens editadas, inclusive aquelas referentes às datas comemorativas. Dá-se, muitas vezes, mais importância às relações com os que estão mais distantes do que com aqueles que estão presentes.

Por outro lado, coisas do cotidiano (publicidade, trocas de mensagens, notícias) geram excessos de comunicação em postagens e falsa importância de eventos da vida. Os cumprimentos e saudações dados pessoalmente no passado vêm se tornando fora de moda, e colocados apenas nas redes sociais, sem sentimento de apreço, com o qual foi eternizado na nossa vida e dos nossos ancestrais. Os sentimentos são mais escritos que demonstrados e sentidos. Possuir capacidade de identificar os próprios sentimentos e dos outros e de gerenciar bem as emoções internas e nas relações é uma habilidade que representa um primoroso auxílio para conduzir os processos comunicativos nos relacionamentos em seus diversos níveis e situações.

Pensando no início de uma nova era na qual a comunicação coloca-se volumosa e intensa no cotidiano das pessoas em decorrência do surgimento de novas mídias e tecnologias para comunicação que estão inovando o modo de aproximar as pessoas e de se relacionarem, surgem novas questões que precisam ser investigadas. Como a comunicação virtual teria a capacidade de transformar uma relação ou até mesmo construí-la? No mundo onde a tecnologia está cada vez mais presente na vida das pessoas, como a comunicação por vias tecnológicas pode despertar ou inibir as emoções nos relacionamentos? Quais são os sentimentos e

comportamentos individuais que estão emergindo deste modo virtual de comunicar e relacionar-se?

Com a democratização do acesso à Internet e redes sociais, novos aspectos comportamentais e novos valores sociais vão sendo agregados, reconfigurando as transformações sociais e maneira de relacionar com o mundo e com o outro. As redes sociais estão sendo denominadas de “quinto poder”, pois aglutinam consciências e estabelecem interconexões entre pessoas, onde a atitude ou o ato de um só indivíduo pode chegar a influenciar outros milhares (SILVERSTONE, 2004).

É inegável que as redes sociais desempenham um importante papel e favorecem o reencontro e a aproximação entre pessoas. Porém, as redes sociais mostram de maneira desnudada a fragilidade dos nossos estados emocionais, sucesso e bem-estar, através dos quais constantemente buscamos apoio e aprovação através de comentários e imagens para elevação de nosso autoconceito. Além disso, parte das relações estabelecidas neste ambiente são superficiais e instáveis, formando-se e rompendo-se com grande rapidez, e muitas vezes forjadas por interesses momentâneos (RAMONET, 2006).

A Geração Z, composta pelos nascidos a partir de 1995, não conheceu o mundo sem a Internet, não fazem diferença entre a vida *online* e a *offline*, usam os telefones celulares (*smartphones*) o tempo todo, e querem tudo para agora, pois possuem uma relação diferente com o tempo. A vida deles é irrigada por muita informação, visto que tudo é noticiado em tempo real, e não raramente este volume em pouco tempo torna-se obsoleto ou desinteressante. Uma de suas características é a falta de expressividade na comunicação verbal (CERETTA; FROEMMING, 2011).

Entre os adolescentes dessa geração, muitas vezes as redes sociais são utilizadas como espaço virtual terapêutico para compartilhar sentimentos, queixas, dar depoimentos e conselhos, buscando minimizar suas ansiedades, frustrações e incompreensões. Ou seja, é um espaço onde o adolescente busca acolhimento, compreensão, companhia, saciando os ideais de relacionamento, autoafirmação, identificação e pertença (TAPSCOTT, 1999).

Por outro lado, dentre os muitos aspectos negativos que os especialistas Bauman (2004), Kaufman (2012) e Wellman (2009) apontam nas relações virtuais, um deles é que o maior risco de dependência absoluta pelas redes sociais está nas gerações mais jovens, visto que: 1) muitos adolescentes possuem um baixo autoconceito e tornam-se dependentes do reforço positivo que as redes sociais

simulam possuir, como o “curtir” ou “compartilhar”; 2) a falta de uma qualidade verdadeira em suas próprias relações sociais gera uma necessidade básica de acumular seguidores e amigos em suas redes sociais; 3) as amizades virtuais são geralmente vazias e muito efêmeras, mas a sensação de perda não dura muito tempo, pois a cada “amigo eliminado” podem ser adicionados outros mais.

Obviamente, a questão não é renunciar as novas tecnologias e evitar as redes sociais, já que estas são um caminho sem volta dentro da perspectiva de desenvolvimento humano e social. Trata-se de conhecer as próprias necessidades, de estabelecer prioridades, de um exercício de não dependência e de usar de maneira correta e equilibrada os benefícios que as redes sociais e as novas mídias podem oferecer.

Deste modo, os pais, sendo os responsáveis pela formação de seus filhos, assim como a escola e educadores em segundo plano, precisam estar atentos para os sinais dos comportamentos sociais e emocionais das crianças e adolescentes frente ao crescente uso das mídias sociais digitais. Principalmente, porque, diferentemente das outras gerações, esta geração atual possui como essência uma outra forma de construir vínculos.

1.2 Motivação e justificativa

Neste sentido, dentro de um processo investigativo que nos conduza a questões de importância para esta pesquisa, conforme pontuaremos a seguir, estaremos norteando nosso estudo de modo a atingir os objetivos abaixo propostos, relacionados à compreensão de como os adolescentes lidam com suas emoções, sentimentos, relações no mundo virtual e os aparatos tecnológicos.

Muitos dos problemas causados nos relacionamentos (pessoais, afetivos, familiares, profissionais ou sociais) são decorrentes de falha de comunicação, na divergência de interesses ou na dificuldade em expressar pensamentos e sentimentos. Em diferentes culturas, como a japonesa, por exemplo, a sociedade considera como sinal de fraqueza qualquer expressão emocional ou manifestação de afeto, assim como o reconhecimento de falhas nas ações com o outro e consigo mesmo. Por outro lado, as novas mídias e tecnologias propiciam oportunidades de

acesso constante e massivo de mensagens entre as pessoas, fazendo com que o indivíduo nunca esteja desconectado de seus relacionamentos, causando um excesso de comunicação e tempo dedicado a essa troca. Porém, pouco sobre as emoções e dificuldades podem ser percebidas nestas trocas.

Através do uso das novas “tecnologias/ferramentas”, principalmente através de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, a maneira de se comunicar com o outro está se modificando, estabelecendo comunicação instantânea à distância, de modo que os relacionamentos passam a ter contatos e compartilhamentos tão rápidos de informações, que as emoções estão sendo vivenciadas individualmente sem a oportunidade de trocas mais profundas e intensas pela ansiedade causada por essas ferramentas. A percepção de si mesmo e do outro não tem tempo de ser pensada e construída com ponderação, pois tudo passou a ser, veloz, urgente e necessário. A tecnologia avolumou-se de tal forma que se entrelaça, envolve e determina o cotidiano.

Estudos realizados por Correa, Hinsley e Zúñiga (2010) e por Kim, Know e Lee (2009) demonstraram que muitos adultos não conseguem controlar o uso que fazem da Internet, já que com os *smartphones* e *tablets* tornou-se acessível a qualquer hora e lugar. Se adultos apresentam sérias dificuldades de controle no acesso a tecnologias e mídias digitais, com crianças e adolescentes a situação é muito mais severa, visto que essas ainda não desenvolveram a autoconsciência e o autocontrole, nem a maturidade cerebral e nem as competências sócioemocionais.

Ainda em seu estudo Correa, Hinsley e Zúñiga (2010) também buscaram uma relação entre a personalidade de um indivíduo, o gênero e a sua utilização das redes sociais. Os autores concluíram que pessoas mais extrovertidas usam as redes sociais com maior frequência, apresentando mais predisposição a novas experiências, ao passo que pessoas que são mais estáveis emocionalmente utilizam com menor frequência. Ainda segundo os autores, os homens mais extrovertidos e ansiosos mostraram-se mais inclinados às interações sociais através da Internet, ao passo que mulheres extrovertidas e predispostas a novas experiências estão mais inclinadas a utilizar com maior frequência as redes sociais *online*.

Kim, Know e Lee (2009) mostraram que indivíduos introvertidos ou que sofrem com situações de ansiedade social ou solidão utilizam a Internet como ferramenta de *coping* (enfrentamento) para se libertarem de situações de isolamento, criando no indivíduo um sentimento de pertença e conexão. Entretanto, pessoas com dificuldades

no mundo social real, possivelmente, não conseguem resolver o seu problema de introversão, pois o uso deste tipo de artifício não elimina as dificuldades que atrapalham a sua interação e conexão no mundo social *offline*.

Sousa e Cerqueira-Santos (2011) sustentam que amigos desempenham um importante papel ao longo do ciclo vital de um indivíduo, melhorando o seu bem-estar, e que manter as relações de amizade, mesmo que através de redes sociais, traz benefícios como habilidades sociais, saúde, qualidade de vida e mesmo longevidade.

Assunção e Matos (2014) estudaram o modo como os adolescentes se relacionam com a rede social Facebook® e os resultados sugeriram que os adolescentes utilizam primordialmente essa rede social para conhecer os acontecimentos das vidas de outros jovens e para comunicar-se com amigos e familiares. Em algumas situações, os jovens consideram mais fácil partilhar algumas questões *online* que em contato presencial, e que, considerando o conceito de amizade na rede social, esta muitas vezes funciona como uma extensão das amizades da vida real.

Por outro lado, Jenkins-Guarnieri, Wright e Hudiburgh (2012) mostraram que existe uma relação negativa entre o uso do Facebook e a competência para iniciar relações sociais na adolescência, o que pode indicar a influência desta rede social e da Internet no desenvolvimento interpessoal e fulcral, no estabelecimento de relações com os pares e no desenvolvimento da identidade. Amante et al. (2014) estudaram o papel da rede social na construção da identidade dos adolescentes e constataram uma estreita relação existente entre o mundo *online* e *offline* dos adolescentes.

Os trabalhos de Steinfield, Ellison e Lempe (2008) e de Lou et al. (2012) concluíram que o uso das redes sociais por estudantes aumenta seu nível de comunicação, diminuindo assim a solidão e a depressão, elevando o bem-estar nesses adolescentes, visto que eles utilizam este ambiente para manter as suas relações com os amigos da escola e para construir novos relacionamentos com os seus colegas.

Pesquisas recentes mostraram que as emoções em redes sociais são contagiantes (KRAMER; GUILLOR; HANCOCK, 2014; COVIELLO et al., 2014), as quais são influenciadas pelo caráter positivo ou negativo das postagens, pois mensagens positivas geram felicidade e negativas induzem sentimentos depressivos. Já se conhecia na literatura que o estado emocional de uma pessoa pode influenciar

as outras ao seu redor, estranhas ou conhecidas. Entretanto, não era conhecido até então que a mesma relação se reproduz nas redes sociais.

Fan et al. (2014) estudando a rede social Weibo e os *tweets* trocados por seus usuários, descobriram que a correlação de raiva entre os usuários é significativamente superior à de alegria, indicando que a raiva pode se espalhar de maneira mais rápida e ampla na rede.

Uhls et al. (2014) realizaram um experimento com estudantes na faixa etária de 11-12 anos, divididos em dois grupos, sendo um com acessos à mídia digital e outro sem qualquer tipo de acesso, cujos resultados indicaram que o uso exagerado de equipamentos digitais pode atrapalhar a capacidade de crianças em reconhecer emoções de outras pessoas. Uma das conclusões a que chegaram os autores foi que:

Não se pode aprender a ler sinais não-verbais a partir de uma tela da mesma forma que se aprende na comunicação face a face. Sem essa prática, perde-se importantes habilidades sociais. (p. 387–392)

Vários autores estudaram as principais razões pelas quais os adolescentes utilizam as redes sociais virtuais. Lenhart e Madden (2007) indicaram que as redes sociais proporcionam aos adolescentes a oportunidade de se apresentarem a um grupo de pares e assim obterem *feedback* e afirmação. Tosun e Ljunen (2009) destacaram que o uso da Internet e das redes sociais permite que o adolescente possa se expressar de forma anônima, o que é muito atrativo para quem está lidando com o desenvolvimento da identidade e do autoconceito. Lam et al. (2009) reforçaram que os adolescentes podem utilizar a Internet como um modo de lidar com o estresse, a fim de se distrair das experiências geradoras de tensão.

A Geração Z (Z de *Zapping*, da troca instantânea de canal) coloca-se no papel de conhecedora das mais recentes tecnologias, a Internet é a principal fonte de entretenimento e mantém-se conectada com o mundo virtual o tempo todo. Não concebe a vida sem acesso à rede digital e às redes sociais. O telefone celular e a Internet são itens quase indispensáveis no dia a dia. Recebem um volume maciço de conteúdos diariamente. O manuseio fácil dos aparatos tecnológicos lhes dá uma diferente concepção temporal quando comparado às gerações anteriores (KÄMPF, 2011). Vivem em um ritmo fragmentado. Por isso, são imediatistas, ansiosos, práticos, muito seletivos, porém superficiais, e mudam de opinião constantemente (CERETTA; FROEMMING, 2011).

Acostumados com a comunicação virtual, esta geração tende a ter dificuldades para se expressar oralmente.

Por ser um modo de relacionamento com o mundo e com as pessoas completamente diferente de tudo o que as gerações antecessoras da Geração Z viveram, existe muita preocupação com possíveis efeitos perniciosos que esta conexão tecnológica e o acesso *online* aberto e ininterrupto poderia exercer no desenvolvimento social, psicológico e emocional dos nativos digitais, visto que este ainda é um mundo desconhecido e ainda em exploração. Entretanto, as preocupações demonstradas por vários estudiosos citados nesta dissertação, como acima levantado na literatura científica, são mesmo fundamentadas ou é um receio do mundo desconhecido que está mexendo e alterando o que até hoje estava estabelecido na sociedade em termos comportamentais, culturais e de vinculação afetiva? A evolução tecnológica estaria distanciando o ser do conhecimento de si mesmo e do outro? Haveriam benefícios e malefícios ainda não comensurados nesta revolução social?

Embora esta dissertação não tenha a pretensão de responder estes questionamentos, inclusive pela inviabilidade temporal de percepção dos efeitos, visto que ainda é uma mudança recente e em progresso das relações virtuais e dos seus meios, estas indagações são relevantes para contrapor as preocupações sobre o comportamento dos nativos digitais levantadas pelos imigrantes digitais, aqueles que estão sendo forçados a viver no novo mundo virtual e que percebiam a vida em velocidade, modos e ritmos diferentes. Parte do desafio deste movimento contínuo geracional é garantir, pelo menos, uma comunicação efetiva e harmoniosa, apesar das diferenças, visto que a convivência entre as diferentes gerações, com suas características próprias e visão de mundo específicas, é inevitável.

Posto isto, a presente pesquisa pretende contribuir para o estudo e o levantamento de como as novas mídias digitais afetam os adolescentes em seus relacionamentos, nos processos comunicativos e quais os sentimentos e emoções são gerados tanto pela possibilidade de acesso imediato, quanto pela angústia da falta de resposta às tentativas de comunicação virtual, assim como quais comportamentos emergem a partir das facilidades e dificuldades encontradas nas comunicações virtuais.

1.3 Objetivos

Nesta seção busca-se traçar as hipóteses delineadoras da pesquisa e os objetivos almejados no estudo com adolescentes e o uso de tecnologias e mídias sociais digitais.

1.3.1 Hipóteses

Com base na literatura, as seguintes hipóteses foram propostas para o presente estudo:

H1 – Adolescentes que usam mais tecnologia e mídias sociais digitais tendem a mostrar maior ansiedade, dependência e solidão quando estão desconectados do mundo virtual.

H2 – Adolescentes utilizam a rede social virtual como meio de aproximação de pessoas.

H3 – Adolescentes que utilizam intensamente as mídias sociais digitais apresentam dificuldades de comunicar e em expressar e identificar sentimentos e emoções no mundo virtual.

1.3.2 Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as novas mídias digitais e as redes sociais virtuais interferem nos relacionamentos sociais e na comunicação dos adolescentes da Geração Z, buscando por pontos relevantes que possam estar relacionados com questões envolvendo a expressão de estados emocionais e o uso das tecnologias de comunicação.

1.3.3 Objetivos específicos

Como objetivos específicos da investigação, busca-se:

- identificar os meios, a motivação e o alvo da comunicação interpessoal através das redes sociais virtuais usadas pelos adolescentes da Geração Z.

- Verificar se estes adolescentes tendem a apresentar dependência tecnológica com o uso intensivo das tecnologias.
- Averiguar se os nativos digitais expressam dificuldades de compreensão na comunicação virtual.
- Examinar quais são os grupos sociais que mais influenciam os adolescentes e seu impacto.
- Investigar se os adolescentes são emocionalmente afetados pela comunicação virtual.
- Averiguar possíveis diferenças de comportamento por gênero e por faixa etária nas variáveis em estudo.

1.4 Organização do Trabalho

O presente trabalho aborda em seu conteúdo a influência das tecnologias e das redes sociais virtuais em adolescentes, com ênfase no seu modo de comunicar, relacionar e como lidam com suas emoções e sentimentos nesses processos.

Com base nos pontos destacados, a investigação endereçada neste projeto foi conduzida para explorar algumas das observações levantadas, visando compreender o impacto atual das redes sociais virtuais nas relações, estados emocionais e comportamentos dos adolescentes da Geração Z. Compreender como estes direcionam suas expectativas, sentimentos e frustrações ao lidar com as tecnologias e mídias sociais digitais certamente é de grande valia para tirar mais benefícios que malefícios na utilização de tais recursos, tanto do ponto de vista de orientação educacional como de avaliação psicocomportamental.

Dadas as primeiras considerações e definição dos objetivos do trabalho postas no capítulo introdutório, os dois capítulos seguintes são os referenciais teóricos que marcam os tópicos de embasamento da presente investigação. No Capítulo 2 são abordados os conceitos de emoções e sentimentos, assim como os diferentes tipos de estados emocionais, e a sua influência no organismo humano.

No Capítulo 3 discute-se as relações humanas, sua importância para o desenvolvimento social e emocional, a influência das novas tecnologias e as novas

formas de interação virtual, com a cibercultura e o ciberespaço. Também caracteriza as mídias sociais digitais e apresenta um panorama da Internet móvel no país.

O Capítulo 4 trata das novas tecnologias usadas na comunicação e discute as pesquisas recentes sobre as mídias digitais e redes sociais virtuais, realizando uma revisão bibliográfica sobre as novas descobertas em questões comportamentais e distúrbios mentais decorrentes da utilização de tais tecnologias por adultos e adolescentes. Também trata da diferenciação entre as gerações no último século e sua relação com as tecnologias e características principais, dando-se ênfase aos nativos digitais e à Geração Z.

No Capítulo 5 aborda-se o procedimento metodológico a ser utilizado no estudo. Este capítulo traz ainda as considerações éticas e a caracterização dos participantes voluntários, bem como a descrição do instrumento utilizado (questionário elaborado pela pesquisadora), do ambiente de coletas e das técnicas de análise estatística dos dados a serem coletados.

O Capítulo 6 apresenta a análise descritiva e estatística dos resultados coletados, divididos em cinco dimensões distintas: 'Identificação e hábitos de mídias sociais usadas', 'Dependência tecnológica', 'Compreensão da informação', 'Influência social' e 'Manifestação de sentimentos'.

Por fim, o Capítulo 7 abarca as conclusões, contribuições do trabalho e considerações finais a respeito da temática em estudo.

Capítulo 2

EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Este capítulo discute conceitos fundamentais sobre as emoções, diferencia emoção de outros estados emocionais e fenômenos afetivos, discute o papel que as emoções e os sentimentos exercem na vida do ser humano e nos seus relacionamentos.

2.1 Introdução

Estudos na área da Psicologia mostram que a maior parte da humanidade demonstra indefinição e caos no trato tanto com seus sentimentos e emoções quanto com os sentimentos e emoções das pessoas de seu convívio. Tal indefinição e caos geram, invariavelmente, discórdias inter e intrapessoais.

A necessidade de identificação do que se sente em cada situação que nos encontramos, deve-se ao fato de estarmos em constante desenvolvimento interna e externamente e da busca do objetivo de autoconhecimento e ampliação de perspectivas de crescimento e entendimento das relações inter e intrapessoais.

É preciso cuidado para não confundirmos ‘emoção’ com ‘sentimento’, ainda que ambos sejam muito parecidos e estejam interligados diante de um encantamento, decepção, prazer ou dor.

Emoção é uma palavra originária do francês *émotion*, significa ‘movimento’ (FERREIRA, 2010). A emoção é um conjunto de reações, variáveis na duração e na intensidade, que ocorrem no corpo e no cérebro, geralmente desencadeadas por um conteúdo mental ou físico.

Sendo a emoção um conjunto de reações, ela se origina a partir de um estímulo, um objeto causador. É subjetiva, inconsciente, intensa, rápida, corporal e

específica, universal e observável, é pública e voltada para o exterior. Uma emoção envolve o corpo todo impulsionando-nos a agir/reagir de acordo com nossos valores, raciocínios, ideias, etc., influenciados pelas experiências culturais vivenciadas (LENT, 2008).

Conhecer a forma como funciona nosso sistema emocional e como ele se relaciona diretamente com sofrimentos muitas vezes ‘criados’ por nós mesmos fará com que se torne nosso maior aliado ou nosso pior inimigo. Através de nossas emoções podemos colher informações valiosas sobre nós mesmos, sobre outras pessoas e sobre diversas situações. Uma explosão de raiva dirigida a um motorista no trânsito após uma ‘fechada’ poderia, por exemplo, mostrar que estamos estressados, cansados; uma sensação de ansiedade a respeito de uma entrevista de emprego pode informá-lo de que precisa estar mais bem preparado com fatos e dados. Utilizando as informações que nossas emoções nos apresentam podemos mudar/melhorar nosso comportamento e raciocínio, de modo a reverter situações: no caso de explosão de raiva, por exemplo, poderíamos procurar meios de reduzir nossa carga de estresse ou mudar nosso meio de transporte. Em outras palavras, pesquisas recentes, conforme serão discutidas a seguir, indicam que um maior conhecimento sobre as emoções nos fornece respostas para muitos dos sérios problemas de nossa sociedade e constitui uma das chaves para certas mudanças tão necessárias em escala mundial.

Damásio (2000a) assevera que, biologicamente falando, as emoções exercem papel de biorreguladores de nossa sobrevivência, atuando da seguinte maneira. Primeiro, produzindo uma reação para uma situação indutora como, por exemplo, a fuga numa situação de perigo ou mesmo a imobilização diante de um susto ou medo. Em segundo, a regulação interna de nosso organismo como, por exemplo, os batimentos cardíacos, a sudorese, o rubor das faces, etc.

Considerando que as emoções são reações extremamente rápidas e correspondem a estímulos, sejam eles, odores, sons, imagens, locais ou até mesmo um toque, antes de atingirem o cérebro passam por uma região relacionada a estados emocionais (região esta mais primitiva) e logo após percorre a região relacionada a atividades mais complexas – o córtex, todas essas operações em milissegundos. Tempo suficiente para que a amígdala possa criar uma resposta emocional muito antes que o córtex possa receber o sinal e processá-lo, o que nos leva a, muitas vezes, agir sem pensar Martins (2004 apud LeDoux, 1995). Um vulto no escuro, por exemplo,

faz com que o indivíduo interprete como uma situação de perigo e reaja quase que automaticamente, de acordo com a reação emocional do momento, ou seja, não há tempo hábil para uma avaliação mais criteriosa, com maior número de informações, o que explica algumas tragédias acidentais.

2.2 Diferenciando emoções de outros estados

Para compreender o que se quer dizer sobre emoção, é necessário distinguir o seu significado de outros termos que poderiam ser usados como sinônimos, e que na verdade representam estados internos distintos. Para evitar possíveis confusões de terminologias, vamos diferenciar emoções, sentimentos, estados de ânimo e sensações. Existe grande diferença entre o ato de sentir (sentimento) e a reação instintiva (emoção) (DAMÁSIO, 2000a).

Conforme Damásio (op. cit.), o que distingue essencialmente sentimento de emoção é que enquanto o primeiro é orientado para o interior, a segunda é eminentemente exterior; ou seja, o indivíduo experimenta a emoção, da qual surge um “efeito” interno, o sentimento. Os sentimentos são gerados por emoções e sentir emoções significa ter sentimentos. Na relação emoção/sentimento, diz ainda Damásio (2000b) que, apesar de alguns sentimentos estarem relacionados com as emoções, existem muitas que não estão, ou seja, todas as emoções originam sentimentos, se estivermos atentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções.

Segundo Scheler (2009 apud CADENA, 2013, p. 76–88):

[...] o sentimento é o ‘órgão’ dos valores. Os valores e as conexões entre eles são percebidos pela intuição emocional no momento da vivência, nos atos de preferir e postergar, amar e odiar. Simplificando: os valores são apreendidos pelos sentimentos, e o lugar do sentimento é o espírito, mais precisamente a zona emocional do espírito.

Ânimo deriva do latim *Animus*, que significa “alma, espírito, vida” (FERREIRA, 2010). É, portanto, um estado emocional mais duradouro que as emoções, pois pode durar dias, meses e até uma vida.

Os sentimentos anímicos são estados afetivos tidos como qualidades do eu com o mundo de valores. Referem-se a coisas, pessoas ou acontecimentos,

atribuindo-lhes valores. Os sentimentos espirituais tendem para valores absolutos, como valores de estética, intelectuais, morais ou religiosos (DEL PINO, 2003).

Diferentemente das emoções, o estado de ânimo não é tão intenso e também nem sempre pode ser provocado ou superado por um estímulo. Na maior parte das vezes está ligado ao psicológico, ou seja, o indivíduo declara estar intimamente animado ou desanimado. Tal declaração de Del Pino (2003) deve-se ao fato do indivíduo captar estímulos contínuos e inconscientes e reagir emocionalmente a eles. O homem é caracterizado como 'emocional' por emocionar-se continuamente.

As atitudes de cada indivíduo em determinadas circunstâncias revelam como ele se encontra emocionalmente falando em relação às suas vivências anteriores, por exemplo: feliz, infeliz, calmo, tenso, animado ou desanimado. Tais estados emocionais são derivados de um 'sentimento geral', que é resultado da carga emocional a que o indivíduo é submetido constantemente. Estes estímulos e suas consequentes reações emocionais conservam as emoções vividas ativadas que resulta numa contínua avaliação instintiva e intuitiva gerando o atual estado emocional do ser. Um 'sentimento específico' pode ser derivado a partir de experiências emocionais atuais ou recentes. Resumindo, o estado emocional influencia significativamente na tomada de decisão e no relacionamento inter e intrapessoal do indivíduo.

Importante diferenciar ainda sensação de emoção. Sensações são recebidas/percebidas pelos sentidos. Por exemplo, temos sensação de calor, de frio, de fome, de dor... Daí a tendência à confusão entre ambos quando expressamos que "sentimos frio ou calor". As sensações podem se manifestar em apenas alguma parte do corpo, por exemplo, posso ter a sensação de dor em apenas um dos pés. Já a emoção é global envolve todo o ser (SCHERER, 2005). Ninguém pode ter alegria em apenas um dos pés.

Esse mesmo autor sugere ainda que cinco tipos de fenômenos afetivos devem ser distinguidos da emoção: preferências, atitudes, estados de humor, disposições afetivas e posturas interpessoais. A seguir, discute-se uma diferenciação entre eles:

- **Preferências** – são os juízos de valor relativamente estáveis, no sentido de gostar ou não gostar de um estímulo, ou preferi-lo ou não sobre outros objetos ou estímulos. Geram sentimentos positivos ou negativos inespecíficos, com baixo impacto comportamental, exceto para as tendências de aproximação ou de evasão.

- **Atitudes** – são as crenças e predisposições relativamente duradouras para com objetos ou pessoas específicas. Há três componentes da atitude: um componente cognitivo (crenças sobre o objeto da atitude), um componente afetivo (que consiste principalmente de valor diferencial), e um componente motivacional ou comportamental (uma tendência de ação estável no que diz respeito ao objeto, por exemplo, aproximação ou evasão). Objetos de atitude podem ser coisas, eventos, pessoas e grupos ou categorias de indivíduos. Os estados afetivos induzidos por uma atitude mais ressaltada podem ser rotulados com termos como odiar, valorizar ou desejar.
- **Estados de humor** – são considerados estados afetivos difusos, caracterizados por uma predominância de resistência relativa de certos tipos de sentimentos subjetivos que afetam a experiência e o comportamento de uma pessoa. Muitas vezes emergem sem causa aparente que poderiam ser claramente ligadas a um evento ou a avaliações específicas. Eles são geralmente de baixa intensidade e mostram pouca sincronização de resposta, mas podem durar horas ou dias. Exemplos são: estar alegre, triste, apático, deprimido ou leve.
- **Disposições afetivas** – são as tendências de uma pessoa em experimentar certos estados de espírito mais frequentemente ou em estar propenso a reagir com certos tipos de emoções, mesmo após a ligeira provocação (por exemplo, nervoso, ansioso, irritado, imprudente, moroso, hostil, com inveja, com ciúmes), pois muitos traços de personalidade e tendências de comportamento possuem um forte núcleo afetivo.
- **Posturas interpessoais** – são características de um estilo afetivo que espontaneamente se desenvolve ou está estrategicamente empregue na interação com uma pessoa ou um grupo de pessoas, afetando a troca interpessoal nessa situação (por exemplo, ser educado, distante, frio, morno, solidário, insolente). São muitas vezes desencadeadas por eventos (por exemplo, encontrar uma determinada pessoa) e menos moldadas por avaliação espontânea do que as disposições afetivas e as atitudes interpessoais e, mais importante, que as intenções estratégicas.

Para clarificar tais diferenças, o autor destaca ainda a necessidade de distinguir entre diferentes tipos de emoções: emoções estéticas e emoções utilitárias. A última corresponde ao lugar comum das emoções, tais como raiva, medo, alegria, desgosto,

tristeza, vergonha, culpa. Estes tipos de emoções podem ser considerados utilitários no sentido de facilitar a adaptação a eventos que têm consequências importantes para o nosso bem-estar. Tais funções adaptativas são a preparação das tendências de ação (luta, fuga), recuperação e reorientação (tristeza, trabalho), aumento da motivação (alegria, orgulho) ou a criação de obrigações sociais (reparação). Devido à sua importância para a sobrevivência e o bem-estar, muitas emoções utilitárias são reações de emergência de alta intensidade, envolvendo a sincronização dos diversos subsistemas orgânicos.

Emoções estéticas são aquelas definidas por Kant como "*interesseloses Wohlgefallen*" (prazer desinteressado) (SCHERER, 2005) as quais destacam-se pela completa ausência de considerações utilitárias. As emoções estéticas são produzidas pela apreciação das qualidades intrínsecas da beleza da natureza, ou as qualidades de uma obra de arte ou uma performance artística. Exemplos de tais emoções estéticas são: estar tocado ou impressionado, cheio de surpresa, admiração, felicidade, êxtase, fascínio, harmonia, êxtase, solenidade.

O mesmo autor também argumenta que a principal dificuldade da diferenciação entre todos estes termos reside na dificuldade de encontrar linguisticamente a expressão na comunicação para separar a emoção dos outros fenômenos afetivos. Assim, sugere as seguintes características para auxiliar nesta distinção:

- **Foco no evento** – as emoções devem de algum modo estar ancoradas em um evento específico, externo ou interno, em vez de ser de livre flutuação, resultante de uma decisão estratégica ou intencional, ou já existente como uma característica permanente de um indivíduo.
- **Avaliação contínua intrínseca** – avalia a característica de um objeto ou pessoa, independentemente das necessidades e metas atuais do avaliador, baseada em preferências genética (e.g., sabor doce) ou aprendizado (e.g., alimentos agridoces).
- **Avaliação contínua transacional** – avalia os acontecimentos e suas consequências no que tange à sua condução para as necessidades, desejos ou objetivos mais importantes do avaliador.
- **Sincronização de resposta** – implícita pelas funções de adaptação da emoção. É o processo resultante de mobilização maciça de recursos que deve ser coordenado como resposta ao evento. Em princípio, pode ser operacionalizado e medido empiricamente.

- **Rapidez de mudança** – processos emocionais não são estacionários e estão em constante modificação em função de novas informações ou eventos, permitindo reajustes rápidos para modificar circunstâncias ou avaliações. Assim, o padrão de resposta emocional muda provavelmente como consequência das avaliações.
- **Impacto comportamental** – emoções prepararam tendências de ação adaptativas e suas bases motivacionais, os quais possuem um forte efeito sobre comportamento emoção-consequente, muitas vezes interrompendo as sequências de comportamento em curso e gerando novas metas e planos. Ademais, o componente de expressão motora da emoção tem um forte impacto sobre a comunicação, a qual também pode ter consequências importantes para a interação social.
- **Intensidade** – em que pese a importância das emoções para adaptação comportamental, pode-se supor que a intensidade dos padrões de resposta e a correspondente experiência emocional sejam relativamente altas, sugerindo que este pode ser um importante recurso para distinguir emoções de humor, por exemplo.
- **Duração** – como as emoções implicam a mobilização maciça de respostas e a sincronização como parte das tendências de ação específicas, sua duração deve ser relativamente curta, a fim de não forçar os recursos do organismo e de permitir alguma flexibilidade comportamental.

A Tabela 2.1 mostra uma tentativa de Scherer (2005) em especificar os perfis dos diferentes fenômenos afetivos e das emoções com base nas características discutidas acima.

2.3 O estímulo das emoções

Ainda que as emoções possam ser mistas e variar em intensidade entre os indivíduos, observa-se grande similaridade entre as espécies de estímulos das emoções e o resultante estado emocional de cada um (MARTINS, 2004). A Tabela 2.2 abaixo apresenta uma relação entre as diversas emoções e os possíveis indutores que as desencadeiam.

Tabela 2.1 – Diferenciação de características de concepção de diferentes tipos de fenômenos afetivos.

Características de concepção Tipos de afeto	Foco no evento	Avaliação contínua	Avaliação contínua	Sincronização de resposta	Rapidez de mudança	Impacto comportamental	Intensidade	Duração
Preferências	MB	MA	M	MB	MB	M	B	M
Atitudes	MB	B	B	MB	B	B	M	A
Estados de humor	B	M	B	B	M	A	M	A
Disposições afetivas	MB	B	MB	MB	MB	B	B	MA
Posturas interpessoais	A	B	B	B	MA	A	M	M
Emoções estéticas	A	MA	B	M-A	A	B	B-M	B
Emoções utilitárias	MA	M	MA	MA	MA	MA	A	B

Nota: MB = muito baixo; B = baixo; M = médio; A = alto; MA = muito alto.

Fonte: Extraído de Scherer, 2005, p. 704

Tabela 2.2 – Estímulos e emoções.

Emoção	Padrão situacional desencadeante
Raiva	Uma ofensa, ameaça ou obstáculo
Ansiedade	Uma ameaça incerta
Medo	Perigo
Culpa	Transgressão de uma norma moral aceita pela pessoa
Tristeza	Experiência de perda irreparável
Alegria	Progresso em direção à realização de um objetivo
Amor	A excelência; desejo de participar da afeição e prazer recíprocos
Compaixão	Sufrimento do outro
Vergonha	Transgressão de uma norma cultural/invasão da intimidade
Surpresa	Algo inesperado

Fonte: Extraído de Martins, 2004, p. 62.

Sendo respostas a estímulos, as emoções nos levam a agir de modo a satisfazer as necessidades desencadeadas por elas, como, por exemplo, a tristeza que nos leva a um longo e exaustivo choro no intuito de dissipar a sensação de dor da perda de algo ou de alguém; logo após esse desvanecimento, somos impulsionados ao descanso e à abertura de novas possibilidades. Contrariamente, as emoções agradáveis nos impulsionam por mantê-las e até mesmo intensificá-las como é o caso do amor, da alegria, do prazer sensual ou ainda, da admiração sadia

por alguém notável que consideramos competente, detentora de habilidade, talento ou qualidades indispensáveis (RIES, 2004; REEVE, 2006).

Desta forma, somos dotados de emoções que nos reprimem e que nos compelem, tendemos à busca pelo prazer, pelo bem-estar e pela segregação do sofrimento e da dor. Considerados 'seres emocionais', nosso comportamento é constantemente influenciado pelas emoções que também estão associadas à personalidade, ao temperamento e à motivação.

Segundo Darwin (2000), três são os princípios sobre o funcionamento da expressão emocional:

- a) Nossos hábitos emocionais surgem para servir à necessidade de recompensar um desejo ou aliviar uma sensação.
- b) Que o efeito da antítese também é válido, de forma que à medida que um conjunto de expressões transmite um estado emocional específico, um conjunto contrário, conseqüentemente, articula a condição oposta.
- c) Grande parte da reação emocional deriva do sistema nervoso que, por associação, regem aquelas reações que não derivam da intenção voluntária nem do hábito, mas são estritamente involuntárias.

Portanto, emoção é movimento, é impulsionada por uma ação que elimine o sofrimento ou dê prazer. As emoções são essenciais em nossas vidas para que nos posicionemos diante de cada circunstância do cotidiano levando-nos a agir/reagir em relação ao meio em que vivemos.

2.4 Processos que regulam as emoções

Sabemos que as emoções podem suceder de forma inoportuna tanto em intensidade, como em ocasião, o que gera situações sociais desconfortáveis e muitas tentativas de domínio das mesmas, na maioria das vezes indomáveis. As emoções podem interceptar qualquer atividade física ou mental que estejamos desempenhando.

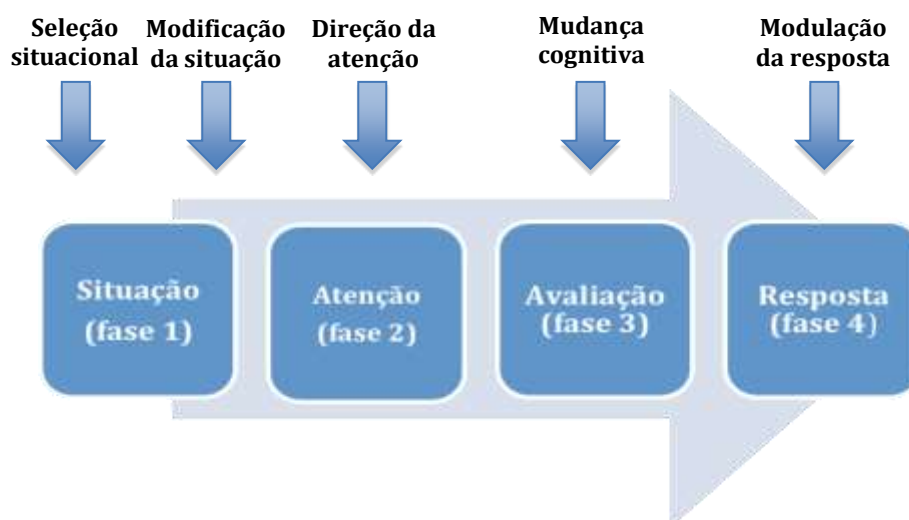
Nesses casos, nossa atitude em geral é tentarmos 'regular' as emoções, ou seja, intensificá-las, diminuí-las ou ainda mantê-las. Tal processo é mais complexo do que imaginamos. Gross (1998, 2002) apresenta um modelo processual de regulação

do afeto, no qual as emoções passam por várias etapas até sua expressão no comportamento.

Gross e Thompson (2007) descrevem quatro tipos de possibilidades de regulação das emoções que estariam relacionadas a cada etapa: seleção situacional, modificação situacional (fase 1), direção da atenção (fase 2), mudança cognitiva (fase 3) e modulação da resposta (fase 4).

Wiethaeuper e Balbinotti (2013) explicaram as fases do modelo processual de regulação do afeto proposto por Gross (op. cit.), sendo: a *fase 1* se caracteriza pelo momento em que o indivíduo enfrenta uma situação com características que podem elicitar uma resposta afetiva; o indivíduo, através das suas ações, aumenta ou diminui a probabilidade de se encontrar numa situação que espera que dê origem a emoções desejáveis ou, menos provavelmente, numa situação que origine emoções que prefira não experienciar (GROSS, 2008). Na *fase 2* o indivíduo determina (conscientemente ou não) se presta atenção às características emocionais relevantes da situação, o que lhe permite selecionar qual dos aspectos deseja focar (GROSS, 2002; GROSS, JOHN, 2003). Essa estratégia é usada desde a infância até a idade adulta, é particularmente útil quando não é possível modificar a situação em que o indivíduo se encontra Gross (2008 apud ROTHBART, ZIAIE, O'BOYLE, 1992). Na *fase 3* o indivíduo faz uma avaliação cognitiva da situação a qual propicia a mudança atribuída à situação, modificando o pensamento acerca da própria situação ou da sua habilidade para lidar com as exigências da mesma (GROSS, 1999, 2008; THOMPSON, 2007). Deste modo, o significado pessoal que é atribuído à situação é fundamental, pois influencia as tendências de resposta experienciais, comportamentais e fisiológicas que serão geradas numa determinada situação (GROSS, 2001, 2002). A mudança cognitiva é frequentemente usada para diminuir a resposta emocional, contudo, pode também recorrer-se a esta para a ampliação da resposta emocional ou mesmo para a modificação da emoção (GROSS, 2002). E por fim, na *fase 4* o indivíduo expressa as emoções no comportamento, estando associada a um melhor funcionamento interpessoal (GROSS; JOHN, 2003). Na Fig. 2.1 estão ilustradas as etapas de regulação de emoções e as diferentes possibilidades de ação.

Figura 2.1 – Etapas de regulação de emoções e possibilidades de ação.



Fonte: Extraído de Wiethaeuper e Balbinotti (2013, p. 488).

Em sua pesquisa, Scherer (2005) buscou indicar a importância das questões de definição das emoções e as suas consequências para distinguir diferentes, mas fundamentalmente relacionados processos afetivos, estados e feições características. No modelo proposto por Scherer, a emoção é definida como:

[...] um episódio de mudanças interrelacionadas, sincronizadas nos estados de todos ou na maioria de cinco subsistemas orgânicos, em resposta à avaliação de um evento de estímulo externo ou interno como relevante para as principais preocupações do organismo.

Os componentes de um episódio de emoção são os respectivos estados dos cinco subsistemas e o processo consiste das mudanças de coordenadas no tempo. A Tabela 2.3 mostra as relações entre os componentes e os subsistemas, assim como os supostos substratos e funções.

Como mostrado na Tabela 2.3, três dos componentes possuem estados de longa duração como modalidades de emoção – expressão, sintomas corporais e excitação, e experiência subjetiva. O levantamento das tendências de ação e a preparação da ação também foram implicitamente associados com a excitação emocional (por exemplo, tendências de luta-fuga). A inclusão de um componente de processamento de informação, cognitivo, é menos consensual. Alguns teóricos Ledoux (2001), Damásio (2001), Gross (1998) preferem ver emoção e cognição como dois sistemas independentes, mas que interagem. No entanto, pode-se argumentar que todos os subsistemas subjacentes dos componentes da emoção funcionam de forma independente a maior parte do tempo e que a natureza especial de emoção,

como uma construção hipotética, consiste na coordenação e sincronização de todos esses sistemas durante um episódio de emoção, impulsionado pela excitação. Assim, o componente da experiência emocional subjetiva tem uma importante função de monitoramento e regulação (GROSS, op. cit.).

Tabela 2.3 – Relações entre subsistemas orgânicos e as funções e componentes da emoção.

Função da emoção	Subsistema orgânico e substrato principal	Componente da emoção
Avaliação de objetos e eventos	Processamento da informação (SNC)	Componente cognitivo (avaliação contínua)
Regulação do sistema	Suporte (SNC, SNE, SNA)	Componente neurofisiológico (sintomas corporais)
Preparação e direção da ação	Executivo (SNC)	Componente motivacional (tendências de ação)
Comunicação da reação e intenção comportamental	Ação (SNS)	Componente de expressão motora (expressão facial e vocal)
Monitoramento do estado interno e interação organismo-ambiente	Monitor (SNC)	Componente sentimento subjetivo (experiência emocional)

Nota: SNC = sistema nervoso central; SNE = sistema neuro-endócrino; SNA = sistema nervoso autônomo; SNS = sistema nervoso somático.

Fonte: Extraído de Scherer (2005, p. 698).

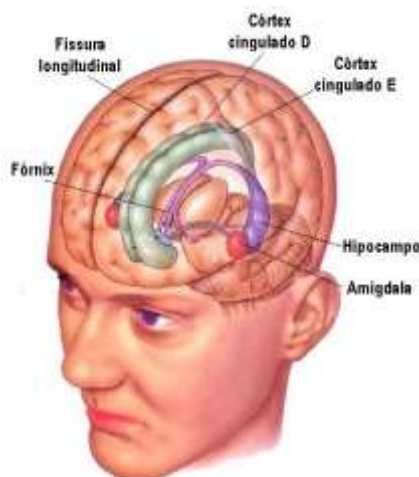
2.5 A neurobiologia das emoções

As emoções são estados interiores, coordenados pelo pensamento, abrangem as estruturas do sistema límbico, e são caracterizadas por reações neurológicas e fisiológicas desencadeadas subitamente como resposta a estímulos externos e/ou internos. Assim, podemos definir como sendo um meio natural neurobiológico de avaliar o ambiente em nosso entorno (NISHIDA, 2007).

Papez (1995) esclarece que o ser humano possui em seu cérebro uma estrutura chamada sistema límbico, responsável pelas emoções e sentimentos, e que coordena o comportamento emocional e os impulsos motivacionais, sendo formado por diversas estruturas localizadas na base do cérebro. O sistema límbico, quando recebe um estímulo sensitivo (audição, paladar, visão, olfato), envia essas “informações” para o tálamo e hipotálamo, que elaboram respostas aos estímulos através do sistema endócrino e do sistema nervoso autônomo. Automaticamente, tais estruturas cerebrais produzem respostas ativando estes sistemas e então temos um

estado, que são as emoções e os sentimentos manifestos. A Fig. 2.2 mostra as estruturas cerebrais que fazem parte do sistema límbico.

Figura 2.2 – Estruturas neuroanatômicas do sistema límbico.



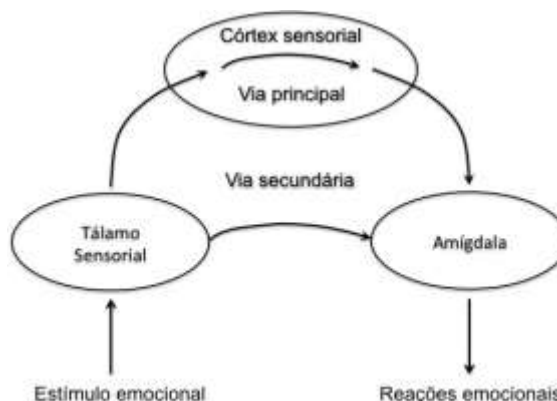
Fonte: Extraído de www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/aula27.sistema_lim_bico_silvia.pdf.

LeDoux (2001) afirma que existe uma relação direta entre os sistemas encarregados do controle das reações emocionais e os sistemas responsáveis pelas avaliações emocionais. Quando ocorre a ativação de um mecanismo de resposta, esta resposta é rápida, automática, inconsciente, deflagrando um conjunto de reações do organismo. O acionamento das manifestações emocionais pode ocorrer mesmo que não haja consciência do indutor da emoção. Tal correspondência direta não ocorre nos sistemas envolvidos no processamento cognitivo e nos sistemas de controle das reações. A estrutura cognitiva possibilita uma flexibilidade de respostas, que podem significar frequentemente conceitos de ordem pessoal e muito particular. Todavia, continuam gerando as reações químicas e neurais no organismo, que podem ou não se apresentar publicamente sob a forma do comportamento manifesto.

Sobre o processamento das emoções, LeDoux considera ainda que os estímulos externos chegam a amígdala através de duas vias: a via principal (via longa) e a secundária (via curta). Na via principal, os estímulos passam do tálamo para o córtex e então para a amígdala. Na via secundária, mais curta e rápida, eles passam direto do tálamo para a amígdala. Pela via curta a amígdala não reconhece exatamente do que o estímulo se trata, porém, possui um sistema de processamento veloz, advertindo para a presença de algum perigo. Assim sendo, algumas respostas

do organismo podem ocorrer diretamente, sem avaliação cognitiva. A Fig. 2.3 exibe o circuito do sistema límbico para expressão das emoções.

Figura 2.3 – Representação sumária dos caminhos dos estímulos sensoriais para a emoção.



Fonte: Adaptado de Martins (2004, p. 67).

2.6 Funções primárias e secundárias

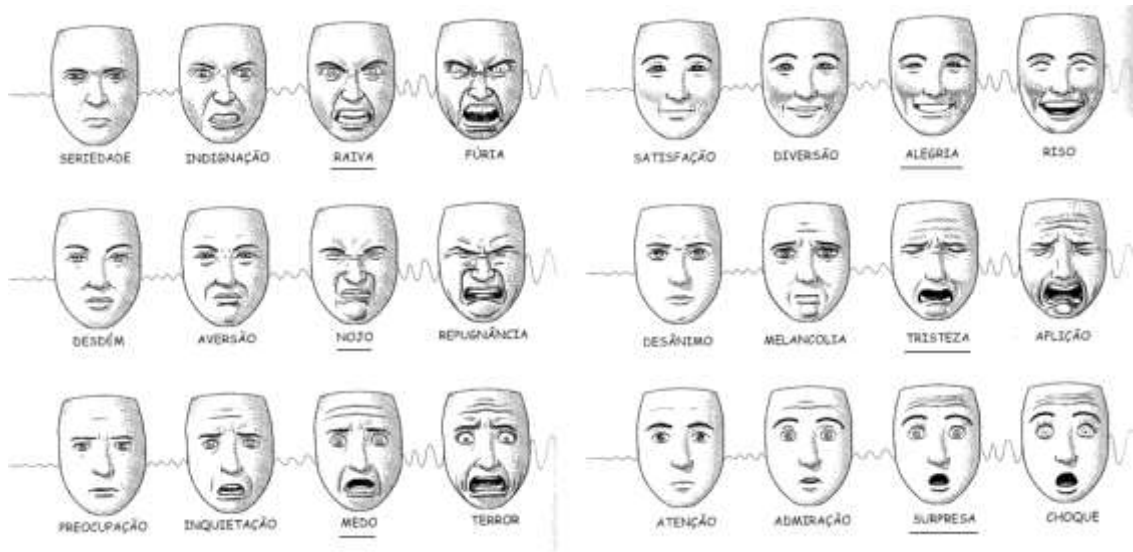
Segundo Martins (2004), seis são as emoções tidas como básicas ou primárias. As demais se diferenciam pela variação de intensidade, pela combinação com outras emoções e pela formação de complexos emocionais que associam outras funções. Podem ser divididas em positivas ou negativas, são elas: surpresa, alegria, nojo, raiva, tristeza e medo. A Fig. 2.4 ilustra cada uma das emoções primárias. A cada uma dessas emoções são atribuídas novas funções e denominações são classificadas de acordo com a intensidade que se apresentam, conforme ilustrado na Fig. 2.5.

Figura 2.4 – Expressões faciais de emoções primárias.



Fonte: Extraído de McCloud (2006, p. 83).

Figura 2.5 – Níveis de intensidade de emoções primárias.



Fonte: Extraído de McCloud (2006, p. 84).

A Fig. 2.6 mostra um quadro com três pares de emoções (em negrito, no centro de cada lista) e suas variantes organizadas de acordo com a intensidade. Em cada par, uma é agradável e outra desagradável, uma impulsiona numa direção, a outra no sentido oposto. A raiva é desagradável e cria o desejo de uma ação contrária a quem ou o que a provocou, às vezes com um impulso à destruição; o amor leva a uma ação a favor. A tristeza cria diminuição do movimento, é interna, um estado de recolhimento e quietude, enquanto a alegria é externa e representada por certa excitação. O medo afasta e o interesse aproxima de seu objetivo (MARTINS, 2004).

Figura 2.6 – Emoções agradáveis e desagradáveis em diferentes intensidades.

Intensidade crescente	↑ Paixão Adoração Encantamento Amor Afeição Carinho Ternura	↑ Êxtase Felicidade Deleite Alegria Empolgação Contentamento Vivacidade	↑ Fascínio Espanto Admiração Curiosidade Atração Interesse
Direção ou qualidade do movimento	↑ A favor (proteção) ↓ Contra (destruição?)	↑ para fora excitação ↓ para dentro quietude	↑ para perto ↓ para longe
Intensidade crescente	↑ Ódio Fúria Ira Raiva Irritação Exasperação Animosidade	↑ Luto Melancolia Amargura Tristeza Lamento Desgosto Dissabor	↑ Pavor Terror Horror Medo Temor Receio Apreensão

Fonte: Extraído de Martins (2004, p. 41).

Estudos na área da Psicologia afirmam que as emoções primárias são inerentes, ou seja, não se aprende e não se ensina a tê-las ou senti-las (DAMÁSIO, 2000c). Prova disso é o fato de crianças que nascem surdas ou cegas apresentarem toda variedade de emoções primárias; nascemos com as emoções básicas e as desenvolvemos durante a vida de modo a resguardar a sobrevivência e adaptação aos mais variados ambientes e contextos dinâmicos sociais. As emoções primárias são divididas em três tipos: emoção de choque, emoção colérica e emoção afetuosa. Damásio (op. cit.) define emoção de choque como aquela que representa ameaça ao indivíduo; a colérica como aquela quando há anulação de objeto que representa algum incômodo; e na afetuosa como aquela em que há inclinação ao prazer.

Para Ballone (2005) as emoções primárias são inatas e estão ligadas à vida instintiva, à sobrevivência. Frequentemente elas podem estar acompanhadas de reações físicas ou respostas corporais, dependendo do que os córtices sensoriais iniciais identifiquem e classifiquem como características chaves de uma determinada entidade que causou a emoção. O autor considera que para emoções dessa natureza poderá haver, por exemplo, em uma situação identificada como perigo, concomitante contração generalizada dos músculos flexores, sendo possível adotar-se uma atitude regressiva fetal, vasoconstrição periférica, palidez da face e esfriamento das extremidades, com brevíssima parada dos movimentos respiratórios e dos batimentos cardíacos.

As manifestações fisiológicas das emoções podem ser classificadas como respostas viscerais ou somáticas. As respostas viscerais são específicas para cada tipo de emoção e relacionadas com o condicionamento pessoal. As respostas somáticas (ou comportamentais) podem ser voluntárias ou involuntárias, sendo esta última por reflexos incondicionados ou reflexos condicionados (BALLONE, 2005).

De acordo com Abreu e Cangelli Filho (2005), as emoções primárias podem ser adaptativas ou desadaptativas. Emoções primárias adaptativas são: raiva, tristeza e medo. Tais emoções possuem uma relação com a sobrevivência e com o bem-estar psicológico. São aquelas rápidas quando aparecem e mais velozes ainda quando partem. As emoções primárias desadaptativas são as emoções das quais as pessoas lamentam tê-las expressado de maneira tão intensa ou equivocada e frequentemente se arrependem. São ainda citadas as emoções secundárias que, constituem-se de emoções primárias influenciadas e dominadas pelo córtex cerebral gerando uma

resposta ‘protetiva’ às emoções primárias que são geralmente vergonhosas, exploratórias, tidas como danosas ao caráter e/ou personalidade de cada um.

Abreu e Cangelli Filho (2005, p. 45–58) afirmam que:

As emoções secundárias se tornam então uma categoria de emoções usadas pelo indivíduo para se proteger das primárias que muitas vezes são vergonhosas, ameaçadoras, embaraçosas ou dolorosas por natureza. Por exemplo, uma pessoa pode estar se sentindo deprimida, mas sua depressão pode estar encobrindo um sentimento primário de raiva. Aparecem frequentemente quando ocorrem as tentativas (fracassadas) de controle ou julgamento das emoções primárias – ou seja, quando se procura evitar ou negar aquilo que se está sentido, acaba-se por sentir-se mais mal ainda. É assim que se tornam desadaptativas, pois levam o indivíduo a se autodesorganizar.

As emoções secundárias dividem-se em duas formas: *estados afetivos sensoriais*, os quais estão representados pelas sensações de dor e prazer, relacionado à sensibilidade corporal; e *estados afetivos vitais*, relacionados a atitudes internas do indivíduo, tais como mal-estar, bem-estar, animação, desânimo. Têm-se também as emoções mistas, que envolvem misturas de estados afetivos contrastantes, caracterizando um conflito emocional, o qual pode ter grande ou pequena repercussão na conduta individual.

Há ainda as emoções de fundo, aquelas que são rapidamente decodificadas pelo sujeito em diferentes contextos, as quais subdividem-se em agradáveis e desagradáveis. Um resumo da classificação das emoções é apresentado na Tabela 2.4.

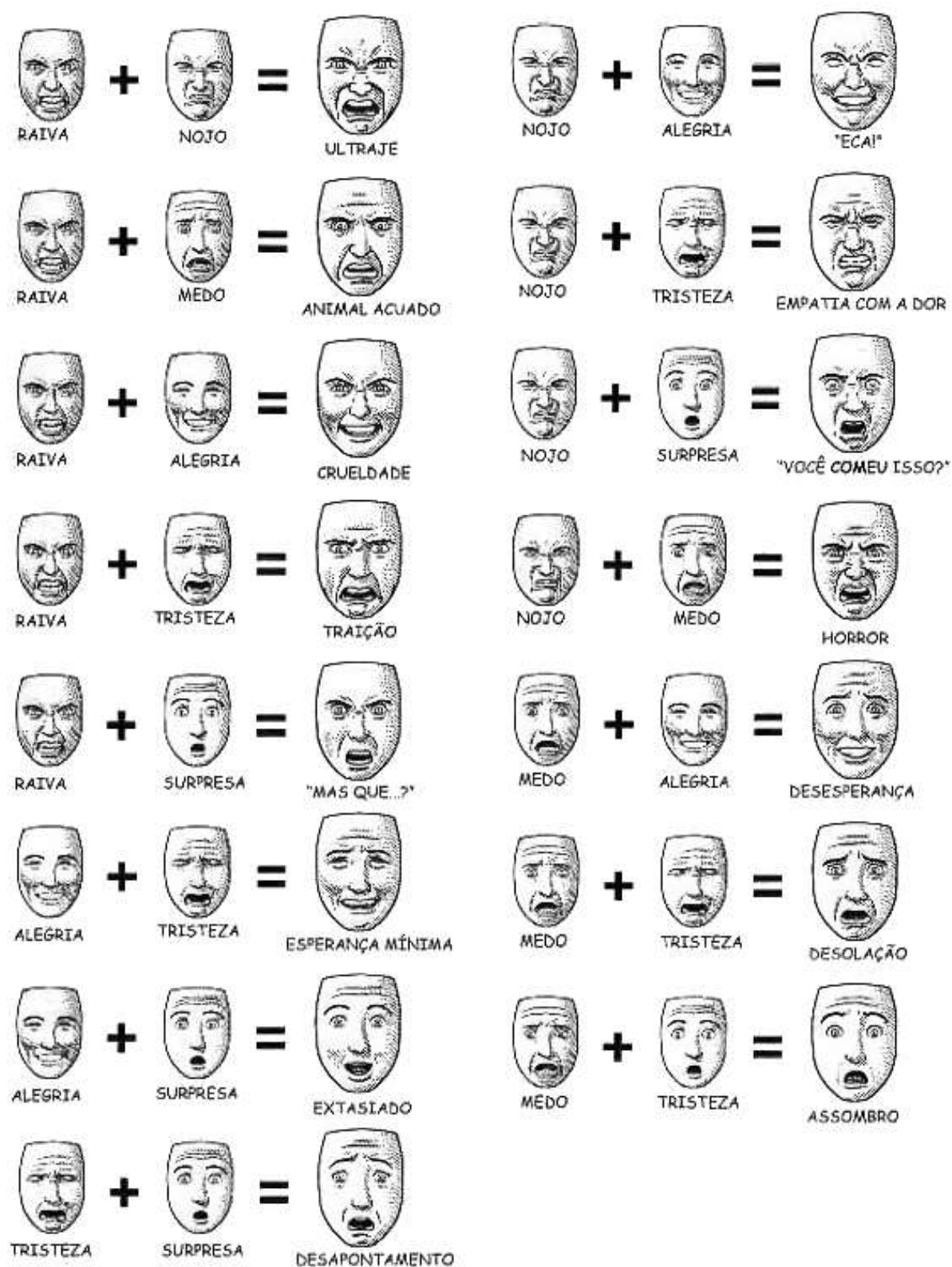
Tabela 2.4 – Classificação das emoções segundo Damásio.

Categorias	Características	Tipos
Primárias (universais)	Inatas, facilmente identificáveis entre seres de uma mesma espécie e partilhadas por todos	Emoção de choque Emoção colérica Emoção afetuosa
Secundárias (sociais)	Aprendidas, consideradas resposta a uma emoção primária	Estados afetivos sensoriais Estados afetivos vitais Mistas
De fundo	Rapidamente decodificadas pelo sujeito em diferentes contextos	Agradáveis Desagradáveis

Fonte: Elaborada pela autora baseada em Damásio (2000c).

A Fig. 2.7 representa a combinação de emoções primárias formando outras expressões emocionais faciais (McCLOUD, 2006).

Figura 2.7 – Combinações das emoções primárias.



Fonte: Extraído de McCloud (2006, p. 85).

2.7 Avaliação das emoções

Partindo do princípio que as emoções se originam a partir de um estímulo, um objeto causador, há que se considerar também que para cada emoção houve uma análise da realidade, ou seja, ela acaba sendo o resultado, a consequência do sentido que atribuímos a determinada situação e do reconhecimento como sendo um dos temas desencadeadores ou ativadores da emoção. Essa avaliação, que pode ser correta ou incorreta, instantânea ou mais lenta, é que determina a reação imediata ou não, útil ou inútil, às mais diversas realidades (DAMÁSIO, 2000a).

Por exemplo, não haverá oposição entre a razão e a emoção no caso de uma avaliação correta desencadear uma emoção coerente, como no caso de situação de perda se a reação for tristeza; no caso de sofrimento alheio, se for compaixão, etc. Ocorre que nem sempre acontece tal fato. Tanto a avaliação como o desencadeamento de emoções podem acontecer de forma desregulada, gerando assim expressões emocionais desconexas ou desproporcionais e inadequadas como nos exemplos a seguir.

Ao contemplar distraidamente seu jardim, uma ‘bola’ de pelos de seu cachorro, trazida pelo vento, passa pelos seus pés, você imediatamente pula de medo imaginando tratar-se de um rato. Neste caso, a avaliação é incorreta e a emoção é correta, pois a presença do rato representa um perigo. Depois, observando novamente, percebe tratar-se apenas de pelos de seu cachorro, trazidos pelo vento, que embolados tinham aparência de um rato.

O contrário também pode ocorrer de a avaliação ser correta e a emoção incorreta. O indivíduo consegue avaliar a realidade de modo adequado, mas a reação a essa realidade é inadequada. Uma pessoa que vem sofrendo repetidamente ofensas e que não expresse sua raiva, diante de uma pequena ofensa posterior pode reagir de forma absolutamente desproporcional, pois a emoção estava ‘acumulada’, isto é, basta um pequeno estímulo para uma grande reação emocional. Ou ainda, ter uma reação emocional distorcida e a pessoa perceber claramente que teve uma perda, mas reagir com riso descontrolado, como às vezes acontece em velórios.

Outra possibilidade, que podemos considerar a pior delas, é quando se tem uma avaliação incorreta da realidade e a emoção também é incorreta, por exemplo, a Síndrome de Estocolmo, quando uma pessoa é mantida refém por um assassino cruel

e esta se sente atraída por ele considerando-o uma boa pessoa. Neste caso, a avaliação e a reação são incorretas, porque costuma ser uma emoção muito violenta ou de pânico total.

Há que se ressaltar que uma avaliação correta resultará numa emoção saudável e uma não se oporá a outra. Mesmo por que ocorre no organismo uma tendência natural e constante ao equilíbrio, fato este comprovado pelas reações físicas naturais como o suor que é responsável por equilibrar a temperatura do corpo, os batimentos cardíacos acelerados quando o indivíduo leva um grande susto ou corre (DAMÁSIO, 2000a).

2.8 Universalidade das emoções básicas

A cultura é um dos fatores determinantes para que realizemos uma avaliação correta ou incorreta da realidade, uma vez que determina muitos de nossos valores, ou seja, é ela que indica quando devemos nos sentir tristes, sentir raiva ou temer. Independentemente desse fato, realizada a avaliação, ou seja, identificada a situação como de perigo, perda, erro moral etc., a resposta emocional correta é determinada pela natureza, independe de nossa vontade e de nossos valores.

Considerando que as emoções são inatas, podemos concluir que elas, apesar de originadas por diferentes situações, são as mesmas em toda e qualquer cultura. Mostra disso foi a descoberta de Paul Ekman (1987, 1994), da Universidade da Califórnia, em São Francisco, de que as expressões faciais de quatro das emoções básicas (medo, ira, tristeza e alegria) são reconhecidas por povos e culturas de todo o mundo, ou seja, o que provoca raiva, medo, tristeza varia de cultura para cultura, mas encontramos raiva, medo, tristeza etc. em todas as culturas.

Desta forma, podemos dizer que no convívio social é importante observarmos que podemos ‘captar’ as emoções das pessoas que nos cercam e por que não dizermos que podemos ser ‘contagiados’ pelas emoções uns dos outros? Daí imperioso é cuidar de nosso estado emocional ao nos relacionarmos socialmente, uma vez que afirmamos serem ‘contagiosas’ as emoções, entendemos também que a alegria é a emoção mais contagiosa, por ser a mais efusiva de todas representada pelo riso/gargalhada (DEL PINO, 2003).

Obviamente, os indivíduos mais expressivos emocionalmente são os que mais contagiam, portanto, ressaltamos a necessidade de nos conscientizarmos de nosso estado emocional ao nos relacionarmos durante um almoço de negócios, antes de proferirmos uma palestra ou até mesmo nos reunirmos com os nossos à mesa, pois da mesma forma que a alegria contagia, emoções desagradáveis também o fazem.

2.9 Vivenciando as emoções

A emoção é uma mudança temporária de estado interior, pois uma vez atendida a nova situação, a tendência é a emoção desaparecer e o físico se reorganizar natural e lentamente. É fundamental que o indivíduo viva de forma completa toda emoção até que ela se extinga para que não se 'acumule' resquícios de emoções que futuramente se transformarão num processo inacabado que sempre estará procurando completar-se, gerando distúrbios e tensões (DARWIN, 2000).

Tais distúrbios e tensões acabarão por gerar as emoções negativas que causarão um efeito desastroso sobre o indivíduo e também sobre os que o rodeiam, uma vez que o ressentimento é a raiva que não foi expressada, adicionada a esse sentimento, a culpa fatalmente levará o indivíduo à depressão; a ansiedade crônica é o medo que foi negado, reprimido; a apatia é a tristeza que não foi vivida completamente; o sentimentalismo é a afeição deteriorada que não foi manifestada (MARTINS, 2004).

As emoções são parte de nós e de tudo que nos faz humanos, por isso são importantes sinais de alerta em nossa vida. Cabe a cada um encontrar um lugar para elas em sua vida, organizando-as e de acordo com o momento, sentir suas emoções. Vivenciá-las completamente é o caminho para aprendermos a lidar com elas.

São as emoções agradáveis ou desagradáveis que nos fazem assistir a um filme de terror ou de amor, ouvir aquela música, ler aquele livro, assistir a um jogo bem disputado, vibrar com a vitória do nosso time, chorar nossas derrotas e conquistas, lutar por nossos objetivos. Negá-las apenas adiará ou deteriorará as emoções, gerando uma debilidade física que mais cedo ou mais tarde se manifestará e, por não terem sido reconhecidas e vividas, poderão transformar-se em doenças psicológicas e até mesmo físicas, como fortes crises de dor de cabeça, dores no estômago em

situações de tensão ou pior ainda, ‘dores psicológicas’ geradas pela inadequada conduta mental/social. Exemplos disso, são conhecidos casos de pacientes que em grande parte da vida fazem uso de medicamentos para infertilidade e ao abandonarem o tratamento e adotarem uma criança, engravidam e geram filhos naturais saudáveis (MOUGUISSI, 1997).

Segundo Robins (1993), diante de uma emoção negativa reagimos de quatro maneiras distintas. São elas:

1. *Abstenção*: afastamos-nos de circunstâncias que nos levam a sentir emoções dolorosas. Por exemplo, esquivamo-nos de relacionamentos íntimos para evitarmos uma possível rejeição. Em curto prazo, até conseguimos nos proteger, mas em longo prazo, tal comportamento nos impedirá de sentir o nosso próprio amor e a intimidade que tanto desejamos.
2. *Negação*: neste caso, desagregamo-nos delas, dizendo a nós mesmos que não são tão ruins assim e, ao mesmo tempo, pensamos como as coisas são horríveis, como podemos nos deixar aproveitar por tal pessoa, ou nos perguntamos por que isso acontece conosco, etc. Mantendo a nossa atenção nas questões enfraquecedoras ao invés de darmos atenção a elas, criando assim mais dor, pois elas intensificam sua pressão na medida em que chamam por nossa atenção.
3. *Competição*: quando competimos, fazemos com que elas se tornem piores do que são, e entregamo-nos a elas, e as usamos como um “emblema de coragem” que orgulhosamente exibimos para competir com os outros. Agindo dessa forma dizemos: “Você acha que foi ruim para você? Pois me deixe dizer o quanto foi pior para mim!”. Devemos evitar esta armadilha a todo custo, pois ela se transforma numa profecia autorrealizável e num investimento para que nos sintamos mal frequentemente. “Será que não há um meio bem mais poderoso de lidar com as emoções sem que nos causem dor e doença?”
4. *Aprendizado e uso*: quando nos empenhamos em aprender e a usar as emoções dolorosas como bússolas que apontam na direção das ações que devemos realizar para alcançar os nossos objetivos, nossa vida se desenvolve e se renova.

Nenhuma emoção acontece sem uma finalidade, seja ela prazerosa ou não. Todas as vezes que a vivenciamos por completo adquirimos um bônus, todas as vezes que as negamos temos um ônus. Martins (2004) afirma que a base do bem-estar

psíquico e do equilíbrio emocional está pautada na aceitação e no reconhecimento de cada situação real vivida pelo indivíduo e cada emoção provocada, se é momento de dor ou alegria, amor ou raiva, a aceitação e a vivência completa de cada emoção são chave do bem viver.

Esse mesmo autor, ressalta que para que a vivência de cada emoção seja completa é fundamental que a identifiquemos e tenhamos a consciência do(s) fato(s) que a gerou(aram), pois é a partir desse discernimento que passaremos a viver/cuidar da causa da emoção e intensificar ou não seus efeitos, uma vez que a emoção determina o mote do pensamento, e pensamento e emoções são unos.

Contudo, essa não é uma tarefa das mais fáceis de realizar, uma vez que nos leva a uma avaliação interna, ou seja, um reavivamento das emoções, sejam elas boas ou não, é um estudo do eu. Tal avaliação pode nos levar a tocar em feridas que não fecham e à conclusões desagradáveis sobre nós mesmos (LEDOUX, 2001).

2.10 Relacionamentos: razão e emoção

Fato é que quanto mais conhecimento tivermos de nossos sentimentos e emoções mais facilmente seremos capazes de reconhecer e entender os sentimentos e emoções alheios. A capacidade de reconhecer, entender como o outro se sente chama-se empatia. Tal reconhecimento se dá não apenas quando o outro verbaliza seus sentimentos e emoções, mas pode ser identificado através de diversos sinais tais como tom de voz, gestos, expressão facial, entre outros (MARTINS, 2004).

Tabela 2.5 – Forças propulsoras, repressoras e seus efeitos.

Forças que impulsionam	Efeitos	Forças que restringem	Efeitos
Empatia	Compreensão	Vaidade	Egoísmo
Motivação	Satisfação	Apatia	negação de si/outro
Iniciativa	Atitude	Dependência	submissão
Competência	Reconhecimento	Timidez	isolamento
Apoio	Acolhimento	Manipulação	Privação

Fonte: Adaptado de Martins (2004, p. 56–59).

Além de conhecer as forças que impulsionam e restringem as emoções, identificar os possíveis efeitos provocados por essas forças e lançar um olhar criterioso a esses movimentos a ponto de trilhar o caminho contrário a cada um desses processos é importante identificar as características mais marcantes do próximo e assim saber como lidar com cada pessoa nas mais diversas ocasiões (MARTINS, op. cit.).

A forma de ser, pensar e agir influencia diretamente os relacionamentos em todos os âmbitos. Tanto se pode criar um clima harmônico, positivo e de respeito que resultará num ambiente sadio e sem grandes enfrentamentos, quanto um clima desarmônico, negativo, que resultará num ambiente competitivo de inimizades (BALLONE, 2005).

2.11 Sentimentos: conceito, origem e função

Investigações nas mais diversas áreas, como a Neurofisiologia, a Psicologia e a Educação (DEL PINO, 2003; LEDOUX, 1998; GOLEMAN, 2012), buscam definir, identificar e, em alguns casos, apresentar o melhor gerenciamento dos sentimentos. Como dito anteriormente, é importante distinguir expressões com significado aproximado de 'sentimento', com o intuito de diferenciá-lo de outros estados emocionais, comumente confundidos entre si, como sensação e emoção, na tentativa de reconhecer e prevenir possíveis conflitos entre as pessoas de nossas relações, sejam elas pessoais, sociais, profissionais etc.

É sabido que há grande diferença entre o ato de sentir (sentimento) e a reação instintiva (emoção).

[...] sentimentos são conceituados como fenômenos mentais abstratos que ficam armazenados em compartimentos apropriados na mente humana e se manifestam publicamente, quando evocados por algum fato. (DEL PINO, 2003, p. 21)

O autor destaca ainda que o sentimento é uma experiência mental e serve à vinculação afetiva do sujeito aos objetos. Serve também à organização hierárquica dos valores, concedendo subjetividade ao modo de relação de cada pessoa com a realidade e com os objetos que a constituem. Este autor argumenta que os sentimentos são:

[...] instrumentos de que o sujeito dispõe na relação (emocional, afetiva) tanto com pessoas, animais e coisas, como consigo próprio, quer dizer, com seus pensamentos, fantasias, desejos, impulsos, incluindo seus próprios sentimentos: a tudo isso chamamos genericamente “objetos”, ainda que os primeiros sejam objetos externos e os segundos objetos internos. (DEL PINO, 2003, p. 23)

Damásio (2013) afirma que sentimentos são, por definição, a experiência mental que nós temos do que se passa no corpo. É o mundo que se segue (à emoção). Você pode me ver tendo uma emoção, não vê tudo, mas vê uma parte. Pode ver o que se passa na minha cara, a pele pode mudar, os movimentos que eu faço etc., enquanto o sentimento você não pode ver (...). Isso é uma diferença fundamental. É a diferença entre aquilo que é mental e aquilo que é comportamental. É uma reação inata, o sistema de reações é inato e desencadeado por um determinado processo, geralmente um processo intelectual, uma coisa que se percebe, se ouve, que se vê etc. e depois acontece dentro do corpo dessa forma complexa.

Contudo, na psicologia contemporânea, os sentimentos deixam de ser considerados entidades mentais e abstratas e passam a ser manifestações corporais concretas do organismo, que resultam da interação do indivíduo e seu ambiente físico ou social. Tais sentimentos recebem um nome arbitrário, por convenção do grupo social em que o indivíduo vive, por exemplo, tristeza, raiva, saudade, medo, amor (GUILHARDI, 2002).

Diante dessa quebra de paradigmas, a função dos sentimentos, que antes era considerada causa das ações das pessoas ou explicação de comportamentos, passa a ter uma concepção mais compatível com o que se observa sobre o comportamento humano, de que os sentimentos representam a interação entre eventos antecedentes acompanhados de uma ação e uma consequência, as quais produzirão simultaneamente os sentimentos e comportamentos humanos. Em outras palavras, para compreender o que acontece com certo indivíduo, é preciso observar os eventos antecedentes, os comportamentos operantes e respondentes e a interação entre eles (GUILHARDI, op. cit.).

LeDoux (1998, p. 16) afirma que “não existe a faculdade da emoção, e tampouco existe um sistema cerebral único encarregado dessa função fantasma”. As emoções são gerenciadas pelos sistemas neurais que foram adaptados para a resolução dos problemas enfrentados pelos indivíduos. Ao passo que para Damásio (2000, p. 88) “não existe um único centro cerebral de processamento das emoções, e sim sistemas distintos relacionados a padrões emocionais separados”, porém

apresenta dois componentes que constituem a emoção humana (um físico e um mental). Ambos autores concordam que quando a emoção é consciente já não é mais apenas emoção, mas sentimento.

Por outro lado, para Scherer (2005) o estado emocional é formado por cinco componentes (cognitivo, sintomas físicos ou componentes neurológicos, motivação, expressão motora e a experiência subjetiva) cada qual com sua função específica, dentre os quais o sentimento é resultado de uma experiência subjetiva da emoção (um dos cinco componentes proposto por esse autor). Entretanto, LeDoux (2007) discorda de Scherer (2005):

A abordagem de componente-processo é uma excelente forma para conceituar os vários processos que ocorrem durante uma emoção. Nesse esquema, uma emoção é o resultado que surge da atividade combinada de uma variedade de subsistemas. Mas eu discordo de Scherer em como conceituar os subsistemas. Eu não estou convencido que os cinco subsistemas identificados constituam um grupo de subsistemas reais e críticos do organismo. (p. 399)

Com base na literatura levantada, pode-se afirmar que o ser humano não nasce com os sentimentos, mas com predisposição e potencial para desenvolvê-los. A tomada de consciência de seus sentimentos ocorre através do contato que a pessoa tem com seu ambiente físico e social.

Del Pino (2003) menciona três principais funções dos sentimentos:

- *Vinculação desiderativa* – ‘para se vincular aos objetos, o sujeito precisa conhecer e, dentre aquilo que conhece, desejar (...)’.
- *Expressão* – ‘primeiro de maneira extra verbal, através da expressão *stricto sensu*; em seguida, através do discurso verbal’. É a expressão dos sentimentos.
- *Organização axiológica e subjetiva da realidade* – escolha individual dos valores morais, éticos e espirituais, subjetiva, portanto, produto da cultura na qual o indivíduo está inserido.

O autor descreve o sentimento como uma experiência mental que temos daquilo que está se passando; está diretamente relacionado à consciência, não se pode ver. Origina-se a partir de emoções que são analisadas, interpretadas, organizadas e passam a refletir os sentimentos.

Considerando que emoções e sentimentos são resultantes do processamento realizado pelo sistema límbico e que os sentimentos são consequência de uma emoção, para que haja sentimentos é necessário que o processamento obedeça a um

encadeamento de processos entre as áreas subcorticais, responsáveis pela emoção, e as áreas corticais pré-frontais, responsáveis pela cognição. Ocorre que em alguns indivíduos esse processamento não se desenvolve de maneira completa. Eles são acometidos por alexitimia (FREIRE, 2010).

Ao perceber que alguns de seus pacientes apresentavam grande dificuldade para falar de suas emoções e sentimentos, demonstrando desconhecerem o significado dessas palavras, Sifneos (1972) foi o primeiro a utilizar a palavra ‘alexitimia’ para descrever esse comportamento.

Para esse autor, pacientes alexitímicos têm dificuldade para expressar, descrever e diferenciar sentimentos de sensações corporais; são incapazes de fantasiar e imaginar; possuem o pensamento operacional (‘presos’ aos aspectos mundanos de sua realidade) – “são pacientes portadores de uma disfunção afetivo-cognitiva, duplamente associada a alguma condição física-patológica e por danos à vida relacional do indivíduo” (SIFNEOS, 1973, p. 255–262).

Conhecer e identificar os sentimentos permite às pessoas que se integrem mais adequadamente ao seu meio e lidem melhor consigo mesmas e com suas dificuldades emocionais. Isso nos permite inferir com mais propriedade no trato com as questões relacionadas ao domínio ‘Manifestação dos sentimentos’ abordados no questionário que será aplicado aos alunos, como será visto mais adiante, o qual tem por finalidade avaliar os sentimentos e emoções despertados nos adolescentes em diferentes situações com o uso das mídias sociais digitais e como tais situações os afetam emocionalmente.

2.12 Administrando sentimentos: causa e efeito

Considerando que muitas pessoas sentem dificuldade no enfrentamento de si mesmas, como dito anteriormente, nem sempre atendemos ao apelo de um conhecimento interno mais profundo e necessário para uma sociabilização harmônica, decorrentes de uma falta de identificação dos nossos sentimentos e de sua origem.

Partindo do pressuposto por Damásio (2000b), que afirma que todas as emoções originam sentimentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções, os sentimentos podem, muitas vezes, partir de uma situação de conflito ou de

celebração, como no caso de um estado de tensão ou de felicidade, que se transmite entre pessoas do próprio convívio ou não, gerando assim um vai-vem de sentimentos, motivo de muitos conflitos considerados desgastantes e desnecessários, inseguranças e medos.

Diversas situações ilustram o vai-vem dos sentimentos, como, por exemplo, o citado por Goleman (2012, p. 40): “o caso de alguém que no início do dia se aborrece com uma coisa desagradável e permanece ranzinza horas depois, ofendendo-se e respondendo mal às pessoas sem motivo plausível”.

Isso não significa que essa pessoa esteja agindo de forma proposital. Tal emoção geralmente está abaixo do limiar de sua consciência, o que possivelmente fará com que se surpreenda ao ser advertida por alguém quanto ao seu modo de agir, ou seja, ao tomar consciência de suas emoções pode então avaliá-las e livrar-se delas.

Mayer, Salovey e Caruso (2004) ressaltam que embora exista uma distinção lógica entre estar consciente dos sentimentos e agir para mudá-los, geralmente essas duas ações se combinam já que reconhecer um sentimento negativo é querer livrar-se dele, ou seja, a autoconsciência tem um efeito mais potente sobre sentimentos fortes, de aversão – ao compreender que: “o que estou sentindo é raiva” proporciona também a opção de se livrar dela.

Entretanto, para o neurocientista David Goleman, a inteligência emocional é a maior responsável pelo sucesso ou insucesso pessoal. Os que controlam suas emoções são os que obtêm maior sucesso, deste modo, controlar as emoções é tão importante quanto o conhecimento adquirido. Para ele, cada emoção leva consigo uma disposição distinta para a ação rumo à direção que deu certo, ao lidar com os recorrentes desafios da vida humana (GOLEMAN, 1995, p. 86).

Goleman (op. cit.) sugere que através de algumas das funções das estruturas do sistema límbico, ocorre a regulação entre sentimento e pensamento. Tais circuitos evidenciam a relevância do sentimento para o pensamento legítimo no controle das condutas. As experiências emocionais tanto agradáveis, como desagradáveis fornecem subsídios racionais que facilitam as decisões mais acertadas, ressalvadas as circunstâncias em que o indivíduo perde o controle emocional.

Conforme fundamentado nos estudos da psicologia acima citados, o gerenciamento dos sentimentos é uma questão que, além de ser relevante, é

interpretado de modo que produzirá bons resultados sempre que os sistemas racional e emocional estiverem em perfeito funcionamento e sincronismo.

2.13 Adolescentes e a afetividade

A adolescência, conhecida por fase de turbulências, e na maior parte das vezes incompreensões entre os indivíduos envolvidos, tem sido alvo de pesquisas e tentativas de determinar através de recortes temporais, como e quando ocorre o desenvolvimento biopsicossocial e cultural do adolescente (ERIKSON, 1976).

Conscientizá-los dessa condição afetiva, física e social levará os adolescentes a melhor gerenciarem seus sentimentos, emoções e sensações e, a partir daí, as descobertas de si mesmos, de afirmação e do que querem se tornar, estarão facilitadas. Toda essa revolução se apresenta de forma inevitável e imprevisível, gerando sentimentos conflitantes, medos, inseguranças, insatisfações, euforias e independência, praticamente tudo ao mesmo tempo.

Maakaroun (2011 apud FREUD, 1983) esclarece que a 'lendária turbulência' que envolve a adolescência, geralmente, é imputada ao fato de que, nesta fase da vida, há um confronto entre um *id* forte e um *ego* relativamente fraco.

Freud (1983) observa que os assuntos que os adolescentes preferem debater representam os seus próprios conflitos internos, elevados a um plano intelectual, como afirma a seguir:

Uma vez mais, o cerne da questão é como relacionar o lado instintivo da natureza humana com o resto da vida, como decidir entre deixar-se levar pelos impulsos sexuais ou renunciar-se a eles, entre revoltar ou submeter a todas as autoridades ou entre viver a liberdade e a restrição. (p. 149)

Segundo Erikson (1976), a adolescência recapitula todas as etapas vividas pela criança e antecipa as que virão na vida adulta. O autor denomina cada uma das etapas de "conflito nuclear" ou "crise normativa", evidenciando que cada fase transforma o indivíduo e a sociedade.

De acordo com Aberastury (1981):

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo da criança, pela identidade infantil e

pela relação com os pais da infância. (...) É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos. (p. 33)

Diante dessa confusão de emoções e sentimentos, de forma geral, o adolescente passa a agir de forma estranha aos olhos de seus pais, professores, orientadores e manifestam seus sentimentos através da irritabilidade, da bagunça do quarto, no esquecimento de seus compromissos e até mesmo na rebeldia sem causa. Muitas vezes, essas atitudes não são conscientes, mas é importante que haja uma abordagem sobre a necessidade desse jovem olhar para si e seus sentimentos com o objetivo de gerenciar os impulsos e necessidades (ZAGURY,1997).

O grupo familiar representa a consolidação do amor e da segurança para o surgimento do adulto. A figura da mãe retrata, no aspecto social, além dos cuidados básicos, no aspecto psicológico, retrata a organização da experiência emocional. A figura do pai retrata no aspecto psicológico a organização do espaço de segurança e no aspecto social representa o provedor (ZAGURY, op. cit.).

Essa mesma autora ressalta que ambos colaboram para os desdobramentos das sensações básicas e dos princípios norteadores das relações e papéis sociais, bem como da descoberta da sexualidade, que nesta fase pode gerar conflitos internos já que levará o jovem a entrar em contato com o seu desejo e estabelecer formas de se relacionar consigo e com o sexo oposto.

De modo geral, e com base na literatura levantada, podemos supor que os adolescentes manifestam seus sentimentos e confusões de diversas maneiras, podendo ser revelados desde graves transtornos afetivos e emocionais a indivíduos cômicos e emocionalmente equilibrados.

Vaitsman (1994) acredita que homens e mulheres distinguem-se de acordo com características normativas subjetivadas a partir de valores sócio-culturais, que ditam a forma como o homem e a mulher devem se comportar. Piko (2000) discute que o gênero parece ter grande influência na utilização dos diferentes estilos e estratégias de enfrentamento utilizados na adolescência, decorrente do processo de socialização. Assim, inferimos ainda que a manifestação dos sentimentos ocorre de modo diferente de acordo com o gênero. As meninas se mostram mais, e mais intensamente, que os meninos. Eles quase sempre ‘camuflam’ as dificuldades de relacionamento e não raro tornam-se reclusos e o isolamento se transforma numa espécie de proteção diante do meio em que vivem.

Essa é uma fase de aprendizado fundamental para esses jovens, pois a partir do momento em que aprende a voltar os olhos sobre si e seus sentimentos e a compreender suas dificuldades que a relação com o outro, torna-se harmônico e a sensação de incompreensão dá lugar a um jovem seguro e forte para fazer as mudanças e escolhas que determinarão sua vida adulta.

2.14 Considerações adicionais

Neste capítulo buscou-se destacar a importância do reconhecimento das emoções, dos sentimentos e dos estados afetivos e seu papel na vida humana, ressaltando sua função nos processos regulatórios e de equilíbrio interno.

Entender e conhecer os estados emocionais é fundamental para a nossa sobrevivência, uma vez que termos nossa atividade emocional equilibrada e harmoniosamente organizada aumentará a possibilidade de sobrevivência e de satisfação íntima. Nós, seres humanos, somos compostos por um sistema orgânico e por emoções sofisticadas, como caridade, altruísmo, compaixão, que quando bem organizadas e assertivas promovem o senso crítico e o pensamento analítico, resultando em respeito mútuo e maior tolerância, gerando o bom convívio para se enfrentar juntos os desafios que estão por vir.

Considerando a literatura discutida com Damásio (2000), Erikson (1976), Del Pino (2003) Ledoux (2007), Goleman (2012), podemos resumir em linhas gerais o perfil do adolescente e seu processo emocional. Na adolescência, o jovem é vulnerável às influências internas e externas, desenvolve uma maior autoconsciência e realiza a reorganização da personalidade e ajustamento. É um período difícil, de muita instabilidade, sensibilidade, irritabilidade, de busca do grupo e da busca pela própria identidade. Nesta fase, desenvolve independência emocional dos pais e figuras de autoridade, desenvolve autoconfiança e perícia na comunicação interpessoal, fortalece o autocontrole e o autoconceito. Procuram novas experiências, maior independência e maior responsabilidade (WAGNER, 2002).

As experiências emocionais são essenciais para o desenvolvimento do padrão comportamental dos adolescentes. Na adolescência, os jovens experimentam

emoções e sentimentos com mais intensidade, porém, demonstram menos exteriormente e de forma mais controlada (LEVISKY, 1998).

Neste sentido, este trabalho pretende verificar o comportamento emocional dos adolescentes frente às suas relações virtuais. Por isso, neste capítulo tentou-se abordar a influência e a importância das emoções na construção do ser, a fim de dar subsídios para o entendimento da pesquisa aqui delineada.

Capítulo 3

O MUNDO CONECTADO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE

Este capítulo busca discutir os relacionamentos sociais e apontar seus aspectos emocionais, assim como contextualizar os espaços virtuais e suas relações, os tipos das mídias sociais digitais e o panorama do uso da Internet e tecnologias digitais no âmbito do país.

3.1 Relacionamentos intrapessoal e interpessoal

A vida cotidiana humana é caracterizada pela vida em grupo, pois a todo o momento o indivíduo está se relacionando com outras pessoas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). O homem faz parte de um conjunto de sistemas interligados que estão em constante processo de interrelação com os demais sistemas que compõem seu universo. De acordo com Silva et al. (2007), este homem é visto como uma unidade que pensa, sente, deseja, age e necessita de integração harmoniosa entre corpo e mente, para que possa expressar a sua personalidade, características e valores pessoais.

Para que o ser humano possa se desenvolver plenamente e relacionar-se bem com o seu ambiente e com as pessoas é preciso ter competências intra e interpessoais.

O *relacionamento intrapessoal* refere-se à habilidade de ter conhecimento de si próprio, conduzir seus sentimentos, nortear suas emoções, sensações, podendo

assim utilizar esse conhecimento a favor de si nas tomadas de decisões. Este relacionamento permite que o indivíduo conheça suas limitações e capacidades, podendo utilizá-las da melhor forma possível, considerando a complexidade da relação intrapessoal que é constituída, imprescindivelmente, por dois complexos componentes: o EU e o OUTRO (GOLEMAN, 2012).

O mesmo autor, afirma que o *relacionamento interpessoal* envolve a perícia em discernir os sentimentos, intenções, motivações, estados de ânimo do indivíduo com quem se relaciona (empatia), e proceder de acordo com esses sentimentos, no intuito de bem lidar com cada circunstância no dia a dia. Ou seja, as emoções dão suporte ao processo de relacionamento interpessoal e interferem na qualidade das relações. Além disso, as relações envolvem um conjunto de normas comportamentais que dirigem as interações entre integrantes de um coletivo.

Schutz (1974) destacou que a integração dos membros de um grupo acontece quando certas necessidades fundamentais são satisfeitas, tratando este assunto através da “Teoria das Necessidades Interpessoais”, a qual destaca que o indivíduo apresenta a necessidade de ser aceito pelo grupo, a necessidade de responsabilizar-se pela existência e manutenção do grupo, e a necessidade de ser valorizado pelo grupo. Mailhiot (1976) denominou esta tríade como necessidades de inclusão (ligada a atitude e pensamento), controle (ligado a poder e influência) e afeição (ligada aos vínculos emocionais), respectivamente.

O conceito de relacionamento interpessoal basicamente tem significado na relação entre duas ou mais pessoas e é marcado pelo contexto onde ele está inserido, podendo ser um contexto familiar, afetivo, de amizade, escolar, de trabalho ou de comunidade. Nessa nova era em que as tecnologias de comunicação apresentam-se de forma contundente e irreversível, surge o contexto do ambiente virtual, no qual as relações estão tomando novas formas de interação e associação de pessoas.

Assim, torna-se necessário discutir os conceitos relativos ao espaço virtual, como será feito nas próximas seções.

3.2 Cibercultura e Ciberespaço

Vivenciamos a era digital que instituiu o momento histórico a partir do qual todas as relações se estabelecem por intermédio da informação, da capacidade de processamento e de geração de conhecimentos, através da Internet, denominada “sociedade em rede” (CASTELLS, 2009).

Lèvy (1999) define cibercultura como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de atitudes, práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o novo meio de comunicação, o ciberespaço.

Diniz (2008) entende cibercultura como:

[...] um produtor próprio, e que se inscreve estruturalmente na informática, na Internet e na *Word Wide Web* (www), por meio de espaços e elementos tanto de produção, quanto de veiculação de produtos culturais disseminados na Rede. (p. 13)

Segundo este autor, a evolução a que somos submetidos, muitas vezes, transcende-nos a noção de tempo e espaço, levando-nos a quebrar paradigmas inimagináveis em décadas não muito distantes, proporcionada tanto pela necessidade, quanto pela comodidade a que fomos acostumados com a chegada da Internet.

Magnoni e Fernandes (2012) ponderam que a cibercultura traz consigo, junto com o desenvolvimento tecnológico, toda sorte de modificações culturais, tornando possível uma profunda revolução nos nossos hábitos de pensar, de viver e, claro, de aprender.

Honorato (2014), em seu artigo, aponta a cibercultura como uma nova forma de relação entre sujeitos na qual é “através” e “pelas” relações sociais que os indivíduos adquirem habilidades técnicas e comunicação. Mudam-se as formas relacionais, os meios, mas os fins permanecem os mesmos: o de estarem em contato com outros humanos.

Segundo Rüdiger (2002 apud ROSA; MORAES, 2012), a era da cibercultura nasce da crise das ideologias e da unificação do mundo em torno de um único modelo político (neoliberalismo), de uma única ordem econômica (globalização), de uma única rede de troca de informações (a Internet). Assim, a cibercultura é um campo privilegiado para o estudo da sociabilidade, ao estabelecer novas formas de relações

dos sujeitos com a tecnologia e com um meio cujo nível de interatividade é, até então, inédito.

Lèvy (1999) define ciberespaço como meio de comunicação que surge com a interconexão mundial dos computadores, não representado apenas pela infraestrutura, mas agregado a informações que difunde e a infinidade de pessoas que navegam nas suas páginas e que também o alimentam com múltiplos conteúdos.

De autoria de William Gibson, em sua obra “Neuromancer” (1984), a palavra ‘cyberspace’ foi utilizada para conceituar uma rede de computadores futurista, na qual a mente era conectada diretamente à rede. O ciberespaço é um novo ambiente humano e tecnológico de expressão, informação e transações econômicas; uma rede mundial de computadores conectados pela infraestrutura de telecomunicações que permite acesso à informação em trânsito ser processada e transmitida digitalmente.

Baldanza (2012) afirma que o ciberespaço é um espaço virtual, contudo possibilita experiências reais, e é devido a isso que, mesmo estando em um ambiente desmaterializado e desprovido de corpo físico, as pessoas sentem necessidade de suprir essa ausência de alguma forma, pois a sociabilidade em espaço virtual muitas vezes é carregada de emoções, expressões e sentimentos.

Au (2008 apud ZANETTI 2013, p. 20) afirma que se tivéssemos que ampliar a definição de mundos virtuais ou *online* ainda mais deveríamos incluir mundos que simulam espaços abstratos e *sites* de relacionamento como o Facebook, Twitter, Youtube e todos os outros que surgiram a partir deles, já que, apesar de suas aparentes diferenças, esses sites de relacionamento são essencialmente jogos de faz-de-conta, nos quais cada indivíduo cria uma versão estilizada e melhorada de si mesmo em sua própria página, colecionando amigos e outros símbolos de sucesso como se fossem moedas de ouro ou amuletos.

Para Zanetti (2013, p. 19) o termo “Cibercultura se relaciona diretamente com a dinâmica Política, Antropo-social, Econômica e Filosófica dos indivíduos conectados em rede”. Deste modo, não deve ser entendida como uma cultura pilotada pela tecnologia, mas pelo o estabelecimento de uma relação íntima entre as novas formas sociais surgidas na década de 60 (a sociedade pós-moderna) e as novas tecnologias digitais. Ou seja, é a cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais, tais como *home banking*, cartões inteligentes, voto eletrônico, *pages*, *palms*, imposto de renda via rede, inscrições via Internet, entre outros que provam que a cibercultura integra o cotidiano do indivíduo.

3.3 Os impactos ciberculturais na sociedade

A intensidade com que as novas tecnologias e meios digitais de comunicação se colocaram na vida cotidiana provocou indubitavelmente uma revolução cultural na sociedade ainda imensurável completamente, a qual é independente da vontade e consciência individual das pessoas, pois o uso coletivo supera as necessidades de cada um, introduzindo novas práticas de comunicação e de acesso à informação. O que antes dependia do tempo e espaço, hoje em dia, com um clique, em poucos segundos e em qualquer lugar, superam-se limitações que anteriormente pareciam intransponíveis (CASTELLS, 2009). É o aspecto onipresente da máquina, auxiliando o homem em sua diversidade de afazeres de modo instantâneo.

Loader (1997 apud KOHM; MORAES, 2007) destaca que tal onipresença transformou o ser humano em dependente e passivo de sua utilização. Como que, na atualidade, sem ela o homem contemporâneo estivesse desprovido de suas articulações hábeis. Destaca-se aqui a dependência da tecnologia e a fragilidade em que o ser humano se coloca ao se sentir desconectado do mundo virtual.

Rezende (2004) discute que o corpo da nova sociedade é o da rede, da complexidade e do mundo reticulado. É o corpo da mobilidade, que mesmo virtualmente atravessa fronteiras geográficas, culturais, profissionais, hierárquica, e que é capaz de estabelecer contatos pessoais com diversos e muitas vezes desconhecidos atores. O corpo torna-se informação e, assim, torna-se imagem.

Atrás de toda essa tecnologia, sem desprezar a enormidade de conteúdos disponíveis, as facilidades de acesso e as possibilidades de interações individuais ou coletivas, há que se considerar a existência de um corpo físico que recebe e troca toda e qualquer carga de ideias, emoções e sensações. A máquina e o espaço virtual são apenas os veículos pelos quais os corpos físicos se encontram. Ainda persistem os traços da individualidade, das preferências e das necessidades das pessoas em qualquer conexão no ciberespaço (SANTAELLA, 2004).

Baldanza (2006) destaca que o corpo virtual não se opõe ao real e pouco tem a ver com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se de um modo favorável e potente de representação do eu e de suas sensações no espaço. A nova arquitetura informativa digital com a formação inicial de comunidades virtuais e posteriormente com as redes sociais propiciou o surgimento de associações de indivíduos que não

apresentam muitas vezes qualquer tipo de interação social ou qualquer relacionamento prévio entre si. São vínculos que não demandam interações para serem mantidos e nenhuma intimidade, reciprocidade ou confiança, mas que funcionam como propagadores de inovações, difundindo referências e experiências pela difusão em larga escala de seus pontos de contato.

Kaufman (2012) destaca dois fenômenos do contexto das comunidades virtuais: 1) os indivíduos tomam decisões numa ação coletiva influenciada pelas redes sociais, que constituem seu “coletivo social”, e não motivados pelos seus próprios interesses e preferências; e 2) o efeito *threshold*, que é o limiar quando um estímulo tem intensidade suficiente para produzir efeito, é impulsionado pela força das ações de um coletivo, em que as conexões das estruturas reticulares digitais têm relevância na sociedade contemporânea.

Visto que a comunicação impõe-se vultosa e acentuadamente na rotina das pessoas, em virtude da eclosão de novas mídias digitais e tecnologias para comunicação, as quais estão renovando o modo de aproximar as pessoas e de associar-se, surge uma nova relação quantitativa diante da interação, intensificada através de *sites* e de redes sociais. Com tantos acessos diários e usuários aos quatro cantos do mundo, essa troca de comunicação também é veiculada através de fotos, mensagens, perfis, vídeos, revelações, declarações e criações de comunidades. De acordo com a pesquisa “Futuro Digital em Foco Brasil 2015” (COMSCORE, 2015), os brasileiros são líderes no tempo gasto nas redes sociais. A média é 60% maior do que a do resto do planeta. Publicações com fotos e vídeos representam 68% do total de postagens no Facebook. Entretanto, pouco ainda se avalia da relação qualitativa da interação proporcionada pelas mídias digitais.

Parte considerável da comunicação mediada tem se consumado por intermédio do computador, via Internet. Segundo Lévy (1999), o computador se tornou um desses dispositivos técnicos pelos quais percebemos o mundo, e isto não apenas em um plano empírico, mas também em um plano transcendental, pois cada vez mais concebemos o social, os seres vivos ou os processos cognitivos através de uma matriz de leitura informática.

Recuero (2012) considera a comunicação mediada pelo computador como “um produto da apropriação social, gerada pelas ressignificações que são construídas pelos atores sociais quando dão sentido a essas ferramentas em seu cotidiano” (p. 24), e considera a conversação nos *sites* de rede social como uma amplificação da

mesma. A autora visualiza a conversação (apropriação do ciberespaço) em redes sociais sob três perspectivas: “de um lado, uma perspectiva linguística, de estrutura e organização; de outro, os aspectos culturais das apropriações; e, finalmente, os efeitos dessas trocas a partir desses dois elementos” (p. 25).

Para Primo (2007), a interação no ciberespaço não deve ser entendida como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes, independentemente do recurso tecnológico. O autor defende uma diferenciação entre interação mútua (com impacto recursivo entre seus interagentes) e interação reativa (marcada por estímulo e resposta).

Mais recentemente, o telefone celular também passou a exercer este mesmo papel, conforme será mostrado na Seção 3.4. Ou seja, as novas tecnologias e suas inovações vêm revolucionando a maneira de comunicação entre as pessoas, pois as mesmas mudaram a quantidade, a qualidade e a velocidade da troca de informações nos dias atuais (WERTHEIN, 2000).

Segundo Kohn e Moraes (2007), por meio da técnica fez-se o homem, fez-se a sociedade, o modo de agir, pensar, se relacionar, o fazer de todas as práticas humanas, pois a tecnologia permite que os novos dispositivos se implantem definitivamente no cotidiano social.

Estes dispositivos são formatados e formatam a cultura. Alguns autores, como Kurth (2007), criticam essa reestruturação que as tecnologias atuais trouxeram para a sociedade. A aceleração tecnológica fomenta a pressa e a ansiedade por experiências e sensações. A migração digital transpôs fronteiras, interconectando os sujeitos à nova realidade da comunicação: o ciberespaço.

Como compara nostalgicamente Libório Silva (2008), em seu livro *Email*, as pessoas mostram-se mais propensas a exporem o que sentem, o que fazem e o que pensam. Apesar disso, as intensidades não são visíveis. Utilizam esse espaço de encontro para compartilhar, criar e recriar independentes de serem “cartas lacradas” ou “cartões postais”. Nesse processo de comparação afirma que mais do que 99% dos *e-mails* são como postais, sem terem envelope por fora e ressalta que só 1% são como cartas lacradas.

A grande invenção coletiva das redes de relacionamentos é percebida como sendo um processo de complementaridade entre o veículo de comunicação e seus usuários, pois o mesmo acredita que, assim como a correspondência entre os indivíduos fizera surgir o “verdadeiro” uso do correio, a comunicação baseada na

informática inventa provavelmente o “verdadeiro” uso da rede telefônica e do computador pessoal. E especifica que “o ciberespaço é uma prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, como um horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (LÉVY, 2000).

Jubé (2010 apud ZANETTI 2013, p. 24) considera que o processo de virtualização, a presença dos ciberespaços de comunidades virtuais e de uma nova realidade nesse meio é irreversível. Justifica que a virtualidade produz novas concepções de espaço e tempo, empregando novas velocidades e meios, na tentativa de reinvenção do mundo.

3.4 Internet móvel no Brasil e no mundo

Segundo dados publicados pela Organização das Nações Unidas (GOMES, 2013), o Brasil ocupa a quarta posição mundial de nativos digitais (Tabela 3.1), atrás apenas da China, EUA e Índia. No entanto, a pesquisa também aponta que, 84 milhões de brasileiros ainda não possuem acesso à Internet.

O Brasil ocupava a 4ª posição global com 20 milhões de nativos digitais conectados através de aparelhos *mobile*. O Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, reconhecendo a importância de explorar o universo dos adolescentes no uso da Internet, realizou em 2013 uma pesquisa nacional, na qual entrevistou 2002 indivíduos entre 12 e 17 anos, de todas as cinco regiões brasileiras, num total de 150 municípios, com o objetivo de identificar o universo a que estão expostos os jovens, uma vez que mesmo ‘*online*’ acontece a discriminação, a violação de direitos e falsas informações (UNICEF, 2013).

A pesquisa foi realizada pelo IBOPE Inteligência, através da aplicação de questionários de modo presencial, tendo sido estabelecido como “usuário”, adolescentes que utilizaram a Internet nos últimos três meses. O estudo mostrou que 70% possuem acesso à Internet (incluídos) e 30% não têm acesso (excluídos). Estimou-se que dos adolescentes que habitavam a zona rural, 48% tinham acesso à Internet, ao passo que 78,5% dos moradores das áreas urbanas estavam conectados digitalmente. Do grupo geral dos incluídos, 64% usavam a Internet diariamente.

Tabela 3.1 – Funções dos elementos de comunicação.

Nativos digitais ¹ no Brasil			
País	População, em milhões	Fatia de 'nativos digitais' na população, em %	Fatia de 'nativos digitais' entre os jovens, em %
1º) China	75,2	5,6	34,7
2º) EUA	41,3	13,1	95,6
3º) Índia	22,6	1,8	9,5
4º) Brasil	20	10,1	60,2
5º) Japão	12,2	9,6	99,5
6º) México	9	7,8	43,3
7º) Rússia	8,9	6,3	49,6
8º) Alemanha	8,2	10,1	94,2
9º) Vietnã	7,5	8,4	43,6
10º) Reino Unido	6,9	11,1	85,9

Fonte: UIT/ONU (GOMES, 2013).

Interrogados sobre o local onde acessam com mais frequência a Internet, responderam que: 58% de casa, 18% de centro público pago, 11% da casa de outras pessoas, 7% do telefone celular, 4% na escola e 1% no trabalho.

Considerando as motivações de usos da Internet pelos jovens, a análise foi dividida em cinco partes: a) atividades *online*, na qual 75% afirmaram utilizá-la em busca de diversão; b) ferramentas mais utilizadas – relativamente inexpressivo o número de usuários das ferramentas para produção de conteúdo, já que 84% declararam utilizar as redes sociais, 69% os jogos *online*, 59% os e-mails e 57% para troca de mensagens; c) redes sociais – 85% dos jovens que utilizam a Internet afirmaram possuir perfil nas redes sociais, sendo preponderante o Facebook, seguido pelo Orkut, d) diversão *online*, predominou a utilização dos jogos *online*, seguidos pelos filmes e *downloads* de músicas e vídeos; e) busca de informações – 80% declararam utilizar para pesquisa escolares e 70% para entretenimento. Os resultados apontaram para um equilíbrio de uso da Internet entre comunicação, informação e

¹ Nativos Digitais são as pessoas nascidas depois de 1980, quando as tecnologias digitais chegaram *online*, e os principais aspectos da vida dessa geração são mediados por tais tecnologias.

entretenimento, mostrando que a vida *online* dos jovens brasileiros é bastante diversificada.

Quanto ao quesito segurança no uso da Internet, os jovens mais velhos apresentaram maior habilidade e cuidado ao serem abordados por usuários desconhecidos que os mais jovens, já que estes desconheciam os riscos a que se expunham ao passarem tais informações. Dos entrevistados, 65% afirmaram nunca oferecerem essa informação e 24% declararam dizer onde estão sob certas condições; em menor percentual, 10% afirmaram que sempre indicam sua localização quando utilizam as redes sociais.

Em pesquisa realizada mais recentemente pelo IBOPE, “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015” (BRASIL, 2014), com o intuito de esclarecer como o brasileiro se informa, revelou-se, através de 18 mil entrevistas em todo país, que a televisão continua sendo o meio mais utilizado pela população. Segundo o levantamento, os brasileiros passavam, em média, 5 horas diárias em frente à TV, seguido pelo rádio, com 55% dos entrevistados que afirmaram ouvi-lo diariamente. Em terceiro lugar, foi apontada a Internet, cujo percentual de pessoas que afirmaram utilizá-la aproxima-se da metade dos brasileiros, ou seja, 48% dos entrevistados. Outro fato a destacar é que tais percentuais vem num crescente em relação às pesquisas realizadas anteriormente.

Características sociodemográficas exercem grande influência no uso da Internet da mesma forma que a idade e a escolaridade contribuem para o acesso às mídias de modo a justificar seu crescimento. Além dos fatores indicados como impulsionadores da frequência e uso da Internet, os aparelhos celulares aparecem como facilitadores de acesso à Internet, competindo com computadores e *notebooks*.

A pesquisa revelou ainda que 92% dos entrevistados se conectavam em *sites* de relacionamento, liderado pelo Facebook (83%), seguido pelo Whatsapp (58%), embora este não seja considerado rede social. Há ainda uma pequena parcela dos pesquisados (17%) que utilizam o Youtube.

A coleta de dados foi realizada através de questionário aplicado por meio de *tablets* em abordagens presenciais em domicílios brasileiros. A validação dos resultados foi feita através de recontato com 20% do total de entrevistados.

Pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), a ICT KIDS Brasil Online 2015 (2016), aponta que o número de famílias usuárias de Internet no Brasil cresceu consistentemente na última década. Os dados mostraram que, em 2015, a proporção de brasileiros entre 9 e 17 anos, usuários da mídia digital,

correspondia a 79%, o que equivale dizer a 23,4 milhões em todo o país. Desses, 84% são moradores de áreas urbanas e 56% são moradores de áreas rurais.

O resultado revela também os percentuais de usuários de Internet por região demográfica, sendo que o Nordeste (71%) e o Norte (56%) continuam com percentuais bem menores que o Sul (90%), o Sudeste (88%); e o Centro-oeste (85%).

Outro dado significativo apresentado pelo ICT Kids Online Brasil 2015 (2016) mostra que dos 6,3 milhões de jovens que não são usuários da Internet, aproximadamente 3,6 milhões nunca acessou a WEB. Destacou que as áreas rurais e o Norte são as mais afetadas tendo em vista a falta de disponibilidade de Internet no domicílio.

Com relação aos equipamentos utilizados para acessar a Internet, em 2015 os resultados apontaram que 83% do acesso à rede é feito pelo celular (contra 82% em 2014), 38% por computador *desktop*, 33% por *notebook*, 21% por meio de um *tablet*, 10% por videogame e 9% pela TV. O uso do celular para acessar a Internet é amplamente disseminado em todas as classes sociais. Entretanto, verificou-se que 31% das crianças e adolescentes acessavam a Internet exclusivamente pelo telefone celular, porém, essa proporção foi de 55% entre os jovens das classes D e E. Já os computadores (de mesa, *laptops* e *tablets*) estão perdendo espaço, pois, em 2014, 80% das crianças utilizavam dispositivos desse tipo para acessar a rede, e em 2015 este percentual baixou para 64%, com uma queda de 16 pontos percentuais em um ano.

De cada 10% dos usuários, 8,6% utilizavam em casa; 7,3% em casa de outras pessoas; 3,1% na escola; 2,8% *lan house*/telecentro e 3,5% *shopping*, igrejas ou lanchonetes.

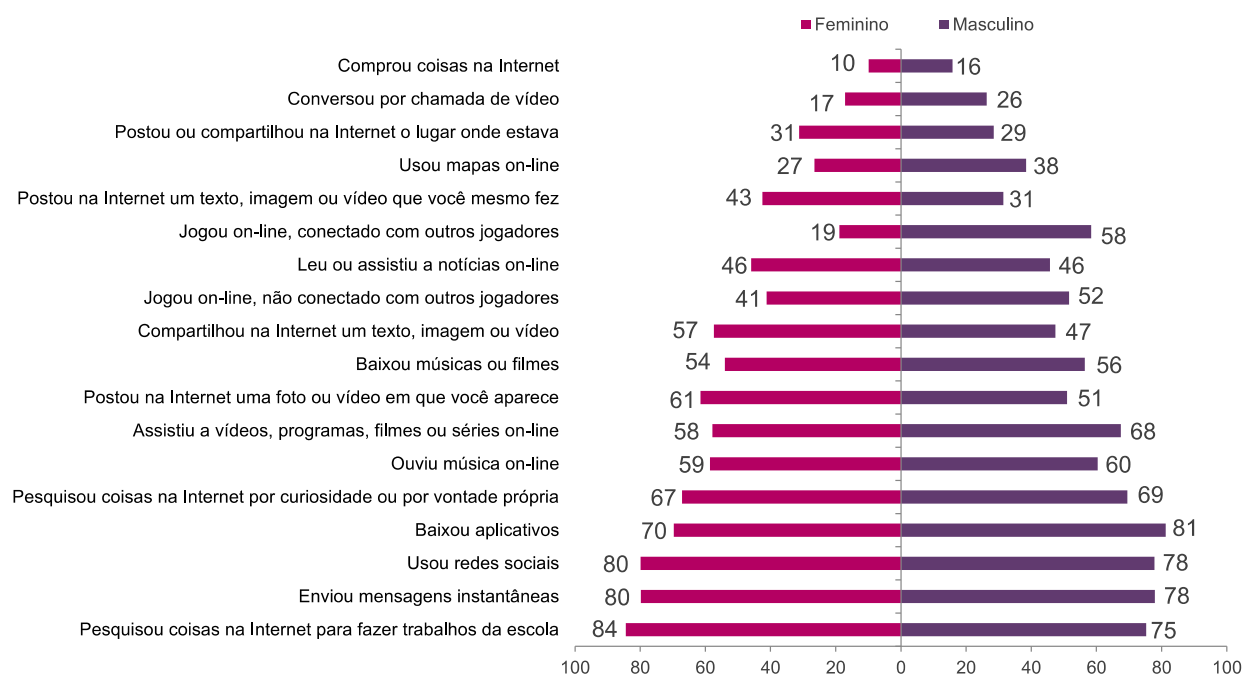
Da mesma forma, em 2015, os dados apontavam estabilidade na frequência de uso da Internet por crianças e adolescentes, entre 9 e 17 anos, 84% declararam acessar a rede diariamente ou quase todos os dias e 11% o fizeram pelo menos uma vez por semana.

No que se refere ao aspecto socioeconômico, a frequência de uso da rede por crianças e adolescentes é diretamente proporcional à renda e à classe social. Nesse sentido, em 2015, 80% dos usuários de Internet de 9 a 17 anos pertencentes às classes AB acessavam a rede mais de uma vez por dia, enquanto essa proporção era de 67% para os pertencentes à classe C e 51% às classes DE.

Entre as atividades ligadas à comunicação realizadas por crianças e adolescentes na Internet, 80% afirmaram procurar informações na Internet para fazer trabalhos escolares, 79% para enviar mensagens instantâneas, 79% acessar a rede social. Das atividades ligadas ao entretenimento, 75% usaram para baixar aplicativos, 52% usaram para compartilhamento de conteúdos e 37% para postar na Internet textos, vídeos ou imagens de autoria própria, 63% para assistir a produções audiovisuais *online*, 59% para ouvir músicas, 55% para baixar músicas ou filmes, 46% usaram jogos *online* não conectados com outros jogadores e 38% usaram jogos *online* conectados com outros jogadores.

A Fig. 3.1 representa dados da pesquisa da ICT Kids sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes (23.380.494 usuários de 9 a 17 anos) voltado para atividades ligadas à comunicação e ao entretenimento, com os dados apresentados por sexo (masculino e feminino).

Figura 3.1 – Proporção (%) de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos por atividades realizadas na Internet em um mês por sexo em 2015.



Fonte: Pesquisa TIC Kids Online Brasil 2015 (2016)

3.5 Características e tipos de mídias sociais digitais

Ao falarmos de mídias sociais digitais faz-se necessário esclarecer o que são e quais os tipos que dispomos no mercado da informação. Mídias sociais são ferramentas de suporte que possibilitam a interação entre as pessoas através do compartilhamento de conteúdos e informações (RECUERO, 2009).

Quanto aos tipos de mídias sociais digitais, Goulart (2014) afirma que, são formados por: redes sociais, *blogs*, *vlogs*, *flogs*, *wikis*, *podcasts*, fóruns, comunidades de conteúdos, *chats* e *microblogs*. Descreve ainda que as redes sociais virtuais são espaços facilitadores de interação entre pessoas, a partir de páginas próprias, com o intuito de compartilhar questões pessoais ou profissionais de cunho restrito entre usuários ou ainda em grupos (públicas), tais como o MySpace o Facebook, entre outros.

Para o mesmo autor, o *blog* é considerado como a ferramenta de comunicação mais popular da Internet. Tem sido utilizado tanto por profissionais liberais como por empresas para divulgar suas ideias e/ou serviços de modo simples e rápido. Simplificando, um *blog* é uma página pessoal, em forma de diário, onde um conjunto de mensagens chamadas '*posts*' são ordenadas de forma decrescente de data, o que facilita a visualização. É o 'diário' virtual através do qual podem ser compartilhados todos seus interesses e gostos a qualquer momento.

Goulart (op. cit.) enfatiza que o *microblog*, da mesma forma que o *blog*, é uma ferramenta de comunicação rápida, porém as mensagens são muito curtas, do tipo "Estou em reunião" ou "Vou me atrasar", nunca ultrapassam a 140 caracteres. Por outro lado, o *vlogs* são originários dos *blogs*, porém são postados apenas vídeos que são feitos pelos usuários de forma caseira e após é feito um *upload* do vídeo para um serviço de hospedagem específico para vídeos e ele será visto por usuários que estiverem navegando por aquele espaço. Os serviços de vídeos mais conhecidos são o YouTube e o Vimeo. Mas, ainda existem os *flogs*, da mesma forma que os *vlogs*, são provenientes de blogs e específicos para fotos. O usuário tira várias fotos de si mesmo, com seus amigos ou no ambiente em que está, e envia para um serviço de hospedagem apenas de fotos. Já os serviços mais conhecidos para hospedagem de fotos são o Instagram, Flickr e Picasa.

Ainda esse mesmo o autor, o *site wiki* é um conjunto de páginas virtuais construídas e interligadas, que podem ser visitadas e editadas por qualquer pessoa, muito utilizado para localizar conteúdos de interesse individual o mais rápido possível e os *podcasts* são uma mídia de áudio de transmissão de conteúdos muito similar a um programa de rádio ou televisão, com a vantagem de o usuário ter acesso ao conteúdo quando e onde preferir, bastando para isso acessar, baixar e curtir. Já os fóruns são áreas *online* de *sites* destinadas a promover debates e compartilhamentos por meio de mensagens publicadas sobre um tema ou uma questão. Muito conhecido como ‘comunidade’ ou ‘*board*’. Como exemplo, podemos citar os espaços virtuais reservados por cursos a distância, para debates sobre um assunto específico.

Goulart (op. cit.) menciona ainda as comunidades de conteúdo as quais são espaços virtuais reservados para assuntos peculiares que podem ser públicos para inserções e pesquisas ou privativos, com acessos a usuários pertencentes à comunidade. Podem ser partilhados vídeos, fotos, e até mesmo *links* para outros *sites*.

Finalizando, pode-se definir que de todas essas ferramentas projetadas para possibilitar a interação social virtual as mais conhecidas são iTunes ou Ziepod para PCs, BeyondPod ou PodStore para Android, Wecast ou o nativo Podcasts para iOS.

3.6 O domínio das novas tecnologias afetando as relações interpessoais

Sem sombra de dúvidas, as inúmeras possibilidades de conexão digital representam uma surpreendente conquista para a humanidade do século XXI. Da mesma forma que a gana de estar conectado o tempo todo e, principalmente, com todos, fez com que o indivíduo se isolasse cada vez mais, criando para si um mundo fantástico, verdadeiramente harmonioso, porém, virtual (GIARDELLI, 2011).

Em reportagem publicada na revista Veja, Allegretti (2015) afirma que seria absolutamente descabido, demonizar os avanços tecnológicos, sobretudo com o advento da Internet, e a revolução trazida por eles, em especial no quesito comunicação. Ao mesmo tempo, parece inegável haver um ponto a partir do qual as relações virtuais passaram a andar na mão oposta à de suas principais conquistas – minando os relacionamentos pessoais “reais”.

Keen (2012, p. 29–30) discute que:

[...] o que antes vimos como prisão é agora considerado um parque de diversões; o que antes era encarado como dor hoje é visto como prazer. A era analógica da grande exibição é substituída pela era digital do grande exibicionismo [...].

Como destaca o autor, isto significa que a Internet e suas possibilidades de comunicação deixaram de ser um canal de transmissão de informação impessoal, para tornarem-se um canal público de nossas relações, intenções e gostos pessoais para transformar as experiências individuais em espetáculos sociais.

Conforme Vieira (2007) apresenta, paradoxalmente à comunicação ancestral como concebida tradicionalmente, o uso das novas tecnologias está transformando rapidamente grande parte da humanidade urbana em criaturas isoladas na contramão do crescimento populacional. Apesar de estarmos no meio de milhões de pessoas, a comunicação direta e o convívio social com outras pessoas são cada vez menores.

Bauman (2004) argumenta em seu livro que a sociabilidade virtual ainda gera fortes reações negativas, uma delas sendo a “fragilidade dos laços humanos”. Afirma que as relações virtuais estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos, ou seja, as relações virtuais servem de modelo para os relacionamentos “reais” da era pós-moderna. Para o autor, os relacionamentos virtuais são descartáveis, frágeis, superficiais e pouco autênticos. Por isso, torna-se fácil entrar e sair de relacionamentos, visto que os virtuais são frenéticos e frívolos, incapazes de gerar introspecção, como supostamente faziam os relacionamentos “reais” do período moderno. Assim, esse modo virtual de relacionamento torna as pessoas mais solitárias e descartáveis. De acordo com sua ótica, os relacionamentos reais da era moderna eram baseados por diferentes tipos de solidariedade que estão ausentes tanto nos relacionamentos virtuais, quanto nos relacionamentos reais pós-modernos.

Silva e Tancman (1999, p. 55–56) destacam que:

É no anonimato do “lugar virtual” que se experimenta solitariamente uma nova sociabilidade. O viajante pode caminhar por diversas infovias até encontrar o grupo ou tribo com que mais se assemelha, ou identifica. Ao encontrar sua tribo, o indivíduo fixa-se neste endereço eletrônico e passa a experienciar e compartilhar de um lugar simbólico e marcado por relações de pertencimento de caráter ideológico, afetivo, sexual ou racial.

Em relação aos impactos da Internet na sociabilização dos indivíduos, Kaufman (2012) reforça as investigações realizadas por Wellman (2009), que afirma que os

estudos científicos convergem para três grandes visões: a Internet transformou o capital social² de grupos locais e solidários em grupos dispersos geograficamente e de baixa coesão, agrupados em torno de interesses específicos; a Internet diminuiu o capital social porque com sua capacidade em gerar informações e entretenimento afastou os indivíduos do convívio social com a família e os amigos, e com a comunidade local em geral; a Internet complementa o capital social na medida em que os indivíduos a usam para manter atualizados os contatos sociais existentes, sem excluir os encontros pessoais e telefonemas, apenas adicionando contatos digitais. É a cibernsolidão.

Para o psicólogo americano Stanley Milgran (1977), a população urbana está constantemente sendo exposta a uma quantidade enorme de estímulos. E eles são tantos que é impossível ao ser humano processá-los de uma vez – com isso, experimentamos a sobrecarga e nos adaptamos a ela escolhendo qual estímulo atender. Passamos a ignorar as pessoas ao redor simplesmente pela impossibilidade de dar atenção a todas elas. Exatamente como agimos no mundo conectado. Amostra disso são os inúmeros exemplos de pessoas que mesmo estando acompanhadas por um grupo de amigos ou familiares permanecem só. Isoladas na virtualidade, seja no clube, no trabalho, em casa, nas ruas, enfim, a todo lugar vemos pessoas reais virtualizadas.

Pesquisas indicam que, ainda que no modo ‘silencioso’, quando numa conversa presencial um dos envolvidos apresentar-se com celular, *tablet* ou *smartphone*, a interação entre ambos estará afetada, resultado de vários anos de uso intensivo do celular que acabou por suggestionar nosso cérebro a presenciar a chegada de mensagens, desviando assim a concentração e diminuindo o poder mental (SANTOS, 2002).

Com a evolução das novas mídias e a estupenda rapidez com que obtemos milhões de informações, praticamente em tempo real, a humanidade tem vivido no limiar da paciência quando essa rapidez, seja no campo de informações ou das relações não ocorre, o indivíduo é levado à exasperação extrema.

Santos (2002) afirma que:

[...] as tecnologias não trazem já embutidas nelas as novas formas de comportamento, sendo estas o desdobramento

² O conceito de capital social surgiu nos anos de 1980 e refere-se como um ativo social oriundo da virtude e da força da conexão entre os indivíduos, inserido numa visão de sociedade como estrutura de redes (KAUFMAN, 2012).

incessante e dinâmico da interação tanto dos indivíduos com as tecnologias e máquinas quanto da interação entre os próprios indivíduos mediada pelas tecnologias.

Isto significa que além das características tecnológicas deve-se haver preocupação com os efeitos das novas mídias interativas sobre o mecanismo de interação social. Investigar as particularidades da interação social mediada por interfaces interativas, a forma como tais interfaces reforçam ou inibem as habilidades interativas dos indivíduos e as razões para explicar algumas tendências, são factíveis de realizar apenas empiricamente.

Assim, vêm emergindo por parte dos usuários preocupações a respeito das etiquetas sociais de boas normas de conduta relativas ao uso de aparelhos de telefonia móvel. “*WhileFi*” é uma gíria que surgiu muito recentemente entre os jovens americanos, que significa a quantidade socialmente aceitável de tempo que você precisa antes de pedir a senha Wi-Fi no lugar em que você está (KAUFMAN, 2016). Por um lado, isto demonstra que, com a democratização do acesso à Internet e redes sociais, novos aspectos comportamentos e novos valores sociais vão sendo agregados, reconfigurando sociedade e a maneira de relacionar com o mundo e com o outro. De outro lado, o acesso constante e massivo de comunicação instantânea, fazendo com que o indivíduo nunca esteja desconectado de seus relacionamentos, potencializa a chance dos indivíduos absorverem vários transtornos psíquicos e emocionais.

Capítulo 4

AS TECNOLOGIA E A GERAÇÃO DIGITAL

Neste capítulo apresentam-se pontos importantes sobre a adolescência, as diferenças entre as gerações, o papel das mídias digitais no contexto juvenil, levantando preocupações e os aspectos positivos e negativos do seu uso, sobretudo, destacando a influência nos adolescentes.

4.1 A adolescência: aspectos importantes do desenvolvimento social e emocional

Adolescente é palavra originária do latim *adolescere*, “crescer”, formada por *ad*, “a”, mais *alescere*, “ser nutrido”, de *alere*, “alimentar, nutrir” (FERREIRA, 2010). Conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, através da Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 2º, considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre 12 e 18 anos de idade e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142).

Esta fase é considerada por muitos pesquisadores, como Erickson (1976), Masters (1991), Zagury (1997), Tiba (2005), Azpiazu e Capelinha (2013), de profundas transformações físicas, psicossociais e comportamentais, aliás, esse é nosso primeiro pensamento em relação à adolescência: transformação.

Erickson (1976) reconhece a adolescência através do conceito de moratória e caracterizou-a como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcavam como “[...] um modo de vida entre a infância e a vida adulta”. Erickson (2009) afirma que são os fatos experimentados durante a fase da juventude que delineiam os traços comportamentais de uma geração, pois ainda segundo ele:

“a maioria dos indivíduos incorpora as ideias e os conceitos mais fortes em seus primeiros anos de adolescência. Aquilo que vivenciam nessa fase influencia fortemente seu comportamento na idade adulta”. (p. 87)

Nesta fase da vida, é também que o adolescente faz a sua construção da identidade, cria a representação que tem de si próprio, que é traduzida pelo conceito de si. O *self-concept*, ou conceito de si, também chamado de autoconceito, é definido como a representação que o indivíduo tem de si próprio, o conjunto de ideias ou esquemas que cada um constrói sobre si mesmo, sobre o seu corpo, os seus sentimentos, pensamentos e comportamentos (NOVO, 2003). Além do *autoconceito* (percepção individual do valor próprio) e da *identidade* (percepção generalizada de si próprio e da sua realidade psicológica, que inclui diferentes atitudes e crenças sobre o *self*) (WIEGFELD; WAGNER, 2005), o autoconceito está também relacionado a dimensões específicas referentes a áreas da vida do indivíduo, como o domínio físico, acadêmico, familiar, social, dentre outros.

Segundo Erickson (1968) e Blatt (1990), a coerência e o realismo do autoconceito na adolescência é que caracterizará o desenvolvimento normal e que poderá diminuir a vulnerabilidade às perturbações emocionais. Quadros negativos de desamparo e/ou de não merecer ser amado (*unlovability*) podem ser centrais na representação do eu. Portanto, a presença e a construção de relações satisfatórias e gratificantes, é fulcral na (re)construção da identidade na adolescência.

Masters (1991) acredita que a obtenção de uma efetiva regulação emocional é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento social e da personalidade. O autor discrimina também duas motivações para a regulação emocional: a pessoal (autorregulação) e a social (regulação da emoção nos outros). Estudos de Strauman e Higgins (1993) na área da teoria cognitiva comportamental demonstram que existe uma vinculação entre as representações do eu e o tipo de padrões emocionais ou comportamentais que o indivíduo exprime.

Zagury (1997), em seu livro “*O Adolescente por ele mesmo*”, retrata as principais modificações pelas quais passa a criança ao entrar nessa etapa da vida:

- *acentuado desenvolvimento físico* – fortes transformações internas e externas, intelectual e afetivo;
- *amadurecimento sexual* – grande atividade hormonal, glandular que levará à capacitação reprodutiva;
- *modificações a nível social* – com ênfase ao aumento do grupo de amigos e a tendência à imitação acentua-se novamente o que leva o adolescente a ser muito influenciado pelo grupo;
- *surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo* – desenvolvimento intelectual é notável, permitindo, mais rapidamente, generalizações e compreensões de conceitos abstratos e em decorrência da independência intelectual e do afloramento de uma nova identidade, tornam-se questionadores e até mesmo rebeldes;
- *aumento do apetite* – em decorrência do rápido e intenso crescimento, tudo que comem parece pouco;
- *sociabilidade* – embora a insegurança seja muito grande, há uma busca de identidade que toma tempo e acarreta angústia, dificuldades de relacionamento, confusão e medo;
- *aspecto afetivo* – apresenta-se contraditório com períodos de serenidade e outros de extrema fragilidade emocional.

Tiba (2005) resume as etapas do desenvolvimento psicossocial da adolescência, determinadas geneticamente:

- *confusão pubertária* – surgimento do pensamento abstrato, do raciocínio hipotético. Transgressões de regras, brigas territoriais, busca de liderança.
- *Onipotência pubertária* – representada pela rebeldia hormonal e pela organização mental que os fazem mais exigentes e temperamentais.
- *Estirão* – representado pela grande modificação física através do crescimento acelerado.
- *Onipotência juvenil* – representada pelo desejo de ter autonomia para fazer suas escolhas, vida sexual, experimentar drogas, bebidas, velocidade, esportes radicais e a certeza de que nada de ruim irá acontecer.

As etapas psicossociais diferentemente das biológicas, não evoluem, elas têm épocas para surgir, e desaparecem à medida que os conflitos são resolvidos ou se acumulam para as etapas seguintes.

A experiência social afeta a construção da identidade no período da adolescência. Neste sentido, a influência das relações de amizade exerce papel fundamental para o desenvolvimento do autoconceito e da autoaceitação. Através de grupos de amigos, os adolescentes procuram construir um sentido de pertença, a possibilidade de compartilhar estilos de vida e a presença de empatia emocional (AZPIAZU, 2010).

Segundo Capelinha (2013), as amizades assumem importantes funções, como: (a) promovem a aquisição e o desenvolvimento de competências e habilidades sociais; (b) oferecem alicerces para relações sociais futuras; (c) oferecem oportunidades para a expressão e regulação das emoções; (d) fornecem a valorização do “eu” e sentimentos mais positivos sobre si mesmo; (e) possibilitam segurança emocional, intimidade e afeto; e (f) prestam apoio informativo pela troca de experiências/ideias e resolução conjunta dos problemas.

Isto posto, o interesse desta dissertação refere-se aos aspectos psicossociais e emocionais dos adolescentes. Ou seja, como eles se sentem em relação à sua aceitação no seu grupo social virtual, e quais as relações que mais podem afetá-lo nesta fase de desenvolvimento de sua identidade através de sua interação no mundo virtual. Além disso, esta investigação busca verificar se os adolescentes possuem consciência de seus próprios sentimentos e estados emotivos.

Os adolescentes das gerações até pouco antes do fim do século X tinham pouca liberdade de expressão. Por isso, pouco também se discutia sobre as questões emocionais dos adolescentes, no sentido em que raramente eles podiam manifestá-la sem repressões e mostrar suas aflições. Aos poucos, as gerações subsequentes estão cada vez mais livres para mostrarem o seu ‘eu’ interior. Essa abertura deve-se, em muito, às novas formas de comunicação amparadas pelo desenvolvimento tecnológico e às mudanças nos contextos políticos nacionais e mundiais, nas quais os sistemas opressores vêm perdendo força.

Para mostrar estas mudanças, a seguir discorreremos sobre as diferenças entre as gerações.

4.2 Diferenciando as gerações

Durante o século XX, as gerações eram demarcadas a cada vinte e cinco anos. Atualmente, considerando a aceleração do tempo resultante do advento das novas tecnologias, e de acordo com a bibliografia levantada, pode-se afirmar que novas gerações surjam a cada dez anos. Tal fato mostra que um maior número de pessoas diferentes estão convivendo entre si nas mais diversas esferas (LOMBARDIA et al., 2008).

A Fig. 4.1 ilustra como a tecnologia tem marcado as gerações, criando hábitos e dirigido comportamentos. Nesta figura, mostra-se a evolução dos meios de comunicação e de entretenimento.

Figura 4.1 – Evolução dos meios de comunicação e entretenimento.



Fonte: <http://calicedecomportamentos.com.br/2016/05/>

Interessante explicitar e analisar o comportamento, as características de cada uma das gerações e o conflito entre elas. Uma vez que esse trabalho tem como foco a Geração Z, que abrange os adolescentes atuais, fazemos uma breve diferenciação das características das cinco últimas gerações: Geração *Baby Boomers*, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração Alfa, a fim de entender como elas se relacionam consigo e com o mundo.

4.2.1 Geração *Baby Boomers*

São considerados *Baby boomers* (explosão de bebês) as pessoas nascidas até o final da década de 40, com o final da Segunda Guerra Mundial, quando foram

concebidos, ou seja, na época em que os soldados voltaram para casa. Atualmente, os *Baby boomers* contam com mais de 65 anos e são os pais da Geração X, avós da Geração Y e bisavós da Geração Z (CIRIACO, 2009).

São considerados precursores da globalização, estabeleceram grande mudança social, incluindo o movimento *hippie*, o feminismo, os direitos civis, além de ideias libertárias e movimentos sociais e políticos. Adeptos ao ‘paz e amor’, música, arte, evolução humana, porém eram transgressores, rebeldes e contestadores por excelência (FAVA, 2014). No Brasil, ocorreram os festivais de música que eram formas de se expressarem político-ideologicamente contra a repressão e a censura imputadas pela Ditadura Militar. Nas relações de trabalho são leais, respeitam hierarquia, valorizam experiência e tempo de empresa e com isso, ocupam cargos de diretoria e gerência.

Não se deixam influenciar por modismos de marcas de produtos e primam pela qualidade de vida, desprezando quantidades e exageros. Possuem situação financeira estável. Inventores do ‘*workaholic*’ (priorizam o trabalho e são motivados pelas conquistas profissionais) e do ‘*coaching*’ (treinadores de pessoas para o desenvolvimento profissional), são trabalhadores tradicionais, pragmáticos e disciplinados. Atualmente, a maioria deles usufrui da aposentadoria e muitos retornaram às atividades profissionais tidas como ‘leves’ (BRITO, 2013).

4.2.2 Geração X

O termo Geração X foi cunhado pelo fotógrafo Robert Capa, em 1950 e é utilizado para rotular as pessoas nascidas após o chamado “*Baby Boom*”, que foi uma explosão da taxa de natalidade dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial (BALIAN, 2009). É a geração surgida em meados da década de 60, estendendo-se até o final dos anos 1970, também conhecida como *Slacker generation*. Por vezes, são incluídos também os nascidos até 1982.

No Brasil, essa geração foi marcada pelo movimento Diretas Já, pelo Impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, o aparecimento da AIDS e a queda do muro de Berlim. É a geração que viu surgir o computador pessoal, a Internet, o celular, a impressora, o e-mail, etc. e viu o mundo mudar drasticamente.

De acordo com Tapscott (2010):

[...] a Geração X considera o rádio, a tevê, o cinema e a Internet como mídias não especializadas, disponíveis para que todos acumulem informações e apresentem seu ponto de vista. (p. 26)

Entretanto, Fava (2014) salienta que:

Diferente do idealismo dos *baby boomers*, a geração X é individualista, menos confiável, pouco transparente, mais preocupada com seus interesses pessoais.

Lombardia (2008) afirma que:

[...] são conservadores, materialistas e possuem aversão a supervisão. Desconfiam de verdades absolutas, são positivistas, autoconfiantes, cumprem objetivos e não os prazos, além de serem 'Os hippies (no singular, hippie)' eram parte do que se convencionou chamar movimento de contra cultura dos anos de 1970. Muito criativos. (p.1-7)

A Geração X é caracterizada por certas resistências em relação às mudanças e a tudo que é novo. Preferem preservar sua cultura, sempre está em busca por seus direitos e liberdade, gostam de ler livros e respeitam autoridades e hierarquias (LOMBARDIA, op. cit.).

4.2.3 Geração Y

A Geração Y (também conhecida pelos nomes de Geração do Milênio, Geração Internet ou Digital, Geração Next) abrange as pessoas que nasceram em fins dos anos 80 mantendo-se até 2000. Nasceram em um período de prosperidade econômica e acompanharam a revolução tecnológica (OLIVEIRA; PICCININI e BITENCOURT, 2012). Esses jovens estão acostumados ao excesso de informações, ao tudo pronto. São também conhecidos pelo empreendedorismo, curiosidade e imediatismo.

De acordo com Lombardia (2008):

A integração dos Y às empresas está sendo especialmente complicada. Suas expectativas são novas e eles se consideram 'a geração excluída'. (...) Quase sempre são filhos únicos ou têm poucos irmãos. (p. 2)

Lombardia (op. cit.) observa ainda que:

Os Y são silenciosos e contundentes, parecem saber exatamente o que querem. Eles não reivindicam: executam a partir de suas decisões, dos blogs e dos SMS. Não polemizam nem pedem autorização: agem. (p. 5)

Para Tapscott (2010):

Há muitos motivos para acreditar que o que estamos vendo é o primeiro caso de uma geração que está crescendo com conexões cerebrais diferentes das da geração anterior. Há cada vez mais evidências de que os integrantes da Geração Internet processam informações e se comportam de maneira diferente porque de fato desenvolveram cérebros funcionalmente diferentes dos de seus pais. (p. 42)

Esse mesmo autor, afirma ainda que:

Os jovens da Geração Internet também não aceitam simplesmente o que lhes é oferecido. Eles são iniciadores, colaboradores, organizadores, leitores, escritores, autenticadores e até mesmo estrategistas ativos, no caso dos videogames. Eles não apenas observam, mas também participam. Perguntam, discutem, argumentam, jogam, compram, investigam, ridicularizam, fantasiam, procuram e informam. (p. 50)

Tapscott (2010) ressalta ainda que apresentam características como capacidade em fazer várias coisas ao mesmo tempo, um desejo constante por novas experiências e novas tecnologias, mantêm-se sempre conectados e atualizados e são questionadores.

4.2.4 4. Geração Z

A Geração Z (também conhecida como “nativos digitais”, *iGeneration*, Plurais ou *Centennials*) compreende os nascidos entre o fim de 1992 a 2010, e está ligada intimamente à expansão exponencial da Internet e dos aparelhos tecnológicos (TAPSCOTT, 2010). Em seu conceito de mundo, são desapegados das fronteiras geográficas e estiveram sempre imersos a um oceano de informações a fácil alcance. Os integrantes desta geração apresentam comportamento individualista e de certa forma antissocial, e um perfil mais imediatista. Também destacam uma certa excentricidade.

Esta geração está muito familiarizada com a rede mundial, com o compartilhamento de arquivos, com os aparelhos móveis de comunicação e estão sempre conectadas. É a geração que cresceu juntamente com o desenvolvimento da Web 2.0, ou seja, jovens e crianças que nunca viram o mundo sem computador (INDALÉCIO, 2015).

Fava (2014) assim caracteriza a Geração Z:

Garotos com muita atitude e limitado conteúdo, que apreciam ser assentidos, bajulados, reconhecidos pelo grupo. Jovem sem

discernimento de que não basta começar um movimento, é preciso saber terminar. Desconsideram o perigo de que, nas redes sociais, basta pouco para pequenos grupos se tornarem grandes e saírem do controle. (p. 86)

Tapscott (2010) afirma ainda que:

[...] eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia – de telefones a redes sociais – para fazer isso. Então quando a tevê está ligada, eles não ficam sentados assistindo a ela, como seus pais faziam. A tevê é uma música de fundo para eles, que a ouvem enquanto procuram informações ou conversam com amigos on-line ou por meio de mensagens de texto. Sendo telefones celulares não são apenas aparelhos de comunicação úteis, são uma conexão vital com os amigos. (p. 57)

Tal como as gerações anteriores, os jovens da Geração Z são inquietos e menos fiéis às marcas.

Ciriaco (2014) acrescenta que:

Seu mundo é tecnológico e virtual. Para eles é impossível imaginar um mundo sem internet, telefones celulares, computadores, *iPods*, *videogames* com gráficos exuberantes, televisores e vídeos em alta definição e cada vez mais novidades neste ramo. Sua vida é regada a muita informação, pois tudo que acontece é noticiado em tempo real e muitas vezes esse volume imenso acaba se tornando obsoleto em pouco tempo.

Os jovens Zs aprendem um assunto muito rápido mas possuem certa dificuldade de concentração, são vaidosos, e assim como a geração Y, sempre estão conectados, mas agora com aparelhos móveis.

Com relação a esse assunto, Rifkin (2001) adverte que:

Os psicólogos e sociólogos já estão começando a notar uma mudança no desenvolvimento cognitivo (consciência) entre jovens da chamada geração 'ponto-com' [...].

De acordo com Kämpf (2011),

os jovens dessa geração dão a impressão de terem nascido com um chip inserido no cérebro, já que parecem assimilar e fazer uso das novas tecnologias digitais de modo intuitivo, com muito mais aptidão do que os adultos.

4.2.5 Geração Alfa

Mark McCrindle (2013), sociólogo australiano, foi o primeiro a mencionar o termo "Geração 'M' de *mobile*", também conhecida como Geração Alfa, que

compreende os nascidos a partir de meados de 2010. Essa geração é composta por crianças que estão intimamente ligadas à mobilidade tecnológica, com a conectividade e ao conhecimento. Nasceram em um contexto global no qual as novas tecnologias estão bem mais desenvolvidas do que há dez anos. O uso dessas ferramentas tecnológicas, hoje, é diferente, os desafios ambientais são mais preocupantes e a quantidade de informações com as quais lidam no dia a dia nunca foi tão grande.

Para McCrindle (op. cit.) os indivíduos desta geração serão mais abastados que as anteriores. Afirma que:

[...] seus pais estão começando famílias mais tarde, com a idade médias de uma mãe em 30 anos, então eles tiveram uma década extra para acumular riqueza.

Esse mesmo autor alerta para maior incidência da ‘síndrome do imperador’ entre esses indivíduos quando assevera que:

Eles não vão crescer no mesmo arranjo afetivo familiar que as gerações anteriores viveram” “(...) serão uma ‘estrela’ de três anos de idade e crescerão com um senso de auto importância elevado” “(...) Serão uma sociedade narcisista e incrivelmente egoísta, querendo fluidez e liberdade para fazer o que quiserem e com o tipo de casamento contratual será a expressão máxima dessa geração. (p. 2)

Ao considerar o maior acesso à educação formal e em especial à informação, McCrindle (2013) observa que esta será a geração mais inteligente. Esta afirmação é ratificada pelas pesquisas de Flynn (2009), nas quais o desempenho nos testes que medem o quociente de inteligência (QI) mostraram um aumento de até vinte pontos a cada nova geração.

Flynn (2009) afirma ainda que:

[...] é inegável que as habilidades cognitivas vêm aumentando porque os testes provam isso. Porém, é preciso ver quais dessas habilidades estão aprimorando e se isso é realmente importante no dia-a-dia. (p. 145)

McCrindle (2013) pondera que a Geração Alfa fará uso da tecnologia de modo intuitivo, e “esse não foi o caso com a geração anterior que teve que fazer *logon* com nomes de usuários, esta geração pode apenas acessar – é *touch screen*, é tecnologia inteligente intuitivo que atravessa as barreiras linguísticas”.

A Fig. 4.2 abaixo ilustra de forma clara que as empresas já estão investindo em acessórios infantis integrando os bebês às novas tecnologias.

Figura 4.2 – A Geração Alfa inserida no mundo digital.

Fonte: <https://mundipad.com/fisher-price-levanta-controversia-con-su-nuevo-accesorio-para-el-ipad/>

4.2.6 Conflito entre as gerações

Nossa investigação, em virtude das diferentes características entre as gerações, deixou evidente que o convívio entre elas nem sempre é amistoso ou conflituoso. Ocorrem conflitos pontuais devido ao modo como seus integrantes são criados e educados, observando o contexto de realidade em que vivem, ou seja, cada geração possui um modelo mental, valores e culturas distintas. Desde que os indivíduos envolvidos estejam abertos à construir uma sociedade que prime pela constância, isso não inviabiliza um convívio harmonioso. Conforme aponta Damásio (2000), “convivência em sociedade, exige que se ponha razão e emoção na balança o tempo inteiro, para conseguir equilibrar os dois lados”.

De acordo com Lombardia (2008):

A convivência de diversas gerações no mercado de trabalho, como hoje está acontecendo, implica, de saída, a necessidade de incorporar a inovação, a criatividade, a flexibilidade nas tarefas próprias da gestão de pessoas. Se a situação já não fosse complexa em si, uma análise mais profunda exigiria ter em conta outras variáveis que também afetam a questão: Inegavelmente, a imigração influencia o mercado de trabalho e o aspecto socioeconômico de forma variada. (p. 1–7)

As características de uma geração são moldadas, principalmente, na fase juvenil, a qual é fortemente influenciada pelas mudanças culturais e tecnológicas. Mesmo quando os jovens estão em distintas condições de igualdade, é possível considerar alguns padrões comportamentais comuns a jovens inseridos em diferentes contextos sociais. Esta é a premissa do nosso trabalho para o estudo dos adolescentes em seu comportamento social e emocional na era da tecnologia.

Tabela 4.1 – Comparativos entre as características das gerações.

Geração	Baby-boomer (1946 – 1960)	Geração X (1960 – 1980)	Geração Y (1980 – 2000)	Geração Z (2000 – 2010)	Geração Alfa (2010 – atual)
Marca principal	libertários, otimistas	reativos	cívicos	adaptáveis, silenciosos	egoístas, narcisistas
Tecnologias da época	Rádio	TV = babá	crescimento das telecomunicações	expansão dos computadores	tecnologias móveis
Mundo	guerra do Vietnã crescimento econômico surto de TV em cores	guerra fria popularização do divórcio, HIV (aids), menos otimistas, mais autoconfiantes	popularização dos computadores, TV a cabo, Internet, novas tecnologias, globalização	explosão tecnológica, surgimento da word wide web, globalização	Conflitos mundiais, colapso na economia, saúde e educação, novos arranjos familiares
Perfil	liberdade, segurança, otimistas, redefinem normas e direitos civis	independentes, individualistas, empreendedores	plugados, trabalham cedo, mundanos, velocidade, instantaneidade	imediatistas, extremistas, individualistas, sedentarismo, obesidade, laços descartáveis	nascem conectados são mais atentos e observadores
Deficiências	tecnologias	habilidade social	foco, flexibilidade e paciência consumistas	relações interpessoais e familiares	excesso de informação, falta foco
Destaque	lealdade, competitivos, honram suas dívidas	1ª geração a dominar os computadores	habilidosos, socialmente conscientes volados para a natureza	criativos, colaborativos organização e uso inteligente do conhecimento disponível.	considerados mais inteligentes que as gerações anteriores
Trabalho	carreira sólida, fidelidade à empresa, permanecem por muitos anos na mesma empresa	obrigação em se ter uma vida estável	dinheiro representa atingir objetivo de vida	sinônimo de realização, satisfação pressa de reconhecimento e ascensão	ainda crianças
Velocidade	lentidão, tudo deve ser estudado e analisado	muito tempo, tudo é demorado e burocrático	profundidade, tudo é visto em detalhes	imediatismo, tudo é muito rápido	imediatismo exacerbado
Hierarquia	total obediência (se está acima, merece)	total obediência (se está acima, merece)	respeito (não merece, mas respeito o cargo)	legitimação (mostre que merece ser líder)	contestação (por que obedecer?)
Diferenciais	persistência e obsessão por crescer	busca de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional	movido a desafios com foco em resultados	não-linearidade e criatividade	agilidade
Desafios	autossuficiência, foco na estabilidade financeira	aversão a estruturas hierárquicas	ansiedade e dificuldade para vivenciar o processo	dispersão e falta de disciplina	manter o foco
Necessidade	segurança	qualidade de vida	hierarquia horizontal, um líder que compartilhe visão e paixão	algo inovador que envolva tecnologia	Interação <i>online</i> com o mundo, “religação” com o outro
Expectativa	construir estabilidade e realizar sonhos na aposentadoria	liberdade de pensar e agir, trabalhar e curtir a vida	novas possibilidade de desafios, para dar significado à vida	vivenciar várias experiências e sintetizar a realidade com rapidez	usar e ter todas as novidades tecnológicas
Frase	“Deixa que eu resolvo”	“Eu trabalho para viver, não vivo para trabalhar”	“Eu sou dono do meu nariz!”	“Eu sou plugado!”	“Eu quero agora!”

Fontes: Oliveira, 2012; Tapscott, 2010.

Elaborado por: Rogéria Mussio

A Tabela 4.1 apresenta um comparativo entre gerações dos séculos XX e XXI, destacando algumas características e o momento sociocultural em que se situam. Essa tabela ressalta características relevantes de cada uma das gerações, tanto para o convívio em sociedade como para o mercado de trabalho. Cabe a cada indivíduo buscar formas de integração com pensamentos e valores diferenciados, objetivando o desenvolvimento da tolerância, do juízo de valor, a fim de equilibrar possíveis conflitos que causam impactos negativos na evolução da sociedade.

4.3 Nativos digitais × imigrantes digitais

Prensky (2001) denomina de ‘imigrantes digitais’ aos nascidos até a década de 1980, os quais aprenderam ao longo da vida a utilizar as tecnologias. É claro que continuam conectados, porém sempre em busca de adaptação ao “período tecnológico” que vivemos. Contudo, baseiam-se nas formas tradicionais e analógicas da interação, ou seja, buscam informações primeiramente em livros e outras formas de mídia impressa, fato esse considerado inusitado para os nativos digitais, que são aqueles que nasceram após 1980, quando as tecnologias digitais já estavam *online*.

Esse mesmo autor identifica ainda as seguintes características dos imigrantes digitais, as quais qualifica por “sotaque”:

- imprimir e arquivar e-mails; documentos, editá-los e posteriormente realizar as alterações do mesmo no computador
- usar a Internet como segunda fonte de pesquisa;
- ler o manual do programa;
- apresentar pessoalmente determinado site ao invés de enviar o link da página;
- enviar um e-mail e em seguida ligar para informar o envio ou recebimento do mesmo;
- entender como “vida real” somente o que acontece *offline*.

Palfrey e Gasser (2011) detectam também as seguintes características dos nativos digitais:

- estão constantemente conectados;
- tem muitos amigos (reais e virtuais) encaram amizade e se reacionam de maneira diferente dos pais;
- compartilham praticamente tudo (com conhecidos e desconhecidos também);

- são extremamente criativos;
- se expressam de modo diferenciado;
- não fazem distinção entre as identidades *online* e *offline*.

Comparando as duas gerações, a dos 'imigrantes digitais' e a dos 'nativos digitais', vemos adultos originários de uma cultura passiva, receptores de conhecimentos e espectadores da revolução tecnológica digital (imigrantes digitais) e jovens constantemente conectados, desfrutando de todas as facilidades e possibilidades que a Internet oferece, sem preocupação de distinção entre o *offline* e o *online* (nativos digitais).

Prensky ainda ressalta diferenças ocorridas nos diversos padrões de pensamento entre os nativos digitais e os imigrantes digitais, as quais retratamos na Tabela 4.2.

Tabela 4.2 – Comparativo entre imigrantes e nativos digitais.

Imigrantes digitais	Nativos digitais
Admiradores do mundo digital tornam-se adeptos	Nascidos sob a era digital não conhecem outra época
Associam ao ambiente digital normas da era analógica	Fazem uso da linguagem digital de modo natural e preciso
Fazem uso de 'manuais' para uso das tecnologias	Utilizam as tecnologias com habilidades incríveis.
Sociabilização depende da forma/ambiente em que foram criados.	Sociabilizam-se tanto <i>online</i> como <i>offline</i> com a mesma rapidez e destreza.

Fontes: Prensky, 2001.

Elaborado por: Rogéria Mussio

Com todo esse embasamento teórico-prático desta nova geração, podemos observar uma quebra de paradigma, uma mudança na 'ordem natural' da vida ao presenciarmos, em várias situações, crianças e jovens educando tecnologicamente seus pais e avós, ou seja, os mais velhos recorrendo aos filhos, jovens e crianças solicitando auxílio para utilizar essas novas tecnologias.

4.4 Influência e impacto das redes sociais nos nativos digitais

Palfrey e Gasser (2011) destacam em seu livro que, embora as tecnologias digitais estejam presentes, nenhuma geração viveu ainda toda uma vida sob a era digital. Portanto, os impactos destas tecnologias ainda não são completamente

mensuráveis e identificáveis, haja vista que o panorama digital está ainda em crescente transformação e o modo como as tecnologias são usadas e as normas sociais também mudarão em proporcional velocidade.

Os autores argumentam ainda que parte da preocupação dos pais e professores dirigida aos nativos digitais deve estar na orientação da segurança e proteção de informações pessoais, de modo a desenvolver as habilidades necessárias para navegar em ambientes novos e híbridos. E sugerem estratégias utilizando como ferramentas principais a educação, desenvolvimento da tecnologia, normas sociais e a lei. Abordam também que outro aspecto a se considerar é a explosão da criatividade *online*, que deu origem a novas formas de expressão, mas que podem incorrer em riscos de violação de direitos autorais dos criadores, pois parte da atividade da criatividade *online* envolve a apropriação de material de outras pessoas sem permissão expressa, de modo que, por ignorância muitos violam as leis dos direitos autorais (pirataria, plágio, etc.).

Outro aspecto importante, destacado por Palfrey e Gasser (op. cit.), refere-se à qualidade das informações disponibilizadas na Internet. A maioria dos nativos digitais não leem jornal e têm acesso às notícias de novas maneiras e em grande variedade de formatos. Existem tantas fontes de informação e tantos serviços disponíveis, que é difícil distinguir as boas informações das ruins. Os efeitos negativos de se ter demasiadas informações vêm sendo chamados de tecno-estresse, e essa sobrecarga afeta adversamente a aprendizagem e as relações interpessoais.

Uma outra característica interessante nesta geração digital é que eles assistem menos televisão que seus pais e no uso do computador realizam tarefas diversas simultaneamente com várias janelas diferentes. Esta geração usa amplamente a interatividade e valoriza este recurso (TAPSCOTT, 2010).

Palfrey e Gasser (2011) sustentam que os nativos digitais:

apresentam o bom e o ruim no contexto e sugerem coisas que todos nós – pais, professores, executivos de empresas, legisladores – podemos fazer para lidar com este período de transição, extraordinário e globalmente conectado, sem destruir o que foi conquistado como tentativa de equilibrar a tomada de medidas efetivas para proteger nossos filhos, assim como os interesses de outros, e ao mesmo tempo permitir que esses mesmos jovens tenham espaço suficiente para descobrir coisas por si mesmos (p. 17).

Estes autores afirmam ainda que os ‘nativos digitais’ têm características diferenciadas para resolver os problemas que surgem de sua vida digital, simbolizado

por círculos concêntricos, como mostra a Fig. 4.3. Estes situam-se no centro, seguidos do círculo da família e amigos íntimos o que possibilita certa orientação no que concerne à segurança na Internet, superexposição ou desenvolvimento colaborativo de normas sociais e propriedade intelectual, por exemplo. O próximo círculo é constituído por professores e mentores que, naturalmente, têm o papel de maior importância e responsabilidade e que constantemente estão isolados de seus jovens pelas barreiras culturais e de linguagem. Ressalta-se aqui a importância e urgência dos pais e professores se valerem dos valores e do bom senso tradicionais e não seguirem sozinhos, mas caminharem lado a lado com os nativos digitais. O penúltimo círculo é formado pelas empresas de tecnologias que criam os softwares e oferecem serviços. O quinto e último círculo é formado pelas leis e as organizações de segurança, vistos como último recurso.

Figura 4.3 – Os nativos digitais e a vida digital.



Fonte: (PALFREY; GASSER, 2011, p. 20)

Para Tapscott (2010, p. 4):

em algumas famílias, os integrantes começaram a se respeitar mutuamente como as autoridades que de fato são. Isso criou uma dinâmica mais harmoniosa no âmbito das famílias. Se bem administrada pelos pais, essa dinâmica pode criar um núcleo familiar mais aberto, consensual e eficaz.

Este autor ainda alerta para as transformações que estão acontecendo no cérebro dessa nova geração:

Há muitos motivos para acreditar que o que estamos vendo é o primeiro caso de uma geração que está crescendo com conexões cerebrais diferentes das da geração anterior. Há cada vez mais evidências de que os integrantes da Geração Internet processam informações e se comportam de maneira diferente porque de fato desenvolveram cérebros funcionalmente diferentes dos de seus pais (TAPSCOTT, 2010, p. 42).

Carr (2011) discute em seu livro a natureza distrativa da Internet e pontua os seus problemas mais críticos, dentre os quais: o vício no seu uso; o aumento do uso da rede diminuiu o uso de outros meios de comunicação; o impacto negativo na memória, prejudicando a concentração mental. O autor afirma que a Internet é uma ferramenta que terá o papel de auxiliar a moldar a mente humana, pois está mudando a configuração neuronal.

Tapscott (op. cit.) denomina-os “*prosumer*”, ao avaliar as consequências ocasionadas pelos nativos digitais tanto no mercado como no consumo:

[...] os integrantes da Geração Internet estão transformando os mercados e o marketing, não apenas porque têm poder de compra e influência enormes. Eles também valorizam características diferentes de produtos e serviços e querem que as empresas criem experiências grandiosas. As maneiras que influenciam a si mesmos e a outras gerações são novas, e a mídia tradicional é ineficaz para atingi-los. (...) Em vez de consumidores, eles querem ser “prosumers” – recriando produtos e serviços com os fabricantes (p. 46).

Algumas características que diferenciam a Geração Internet das demais foram destacadas por este autor, como por exemplo:

- *Liberdade*: os jovens insistem na liberdade de escolha (deixe-me ser eu mesmo”);
- *Customização*: de produtos, serviços, mídias, emprego, etc. (“sou um em um milhão”);
- *Escrutínio*: apuração de informações. Deve-se oferecer à Geração Internet informações amplas e facilmente acessíveis sobre os produtos (“não acredite em tudo o que você lê, ouve ou vê”);
- *Integridade*: como sinônimo de transparência (“seja claro nas palavras e sincero nas ações”);
- *Colaboração*: são colaboradores naturais (“duas cabeças pensam melhor do que uma”);

- *Entretenimento*: associam o entretenimento a praticamente todas as experiências da vida, principalmente ao trabalho (“por favor, não me entedie”);.
- *Velocidade*: o imediatismo é outra característica natural destacada pelo autor em virtude de estar acostumada a respostas instantâneas (“quanto mais rápido, melhor”);
- *Inovação*: a novidade/renovação e a criatividade lhes é pertinente e ocorre em tempo real (“adeus ao velho, benvindo ao novo”).

Shapiro e Margolin (2013) esclarecem que, em geral, as motivações declaradas pelos adolescentes para a utilização das redes sociais são bastante semelhantes às formas mais tradicionais de comunicação para ficar em contato com amigos, fazer planos, conhecer melhor as pessoas e apresentar-se aos outros. Porém, destacam que as redes sociais se cruzam com as tarefas essenciais do desenvolvimento psicossocial do adolescente, especificamente de associação com seus pares, qualidade da amizade e o desenvolvimento de identidade. Argumentam ainda que as evidências sugerem que os adolescentes socialmente habilidosos, em especial, beneficiam-se do uso das redes sociais. Entretanto, vários custos potenciais do uso das redes sociais também surgem, tais como a pressão da autorrevelação, o potencial para uma quantidade desproporcional de *feedback* negativo e a possibilidade de comparações sociais insalubres.

As redes sociais são frequentemente usadas pelos adolescentes para compararem a si próprios com os seus pares. Tais comparações possuem grande impacto no autoconceito dos adolescentes. O estudo de Chou e Edge (2012) revelou que os adolescentes que utilizam o Facebook e acompanham as postagens e fotos de seus contatos na rede acreditam que os outros são melhores e possuem uma vida mais feliz que a sua. Os que passavam mais horas por semana e há mais tempo eram ainda mais propensos a esta opinião, mesmo gastando mais tempo para sair com os amigos. Haferkamp e Kramer (2011) mostraram que adolescentes do sexo feminino relatam uma imagem corporal mais negativa depois de compararem imagens de pessoas bonitas contra outras menos atraentes nas redes sociais.

Park, Song e Lee (2014) em estudo realizado afirmam que os efeitos do uso excessivo das redes sociais bem como *sites* de redes sociais sobre jovens estudantes coreanos e chineses residentes nos EUA, indicaram que os alunos que utilizam o

Facebook demonstram um menor grau de estresse e um maior grau de bem-estar psicológico em comparação com outros grupos do estudo.

O professor de psicologia Larry D. Rosen, da Universidade Estadual da Califórnia, aponta ainda como aspecto positivo das redes sociais que os relacionamentos virtuais ajudam adolescentes introvertidos a se socializar (ROSEN, 2013). Além disso, apresentam ferramentas de ensino atraentes, capazes de promover o engajamento de jovens estudantes.

Na próxima seção serão discutidos os aspectos positivos e negativos nas redes sociais aos quais os adolescentes podem estar sujeitos.

4.5 Aspectos positivos e negativos das mídias digitais na adolescência

Como destacado na seção anterior, existe uma grande preocupação dos pais e professores com a influência do uso das tecnologias digitais e das redes sociais virtuais, principalmente com os nativos digitais da Geração Z. Nesta seção, vamos abordar os adolescentes da “*geração digital*”, analisando os aspectos e impactos positivos e negativos que os usos comedidos e excessivos da Internet que acarretam possíveis efeitos na formação dos jovens do século XXI. Nesta dissertação, o termo mídia digital compreende de forma generalizada toda tecnologia digital com acesso à Internet.

Ao considerarmos historicamente a Internet, inferimos não ser esta algo novo. Novas são as facilidades de acesso, com o advento das tecnologias em rede, *wireless* ou Wi-Fi, ‘sem fio’, do tipo 3g e 4g, e a intensidade de uso que os jovens fazem dela. Boyd (2014) revela que as novas tecnologias estão diretamente relacionadas às mudanças ocorridas nos ambientes sociais, culturais e cotidianos dos jovens nos últimos séculos.

Segundo Filipe (2014), com o advento da Internet ocorreu a grande transformação no paradigma da disposição de informação, pois as fotografias impressas em papel apropriado tornaram-se arquivos digitais e ficam armazenadas na ‘*cloud*’, os bate-papos transformaram-se em *chats*, as impressões boas ou más,

equivocadas ou não, as mensagens de relacionamentos interpessoais ficam disponíveis ao público, as mensagens de carinho ou afeto são expressadas em *likes* e as de desafeto pelo bloquear...

Afonso (2014) afirma que, ao contrário dos meios de entretenimento de massa que surgiram anteriormente, como a televisão, o cinema, e a música, que reuniam as pessoas em multidões, a Internet criou um novo tipo de experiência de massas: distribuiu e separou as pessoas, cada uma com o seu computador, teclado, *mouse*, *webcam*, etc. E cada uma com o seu IP, que é uma identificação de um dispositivo computador, impressora, etc.

Conforme Turkle (2011) argumenta:

A tecnologia é sedutora quando o que oferece preenche nossas vulnerabilidades humanas. E somos, realmente, bastante vulneráveis. Somos solitários, mas temos medo da intimidade. As conexões digitais oferecem a ilusão de estarmos acompanhados, contudo sem as demandas da amizade. Nossa vida virtual permite nos escondermos uns dos outros, mesmo quando estamos interessados. Preferimos teclar a falar. (p. 286).

De qualquer modo, vamos contemplar aspectos positivos que o uso das mídias sociais proporciona aos jovens, como por exemplo, a autoexpressão e construção da identidade, a proximidade, a manutenção e expansão dos relacionamentos (AUTY e ELLIOTT, 2001).

A proximidade com os amigos também é um fator considerável nesta fase uma vez que a comunicação mediada por computador promove o 'efeito de desinibição', conforme afirma Suler (2004), e com isso, os jovens se aproximam e se 'conhecem' *online*, o que reduz a necessidade da presença física.

A diminuição da presença física é apontada como vantajosa por Barg e McKenna (2004) na aceção dos jovens poderem optar por sua identificação ou não, além de revelarem apenas os traços que desejarem, o que proporcionará segurança para exprimirem futuramente os sentimentos e sensações mais íntimos que muito possivelmente não fariam se estivessem fisicamente presentes.

Sobre os relacionamentos virtuais, Prioste (2013) detectou algumas particularidades:

- os adolescentes estabelecem, prioritariamente, contatos com pessoas de seu círculo social;

- através da Internet os jovens podem se expressar mais livremente e encontrar os que partilham de gostos similares;
- podem controlar melhor como se apresentar ao outro facilitando a paquera;
- facilita o exercício da fantasia, do exibicionismo, do voyeurismo.

Contudo, um conjunto de problemas que o uso excessivo das mídias gera se apresenta como contraponto aos aspectos positivos citados como, por exemplo, a dependência das mídias sociais digitais, o isolamento, a inibição, o *ciberbullying*, o *sexting*, o *grooming*, o *selfbullying*, a dispersão e a superexposição são alguns dos aspectos negativos (PRIOSTE, 2013).

King et al. (2014) se utilizaram do termo ‘nomofobia’ (*no-mobile-phobia*) utilizada para expressar o desconforto e até mesmo o medo de se comunicar vivido pelo usuário quando está sem o aparelho ou sem Internet. A dependência das mídias sociais vem sendo tratada como transtorno de dependência à Internet e apesar de não constar como doença propriamente dita no catálogo internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde, tem sido considerada uma ‘doença social’. Várias são as consequências que o uso excessivo das mídias acarreta nos indivíduos, como perda de sono, baixo autoconceito, fobias sociais, solidão, isolamentos, reclusão emocional, obesidade, sedentarismo.

A seguir, apresentamos uma discussão sucinta sobre os aspectos positivos e negativos do uso da Internet, segundo as pesquisas científicas mais recentes.

4.5.1 Aspectos positivos

Segundo Arab e Díaz (2015), o uso controlado e supervisionado de redes sociais na adolescência tem mostrado benefícios importantes, associados ao desenvolvimento de sentimentos de competência, geração de elementos educativos, reforço de relações criadas *offline*, educação sexual, promoção e prevenção na saúde (tabaco, álcool, drogas, hábitos alimentares, condutas sexuais) e apoio em áreas acadêmicas, entre outros.

O trabalho de Lönnqvist e Deters (2016) mostrou que, em países ocidentais típicos, o número de amigos do Facebook está positivamente associado com o bem-estar e com autoavaliações positivas dos aspectos cognitivos e afetivos.

Dentre as principais contribuições do uso das redes sociais na adolescência, destacam-se a autoexpressão, a construção da identidade e a expansão dos relacionamentos, as quais serão mais discutidos a seguir.

4.5.1.1 Autoexpressão e construção da identidade

Conforme Zagury (1997), a fase da adolescência é, em geral, a fase da construção/consolidação da identidade e do comportamento, marcada por longos períodos de letargia e outros tantos de extrema euforia, atrelados a grandes mudanças quer físicas, comportamentais como psicológicas.

De acordo com Amante et al. (2014) em artigo sobre jovens e processos de construção de identidade na rede, encontrar respostas para as perguntas — “O que me define? De que gosto? Como sou? Pelo que me interesso? O que defendo? Quem sou eu?” — é o grande desafio psicológico dos adolescentes.

A formatação da identidade é influenciada por fatores intrapessoais, que correspondem às capacidades inatas do indivíduo, características adquiridas da personalidade; de fatores interpessoais, que se referem a identificação com outro e de fatores culturais, que envolvem os valores sociais a que o indivíduo é exposto quer globalmente quer na comunidade em que está inserido até a tomada de consciência sobre quem é, seu individualismo e sua função na sociedade (AMANTE et. al., 2014).

Erikson (1972) denomina a busca do “eu” por parte do adolescente de “crise de identidade”, ou seja, a fase em que o jovem assume várias identidades provisórias de acordo com os contatos, os diferentes grupos e valores, vai ‘moldando’ assim, seu “eu” definitivo. Importante salientar que ao referir-se à crise, Erikson considera esta como ‘alteração no desenvolvimento normal de algo’ e não embate, luta, hostilidade.

Construir uma identidade, para Erikson (1972), implica definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

Segundo Kimmel e Weiner (1998 apud SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003), quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. De outro lado, quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreende menos as pessoas como distintas.

Medeiros (2008) ressalta que o adolescente, através do ciberespaço, pode realizar seus ideais, pode ser visto, pode até ver e até se passar por outra pessoa, e assim os desejos de onipotência vão se concretizando. Pode se dizer que a Internet é um meio fácil, não só de expor os conteúdos desejados, como também de participar deles e pelo tempo almejado.

Tosun e Ljunen (2009) destacam que o uso da Internet e das redes sociais permite que o adolescente possa se expressar de forma anônima, o que é muito atrativo para quem está lidando com o desenvolvimento da identidade e do autoconceito, proporcionando a oportunidade de se apresentarem a um grupo de pares e assim obterem *feedback* e afirmação.

Lam et al. (2009) reforçam que os adolescentes podem utilizar a Internet como um modo de lidar com o estresse, a fim de se distrair das experiências geradoras de tensão.

Valkenburg e Peter (2009) preconizam que os efeitos positivos do desenvolvimento da competência social de alguns jovens devem-se ao fato dos mesmos se envolverem, mais regularmente, *online*, em experiências de identidade na Internet, com pessoas de diferentes culturas.

Grieve et al. (2012) afirmam que a oportunidade de desenvolvimento e preservação das relações *online* que o Facebook proporciona está diretamente relacionado a níveis elevados de satisfação com a vida e menores taxas de depressão e ansiedade entre os jovens.

Auty e Elliott (2001) consideram que a autoexpressão é um estímulo relevante para os jovens na construção da identidade, fase esta em que muitos jovens fazem uso das mídias sociais como ferramentas facilitadoras de experimentos de identidade e expressão perante o grupo.

Zhao et al. (2008 apud AMANTE et. al., 2014) ponderam que a construção da identidade se faz através de diferentes modos de autoapresentação, dentro das redes sociais, dando especial destaque ao Facebook, que tem se revelado um fenômeno incontornável, com impacto poderoso sobre a vida dos jovens e da sociedade em geral.

Na Fig. 4.4 abaixo, trazemos as diferentes formas de autoapresentação resultante do trabalho de pesquisa realizado por Zhao et al. (2008). De acordo com Amante et al. (2014), temos por *autoapresentação visual*, a busca de afirmação através dos outros, ou seja, “conheçam-me através dos meus amigos”; é o ‘eu ator

social'. A *autoapresentação enumerativa* ou *cultural* revela as preferências e gostos listando as músicas, filmes, livros ou séries de TV preferidas. Este é o "eu cultural". A *autoapresentação narrativa* envolve as descrições verbais de si mesmo e é claramente explícita, embora variando consoante a narrativa de autodescrição que os jovens usam para falar de si.

Figura 4.4 – Modelo de autoapresentação proposto por Zhao et al. (2008).



Fonte: Adaptado de Zhao et al., 2008.

Com base nos pontos destacados, nossa pesquisa será conduzida para investigar a expansão dos relacionamentos, aspectos e negativos e positivos das mídias sociais, a dependência tecnológica, visando compreender o impacto das redes sociais nas relações, emoções e comportamentos dos adolescentes.

4.5.1.2 Expansão dos relacionamentos

Leitão e Costa (2005; p. 444) ressaltam que entre os adolescentes, as redes sociais são utilizadas como uma nova fonte de prazer e um agradável espaço de vida, onde compartilham sentimentos, queixas, dão depoimentos e conselhos, buscando minimizar suas ansiedades, frustrações e incompreensões.

Pirollo e Colaboradores (2009) acrescentam que a internet modifica o termo amizade, que não representa somente quantidade, visto que se torna cada dia menor, o número de amigos que permitem o contato físico; assim as preferências e escolhas ficam ligadas ao mundo virtual e visível a quem puder e quiser ver.

Prioste (2013) afirma que:

(...) as redes sociais, para os jovens, tanto podem favorecer laços, fortalecendo vinculações intersubjetivas, quanto produzir embaraços, dependendo da maneira e da intensidade que é usada. Alguns adolescentes utilizam as redes sociais para aprofundar seus relacionamentos, interagir com pessoas conhecidas, expressar ideias e sentimentos (...). Por outro lado, há o risco da excessiva exposição da intimidade, a dificuldade no discernimento entre o eu e o outro, entre o interior e o exterior, criando-se significativa dependência em relação à imagem especular bidimensional de si e a necessidade de aceitação pelo Outro virtual. (p. 177)

Boyd (2008) considera que é no mundo online que os adolescentes mostram o seu verdadeiro “eu”. Para eles não há diferença entre os mundos real e virtual e tampouco nos relacionamentos virtuais de amizade, pois acreditam que esses apresentam as mesmas características dos relacionamentos presenciais, ou seja, trazem em si a sintonia, o ombro amigo nas horas mais difíceis além da presença constante apesar da ausência física.

Conforme mencionado anteriormente, Tapscott (2010) acrescenta ainda:

[...] eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia – de telefones a redes sociais – para fazer isso. [...] Seus telefones celulares não são apenas aparelhos de comunicação úteis, são uma conexão vital com os amigos. (p. 53)

Ticianelli (2009) considera que:

As redes sociais ou sites de relacionamentos foram criados com a ideia de reunir amigos através da internet, onde você pode trocar todos os tipos de arquivos e informações com seus amigos e também com desconhecidos. A maioria dos jovens possui uma conta em um ou mais sites. Fazendo parte de suas rotinas escreverem scraps (recados) a seus amigos, adicionarem nestes sites fotos da festinha do fim de semana, ou mesmo manterem contato constante com amigos (as) e namorados (as). (p. 43)

De acordo com Telles (2011):

[...] redes sociais são ambientes cujo foco é reunir pessoas, os chamados membros, que, uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados como fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos [...] são sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos. (p. 17–19)

O mundo virtual é um espaço onde o adolescente busca acolhimento, compreensão, companhia, saciando os ideais de relacionamento, autoafirmação, identificação e pertença.

Sobre esse aspecto Berger e Luckmann (2008) afirmam:

Nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face. Somente aqui a subjetividade do outro é expressivamente “próxima”. Todas as outras formas de relacionamento com o outro são, em graus variáveis, “remotas”. (p. 47)

Por outro lado, Lipovetsky (2007) afirma que:

Estudos recentes mostraram que as relações virtuais não ameaçam as relações pessoais: elas o completam, os indivíduos que costumam utilizar os serviços da internet continuam a manter relações fora da

rede ou procuram ampliar seu horizonte de encontros reais. [...] por ora, não há perigo real referente às inclinações à sociabilidade, tendo o desenvolvimento do virtual e das mídias mais probabilidades de reforçar a importância vivida dos contatos diretos que de depreciá-los. (p. 146)

É inegável que as redes sociais desempenham um importante papel e favorecem o reencontro e a aproximação entre pessoas. Porém, mostram de maneira desnudada a fragilidade dos nossos estados emocionais, sucesso e bem-estar, onde constantemente buscamos apoio e aprovação através de comentários e imagens para elevação de nosso autoconceito.

Além disso, parte das relações estabelecidas neste ambiente são superficiais e instáveis, formando-se e rompendo-se com grande rapidez, e muitas vezes forjadas por interesses momentâneos.

4.5.2 Aspectos negativos

Há vários tópicos importantes na literatura sobre redes sociais que merecem ser mencionados pela sua relevância para o desenvolvimento dos adolescentes. Muitos deles estão fora do escopo desta dissertação. Entretanto, uma breve abordagem sobre alguns destes tópicos é apresentada aqui.

4.5.2.1 Dependência tecnológica

Conforme dito anteriormente, a adolescência é uma fase de grandes transformações físicas, consolidação da autoimagem e construção da identidade. É justamente a fase que os jovens têm mais tempo livre para se dedicarem às atividades que lhes proporcionam satisfação e alegria, ou seja, explorar novas situações, sensações. A dimensão tomada pela Internet nos dias atuais tem absorvido grande parte, senão praticamente todo o tempo livre que dispõe a juventude, criando severos impactos na vida desses jovens.

Tao et al. (2010) afirmam que o uso de jogos eletrônicos, vinculado à psicopatologia, pode ser considerado um comportamento desadaptativo quando são apresentados sinais de excesso na utilização de tais tecnologias. Isso ocorre quando o comportamento aditivo afeta o sujeito de forma que ele se encontre incapaz de

controlar a frequência e o tempo diante de um comportamento que antes era considerado inofensivo.

Segundo Young et al. (2011), o problema de uso excessivo da Internet é relativamente novo, mas vem ganhando atenção pelas implicações que provoca sobre os adolescentes. Cada vez mais, jovens e adultos têm acesso facilitado à Internet e passam horas e horas no mundo virtual o que dificulta muito o diagnóstico de vício.

Abreu et al. (2008) destacam que a Internet e os jogos eletrônicos tornaram-se ferramentas de uso amplo e irrestrito, transformando-se num dos maiores fenômenos mundiais da última década. Seu uso sadio e adaptativo progressivamente deu lugar ao abuso e à falta de controle, causando sérios impactos no dia-a-dia dos usuários. Por exemplo, Guedes (1999) afirma que a sociedade atual está cada vez mais sedentária. As crianças e os adolescentes estão substituindo atividades lúdicas (que envolvem esforço físico), pelas novidades eletrônicas.

Fonte (2008) adverte que são vários os indícios que mostram a dependência do adolescente, tais como, preocupação com a Internet quando está *offline*; necessidade contínua de usar a Internet; necessidade de usar a Internet para fugir dos problemas como culpa, insegurança e ansiedade. Mentir como forma de acobertar o uso da Internet; comprometimento social e motor; sensação de viver um sonho ao utilizar a Internet.

Os resultados do estudo de Banjanin et al. (2015) com estudantes do nível médio indicaram que a utilização da Internet e o nível de vício/dependência da Internet medido com estão positivamente correlacionados com sintomas depressivos. Porém, neste trabalho não foi encontrada nenhuma relação existente entre depressão e o tempo gasto com redes sociais. As razões para a relação entre depressão e uso da Internet encontradas na investigação parecem estar mais ligadas a outros aspectos do uso da Internet, como checar mensagens constantemente, navegação na rede e jogos de computadores *online*, afetando substancialmente os estados de humor.

Espinar, Zych e Rodríguez-Hidalgo (2015) investigaram o uso de mídias digitais entre casais jovens espanhóis, constataram o seu elevado uso para a comunicação como forma de relação interpessoal entre eles e concluíram que existe uma correlação significativa entre as cibermídias e a dependência emocional. Neste contexto, a Internet se converteu também em um local onde os jovens vivem suas relações de casal, virtualizando a afetividade e propiciando o surgimento de uma ciberconduta amorosa.

4.5.2.2 Vulnerabilidade afetiva

Sem sombra de dúvidas, as inúmeras possibilidades de conexão digital representam uma surpreendente conquista para a humanidade do século XXI. Da mesma forma, a gana de estar conectado o tempo todo e, principalmente, com todos, fez com que o indivíduo se isolasse cada vez mais, criando para si um mundo fantástico, verdadeiramente harmonioso, porém, virtual (FAVA, 2014).

Segundo Freire (2000), a afetividade é essencial não apenas para o funcionamento do nosso corpo, mas constitui um fator essencial no processo de nosso desenvolvimento. E é claro que, dependendo da perspectiva, há diversos significados para o termo afetividade, tais como: atitudes e valores, comportamento moral e ético, motivação, interesse, desenvolvimento pessoal e social, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções.

A afetividade é a energia que move os sujeitos e é na relação com o outro que o indivíduo se delimita como pessoa e mantém-se em permanente construção. Por isso, atualmente, este é um tema explorado em todos os campos da sociedade, uma vez que a afetividade interfere diretamente em todas as relações do ser humano. É claro que antes da era digital, as relações sociais eram mais próximas; o que se observa, atualmente, é um distanciamento tanto físico como emocional nas relações.

Em contrapartida, jovens se utilizam cada vez mais das mídias sociais como forma de estabelecer suas relações humanas, abolindo as barreiras espaciais e temporais de limitador de encontro. Não é raro jovens passarem a maior parte de seu tempo interagindo com computadores do que com outros jovens, o que revela uma nova modalidade de comunicação/interação.

Boniell-Nissim e Barak (2011), ao realizarem pesquisa com adolescentes que apresentavam dificuldades socioemocionais, observaram significativas mudanças nas condições aflições iniciais dos jovens que se submeteram à experiência de manter um blog ('diário' virtual no qual podem ser compartilhados todos interesses e gostos a qualquer momento).

Considerando esta a melhor forma de atenuar tensões, liberar o estresse emocional, esses jovens puderam escancarar seus sentimentos e angústias ao permitir interatividade dos leitores, resultando num aumento da autoconceito ao sentirem satisfeitas as necessidades críticas de interações sociais, autorrevelação e exploração de identidade, além da diminuição do nível de estresse emocional.

Rosa (2012) ressalta a importância de se considerar o contexto cultural desses jovens, tomando cuidado para não generalizar, uma vez que as relações interpessoais nos lares brasileiros são permeadas pela afetividade e pelo contato físico muito mais que em outras culturas.

Indiscutivelmente, o advento da Internet e das redes sociais proporcionou-nos proximidade e rapidez nas comunicações, mas também um afrouxamento nos elos reais. É justamente diante de toda essa ‘tecnologia conversacional’ que dispomos, que nos confrontamos com um grande sentimento de solidão e isolacionismo.

Turkle (2011 apud OTERO, 2013) destaca que atualmente as pessoas estão inseguras em relação aos relacionamentos e ansiosas a respeito de aspectos da intimidade e, portanto, poderiam apelar para a tecnologia como alternativa de estarem em um relacionamento e de se protegerem dele ao mesmo tempo.

Grieve et al. (2012) em sua pesquisa, identificam a importância da conexão social no sentido de que a utilização do Facebook pode proporcionar oportunidade de desenvolver e manter maior satisfação com a vida e está associada a menor incidência de depressão e ansiedade.

Bonetti et al. (2010) revelaram em seus estudos que as crianças e adolescentes que se autorrelataram “solitários” comunicam-se *online* mais frequentemente sobre temas pessoais e íntimos do que aqueles que não se declararam solitários. Os primeiros foram motivados a usar a comunicação *online* numa frequência significativamente maior para compensar suas habilidades sociais e conhecer novas pessoas. Os resultados sugerem que o uso da Internet lhes permite satisfazer as necessidades críticas de interações sociais, autorrevelação e exploração de identidade.

Kim (2016) investigou em seu estudo o quanto o uso das mídias está associado com o bem-estar psicológico de adolescentes. Os dados mostraram que a rede social está negativamente associada com o estado psicológico dos estudantes coreanos, medido em termos de problemas mentais autorrelatados e pensamento suicida.

Courtois, All e Vanwynsberghe (2012) realizaram um estudo sobre o uso de páginas de perfis *online* por adolescentes para conhecer mais sobre amigos *offline* e conhecidos. Os resultados demonstraram que os adolescentes socialmente ansiosos se beneficiam de *sites* de redes sociais, obtendo as condições certas para construir uma relação mais sólida com seus amigos. Concluiu-se que as redes sociais

desempenham um papel importante na comunicação interpessoal cotidiana dos adolescentes de hoje.

Valkenburg, Jochen e Schouten (2006), em pesquisa realizada com 881 adolescentes holandeses entre 10 e 19 anos, investigaram a relação entre amigos em redes sociais. Constataram que a frequência com que os adolescentes recebiam *feedback* sobre seus perfis e o tom (positivo ou negativo) deste *feedback* reforçava ou diminuía a "autoconceito" social e bem-estar dos jovens.

Van den Eijnden et al. (2014) compararam o uso das redes sociais e o desempenho diário dos adolescentes através de entrevistas com 268 alunos do ensino médio. Destes, 63% relataram ter a sua própria página de perfil com aproximadamente 196 contatos (amigos), a maioria dos quais eram seus pares conhecidos, 39% admitiram baixo rendimento na escola e 37% reconheceram já ter perdido o sono pelo menos uma vez porque foram visitar um *site*.

López e Rodríguez-Cárdenas (2014), em sua investigação, asseguram que a amizade entre os jovens se constrói a partir de quatro categorias: empatia, intimidade, contribuição ao crescimento pessoal e incondicionalidade. Esclarecem ainda que as redes sociais além de contribuírem para o estabelecimento de novas amizades ao facilitar a comunicação quando são necessárias habilidades sociais, ajudam na manutenção das relações de amizade, principalmente porque superam os limites espaço-temporais.

Rosado e Tomé (2015) afirmam que essa nova geração nativa dos ambientes digitais tende mais a reproduzir e compartilhar conteúdos de terceiros do que produzir seus próprios. Partindo dessa conclusão, salientam a importância de escolas, pais e professores conhecerem o que esses jovens fazem nas redes, sobretudo, utilizando-as em seu cotidiano, pois, nesses novos espaços é que a subjetividade e a sociabilidade de seus alunos/filhos estão sendo construídas, cada vez mais cedo. Ou seja, usar um conteúdo já aceito por outros é mais confortável emocionalmente, pois críticas tendem a ser menores. Por isso, os responsáveis devem estar atentos sobre a personalidade dos adolescentes e seus mecanismos de expressão.

Campbell, Cumming e Hughes (2006) oferecem, com seu estudo, uma compreensão alternativa, sugerindo que a Internet pode ser utilizada como um fórum para expansão de redes sociais e, conseqüentemente, aumentando a chance de relações significativas, autoconfiança, habilidades sociais e de apoio social, além de significar uma oportunidade para os mais 'solitários/tímidos' ensaiarem o

comportamento social e habilidades de comunicação, melhorando a interação presencial.

Subrahmanyam e Lin (2007), em pesquisa com 156 adolescentes entre 15 a 18 anos, analisaram a relação entre a atividade *online* e seu bem-estar psicológico, baseado na solidão autorrelatada e no apoio social encontrado nas pessoas significativas, e concluíram que, aparentemente, nos momentos de necessidade obtiveram maior apoio num relacionamento *online* que nos próprios pais.

Refletindo sobre as questões, até aqui levantadas, nosso trabalho tem por objetivo investigar a relação entre comportamento/ansiedade social e comunicação *online* em adolescentes e como lidam com suas emoções. Neste sentido, nenhum trabalho correlato foi encontrado na literatura até o momento.

Nas próximas subseções serão comentados outros aspectos negativos das mídias sociais, os quais podem apresentar-se de maneira mais evidente e até agressiva ao indivíduo.

4.5.2.3 Cyberbullying

Muito tem-se falado e estudado sobre *bullying* que podemos definir, a grosso modo, como toda e qualquer agressão intencional e recorrente, seja física ou psicológica praticada presencialmente.

Paralelamente ao *bullying*, e em função da via pela qual é praticado, surge o *Cyberbullying* que ocorre através dos aplicativos de comunicação instantânea, pela facilidade e gratuidade de uso, os agressores valendo-se do anonimato que a comunicação virtual proporciona, transmite mensagens de conteúdo pejorativo sobre a vítima com o objetivo de atingi-lo moralmente.

De acordo com Dehue, Bolman e Vollink (2008) e Tokunaga (2010 apud FIGUEIREDO, 2015), para que o comportamento agressivo seja considerado *cyberbullying* devem ser satisfeitas três condições: repetição do comportamento; causar dano a alguém; ser levado a cabo com intencionalidade.

As vítimas geralmente apresentam distúrbios alimentares, de sono, mudanças de comportamento, afastamentos, baixo rendimento acadêmico, mudança de comportamento, desinteresse geral. Ocorre que, como mencionado anteriormente, os adolescentes vivenciam diversas fases onde tais alterações, até certo ponto, são

consideradas ‘normais’ o que dificulta muito a constatação do fato podendo levar a vítima ao suicídio em casos mais severos.

4.5.2.4 Grooming

Ainda tratando de exposição à violência através da Internet e das redes sociais, esta é mais uma das situações em que muitos jovens se deparam, muitas vezes, por falta de atenção ou até mesmo orientação/supervisão dos responsáveis.

Grooming são artifícios utilizados por aliciadores que se prevalecem do anonimato e da falsa identificação, através das redes sociais, passando-se por jovens da mesma idade, ganhando a confiança e o controle desses sujeitos com único intuito de abuso sexual.

De acordo com pesquisas feitas pela ONU, alguns criminosos chegam a ter até 200 conversas com menores em suas listas de chats, redes sociais ou mensagens instantâneas. Segundo Arab e Díaz (2015), as etapas que constituem o *grooming* são:

1. *Amizade*. Conquistada pelo abusador através de conversas ‘*online*’ recorrentes onde ‘trocam’ informações pessoais e familiares do jovem, sempre se apresenta como amigo confidente e confiável, obtém total e irrestrita confiança do sujeito.
2. *Relacionamento*. Nesta etapa, já com conhecimento das possíveis carências e necessidades do jovem, o abusador passa a ser um admirador e parte para a conquista amorosa ainda em um relacionamento virtual, porém mais íntimo e, principalmente, secreto. Passa a solicitar ‘*nudes*’ (fotos do jovem nu), imagens de partes íntimas do corpo e atos libidinosos.
3. *Chantagem*. A chantagem é iniciada através de ameaças de prejudicar a família, publicar as imagens enviadas com objetivo de obter cada vez mais material pornográfico ou em casos mais graves, convencem o jovem a encontrar-se pessoalmente e abusa dele sexualmente.

4.5.2.5 Sexting

Com a facilidade de acesso às redes sociais através dos celulares e *smartphones*, o adolescente julga estar num ‘plano privativo virtual’ e se esquece que a Internet é uma rede mundial de computadores e ainda que as mídias pelas quais

tenha acesso à rede sejam de uso individual, todo o conteúdo compartilhado está na iminência de se tornar público.

Arab e Díaz (2015) esclarecem que *sexting* consiste no compartilhamento de fotos do jovem nu, seguida ou não de textos de conteúdo pornográfico, através de celulares e *smartphones*.

Ressaltam que esses jovens estão arriscados a terem essas fotos publicadas na rede mundial de computadores e viralizarem acarretando consequências desastrosas a curto e longo prazo.

4.5.2.6 Self cyberbullyng

A expressão '*self cyberbullyng*' nasceu para nominar a mais nova forma de autoagressão virtual intencional que vem sendo praticada pelos jovens para saírem do anonimato, conquistarem atenção e afeto dos que o rodeiam, conforme definem Boyd (2010) e Englander (2012 apud FIGUEIREDO, 2015).

Essa prática consiste num conjunto de comportamentos, de difícil percepção, onde quem comete o crime e a vítima são a mesma pessoa, esclarece Fowler e Christakis (2010 apud FIGUEIREDO, 2015).

Agraciados com o anonimato promovido pelas redes sociais, esses jovens, diante da necessidade de autoafirmação, melhoria da autoconceito, por sentirem-se isolados, carentes, desprotegidos publicam mensagens insultuosas, fazem comentários negativos sobre si mesmos com o intuito de se sentirem parte do grupo.

Consequentemente, os efeitos provocados são devastadores como baixa autoconceito, processos depressivos e em casos mais agudos, suicídio.

4.5.2.7 Distúrbios do sono e distúrbios acadêmicos

O uso do computador pelos adolescentes, incluindo o uso da comunicação mediada por computador, tem sido relacionada com perturbações no sono (XANIDIS e BRIGNELL, 2016). Estudos sobre a qualidade de sono com usuários intensivos vêm demonstrando que o uso excessivo está associado a uma pior saúde, cansaço ao acordar, menos horas de sono e sono mais irregular, e maior sonolência diurna. Pesquisas demonstram que usar computadores antes de dormir provoca distúrbio do sono em adolescentes (CHOI et al., 2009; CAIN e GRADISAR, 2010).

Há evidências recentes de que o uso intenso das redes sociais pode prejudicar o desempenho escolar. Estudos mostram que estudantes que usam as redes sociais possuem desempenho acadêmico mais baixo e passaram menos tempo estudando do que aqueles que não usam as redes sociais (KIRSCHNER e KARPINSKI, 2010). Outro estudo mostrou que dois terços dos estudantes que relataram o uso de meios eletrônicos durante a aula, enquanto estudava, ou ao fazer lição de casa, tinham a quantidade de uso de mídia eletrônica associada negativamente com o rendimento acadêmico (JACOBSEN e FORSTE, 2011).

4.5.2.8 Transtornos mentais

Em virtude do uso quase compulsivo da Internet e dos dispositivos digitais móveis, novas doenças relativas a transtornos mentais surgiram ou aumentaram. São oito as desordens ligadas diretamente à utilização intensa das tecnologias digitais, como descreve Dr. Larry D. Rosen (2013): 1) *nomophobia* – a ansiedade que surge por não ter acesso a um dispositivo móvel. O termo “nomophobia” é uma abreviatura de “no-mobile phobia” (medo de ficar sem telefone móvel); 2) *síndrome do toque fantasma* – quando o cérebro faz com que você pense que o dispositivo móvel está tocando ou vibrando no seu bolso; 3) *náusea digital (Cybersickness)* – a desorientação e vertigem que algumas pessoas sentem quando interagem com determinados ambientes digitais; 4) *depressão de Facebook* – a depressão causada por interações sociais (ou a falta de) no Facebook; 5) *transtorno de dependência da Internet* – uma vontade constante e não saudável de acessar à Internet; 6) *vício de jogos online* – uma necessidade não saudável de acessar jogos *multiplayer online*; 7) *cibercondria* ou *hipocondria digital* – a tendência de acreditar que você tem doenças sobre as quais leu *online*; e 8) *efeito Google* – a tendência do cérebro humano de reter menos informação porque ele sabe que as respostas estão ao alcance de alguns cliques.

Além dessas, há ainda algumas síndromes da era digital relacionadas a transtornos de ansiedade, derivadas de vícios em tecnologia, sobretudo em relação às redes sociais, conhecidas como: FOMO (*Fear of Missing Out*) – o medo de perder alguma coisa; FOBO (*Fear of Being Offline*) – o medo de ficar *offline*; e FODA (*Fear of Doing Anything*) – o medo de fazer qualquer coisa.

FOMO é quando a pessoa sente uma necessidade crônica de conferir suas redes sociais e de saber o que os outros estão fazendo e sentir-se parte disso. FOBO é quando a pessoa se sente realmente mal por estar desconectada da web e sente

uma necessidade quase obsessiva de atualizar a sua linha do tempo nas redes sociais. FODA é uma junção das duas anteriores e surge quando a pessoa sente que tem que saber de tudo, participar de tudo e estar hiperconectada o tempo inteiro. Por isso, a pessoa sofre, ansiosa e inerte, diante de um mar de opções. Com a falta de certeza de estar optando pelo melhor, isso a impede de fazer uma escolha pelo melhor naquele momento, ficando paralisada e incapacitada de tomar uma decisão.

4.5.2.9 Mudanças posturais

Além de todas as alterações psico-sociais e culturais apontadas através da bibliografia levantada, pesquisas no campo da saúde classificam o ato de digitar ao *smartphone* como '*texting*', conforme ressaltam Lee et al. (2015). Ao exacerbado uso deste dispositivo surge ainda a expressão "*Text Neck*" (pescoço de texto), retratando a postura dos usuários – cabeça baixa olhando fixamente para a tela – o que geralmente compromete a musculatura cervical gerando patologias, alterações comportamentais e de hábitos.

Entretanto, é inegável que a tecnologia é parte integrante do processo civilizatório do homem facilitando as relações. Não há mais como retroceder. É preciso cuidados para que o uso excessivo não se transforme em algo negativo.

Capítulo 5

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, de natureza quantitativa. Foi utilizado um questionário elaborado pela pesquisadora como técnica mais adequada para a coleta de dados, o qual foi escolhido após a aplicação e validação de um estudo piloto. As considerações éticas, caracterização dos participantes voluntários e descrição dos procedimentos adotados, bem como a descrição do instrumento, do ambiente de coletas e das técnicas de análise estatística dos dados estão dispostas a seguir.

5.1 Método de pesquisa

Este estudo é de caráter transversal, com os participantes sendo avaliados uma vez em uma única sessão. Para cada participante foi lido e entregue o Termo de Assentimento para os menores de 18 anos (Anexo A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis (Anexo B), o objetivo da pesquisa foi informado e explicado de forma geral, sendo a participação voluntária, anônima e confidencial.

5.2 Ética

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa local, sob o protocolo CAAE 54629716.3.0000.5465, o qual já está devidamente aprovado na

instituição, com o Parecer nº 1.622.929. Os voluntários que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram orientados sobre a atividade realizada.

5.3 Participantes

Participaram do estudo 267 voluntários, com idade entre 14 e 17 anos, de ambos os gêneros. O termo gênero foi utilizado para respeitar o modo como os voluntários se identificaram no questionário. Os voluntários estavam regularmente matriculados em escolas públicas de ensino fundamental e médio de Rio Claro. Foram excluídos do estudo aqueles voluntários que não faziam uso de tecnologias digitais e mídias sociais, não responderam o questionário corretamente ou deixaram respostas em branco.

Os participantes eram pessoas com acesso à Internet, em uma amostra não probabilística de utilizadores de redes sociais, dispostos a responder questões sobre seus hábitos, relacionamentos e estados emotivos com o uso das novas mídias.

5.4 Procedimento metodológico

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário elaborado pela pesquisadora com 50 perguntas fechadas sobre a leitura que os adolescentes fazem sobre os seus relacionamentos virtuais, o modo e os efeitos da comunicação, e os sentimentos e emoções que são despertados através do uso das novas mídias na comunicação em seus relacionamentos.

Nas questões fechadas, o participante respondeu aos itens dentro de uma escala do tipo Likert de cinco pontos (1 = nunca, 2 = raramente, 3 = às vezes, 4 = frequentemente, 5 = sempre) relativa a perguntas sobre frequência, ou a perguntas do tipo Likert de quatro pontos (1 = nada, 2 = pouco, 3 = muito, 4 = extremamente) relativas a intensidade, ou a perguntas de múltipla escolha. A escala de intensidade foi escolhida como tendo um número par de respostas para evitar que os voluntários

tendessem a assinalar o ponto central da escala, o que poderia mascarar os resultados da expressão emotiva. A escala de frequência utilizou um número ímpar de respostas porque as cinco expressões linguísticas usadas se aproximam do que acontece na realidade, sendo que na prática, pode-se considerar que as opções nunca e raramente são muito próximas entre si, assim como frequentemente e sempre. Esta escala buscava identificar o uso baixo, moderado ou alto das redes sociais, de modo a dar uma gradação maior entre estes conceitos com expressões linguísticas mais amplas.

O questionário foi constituído a partir dos estudos bibliográficos sobre o tema da dissertação, buscando no seu conjunto refletir as hipóteses iniciais lançadas. O questionário foi aprimorado após um teste piloto aplicado em um grupo reduzido de jovens, com seis voluntários, para avaliar a compreensão das perguntas e a sua adequação à realidade dos adolescentes. As sugestões do grupo quanto à forma da escrita e de perguntas adicionais foram atendidas.

A aplicação do questionário foi autorizada pela direção das escolas e acompanhada pela pesquisadora, sendo realizada uma única vez em sala de aula de escolas particulares em turmas do 9º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. No encontro com os participantes foram esclarecidos os propósitos da pesquisa, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e realizada a familiarização com o questionário, seguida de sua aplicação.

5.5 Descrição do questionário

O questionário proposto pela pesquisadora é composto por 50 questões, as quais são apresentadas no Anexo C, divididas em cinco dimensões:

- Identificação e hábitos de mídias sociais usadas.
- Dependência tecnológica.
- Compreensão da informação.
- Influência social.
- Manifestação de sentimentos.

Em 'Identificação e hábitos de mídias sociais usadas' buscou-se levantar quais os meios, o tempo, a frequência de uso das tecnologias e mídias, as preferências de comunicação. Esta dimensão tem finalidade exploratória para traçar o perfil predominante dos usuários das redes sociais. As 12 questões relevantes para esta análise foram:

1. Quais mídias sociais você utiliza?
2. Com que frequência utiliza as mídias sociais?
3. Quantas horas você utiliza as mídias sociais por dia?
7. Para que você utiliza as redes sociais?
8. Que equipamento mais utiliza para acessar a *Internet*?
9. Que outros meios de comunicação você usa ao menos uma vez por semana?
10. Em que locais costuma se conectar?
11. Que conteúdos você acessa pelo celular?
18. Você usa as redes sociais para estudar?
34. Com quem você se comunica nas redes sociais?
43. Como você prefere/se sente mais à vontade se comunicar?
46. Por que você se comunica através das redes sociais?

Todas as questões colocadas nesta dimensão objetivaram apenas conhecer os hábitos dos adolescentes e expressar os resultados na forma de estatística descritiva.

No que tange à 'Dependência tecnológica', as questões tentam avaliar se existem comportamentos entre os adolescentes que possam indicar uma tendência ao isolamento e à ansiedade com o uso das tecnologias digitais e mídias sociais. Considerou-se para esta investigação as 15 questões:

19. Você usa seu celular durante as aulas?
20. Você usa seu celular no intervalo?
21. Com que frequência você checa seu dispositivo ou sua conta durante o dia em busca de mensagens quando não tem sinal de nova mensagem (*beep*, luz, etc.)?
22. Você sente solidão quando não tem acesso à Internet e/ou redes sociais?
23. Quando você utiliza a Internet e/ou redes sociais, você fica mais tempo que o programado?
24. Você sente dificuldade em desconectar da Internet e/ou das redes sociais para fazer outra atividade?
25. Você costuma se atrasar em seus compromissos porque fica conectado às suas redes sociais?
32. Por que você usa seu celular no intervalo das aulas?

33. Por que você usa seu celular durante as aulas?
39. Como você se sente quando quer se comunicar com alguém e não tem acesso à Internet?
40. Como você se sente sem dispositivos de acesso à Internet?
47. Você se sente impaciente quando vai a um lugar (local público/casa de conhecidos) que não tem “Wi-Fi”?
48. Quando você está em algum lugar diferente, mas com “Wi-Fi”, você tem vergonha ou inibido em perguntar pela senha de conexão?
49. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais públicos (restaurantes, lojas, clubes, etc.)?
50. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais conhecidos (casa de amigos, parentes, etc.)?

As questões 19, 20 e 32 pretendiam apenas verificar o comportamento dos estudantes no uso dos celulares no ambiente escolar. As questões 21, 22, 23, 24, 25, 47 e 48 foram usadas para mensurar uma possível dependência tecnológica através das médias das respostas da escala Likert baseadas em frequência, convertidas em um valor numérico. O mesmo procedimento foi adotado para as questões 39 e 40, mas para avaliar a intensidade. As questões 49 e 50 foram colocadas para verificar o comportamento ‘WhileFi’ e a etiqueta usada pelos usuários.

Considerando a dimensão ‘Compreensão da informação’, busca-se verificar se o adolescente acredita ter uma habilidade de comunicação eficiente no meio digital. As três questões relevantes foram: 12, 13 e 45.

12. Você considera que compreende correta e completamente as mensagens que recebe?
13. Você considera que suas mensagens emitidas são correta e completamente compreendidas pelo receptor?
45. Qual sua reação quando não é compreendido?

As questões 12 e 13 foram colocadas para mensurar o grau de compreensão que os adolescentes acreditam possuir na comunicação digital. A dimensão foi calculada como a média das respostas da escala Likert de frequência, convertidas em valores numéricos. A questão 45 foi inserida para identificar a estratégia utilizada pelos usuários em um situação de insucesso na comunicação.

Para estudar a ‘Influência social’, tentou-se verificar a interferência das redes sociais *online* na construção da identidade dos adolescentes. As nove questões de interesse são:

4. Você se preocupa com o conteúdo que é postado em sua rede social?
5. Você se preocupa se existe alguém falando mal sobre sua pessoa nas redes sociais?
6. O comentário nas redes sociais de qual das pessoas abaixo mais poderia afetá-lo?
16. Você costuma compartilhar suas ideias/opiniões nas redes sociais?
35. Como você se sente quando suas mensagens não são respondidas?
36. Como você se sente quando suas mensagens são respondidas?
37. Como você se sente quando seus posts não são comentadas nas redes sociais?
38. Como você se sente quando seus posts são comentadas nas redes sociais?
44. Por que você fica incomodado pelas respostas não recebidas?

A questão 6 visava identificar qual(is) o(s) grupo(s) social(is) que mais poderia(m) impactar o autoconceito dos usuários adolescentes. As questões 4, 5, 16 e 44 foram usadas para avaliar a frequência da utilização das redes sociais para a interação social através das médias das respostas da escala Likert, convertidas em um valor numérico. As questões 35, 36, 37 e 38 foram dirigidas para mensurar o efeito, em intensidade, dos relacionamentos *online* e sua visão emocional de aceitação social, também calculadas através das médias do máximo das respostas de cada questão na escala Likert, convertidas em um valor numérico. As questões 35 e 37 refletem efeitos negativos (representando os estados emocionais desagradáveis) e as questões 36 e 38 remetem a efeitos positivos (representando os estados emocionais agradáveis). Nestas questões, buscou-se fornecer expressões diversas relativas a sentimentos e emoções para que o adolescente identificasse mais proximamente o que sentia. Embora fosse possível assinalar várias respostas, a resposta que apresentasse o maior valor seria considerada aquela que mais afetava o adolescente. Por isso, este era considerado o sentimento ou emoção mais relevante, fazendo parte do cálculo da dimensão. Este mecanismo foi adotado para a todas as questões do questionário baseadas na escala Likert de intensidade.

Na área de 'Manifestação de sentimentos', cuja denominação foi usada genericamente para referenciar a distintos estados emocionais, o intuito foi avaliar os sentimentos, emoções e disposições afetivas despertados em diferentes situações com o uso das mídias sociais e verificar se os adolescentes são afetados emocionalmente por tais situações. Para isso, destacaram-se 11 questões:

14. Você costuma compartilhar seus momentos de alegria nas redes sociais?
15. Você costuma compartilhar seus momentos de tristeza nas redes sociais?
17. Você costuma compartilhar seus sentimentos nas redes sociais?

26. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação face a face com alguém?
27. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação face a face com você?
28. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação virtual com alguém?
29. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação virtual com você?
30. Você utiliza *emoticons* nas redes sociais para expressar seus sentimentos?
31. Você expressa seus sentimentos através de *emoticons* para:
 41. Quais sentimentos percebe em você quando a comunicação virtual não acontece?
 42. Em que situação emocional você sente mais necessidade de usar as redes sociais?

As questões 14, 15, 17, 26, 27, 28, 29 e 30 buscavam verificar a frequência do uso das redes sociais para expressar sentimentos e emoções dos usuários, através das médias das respostas da escala Likert, convertidas em um valor numérico. As questões 41 e 42 tinham por finalidade verificar os sentimentos e disposições afetivas negativos e positivos, respectivamente, realçados no uso das redes sociais e suas intensidades, com escores calculados como a resposta com valor máximo em cada questão. A questão 31 procurava capturar o uso de signos (*emoticons*, *emojis*) em substituição ou em complementação à manifestação de sentimentos e emoções.

5.6 Análise de dados

Os dados resultantes do conteúdo do questionário foram submetidos à análise de dados descritiva e não-paramétrica.

Na estatística descritiva, considerando-se a população total, os dados foram tabulados em média, desvio-padrão, frequência e porcentagem, e apresentados na forma de tabelas e gráficos.

Com o intuito de validar as hipóteses inicialmente propostas, realizou-se uma análise estatística inferencial dos dados coletados, com o objetivo de encontrar diferenças estatisticamente significativas entre os grupos da amostra.

Os dados foram divididos de dois modos. O primeiro modo, segundo o gênero, separando os voluntários do gênero masculino e do gênero feminino. A outra divisão, o segundo modo, foi em faixa etária, separando a população total em duas categorias, sendo uma correspondendo aos alunos com 14 e 15 anos, denominado de grupo 14-15 anos, e a outra aos alunos com 16 e 17 anos, denominado de grupo 16-17 anos.

Utilizou-se o teste de Mann-Whitney para verificar a independência dos grupos feminino e masculino. O mesmo teste foi usado para verificar a independência dos grupos 14-15 e 16-17 anos. Para que as hipóteses nulas fossem rejeitadas, ou seja, para que o valor de p fosse significativo, foi considerado p menor ou igual a 0,05.

O teste U de Mann-Whitney foi aplicado ao questionário nas dimensões 'Dependência tecnológica', 'Compreensão da informação', 'Influência social' e 'Manifestação de sentimentos' para a comparação dos grupos em cada divisão proposta da amostra (entre gêneros e faixas etárias). Este teste é usado para a comparação de dois grupos independentes, cujas observações sejam medidas em escala ordinal ou numérica (SIEGEL; CASTELLAN, 2005). A hipótese em teste considerou que as medidas feitas nos grupos eram iguais.

A dimensão 'Identificação e hábitos de mídias sociais' utilizou a análise descritiva dos dados, visto que esta era a finalidade deste tópico. Adicionalmente, utilizou-se também o teste G, que é uma prova não-paramétrica de aderência, aplicada em amostra com dados mensurados na escala nominal e dispostos em duas ou mais categorias mutuamente exclusivas (SOKAL; ROHLF, 1981). Os escores devem ser mensurados a nível nominal ou ordinal, e as amostras podem apresentar duas ou mais categorias dispostas em tabelas de contingência / x c, considerando a tabela de frequências observadas. O teste G foi utilizado para a comparação dos grupos em cada divisão proposta da amostra (entre gêneros e faixas etárias), a fim de testar a hipótese de nulidade.

No próximo capítulo são apresentadas as análises estatísticas descritas na metodologia proposta para os dados coletados.

Capítulo 6

RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise estatística descritiva e inferencial dos resultados obtidos com a aplicação do questionário e sua separação nas cinco dimensões propostas. As análises foram apresentadas na forma de tabelas, gráficos, teste de hipótese de Mann-Whitney (para dados numéricos) e teste G (para dados categóricos).

6.1 Análise de dados

O estudo foi realizado com 267 estudantes do 9º ano do ensino fundamental e dos três anos do ensino médio, com idades entre 14 e 17 anos, com média de idade de $16,2 \pm 0,7$ anos. A Tabela 6.1 mostra a distribuição dos entrevistados por escolaridade, gênero e idade.

Tabela 6.1 – Distribuição dos entrevistados por idade, escolaridade e gênero.

Idade (anos)	Escolaridade									
	9º ano		1ª série		2ª série		3ª série		Total	
										
14	1	2	2	0	0	0	0	0	3	2
15	10	11	8	14	0	1	0	0	18	26
16	0	1	8	13	45	39	5	7	58	60
17	0	1	3	3	13	12	40	28	56	44
Total	12	15	21	30	58	52	45	35	135	132
Média	14,92	15,07	15,57	15,63	16,22	16,21	16,89	16,80	16,23	16,11

Legenda: indivíduos dos gêneros  feminino,  masculino.

Para o presente estudo, os entrevistados foram separados segundo dois critérios para a análise de resultados. Na primeira avaliação, separou-se por gênero, dividindo a amostra em dois grupos, sendo um do gênero masculino, composto por 132 indivíduos, e outro do gênero feminino, composto por 135 indivíduos. A finalidade era verificar se existia diferença de comportamento no uso e nas relações com as mídias sociais, dependendo do componente biológico/cultural de gênero.

Na segunda análise, a amostra foi dividida por faixa etária, a fim de investigar se a maturidade/idade influenciaria de alguma forma o comportamento dos adolescentes no trato com o mundo virtual. Para esta divisão considerou-se o grupo dos entrevistados com idades entre 14 e 15 anos, o qual foi composto por 49 indivíduos, e o segundo grupo com idades de 16 e 17 anos, perfazendo 218 indivíduos. Por simplificação, estes grupos serão denominados por grupo 14-15 anos e grupo 16-17 anos, respectivamente.

Por conveniência, para fins da análise de dados, foi adotado o termo '*entrevistados*' para expressar o número total de amostras da pesquisa, ou seja, os 267 indivíduos participantes. O termo '*respondentes*' foi utilizado para denotar a quantidade de respostas a uma determinada possibilidade de resposta para uma questão. Por exemplo, se para uma dada questão, cujas respostas eram avaliadas no quesito intensidade e as possibilidades eram nada, pouco, muito e extremamente, descrever-se-iam os resultados como X respondentes para nada, Y respondentes para pouco, W respondentes para muito e Z respondentes para extremamente, sendo X, Y, W e Z valores numéricos quantitativos.

Uma vez que a distribuição das amostras é equilibrada na divisão dos grupos por gênero, mas é muito desbalanceada na divisão por faixa etária, optou-se por apresentar valores relativos em termos de porcentagens para as respostas às questões, a fim de permitir a comparação entre os resultados.

Apesar disso, para se propiciar uma visão geral em termos de valores absolutos, o Anexo D apresenta as respostas sem divisão de grupos para todas as 50 questões do questionário aplicado. Naqueles gráficos é possível verificar as tendências de comportamento no mundo virtual dos entrevistados.

6.2 Identificação e hábitos de mídias sociais usadas

Como proposto no presente trabalho, esta dimensão realiza a análise descritiva das questões, a fim de traçar o perfil e os hábitos predominantes dos adolescentes usuários das redes sociais virtuais. Dos 267 indivíduos entrevistados, obteve-se os resultados expressos nos gráficos apresentados a seguir. Além da análise descritiva, realizou-se também o teste G entre os grupos de cada divisão, a fim de se verificar se houve diferenças significativas no comportamento dos grupos, conforme mostra a Tabela 6.2, a qual será analisada em conjunto com os gráficos de cada questão. Para o teste G foi considerado o nível de significância de 5%. Os valores em negrito na Tabela 6.2 indicam as diferenças significativas e a rejeição da hipótese de nulidade.

Tabela 6.2 – Diferenças significativas dos grupos por gênero e faixa etária pelo teste G na dimensão ‘Identificação e hábitos de mídias sociais usadas’.

Questões	Divisão da amostra	
	Gênero (p)	Faixa etária (p)
1) Que mídias sociais você utiliza?	< 0,0001	< 0,0001
2) Com que frequência utiliza as mídias sociais?	0,4953	0,8551
3) Quantas horas você utiliza as mídias sociais por dia?	0,0002	0,1446
7) Para que você utiliza as mídias sociais?	0,3472	0,4222
8) Que equipamento mais utiliza para acessar a Internet?	0,1445	0,0390
9) Que outros meios de comunicação você usa ao menos uma vez por semana?	0,1632	0,1101
10) Em que locais costuma se conectar?	0,0205	0,0018
11) Que conteúdos você acessa pelo celular?	0,0031	0,0864
18) Você usa as redes sociais para estudar?	0,4183	0,3878
34) Com quem você se comunica nas redes sociais?	< 0,0001	< 0,0001
43) Como você prefere/se sente mais à vontade se comunicar?	< 0,0001	< 0,0001
46) Por que você se comunica através das redes sociais?	< 0,0001	< 0,0001

Os percentuais apresentados na Fig. 6.1 revelam as mídias mais utilizadas e as que estão praticamente em desuso diante da população envolvida. Em primeira posição com maior assiduidade dentre as mídias mais acessadas está o *WhatsApp*, preferido por 193 indivíduos que responderam como sempre (72%), dentre os quais 103 são pertencentes à amostra do gênero feminino e 90 do gênero masculino, seguido do *Facebook*, eleito por 160 indivíduos como usando sempre (60%), dentre os quais 87 refletem a amostra do gênero feminino (45%) e 73 a amostra de gênero

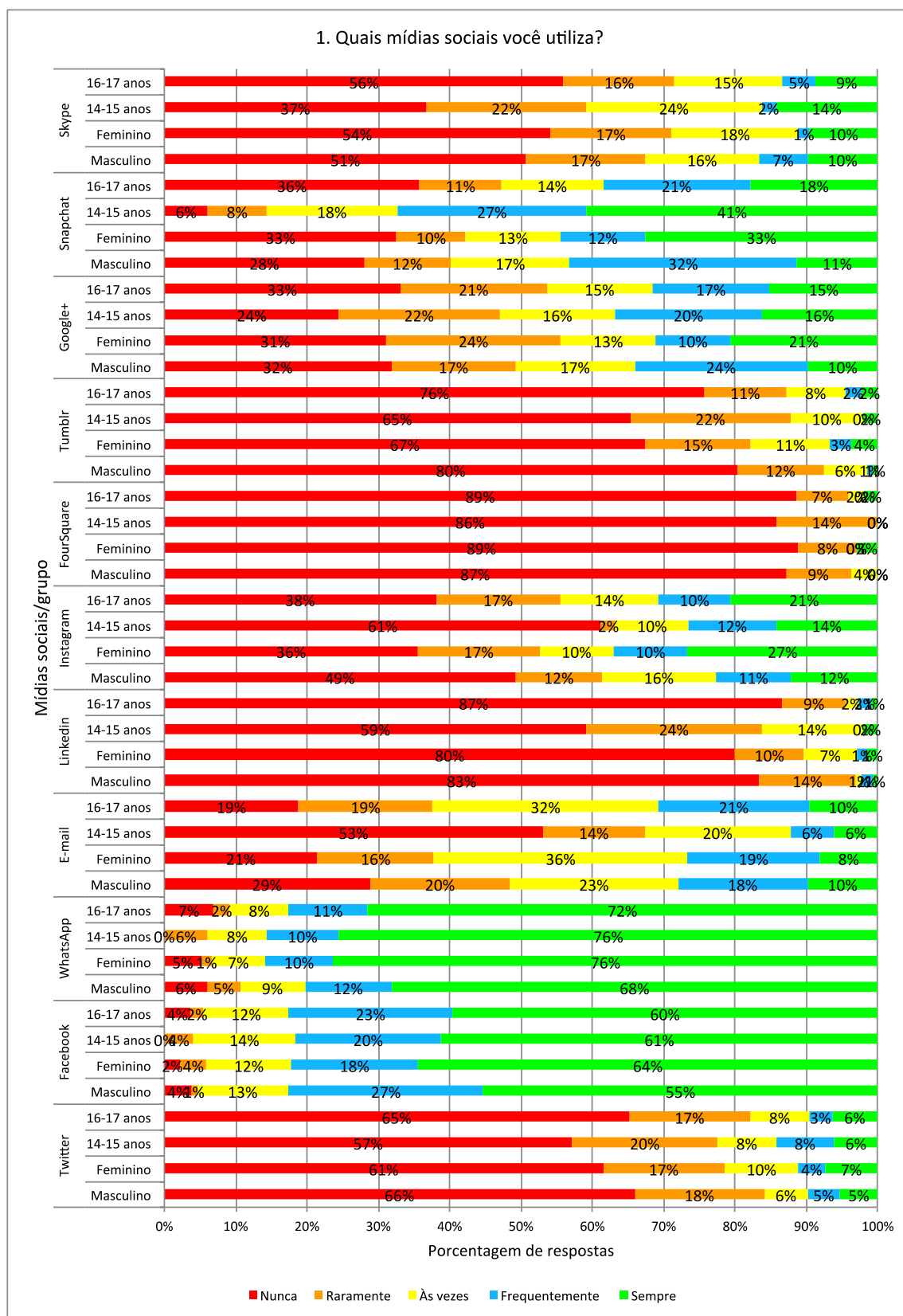
masculino (54%), e em terceira posição com grande diferença entre as duas primeiras está o *Snapchat*, que detém a preferência de 59 indivíduos (22%), dentre os quais 44 correspondem à amostra feminina (74%) e 29 à amostra masculina (49%). Dentre as mídias de menor utilização aparece em primeira posição o *FourSquare*, citado por 235 indivíduos (88%) como nunca usado, seguido do *LinkedIn* com 218 indivíduos (82%) e com 197 indivíduos aparece o *Tumblr* em terceira posição, com 74% dos usuários relatando nunca utilizarem este aplicativo. Considerando estes dados, vale destacar que somente 3% dos entrevistados responderam nunca utilizar nenhuma rede social virtual, o que mostra uma alta adesão dos adolescentes a este tipo de mídia.

Outra análise realizada foi considerando a amostra em duas faixas etárias, como pode ser visto ainda na Tabela 6.1, sendo uma correspondendo aos alunos dentro da faixa etária de 14 a 15 anos, denominado de grupo 14-15 anos, e a outra aos alunos da faixa etária de 16 a 17 anos, denominado de grupo 16-17 anos.

Verificamos que dos 193 indivíduos que responderam sempre ao *WhatsApp*, 156 respondentes (81%) pertencem ao grupo 16-17 anos e 37 respondentes (19%) pertencem ao grupo 14-15 anos, seguidos pelos 160 indivíduos que usam sempre o *Facebook*, dos quais 130 respondentes (81%) pertencem ao grupo 16-17 anos e 30 (19%) pertencem ao grupo 14-15 anos. Dos 59 respondentes que optaram pelo *Snapchat*, 21 deles (88%) pertencem ao grupo 16-17 anos, contra 7 (12%) que pertencem ao grupo 14-15 anos. De acordo com os dados descritos, pode-se considerar que o grupo 16-17 anos, em suma, são os que mais fazem uso das mídias.

Nossos resultados corroboram com os dados da pesquisa realizada pela pesquisa TIC Kids Online Brasil (2015), que revelou que 80% das meninas e 78% dos meninos. Lembrando que nossos dados mostraram que quase a totalidade dos entrevistados utilizam pelo menos um tipo de rede social virtual.

Figura 6.1 – Gráfico de respostas da Questão 1, separado por grupos.



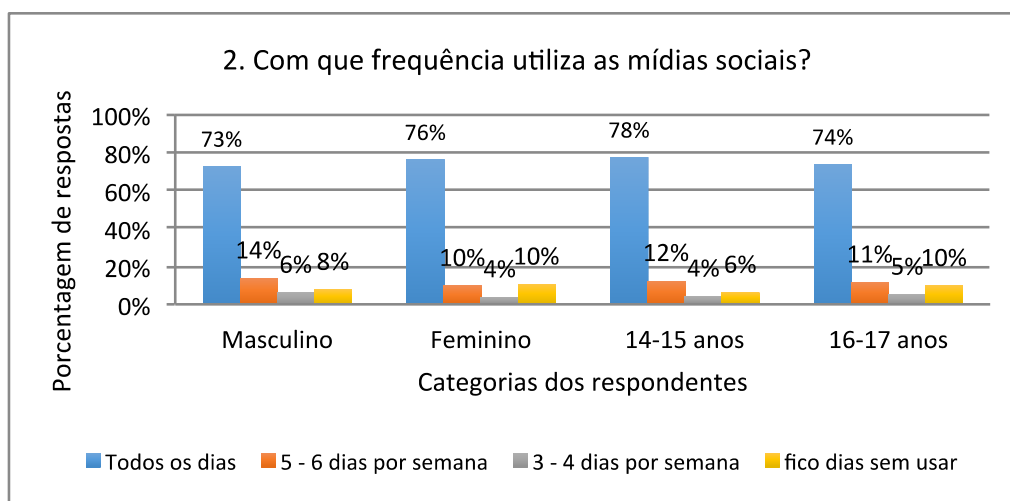
Com relação a esta questão, torna-se importante salientar que, até a data de realização das coletas desta pesquisa, realizada entre outubro e novembro de 2016, somente o *Snapchat* e o *Instagram* ofereciam o serviço de compartilhamento de mídias temporárias, conhecido como ‘*Modo Stories*’, que permite ao usuário postar fotos e vídeos na rede e os mesmos expiram após 24 horas, inclusive expirando dos servidores dos respectivos aplicativos. Esta funcionalidade permaneceu sendo exclusividade do aplicativo *Snapchat* por alguns anos, até que no dia 02 de agosto de 2016 o *Instagram* incorporou tal recurso em sua plataforma, comportamento reproduzido alguns meses depois pelo *WhatsApp*, em 24 de fevereiro de 2017, com o *WhatsApp Status*, e pelo *Facebook*, em 09 de março de 2017, com o *Messenger Day*. A inserção de novos recursos nas diversas plataformas sociais virtuais gera fluidez por parte da massa de usuários, que está em constante migração, sempre em busca do aplicativo que mais lhe agrada, ou que mais lhe gera *feedback*, como compartilhamentos e ‘*likes*’ (curtidas). Portanto, os dados do presente gráfico não podem ser analisados sem um olhar contextual e cuidadoso acerca desta constante flexibilidade com que as mídias sociais lidam constantemente.

Conforme denota a Tabela 6.2, nesta questão, houve diferença significativa tanto na divisão por gênero quanto por faixa etária, expressando que existem escolhas e usos diferentes das mídias sociais para meninos e meninas e entre adolescentes mais jovens e mais velhos.

A Fig. 6.2 apresenta a análise realizada, a fim de traçar o perfil preponderante dos usuários das redes sociais virtuais, considerando a frequência, gênero e a idade dos participantes. Através do gráfico constatou-se que pelo menos 73% de todos os grupos analisados utilizam as mídias sociais todos os dias. Este resultado revela como as mídias sociais fazem parte do cotidiano dos jovens adolescentes.

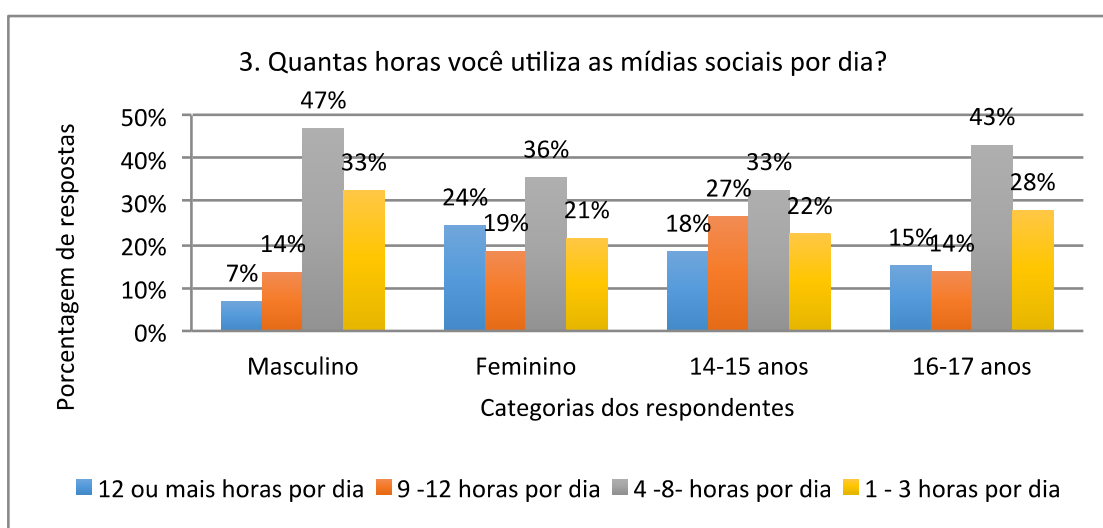
Pesquisa conduzida por Dias, Santos e Ernesto (2012) mostrou que quase 70% dos jovens ficam no ambiente virtual por ao menos uma hora todos os dias. Verificou-se também que os adolescentes acima de 15 anos acessam redes sociais e *blogs* mais de 45 vezes em 30 dias, demonstrando a presença constante das mesmas em seus cotidianos. Os resultados apresentados em nossa investigação na época da coleta mostraram que o tempo de conexão cresceu bastante em relação à época da pesquisa dos autores, há quatro anos atrás, como será visto a seguir.

Figura 6.2 – Gráfico de respostas da Questão 2, separado por grupos.



De acordo com a Fig. 6.3, observa-se que a utilização das mídias sociais ultrapassa as 4 horas diárias, para a maioria das respostas dos grupos de respondentes. Interessante observar que o público feminino passa mais horas conectado nas mídias sociais que o público masculino. Esta observação foi confirmada pelo teste G, que encontrou diferença significativa no tempo de uso entre os grupos, como descrito na Tabela 6.2. Já para a divisão por faixa etária, percebe-se que o público mais jovem se utiliza mais das mídias sociais diariamente que o público mais velho. Isto é, 45% do grupo 14-15 anos utiliza acima de 9 horas por dia, ao passo que este índice é equivalente a 29% para o grupo 16-17 anos.

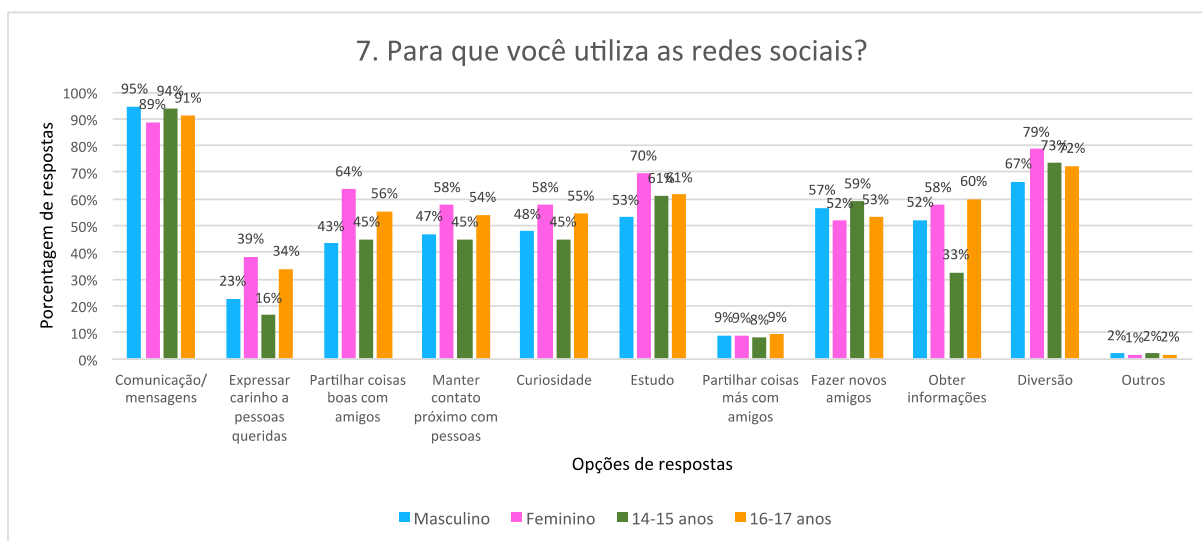
Figura 6.3 – Gráfico de respostas da Questão 3, separado por grupos.



Conforme exibe a Fig. 6.4, independentemente do grupo, quase a totalidade dos adolescentes utilizam as redes sociais virtuais para troca de mensagens, com objetivo de comunicação. Nota-se também que os entrevistados relataram ser uma ferramenta bastante utilizada para estudar e para diversão.

Foi possível observar que poucos indivíduos utilizam as redes sociais para compartilhar seus momentos difíceis com os seus amigos, sendo os mais felizes mais divididos. Isto pode revelar uma estratégia para preservar sua imagem diante de seu grupo e ser aceito sem críticas, passando sempre uma visão de felicidade e de realização para seus pares, conforme descreveu Chou e Edge (2012). Isso também pode revelar parte do seu desenvolvimento e regulação emocional, compondo a construção da sua identidade, como destacado por Zhao et al. (2008). Além disso, não é muito comum utilizarem as redes sociais virtuais para manifestação de carinho, sendo que as meninas e os adolescentes mais velhos o fazem com mais frequência que os meninos e os adolescentes mais novos.

Figura 6.4 – Gráfico de respostas da Questão 7, separado por grupos.



De modo geral, percebe-se que existem variadas motivações para o uso das redes sociais pelos entrevistados, visto que a maior parte marcou mais de duas respostas para esta questão. As motivações declaradas pelos adolescentes para a utilização das redes sociais virtuais vão ao encontro às observações de Shapiro e Margolin (2014), que afirmam que são as mesmas do mundo presencial, ou seja, para

ficar em contato com amigos, fazer planos, conhecer melhor as pessoas e apresentar-se aos outros.

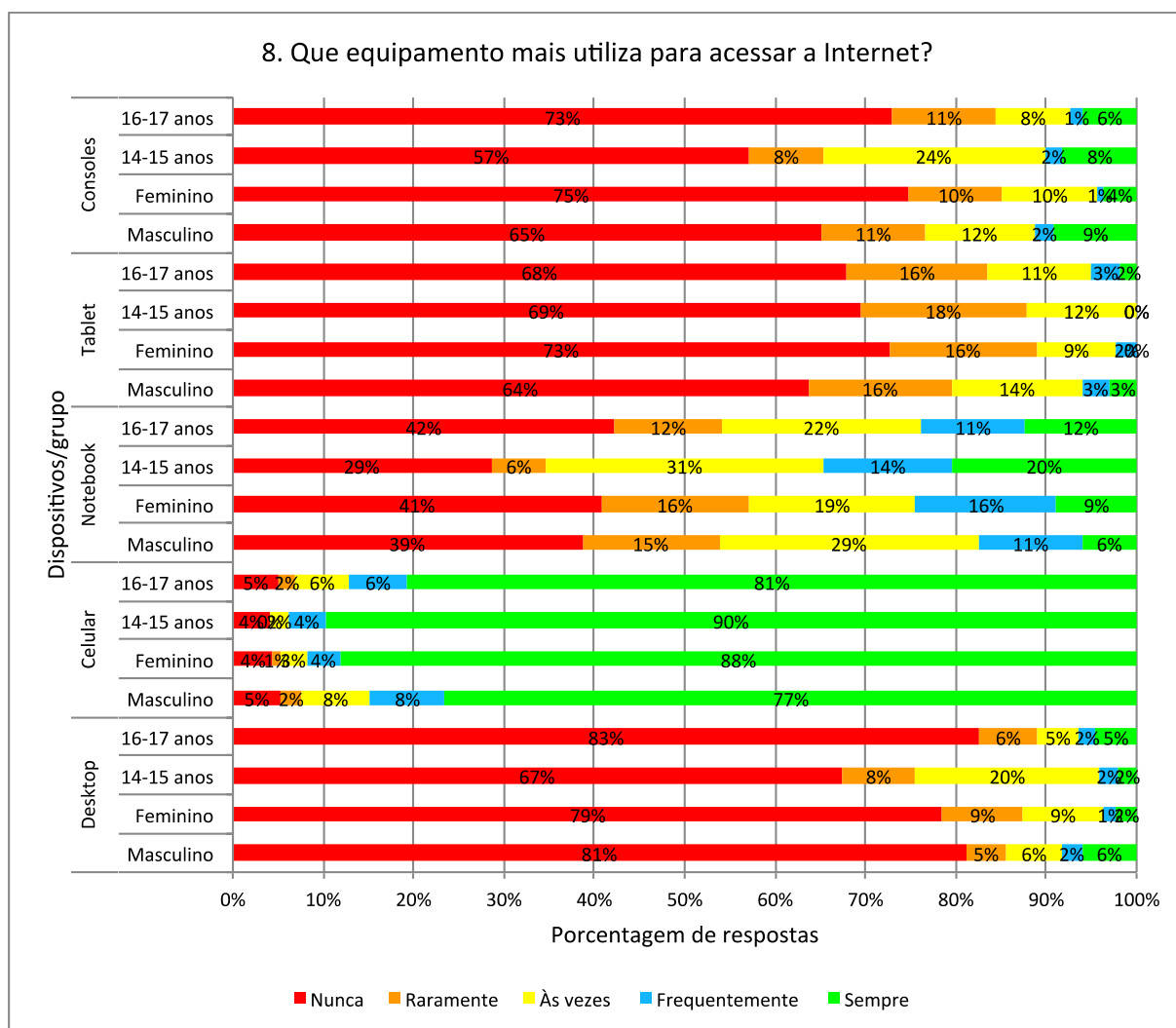
A Fig. 6.5 revela que em torno de 92% dos respondentes acessam as mídias sociais por meio de aparelhos celulares. Isso já era esperado, primeiramente pelo fato dos aparelhos celulares oferecerem uma maior comodidade ao acesso virtual, e por outro lado, também pelo custo-benefício atualmente oferecido por estes aparelhos, ao se escolher possuir um destes em detrimento de outros equipamentos. Outro ponto importante a ser destacado nesta questão é que o público alvo da pesquisa consistiu de alunos de duas escolas públicas do município de Rio Claro, localizadas em bairros não distantes da região central, o que pode evidenciar que os alunos talvez não possuam outros equipamentos para acessar a Internet e, conseqüentemente, as mídias digitais, além de *smartphones*. Em face desta suposição, o acesso aos *smartphones* pelos adolescentes de renda econômica mais baixa permitiu o seu ingresso no universo tecnológico digital, incluindo-os na cibercultura e no mundo conectado.

Ainda, a Fig. 6.5 evidencia que cerca de 90% dos usuários que estão na faixa etária entre 14-15 anos dizem sempre utilizar o celular para acessar a Internet, enquanto aproximadamente 82% dos usuários entre 16-17 anos fazem este mesmo uso. Pesquisa realizada pela TIC Kids Online Brasil 2015 (2016) apontou que 85% dos jovens se utilizam apenas do celular para acessar a Internet, o que valida nossos resultados.

Nota-se pelas respostas que está caindo em desuso entre os adolescentes a utilização de *desktops*, *notebooks* e *tablets*. Os consoles são mais utilizados que esses últimos, visto que estão associados a plataformas de jogos digitais *online*, principalmente pelos respondentes masculinos e mais jovens.

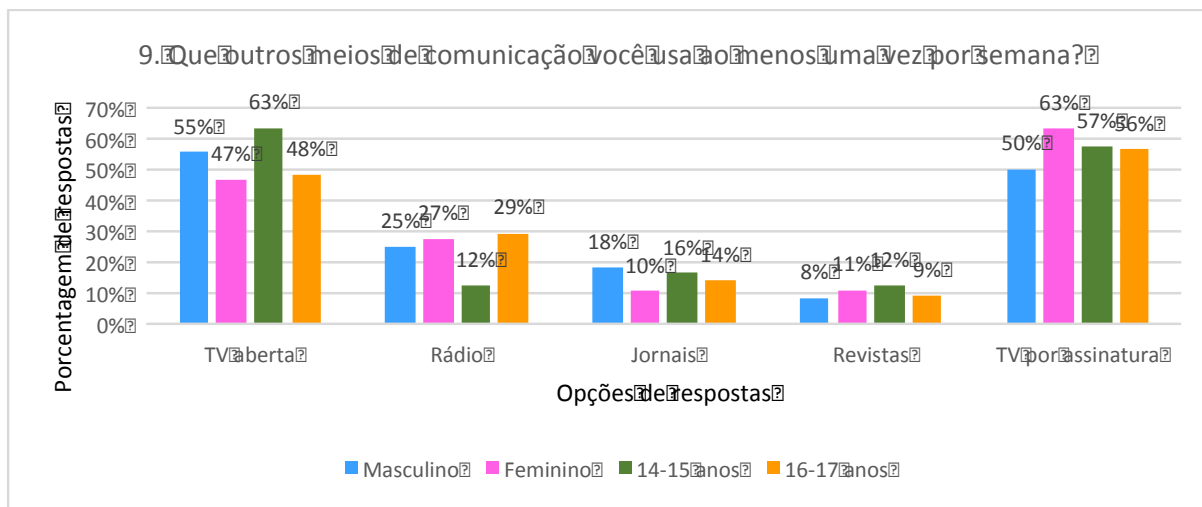
Para o conjunto de equipamentos de acesso à Internet, houve diferença significativa na frequência de uso dos dispositivos entre os grupos por faixa etária, como mostrado na Tabela 6.2.

Figura 6.5 – Gráfico de respostas da Questão 8, separado por grupos.



Percebe-se pela Fig. 6.6 que os adolescentes não costumam usar outros meios de comunicação com assiduidade. Basicamente assistem TV (aberta ou paga), com mais restrições mais acentuadas às mídias impressas (jornais e revistas). Apesar da música ser geralmente um entretenimento que os jovens apreciam, somente um quarto dos respondentes relataram ouvir rádio, sendo que este número é bastante reduzido no grupo de 14-15 anos. Dividindo-se a população dos entrevistados em por gênero, observou-se que os meninos assistem bem mais TV aberta e leem mais jornais que as meninas, ao passo que as meninas assistem muito mais TV fechada e leem mais revistas que os meninos. Não foram encontradas diferenças significativas quanto ao rádio.

Figura 6.6 – Gráfico de respostas da Questão 9, separado por grupos.



Separando-se os entrevistados por faixa etária, verificou-se que o grupo 14-15 anos assiste muito mais a TV aberta que o grupo 16-17 anos e o grupo 16-17 anos ouve mais substancialmente rádio que o grupo 14-15 anos. Não houve diferenças entre a leitura de jornais e revista e em assistir TV fechada para os grupos por faixa etária. Os resultados mostraram que a utilização de outros meios de comunicação não-digitais não são realmente apreciados pelos nativos digitais.

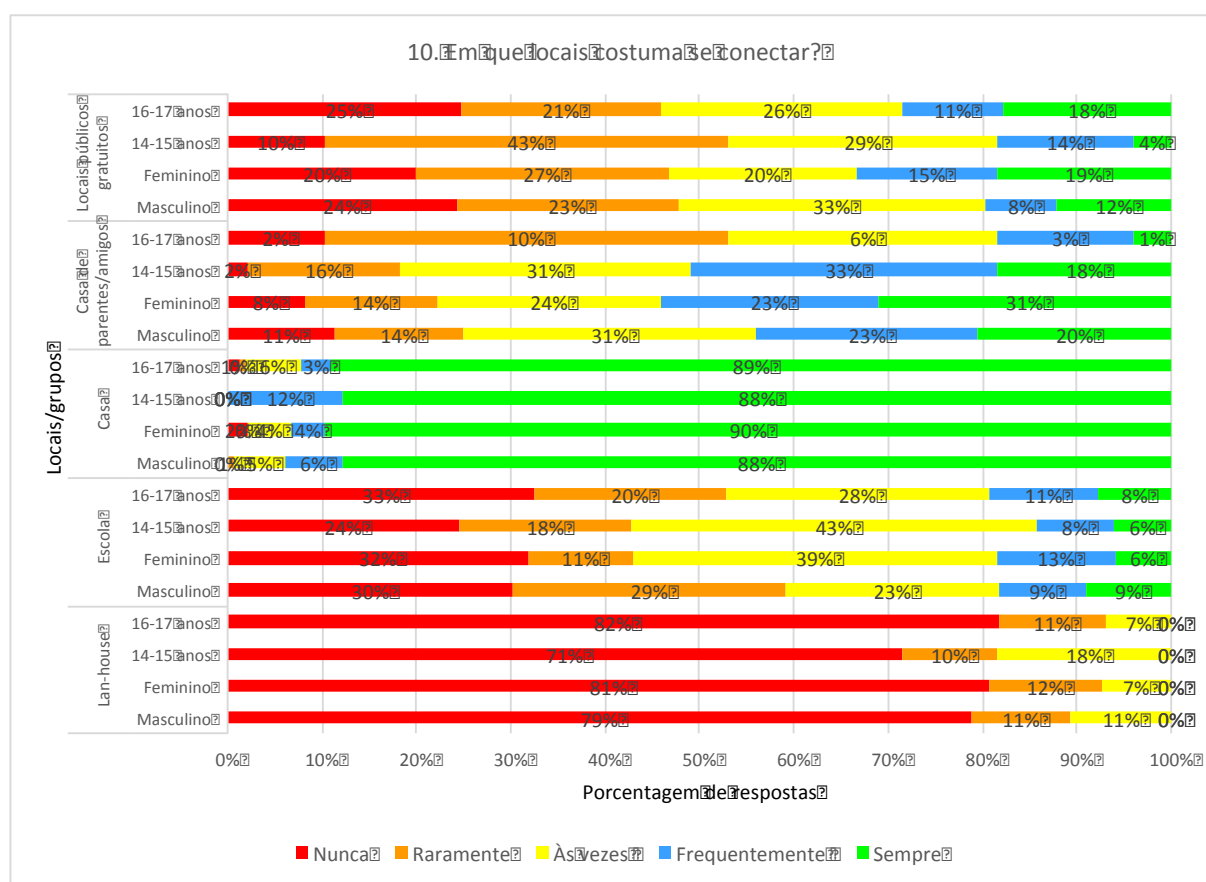
Os resultados acima apontam para a mesma observação de Carr (2011), que indica que o aumento do uso da Internet diminuiu o uso de outros meios de comunicação.

A Fig. 6.7 indica que a grande maioria dos respondentes, independentemente do gênero, se conectam à Internet em suas casas (acima de 92%, regularmente). Interessante perceber que quase não se vê mais o costume de se utilizar as *lan-houses* para o acesso à internet. Devido à popularização do acesso à banda larga em casa, ficou mais escassa a utilização destes ambientes para o acesso virtual. As *lan-houses* foram muito populares no final dos anos 90 e início dos anos 2000, quando ofereciam uma velocidade de Internet muitas vezes superior à oferecida nas redes domésticas, o que favorecia os diversos jogos *online* que se popularizaram nesta época, tornando as *lan-houses* o ambiente favorito de muitos jovens daquela época. Esse resultado é confirmado pela TIC Kids Online Brasil (2016), que apontou que 90% dos jovens acessam as mídias sociais em suas casas.

Percebe-se ainda nesta questão que os adolescentes sentem-se à vontade de usar as redes sociais e a Internet na casa de conhecidos (parentes e amigos) e são um pouco mais contidos na escola e em locais públicos.

De acordo com a Tabela 6.2, houve diferença significativa tanto na divisão por gênero, quanto por faixa etária, indicando que existem frequências diferentes nos locais de utilização da rede digital para meninos e meninas e entre adolescentes mais jovens e mais velhos.

Figura 6.7 – Gráfico de respostas da Questão 10, separado por grupos.

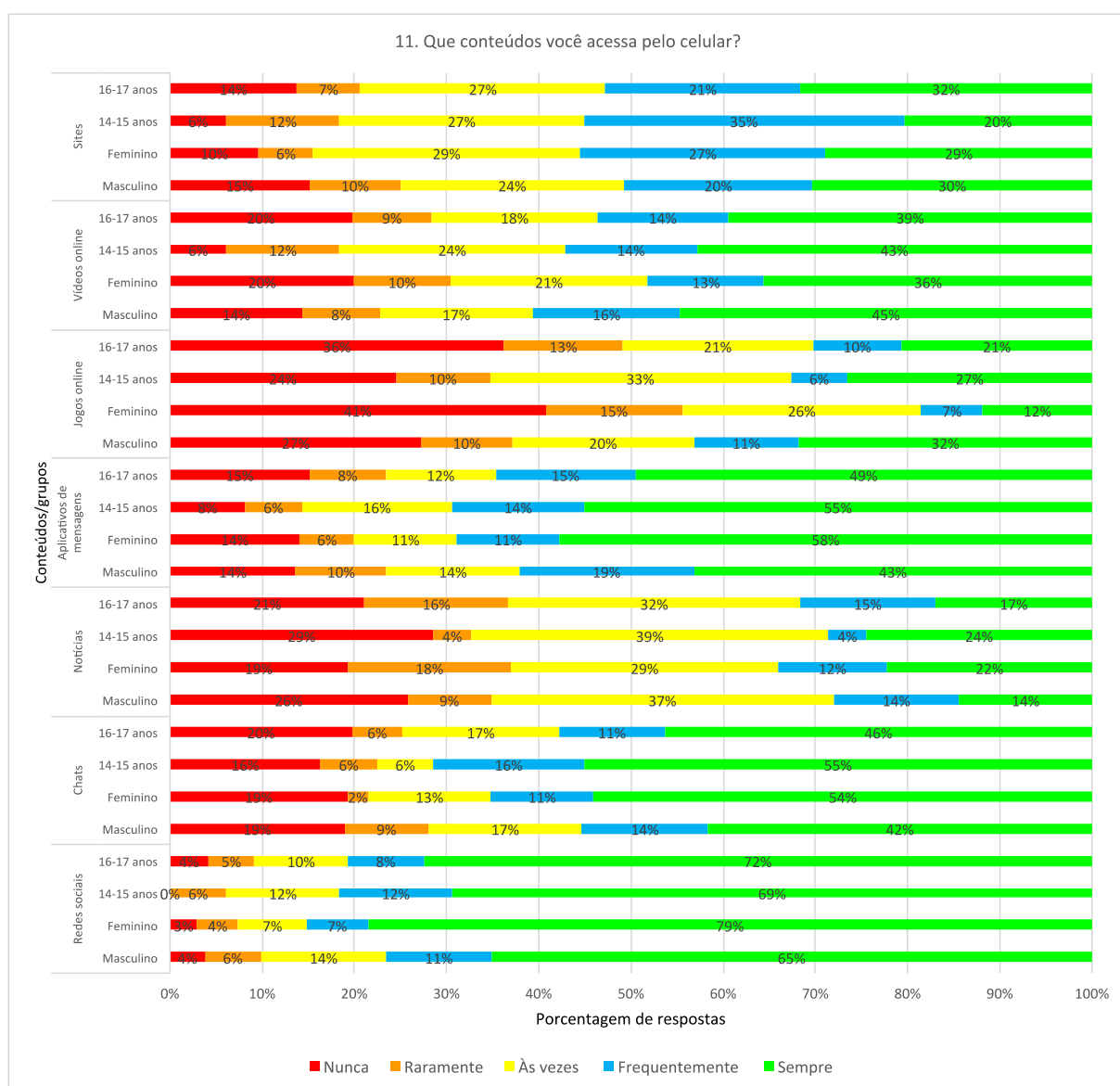


A Fig. 6.8 revela que o conteúdo mais acessado pelos alunos são as redes sociais, seguido de aplicativos de mensagens e *chats*. Interessante perceber que o público feminino acessa bem menos os jogos *online* que o público masculino. Porém, estudos mostram que o público feminino já superou o público masculino em presença no segmento de *games* no Brasil. O estudo feito pela agência de tecnologia interativa Sioux, a empresa de pesquisa especializada em consumo Blend New Research e a Game Lab, divisão da ESPM dedicada à experimentação e pesquisa de jogos, ouviu

2.848 pessoas de 26 estados e do Distrito Federal entre os dias 15 e 26 de fevereiro de 2016 e concluíram que as mulheres já representam 52,6% do público que joga *games* no Brasil.

Esta mesma figura mostra também que a grande maioria dos respondentes, independentemente do gênero, utilizam a Internet para acessar redes sociais, e poucos se interessam em buscar notícias na Internet e *sites* específicos. Em geral, nota-se o interesse preponderante de acesso voltado para a comunicação virtual (redes sociais, *chats* e mensagens instantâneas). Porém, de acordo com a Tabela 6.2, a frequência de acesso ao conjunto dos distintos conteúdos acessado pelo celular é significativamente diferente entre os gêneros masculino e feminino.

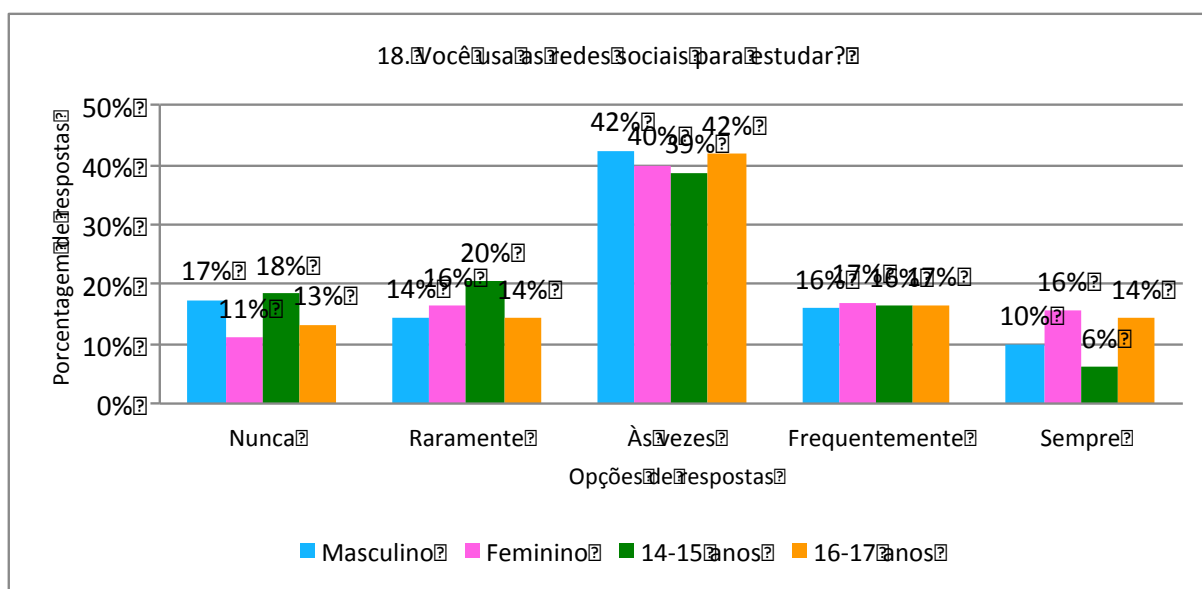
Figura 6.8 – Gráfico de respostas da Questão 11, separado por grupos.



Dados apresentados pela TIC Kids Online Brasil 2015 (2016) mostram que 79% fazem uso de redes sociais e enviam mensagens instantâneas, o que concorre com os nossos resultados. Isso sinaliza que com os *smartphones* se popularizando ainda mais a partir de 2016 e com as mídias sociais oferecendo cada vez mais funcionalidades e atrativos, a prática de comunicação virtual rápida vem se sobressaindo em relação aos outros usos mais estáticos, como navegação em *sites* com objetivos de estudo ou entretenimento, reafirmando e consolidando a incorporação desta via como mecanismo comum de interlocução entre as pessoas desde muito jovem.

Já a Fig. 6.9 mostra que a grande maioria dos respondentes, independentemente de gênero e idade, também utilizam as redes sociais como ferramenta para estudar, mesmo que ocasionalmente. Entretanto, poucos a utilizam de forma constante e regular (sempre), variando de 6% a 16%, de acordo com o grupo. Isto pode refletir que as escolas ainda não estão aderindo a este recurso tecnológico como ferramenta auxiliar no ensino e nem estimulam seu uso.

Figura 6.9 – Gráfico de respostas da Questão 18, separado por grupos.



A Fig. 6.10 destaca que a grande maioria dos respondentes, independentemente de gênero e idade, prevalentemente uso frequente de redes sociais para se comunicar com amigos, seguidos de comunicação com namorado(a)s. Essa figura também revela que há comunicação virtual com os pais, e as meninas se

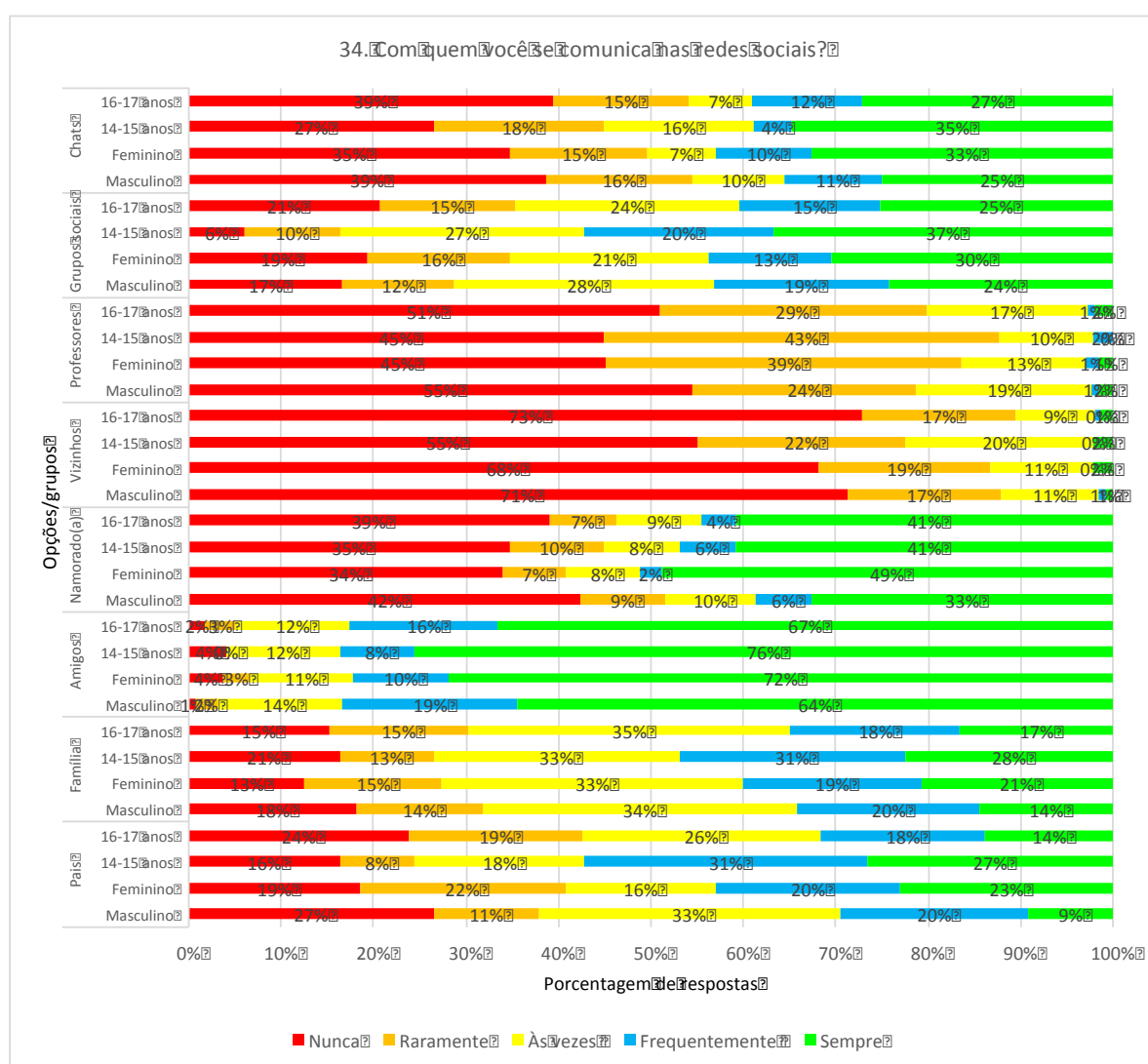
comunicam mais intensamente com eles do que os meninos pelas redes sociais, assim como os mais jovens.

Há um uso mais comedido em frequência com grupos sociais e *chats*. Percebe-se que a comunicação com professores, independentemente do grupo de estudo, é rara ou inexistente, reforçando a suposição de que este recurso não está mesmo inserido no contexto educacional nas escolas pesquisadas.

Outro fato interessante parece ser que os entrevistados não possuem relações próximas com seus vizinhos, evidenciando que suas relações pessoais estão centradas em ambientes alheios ao seu local de moradia.

Estes resultados confirmam o relato de Tapscott (2010), que afirma que eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia (de telefones a redes sociais) para fazer isso.

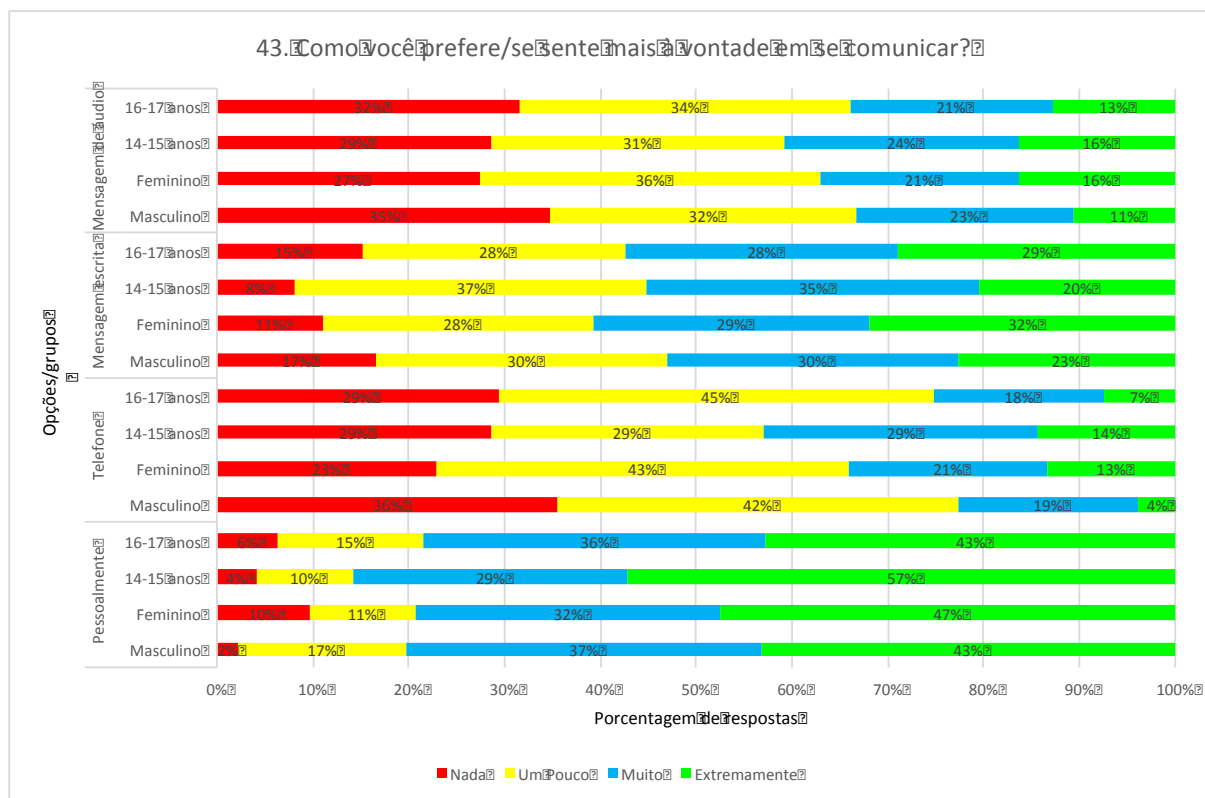
Figura 6.10 – Gráfico de respostas da Questão 34, separado por grupos.



Segundo a Tabela 6.2, houve diferença significativa em ambas as divisões por gênero e por faixa etária. Mostrou-se que a frequência de comunicação com seus relacionamentos é distinta tanto para meninos e meninas quanto para adolescentes mais jovens e mais velhos.

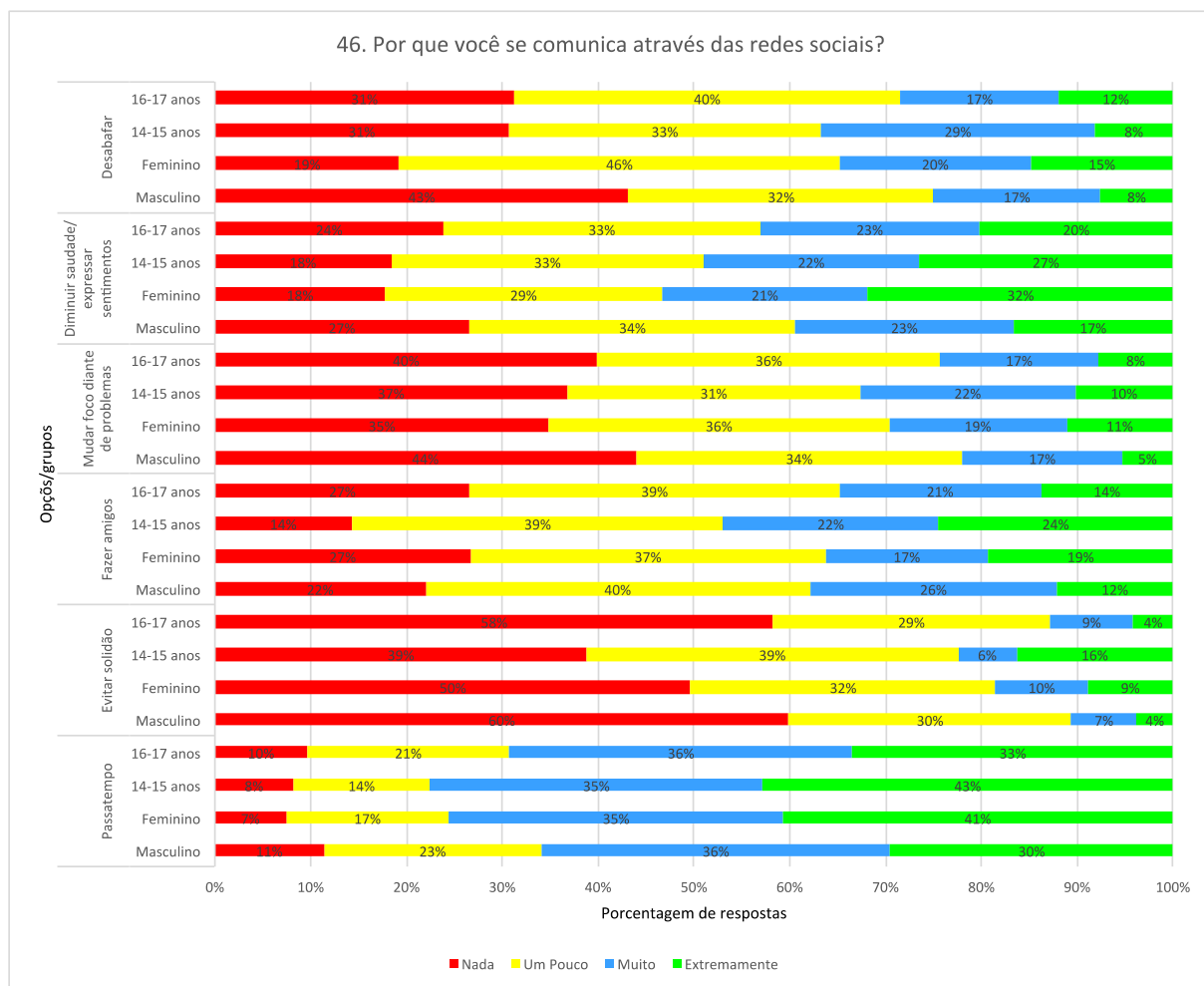
A Fig. 6.11 destaca que cerca de 80% dos respondentes (considerando ‘muito’ e ‘extremamente’), independentemente de gênero e idade, sentem-se mais à vontade em se comunicar pessoalmente, seguido por mensagens escritas (em torno de 55% na mesma escala). Interessante perceber que o telefone e as mensagens de áudio receberam grande número de respostas “nada” ou “um pouco”, ou seja são mídias que não oferecem um certo conforto para o usuário adolescente. Esse resultado é corroborado por Shapiro (2013), que afirma que, preferencialmente, prevalece a comunicação presencial entre os jovens, considerando-se a faixa etária em estudo. Ou seja, a suposição de que os adolescentes não gostam da comunicação verbal e face a face não foi aqui confirmada.

Figura 6.11 – Gráfico de respostas da Questão 43, separado por grupos.



A Fig. 6.12 revela que a grande maioria dos respondentes, independentemente de gênero e idade, comunicam-se através das redes sociais por passatempo ou para diminuir a saudade e expressar sentimentos. Cerca de metade dos respondentes veem as redes sociais como uma forma de fazer novas amizades.

Figura 6.12 – Gráfico de respostas da Questão 46, separado por grupos.



Interessante notar que muitos responderam “nada” para a opção “Evitar solidão”, ou seja, pode-se concluir com isso que a maioria dos jovens não busca nas redes sociais um refúgio nos momentos de solidão. Pode ser que este foco seja dado em outras direções, mas eles não focam sua solidão nas redes sociais. Igualmente, percebe-se que as redes sociais também não são usadas intensamente como válvulas de escape para fugir de problemas ou para desabafar.

Para a questão 46, a Tabela 6.2 indicou que houve diferença significativa tanto na divisão por gênero quanto por faixa etária. Isso aponta que o conjunto de motivos

para os quais meninos e meninas e adolescentes mais jovens e mais velhos se comunicam nas redes sociais distinguem-se em magnitude, apesar da semelhança do padrão global de comunicação.

6.3 Análise das dimensões por frequência e intensidade

As Tabelas 6.3 e 6.4 mostram os resultados do teste de Mann-Whitney aplicados aos grupos, seguindo critérios de divisão por gênero e faixa etária, respectivamente, comparando-se as dimensões 'Influência social', 'Dependência tecnológica', 'Compreensão da informação' e 'Manifestação de sentimentos'. Inicialmente, os dados foram obtidos em uma escala de cinco pontos com termos linguísticos para mensuração das questões que expressavam frequência e uma escala de quatro pontos para mensurar intensidade. As respostas foram convertidas em valores ordinais nos intervalos [1, 5] para a frequência e [1, 4] para a intensidade. Assim, foi possível calcular a média aritmética e o desvio padrão (*DP*) das respostas de cada grupo, e verificar se havia diferença significativa com $p < 5\%$ entre eles, aplicando-se o teste U de Mann-Whitney. Também calculou-se a diferença percentual (*Dif*) entre as médias de dois grupos e indicou-se o termo linguístico (conceito) mais próximo da média calculada.

A frequência da 'Influência social' foi calculada como a média das respostas das questões 4, 5, 16 e 44. A intensidade com viés positivo foi computada com as médias das questões 36 e 38 e com viés negativo considerando as questões 35 e 37.

Para a 'Dependência tecnológica', a frequência foi aferida pela média das respostas das questões 21, 22, 23, 24, 25, 47 e 48, enquanto a intensidade usou as questões 39 e 40.

Na 'Compreensão da informação' usou-se as médias das questões 12 e 13, com respostas baseadas em frequência. Por fim, na 'Manifestação de sentimentos', a análise foi dividida em questões por médias de frequência (14, 15, 17, 26, 27, 28, 29 e 30) e de intensidade (41 e 42), sendo que nesta última, avaliando-se as direções positiva e negativa dos sentimentos e emoções.

É importante lembrar que as questões 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 42 apresentavam vários sentimentos e emoções, para os quais os entrevistados

deveriam assinalar uma resposta na escala de intensidade para cada um dos itens. O propósito destas questões era examinar se existia algum sentimento ou emoção exacerbada diante do uso das redes sociais, pois dificilmente alguém seria atingido ao mesmo tempo por todos os sentimentos e emoções indicados. O leque de opções buscava que o entrevistado apontasse com mais certeza o seu sentimento interno para aquela pergunta. Portanto, como resposta para a questão, recuperou-se o maior valor assinalado dentre todos os itens, pois este representava o sentimento ou emoção mais relevante.

Analisando a divisão por gênero, nota-se na Tabela 6.3 que houve diferença significativa (valores de p em negrito na tabela) em quase todas as dimensões, rejeitando a hipótese de nulidade: na 'Influência social' (frequência e intensidade, tanto na direção positiva quanto na negativa), na frequência e intensidade da 'Dependência tecnológica', e na intensidade da 'Manifestação dos sentimentos', em ambas as direções positiva e negativa. Não houve diferença significativa entre os gêneros apenas na 'Compreensão da informação'.

Tabela 6.3 – Estatística dos grupos por gênero e o teste de Mann-Whitney.

Dimensões	Média $\pm$ DP conceito		p	Dif
	Masculino ($N = 132$)	Feminino ($N = 135$)		
Influência social – frequência	2,88 $\pm$ 0,75 (quase às vezes)	3,31 $\pm$ 0,77 (às vezes)	<0,0001	15%
Influência social – intensidade positiva	3,00 $\pm$ 0,86 (muito)	3,17 $\pm$ 0,84 (muito)	0,0422	6%
Influência social – intensidade negativa	2,91 $\pm$ 0,75 (quase muito)	3,12 $\pm$ 0,72 (muito)	0,0073	7%
Dependência tecnológica – frequência	2,69 $\pm$ 0,63 (raramente→às vezes)	2,96 $\pm$ 0,74 (às vezes)	0,0026	10%
Dependência tecnológica – intensidade	3,07 $\pm$ 0,84 (muito)	3,31 $\pm$ 0,73 (muito)	0,0090	8%
Compreensão da informação – frequência	4,09 $\pm$ 0,76 (frequentemente)	3,95 $\pm$ 0,82 (frequentemente)	0,0951	4%
Manifestação de sentimentos – frequência	2,94 $\pm$ 0,67 (às vezes)	3,14 $\pm$ 0,63 (às vezes)	0,0053	7%
Manifestação de sentimentos – intensidade negativa	2,59 $\pm$ 0,93 (pouco→muito)	2,95 $\pm$ 0,90 (muito)	0,0013	14%
Manifestação de sentimentos – intensidade positiva	2,41 $\pm$ 1,02 (um pouco)	2,84 $\pm$ 1,04 (quase muito)	0,0005	18%

De modo geral, as meninas obtiveram a frequência e a intensidade mais altas que os meninos em todas as dimensões, exceto para a dimensão 'Compreensão da informação'. Isso pode mostrar que as meninas estão mais propensas e mais vulneráveis ao uso das redes sociais virtuais, e mais sujeitas aos seus efeitos em diferentes aspectos.

Os resultados apontam que, em algum momento, tanto meninos quanto meninas experimentam emoções e sentimentos positivos e negativos intensos com o uso das redes sociais virtuais, visto que o conceito médio assinalado para expressar a intensidade foi dado pelo termo linguístico muito. Entretanto, essa exacerbação não ocorre com muita regularidade, pois a média da frequência foi expressa como 'às vezes'. Conforme já mencionado anteriormente, não foi encontrado nenhum trabalho correlato na literatura que tivesse usado esta abordagem de investigar os estados emotivos dos adolescentes nas redes sociais virtuais.

Tabela 6.4 – Estatística dos grupos por faixa etária e o teste de Mann-Whitney.

Dimensões	MÉDIA ± DP		<i>p</i>	<i>Dif</i>
	14-15 anos (<i>N</i> = 49)	16-17 anos (<i>N</i> = 218)		
Influência social – frequência	3,21 ± 0,80 (às vezes)	3,08 ± 0,79 (às vezes)	0,1501	5%
Influência social – intensidade positiva	3,22 ± 0,85 (muito)	3,06 ± 0,86 (muito)	0,0932	6%
Influência social – intensidade negativa	3,22 ± 0,63 (muito)	2,97 ± 0,76 (muito)	0,0216	9%
Dependência tecnológica – frequência	2,70 ± 0,55 (quase às vezes)	2,85 ± 0,72 (quase às vezes)	0,1401	6%
Dependência tecnológica – intensidade	3,26 ± 0,64 (muito)	3,18 ± 0,83 (muito)	0,4939	2%
Compreensão da informação – frequência	4,14 ± 0,56 (frequentemente)	3,99 ± 0,83 (frequentemente)	0,1966	4%
Manifestação de sentimentos – frequência	3,06 ± 0,69 (às vezes)	3,04 ± 0,65 (às vezes)	0,3200	1%
Manifestação de sentimentos – intensidade negativa	2,84 ± 0,79 (quase muito)	2,75 ± 0,96 (pouco→muito)	0,3037	3%
Manifestação de sentimentos – intensidade positiva	2,65 ± 0,99 (pouco→muito)	2,62 ± 1,06 (pouco→muito)	0,4257	1%

Considerando a Tabela 6.4, percebe-se que houve diferença significativa (valores de *p* em negrito na tabela) apenas na direção negativa da intensidade na dimensão 'Influência social'. Os adolescentes mais novos (grupo 14-15 anos) são

mais afetados emocionalmente quando não recebem atenção de seus pares nas redes sociais virtuais.

Destaca-se ainda que os valores de frequência e intensidade em todas as dimensões do grupo 14-15 anos, exceto para a frequência da dimensão 'Dependência tecnológica', foram mais altos que do grupo 16-17 anos.

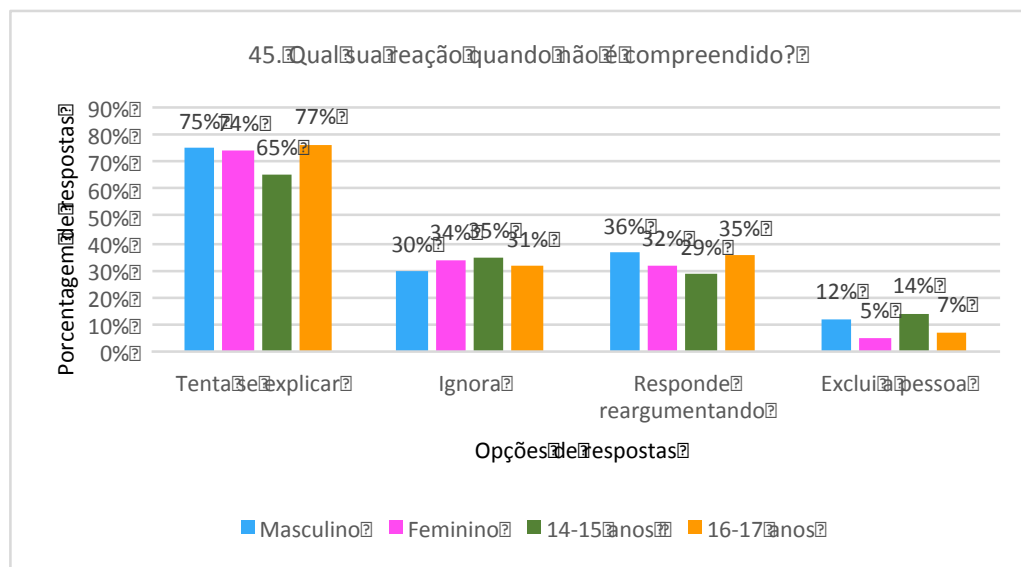
Ressalva-se que estas conclusões parciais por faixa etária podem não ser definitivas, visto que o número de amostras é muito desbalanceado entre os dois grupos. Uma nova coleta com grupos numericamente equivalentes poderia indicar resultados mais fidedignos.

6.4 Compreensão da informação

De acordo com a Fig. 6.13, em geral, os adolescentes, de ambos os gêneros e de qualquer idade, costumam tentar se explicar ou reargumentam quando percebem que a comunicação não foi efetiva e a mensagem não foi compreendida. Isso explicita uma tentativa de manter a comunicação com o interlocutor. Porém, percebe-se que um terço dos adolescentes não têm paciência para recuperar a compreensão na comunicação. Poucos fazem ações extremas, como excluir pessoas, sendo este ato mais frequente para os meninos e os adolescentes mais jovens. As somas das respostas se mostram maiores que 100% devido à possibilidade oferecida nesta questão de se responder mais de uma alternativa. Aplicando-se o teste G, não houve diferenças significativas entre os grupos.

A Fig. 6.13 mostra que a grande maioria da amostra coletada, independente da idade ou gênero, tenta se explicar quando não é compreendida no ambiente virtual. Um terço da amostra respondeu que responde reargumentando quando percebe que não foi compreendida em uma conversa virtual. Ou seja, os adolescentes não se furtam ao diálogo.

Figura 6.13 – Gráfico de respostas da Questão 45, separado por grupos.

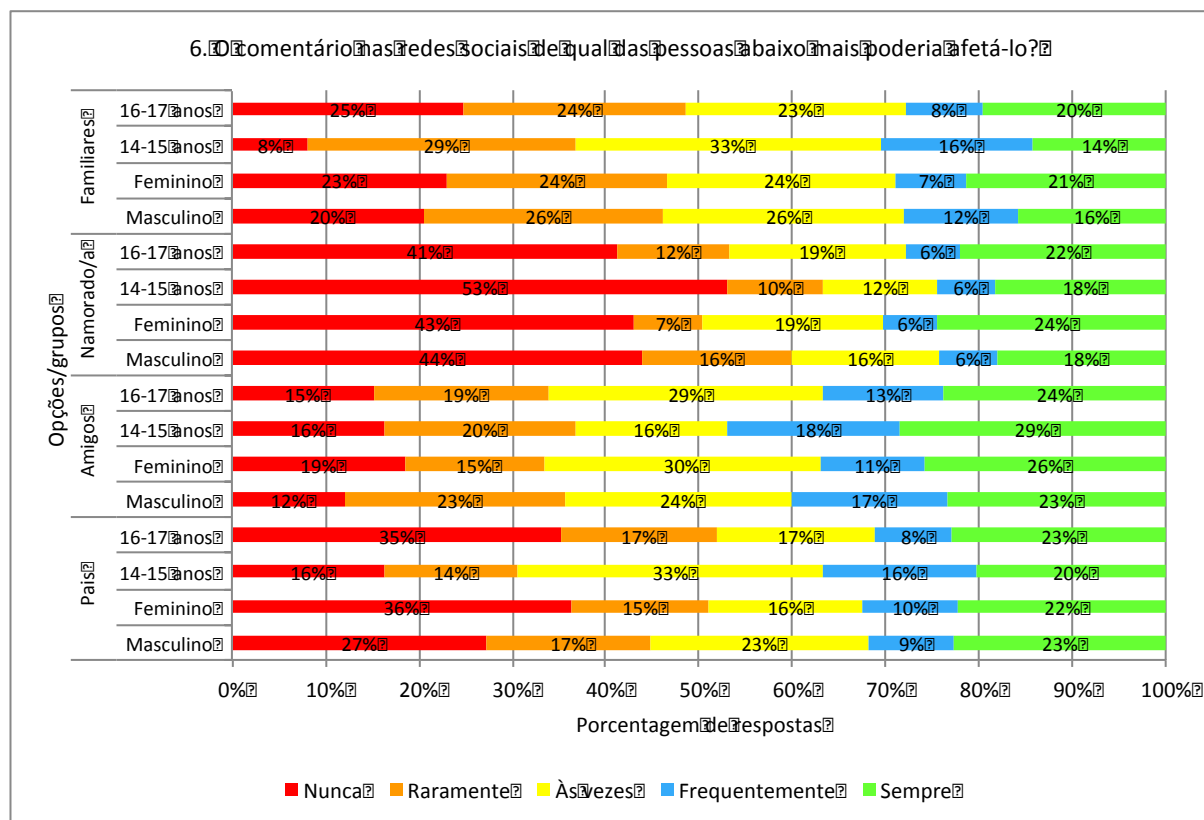


6.5 Influência social

A Fig. 6.14 evidencia que comentários virtuais oriundos de familiares e namorado(a) não afetam tanto os adolescentes (aproximadamente 19% responderam ‘sempre’) quanto aos comentários de pais e amigos (aproximadamente 24% responderam ‘sempre’). Pode ser que isso ocorra devido à relação de confiança que estes adolescentes possam vir a possuir com seus pais e amigos. Torna-se mais difícil receber uma crítica oriunda de um ente mais próximo e do qual se tem grande confiança e respeito do que de um familiar mais distante ou de uma pessoa que acabou de conhecer e estabelecer relações afetivas mais intensas. Ou seja, como é percebido no gráfico, os adolescentes se sensibilizam mais com críticas e comentários oriundos de amigos do que com comentários de namorado(a)s, o que reforça esta ideia. Estes resultados reforçam a

O teste G mostrou que há diferenças significativas (com $p < 0,0001$) tanto para a divisão por gênero quanto para faixa etária.

Figura 6.14 – Gráfico de respostas da Questão 6, separado por grupos.



Para esta dimensão, em relação ao despertar de sentimentos e emoções na comunicação com as pessoas, considerando as questões 35 e 37, os estados emocionais negativos notáveis mais intensos foram a impaciência e o estresse, enquanto que os estados positivos mais intensos foram a tranquilidade e o contentamento, de acordo com as questões 36 e 38.

A extrema maioria dos entrevistados indicou que são indiferentes à repercussão de comentários em suas postagens. Parece ter sido um erro estratégico ter colocado esta opção de resposta, pois os respondentes desta opção também sinalizaram outros estados emocionais com resposta de intensidade diferente de 'nada'. Ou seja, não são realmente totalmente indiferentes. Na verdade, para a pesquisa, a leitura mais adequada seria avaliar a resposta 'nada' para revelar uma indiferença.

6.6 Dependência tecnológica

A Fig. 6.15 evidencia que um quarto da amostra nunca utiliza o celular durante as aulas. Em torno de 50% da amostra mencionou que utiliza o celular durante as aulas, seja ‘às vezes’, ‘frequentemente’ ou ‘sempre’. Convém ainda ressaltar que dos que utilizam o celular em sala aula, grande parte são meninas, como mostra o gráfico. Aqui torna-se necessário enfatizar a Lei Estadual nº 12.730, de 11/10/2007, que “Proíbe o uso telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula”. Isso mostra como os jovens estão constantemente atrelados à tecnologia, mal conseguindo ficar longe dela por curtos espaços de tempo, como são os períodos em que estão em aula. É como se estes jovens precisassem estar o tempo todo conectados, ou em constante processo de checagem de *status*, de novas mensagens, ‘likes’, etc. Esta questão não apresentou diferença significativa ($p < 5\%$) em nenhuma das divisões entre grupos.

A Fig. 6.16 evidencia que cerca de metade dos entrevistados faz uso do aparelho celular durante as aulas, por diferentes motivos, sendo que um quarto dos usuários dirigem esse uso para acessar conteúdos relativos à aula. Na motivação para o uso durante a aula, de acordo com o teste G, houve diferença significativa entre meninos e meninas ($p = 0,0068$), porém não entre o grupo 14-15 anos e 16-17 anos ($p = 0,6236$).

Figura 6.15 – Gráfico de respostas da Questão 19, separado por grupos.

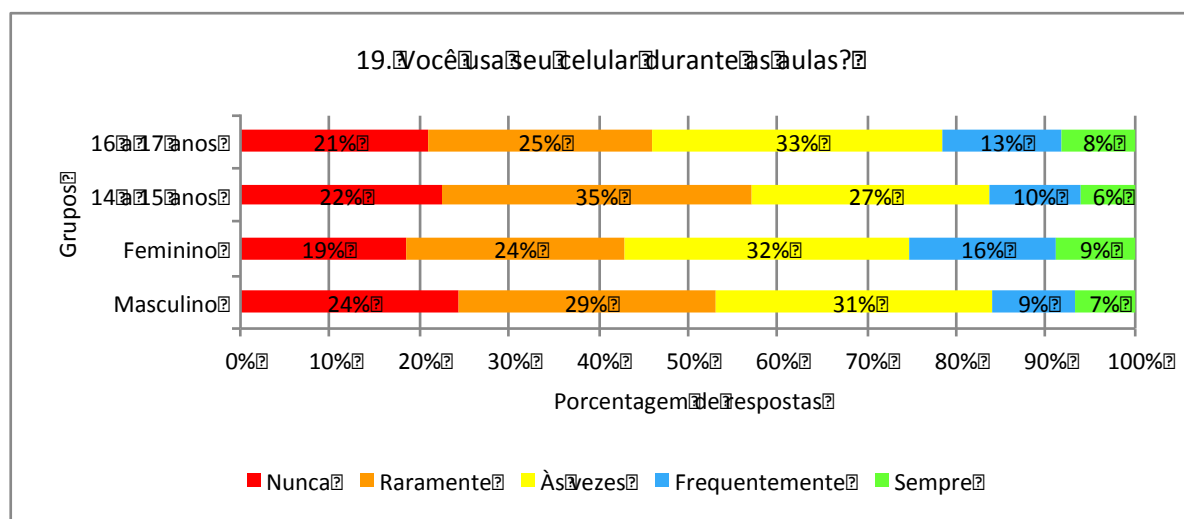
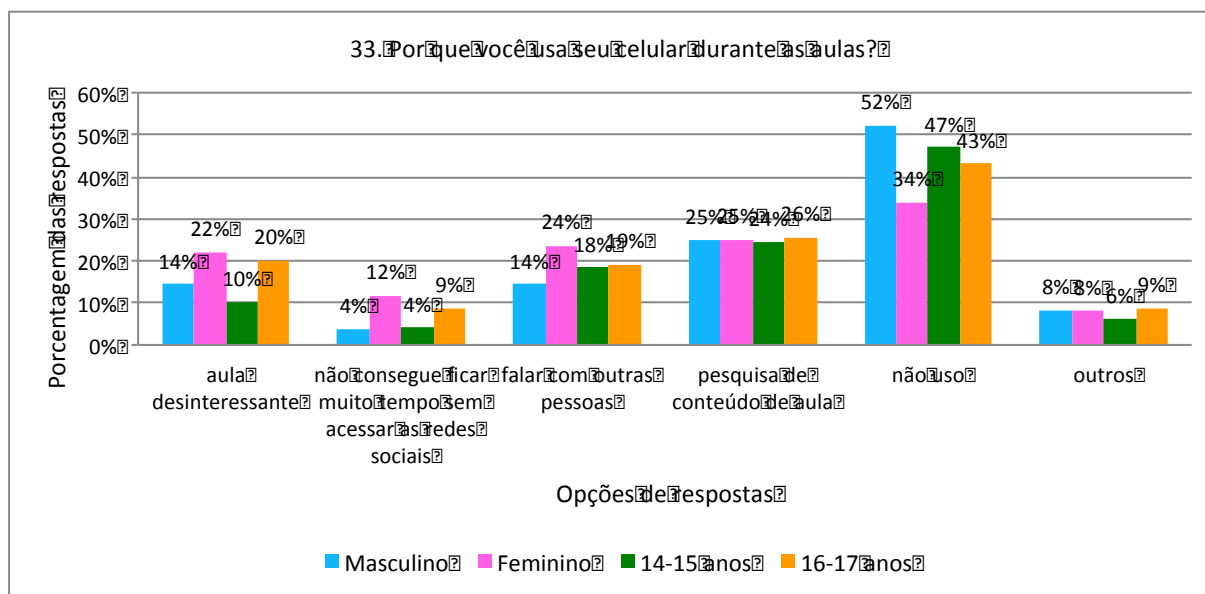


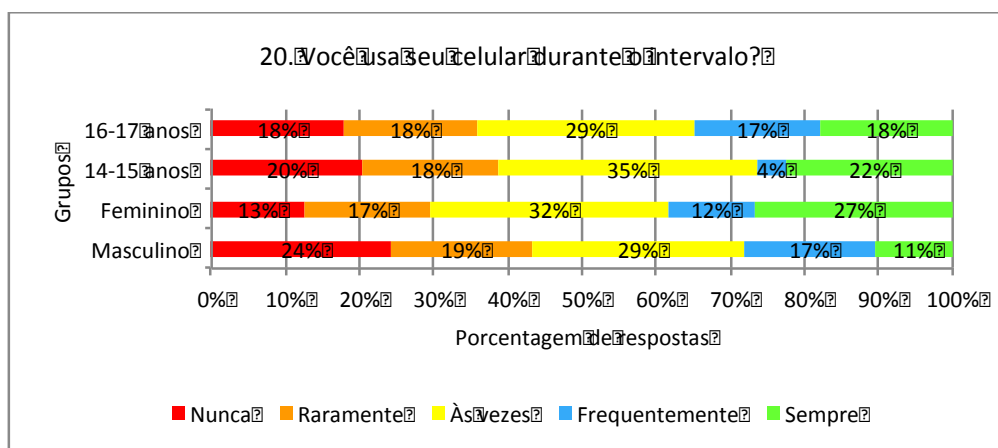
Figura 6.16 – Gráfico de respostas da Questão 33, separado por grupos.



Interessante notar que na Fig. 6.17 o número de respostas 'sempre' aumenta consideravelmente com relação à questão da Fig. 6.15. Ou seja, fora do horário de aula o uso do celular aumenta. Curioso lembrar que o intervalo nas escolas é o período para se realizar pequenas refeições, utilizar o sanitário, hidratar-se, socializar com os colegas sem que as conversas atrapalhem as aulas, e praticamente metade da amostra respondeu que usa este período para também utilizar o celular. Ou seja, num período escolar destinado à socialização, os alunos tendem a usar seus dispositivos *mobile* e suas redes sociais *online*.

O teste G mostrou que existe diferença significativa ($p = 0,0026$) no conjunto de respostas dadas pelos grupos masculino e feminino para a Fig. 6.17.

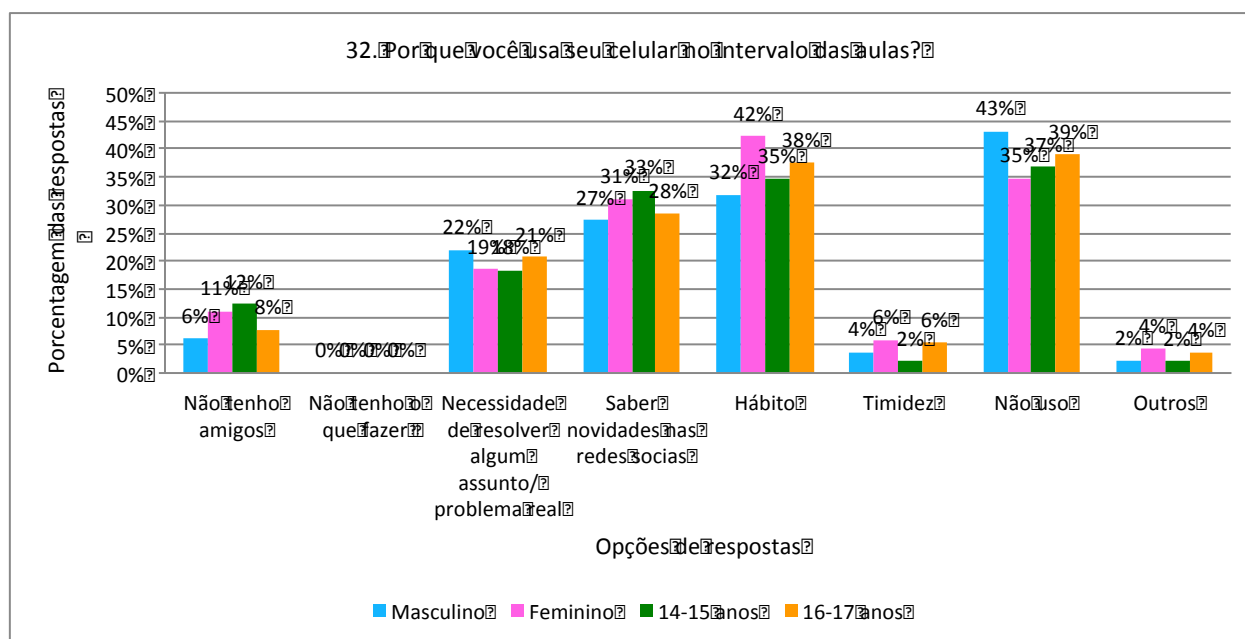
Figura 6.17 – Gráfico de respostas da Questão 20, separado por grupos.



A Fig. 6.18 mostra que a grande maioria dos respondentes, independentemente de gênero e idade, utilizam as redes sociais virtuais no intervalo das aulas por hábito, ou para saber novidades nas redes sociais ou ainda para resolver algum assunto/problema real. Segundo o teste G, não houve diferença significativa ($p < 5\%$) na divisão em grupos por gênero e nem por faixa etária para esta questão.

Importante observar que muitos responderam não usar o celular durante o intervalo das aulas. Nenhum entrevistado relatou usar por não ter o que fazer durante o intervalo. Isto pode revelar que as relações presenciais são preferidas em relação ao contato virtual, conforme foi também identificado na Questão 43, expressa na Fig. 6.11, cujas respostas corroboram nesta direção. Pouquíssimos adolescentes (2% a 6%, dependendo do grupo de estudo) afirmaram usar o celular por timidez. A presente pesquisa não alcançou os motivos da timidez ou se isso se reflete em uma tendência ao isolamento desses respondentes.

Figura 6.18 – Gráfico de respostas da Questão 32, separado por grupos.

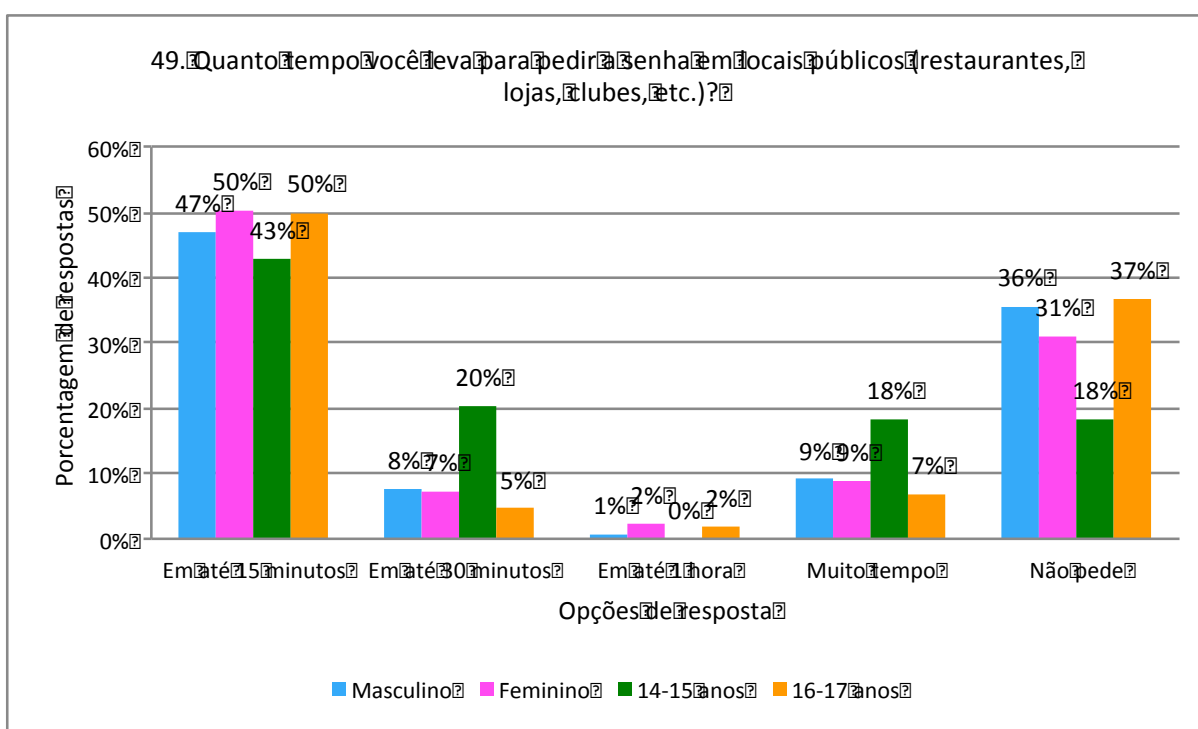


A Fig. 6.19 mostra que em torno da metade da amostra, independentemente do grupo (gênero ou faixa etária), pede a senha da rede Wi-Fi em locais públicos em até 15 minutos. Isso mostra que, mesmo estando nestes locais com outras intenções, são poucas as pessoas que conseguem ficar curtos períodos de tempo sem conexão com a Internet. Por exemplo, vai-se a um restaurante para se alimentar e não para se

conectar à Internet, mesmo assim, 50% da amostra viu-se tentada a pedir a senha da rede Wi-Fi em menos de 15 minutos dentro do estabelecimento, seja ele qual for. Houve também cerca de um terço dos entrevistados que relataram não pedir senha em locais públicos. Este é um dado relevante, pois pode indicar que estes adolescentes se envolvem fortemente com as atividades que estão realizando naquele momento, desconectando-se mentalmente do mundo virtual.

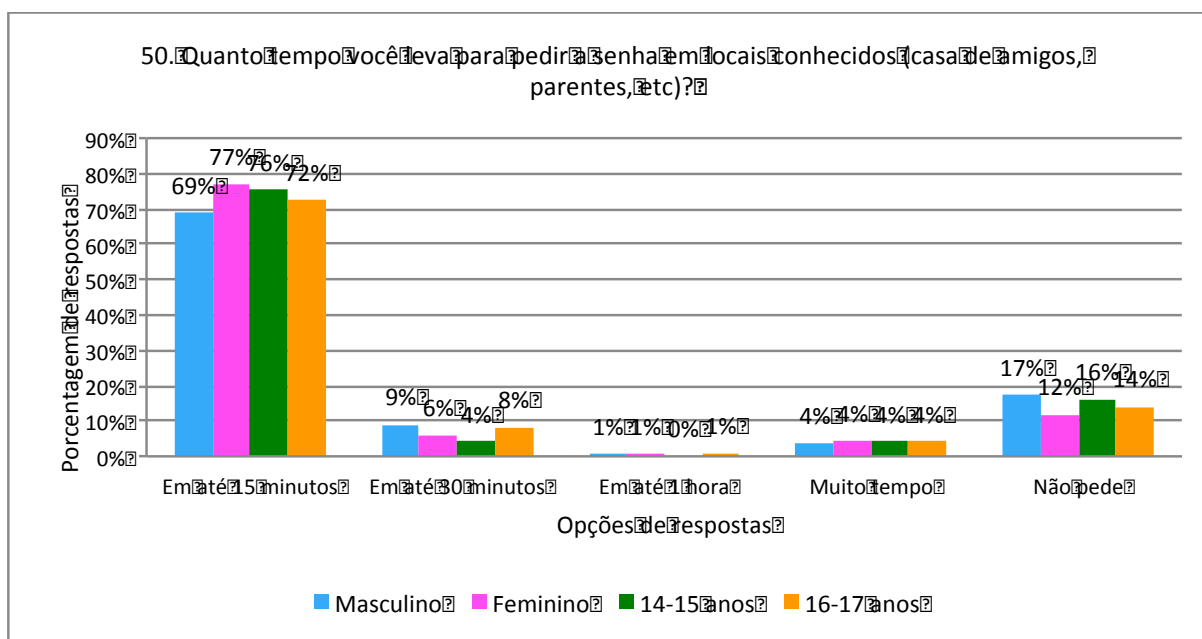
A aplicação do teste G mostrou que há diferença significativa na divisão por faixa etária ($p = 0,0002$), porém não existe diferença na divisão por gênero. Nota-se pela Fig. 6.19 que uma parcela pequena dos respondentes do grupo 14-15 anos evita solicitar a senha em locais públicos, em contraste com os outros grupos.

Figura 6.19 – Gráfico de respostas da Questão 49, separado por grupos.



Como pode ser percebido na Fig. 6.20, em torno de 70% da amostra, independentemente do grupo (gênero ou faixa etária), pede a senha da rede Wi-Fi em locais conhecidos em até 15 minutos. Neste caso, é bem óbvio que a intimidade com o proprietário conta e muito, já que aqui foram consideradas casas de amigos, de parentes, entre outros, então este resultado já era esperado. O teste G não mostrou diferença significativa entre os grupos.

Figura 6.20 – Gráfico de respostas da Questão 50, separado por grupos.



Já mencionado anteriormente, o *WhileFi* é uma gíria norte-americana que expressa especificamente este período de tempo entre a chegada no estabelecimento e o ato de pedir a senha da rede Wi-Fi (KAUFMAN, 2016). A brincadeira com a palavra da língua inglesa “*while*”, que denota “espaço de tempo”, já torna a expressão autoexplicativa. Atualmente, este período de tempo parece que vem se encurtando cada vez mais. Esta é uma preocupação que emergiu por parte dos usuários norteamericanos, refletindo uma apreensão a respeito das etiquetas sociais de boas normas de conduta relativas ao uso de aparelhos de telefonia móvel. O fato revela que, com a democratização do acesso à Internet e redes sociais, novos aspectos comportamentais e novos valores sociais vão sendo agregados, reconfigurando a sociedade e a maneira de relacionar com o mundo e com o outro.

As questões 49 e 50 indicaram que os adolescentes brasileiros parecem não se importar com uma etiqueta no uso dos dispositivos móveis nos espaços em que transitam. Aparentemente, já existe aí uma diferença cultural entre os norteamericanos e os brasileiros. Este é um aspecto comportamental interessante de ser investigado, pois não foram encontradas pesquisas relacionadas. Adicionalmente, sugerimos também o estudo dos termos aqui cunhados e propostos como “*WhereFi*”, onde seria aceitavelmente possível, e o “*HowLongFi*”, quanto tempo conectado dispensado aceitavelmente, sem inconveniência, no lugar em que se está.

Os resultados combinados das Fig. 6.19 e 6.20 comprovam que os adolescentes, em sua grande maioria, sentem a necessidade de estar conectados em qualquer lugar, buscam obter a conexão virtual o mais rapidamente possível e esse tempo diminui à medida que se sentem mais cômodos com o local visitado.

De acordo com as respostas das Questões 39 e 40, parte relevante dos adolescentes relataram, dentre as opções apresentadas, sentir irritação e impaciência quando se deparam sem acesso à Internet ou a dispositivos digitais. A grande maioria dos entrevistados, em resposta à Questão 48, relata não ter vergonha/inibição em perguntar a senha de acesso à rede.

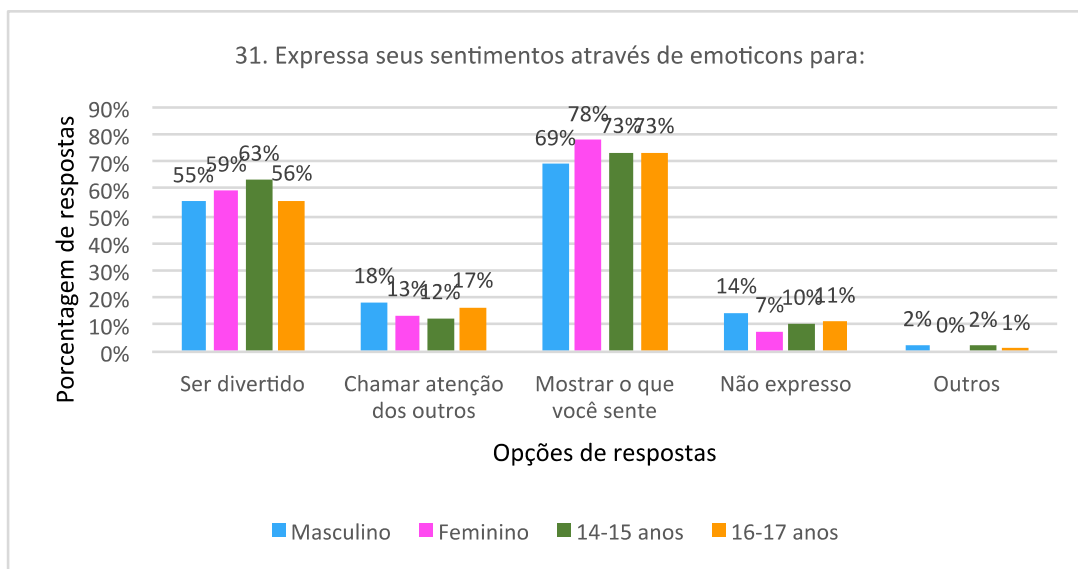
6.7 Manifestação dos sentimentos

A Fig. 6.21 sinaliza que os adolescentes utilizam *emoticons/emojis* como forma de manifestação real dos sentimentos (70% da amostra, independente do gênero e de faixa etária). Isso pode significar que os signos gráficos os auxiliam a expressar seu estado interior com mais facilidade, substituindo declarações por palavras, o que poderia ser mais inibidor. A maior parte dos respondentes (60%) também declarou usar os signos para ser divertido, o que pode significar uma estratégia para manter a conversação mais agradável e acolhedora. Segundo o teste G, não há diferença significativa por gênero e por faixa etária nas respostas para esta questão.

Forma de comunicação paralinguística, um *emoticon*, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :) , :(, ^-^ , :3 , e.e' , ' - ' e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

Para esta dimensão, em relação à expressão de sentimentos e emoções, considerando as questões 41 e 42, os estados emocionais negativos mais intensos foram o tédio e o estresse, ao passo que o positivo foi a alegria. Os entrevistados indicaram que a depressão é um estado que inibe o uso das redes sociais.

Figura 6.21 – Gráfico de respostas da Questão 31, separado por grupos.



A expressividade das emoções por *emoticons* parece ser um indicativo de que os adolescentes avaliam e vivenciam as emoções. Ou seja, eles estão conduzindo sua regulação emocional mesmo no ambiente virtual, visto que trocam informações emocionais sobre si e com/para/sobre o outro, o que é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento social e da personalidade do adolescente, segundo Masters (1991). Essa empatia emocional através da experiência social virtual colabora, portanto, também para construir um sentido de pertença na adolescência, como destaca ser importante para Azpiazu (2010).

Encerradas as análises dos resultados, discutimos no próximo capítulo as conclusões da investigação sobre o comportamento e a emotividade dos adolescentes da Geração Z.

Capítulo 7

CONCLUSÕES

O último capítulo comenta as conclusões finais sobre os resultados obtidos, faz algumas observações finais sobre a contribuição da pesquisa, bem como esclarece as limitações do seu escopo e lança ideias sobre trabalhos futuros.

7.1 Conclusões

O presente estudo demonstrou que quase a totalidade dos adolescentes entre 14 e 17 anos utilizam diariamente a Internet e a maioria gasta um tempo considerável, em média, de 4 a 8 horas por dia. Acessam principalmente redes sociais, aplicativos de mensagem instantânea e *chats*. As mídias sociais digitais mais utilizadas são o Facebook e o Whatsapp. Acessam a Internet e as redes sociais pelo telefone celular, e em casa. A comunicação é feita predominantemente com os amigos. O maior uso é para troca de mensagens (escritas), seguido de entretenimento. Porém, vários outros usos foram relatados. Não costumam usar outros tipos de meios de comunicação com frequência, sendo que a TV é o meio mais utilizado por metade dos adolescentes entrevistados.

Quanto à dependência tecnológica, constatou-se que os adolescentes buscam rapidamente (quase imediatamente) conectar-se à Internet em qualquer lugar quando estão fora de seu ambiente doméstico. Porém, no ambiente escolar, os adolescentes mostraram-se menos dispostos ao uso das redes sociais e das tecnologias, preferindo

utilizar o tempo no contato presencial com os colegas. As garotas estão mais propensas ao uso das redes sociais virtuais que os garotos. Em geral, os adolescentes relatam ficar mais tempo conectados que o programado, mas isso não afeta seu mundo *offline* (não perdem compromissos e nem têm dificuldade para desconectar). Manifestam um certo desconforto, com certo grau de irritação, ansiosidade, frustração e impaciência quando não obtêm êxito na comunicação virtual ou ficam sem acesso à Internet. Os resultados apontam que existe uma dependência moderada da tecnologia, pois não são indiferentes à ausência da possibilidade de conexão à rede, porém não esboçam reações com muita energia para despertar sentimentos tão fortes quando desconectados.

Os resultados mostraram que os adolescentes são sensíveis à influência social, preocupando-se com a opinião das pessoas próximas, e a expressão da emotividade é alta tanto para os estados emocionais negativos quanto para os positivos. As meninas mostraram-se mais vulneráveis que os meninos quanto à opinião dos outros. Existe uma preocupação com o que é postado nas redes sociais virtuais.

Os adolescentes consideram que suas habilidades de comunicação virtual e compreensão são boas e não relataram dificuldades no relacionamento interpessoal. Além disso, não desistem do processo comunicativo quando ele se torna difícil. Ainda que da maneira própria desta geração, as competências comunicativas não parecem comprometidas ou dificultadas pelo meio tecnológico.

As meninas são mais expressivas e afetadas emotivamente na comunicação virtual das redes sociais e demonstram seus sentimentos com mais frequência e intensidade que os meninos, embora apenas ocasionalmente. Eles não se privam de se expressar, porém não fazem disso uma prática, o que pode ser sinal de bom senso. Portanto, a emotividade dos adolescentes não parece estar atenuada, inibida ou exacerbada com as redes sociais virtuais.

De modo geral, percebeu-se no presente estudo que existem diferenças significativas no padrão de comportamento e na expressividade entre os gêneros no mundo virtual, sendo que as meninas possuem numericamente uma avaliação mais elevada que os meninos em todos os aspectos pesquisados, excluindo-se a 'Compreensão da informação'. Entretanto, não se verificou diferenças acentuadas na divisão dos entrevistados por faixa etária.

Assim sendo, sobre as hipóteses norteadoras desta pesquisa, tem-se que a hipótese H1, portanto, não foi confirmada, visto que não se observou em escala

relevante que os adolescentes usuários de mídias digitais tendem a mostrar mais ansiedade, dependência e solidão quando estão desconectados do mundo virtual. Confirmou-se, contudo, a hipótese H2, de que os adolescentes utilizam a rede social virtual como meio de aproximação de pessoas do seu círculo íntimo, sobretudo dos amigos. Considerando a hipótese H3, verificou-se que os adolescentes não demonstram dificuldades em expressar e identificar sentimentos e emoções no mundo virtual, embora não façam essa manifestação com frequência.

As novidades causam resistência dos mais antigos. Foi assim com a TV e com o computador, até que passaram a fazer parte definitiva da vida humana. As mídias digitais são o destaque do momento. Em síntese, embora exista uma preocupação válida na sociedade e na ciência com os efeitos do uso persistente da Internet e das mídias digitais, principalmente os impactos perniciosos em relação ao desenvolvimento juvenil, os resultados obtidos nesta pesquisa indicam que não há motivos para uma inquietação sobressaltada sobre este tema dentro do contexto pesquisado, o que não significa que não se deva estar vigilante, atento e zeloso dentro da questão, sejam pais, professores ou profissionais da saúde. De modo geral, a preocupação com os costumes atuais dos adolescentes parece assinalar uma dificuldade das gerações anteriores em lidar com o novo, com uma nova forma de expressar e relacionar-se com o outro, através da diminuição da oralidade e do contato presencial, para as quais estão sendo impelidas a ingressar em um novo mundo, com o qual muitas vezes não concordam, não dominam e no qual muitos não gostariam de se inserir. As mudanças proporcionadas pelas mídias digitais, comunicação móvel e a Internet trazem à tona desafios de adaptação às novas alternativas de tratar com os jovens, com seu modo de ver o mundo e com as tecnologias cada vez mais ubíquas. Isso, certamente, irá transformar os modos de como ensinar, aprender, interagir e criar, assim como estabelecerá nova reorganização social, moral e ética.

7.2 Contribuições do trabalho

Este estudo contribui para a literatura sobre o impacto da tecnologia nos estados emocionais e a resposta emotiva nos adolescentes, expandindo a avaliação do uso das redes sociais virtuais, a partir de um conjunto de questões refletindo o uso

geral das plataformas de mídias digitais para uma estrutura de cinco dimensões: identificação e hábitos de mídias digitais usadas, dependência tecnológica, compreensão da informação, influência social e manifestação de sentimentos.

Como repercussão do estudo, mostrou-se que a atividade nas redes sociais virtuais pode revelar um retrato do bem-estar mental dos adolescentes e de seu estado emocional, pois o tipo de postagem ou mesmo a ausência delas pode ter significados muito próximos ao momento que estão vivendo. Quando os adolescentes tendem para a positividade e a felicidade compartilham mais mensagens e postagens do que quando estão em estados negativos ou depressivos. Muitas vezes mencionam utilizar ícones (*emoticons/emojis*) em uma conversação escrita para denunciar o seu estado emocional real.

Também foi apontado que, na adolescência, pela diferença de idade dos entrevistados ser pequena, não houve uma diferença comportamental da Geração Z no que se refere à faixa etária, pois desde cedo eles já foram acostumados com a tecnologia digital, modos de interação, de relacionamentos e de comunicação. Neste caso, a maturidade e o avanço da escolaridade não parecem ser determinantes para promover diferentes modos de usos das tecnologias e nem produzir efeitos diferentes sobre o indivíduo.

7.3 Limitações do trabalho

Este estudo tem várias limitações. Em primeiro lugar, a amostra foi tirada da área de Rio Claro, o que certamente não represente todas as regiões do Brasil. É possível que a tecnologia seja utilizada de forma diferente em áreas mais urbanas do que nas áreas rurais, porém, apesar de não ter sido avaliada esta situação, possivelmente isso pode ser indiferente, dada a onipresença desses dispositivos na vida moderna. Além disso, a coleta foi realizada somente em escolas públicas. O público de escolas privadas poderia talvez ter respostas diferentes, devido a uma suposta maior facilidade de acesso a diferentes e mais sofisticados aparatos tecnológicos, decorrente de condições econômicas mais favoráveis.

É também possível que a amostragem com adolescentes e adultos jovens brasileiros (de 18 a 24 anos) proporcionasse uma visão diferente, já que os

adolescentes atuais são uma geração que cresceu com a tecnologia, ao passo que os adultos jovens tiveram que se adaptar aos novos usos em substituição aos modos antigos.

Em segundo lugar, este estudo não forneceu explicações demográficas (situação econômica e nível educacional) para as análises, removendo o seu impacto. Em terceiro lugar, o questionário utilizado foi elaborado em grande parte para mensurar um resultado de avaliação estatística descritiva. Embora haja uma análise inferencial nos resultados, ela foi derivada de uma conversão de uma coleta qualitativa dos dados para dados quantitativos, o que pode acarretar alguma perda na percepção, em precisão, visto que a faixa de respostas convertidas era pequena, com pouca granularidade.

Este estudo também deixa em aberto a questão de causa e efeito. Por exemplo, o uso da tecnologia faz com que os sinais de inabilidade comunicativa ou dificuldade emocional possam ser influenciados pelo uso específico das novas tecnologias de mídia digital? Este estudo não responde a perguntas desta natureza. Possivelmente, um estudo longitudinal, examinando o uso de mídia e tecnologia e saúde psicológica pudesse responder a essa questão causal.

Além disso, o estudo não considerou a possibilidade dos entrevistados já terem passado por experiências desagradáveis nas redes sociais, como *bullying*, *sexting*, invasão de privacidade, etc., o que poderia influenciar nos resultados.

7.4 Trabalhos futuros

Como trabalhos futuros, poder-se-ia realizar um estudo da mesma natureza que envolvesse as últimas três gerações, Y (adultos jovens), Z (adolescentes) e Alfa (pré-adolescentes), buscando verificar se há diferenças comportamentais, na emotividade e de hábitos no uso das tecnologias.

No que tange às questões sobre a influência das redes sociais virtuais na vida dos adolescentes da Geração Z, outras perguntas mostraram-se oportunas, não abrangidas por esta dissertação, tais como: o que a pessoa posta nas redes sociais virtuais?, quanto tempo ela demora entre acordar e verificar as redes sociais virtuais?, como ela interage com as redes sociais virtuais (curtidas, compartilhamentos,

comentários, postagens próprias)?, o quanto as redes sociais virtuais são importante para a pessoa?, o que a pessoa faz em seu tempo livre? Tais perguntas, em conjunto com as realizadas na dissertação na dimensão 'Dependência tecnológica' poderiam ajudar a melhor capturar o efeito das redes sociais na vida dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: ARTMED, 1981. Disponível em: <https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/adolescencia-aberastury.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ABREU, C. N.; CANGELLI FILHO, R. A abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia no tratamento da anorexia nervosa e bulimia nervosa. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v.1, n.1, p. 45–58, 2005.

ABREU, C. N. *et al.* Dependência de internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 2, p. 156–157, 2008.

AFONSO, F. **Representar fantasmas: Identidade nos chats de vídeo aleatórios**. 2014. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/13693/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2016.

ALLEGRETTI, F. A Era da solidão acompanhada. **Veja**, São Paulo, edição 2442, ano 48, nº 36, p. 80–87, 09 set. 2015.

AMANTE, L. *et al.* Jovens e processo de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. **Educação, Formação e Tecnologias**, v. 7, n. 2, p. 26–38, 2014.

ARAB, E.; DÍAZ, A. Impacto de las redes sociales e internet en la adolescencia: aspecto positivos y negativos. **Revista Médica Clínica Las Condes**, v. 26, n. 1, p. 07–13, 2015.

ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 3, p. 539–547, 2014.

AU, W. J. **Os bastidores do second life**: notícias de um novo mundo. São Paulo: Idéia & Ação, 2008.

AUTY, S.; ELLIOTT, R. Being like or being liked: identity vs. approval in social context. **Advances in Consumer Research**, v. 28, p. 235–241, 2001.

AZPIAZU, B. El mayor apoyo en la adolescencia: la amistad. **Encuentro Educativo**, v. 5, n. 2, p. 8–30, 2010.

BALDANZA, R. F. Comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. INTERCOM - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

BALIAN, O. C. A. **O desafio na gestão da geração Y**. RH News, Rio de Janeiro, ano 14, n. 160, p. 6, 2009. Disponível em: <http://www.abrhrj.org.br/typo/fileadmin/user_upload/RHNEWS/rh_news_160_junho.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

BALLONE G.J. Neurofisiologia das emoções. In: **Psiquweb** - Psiquiatria Geral 2002. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/neurofisio.html>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BANJANIN, N. *et al.* Relationship between internet use and depression: Focus on physiological mood oscillations, social networking and online addictive behavior. **Computers in Human Behavior**, v. 43, p. 308–312, 2015.

BARG, J. A.; MACKENNA, K. Y. A. The internet and social life. **Annual review of Psychology**, v. 55, n. 1, p. 573–590, 2004.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 29.ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BLATT, S. J. Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. *In*: SINGER, J. L. (Ed.) **Repression and dissociation**: Implications for personality theory, psychopathology and health. Chicago: University of Chicago Press, p. 299–335, 1990.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologia institucional e processo grupal. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BONETTI, L.; CAMPBELL, M.; GILMORE, L. The relationship of loneliness and social anxiety with children's and adolescents' online communication. **CyberPsychology & Behavior**, v. 13, p. 279–285, 2010.

BONIEL-NISSIM, M.; BARAK, A. The Therapeutic Value of Adolescents' Blogging About Social–Emotional Difficulties Psychological. **American Psychological Association**, v. 10, n. 3, p. 333–341, 2013.

BOWDITCH, J. L.; BUONO, A. F. **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

BOYD, D. **It's complicated**: The social lives of networked teens. Yale: Yale University Press, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, DF: SECOM, 153 p. 2014.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Ministério da Justiça. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990.

BRITO, P.V. **As gerações boomer, Baby boomer, X, Y e Z**. Publicado em 2013. Disponível em: <http://advivo.com.br/blog/marco-paulo-valeriano-de-brito/as-gera%C3%A7%C3%B5es-babyboomer-x-y-z%3>. Acesso em 15 mar. 2017.

CADENA. N.B.de la. Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia: **Revista Ética e Filosofia Política** – Número XVI – Volume II – dezembro de 2013, Disponível em: www.ufjf.br/eticaefilosofia. Acesso em 07 fev. 2017.

CAIN, N.; GRADISAR, M. Electronic media use and sleep in school-aged children and adolescents: A review. **Sleep Medicine**, v. 11, n. 8, p. 735–742, 2010.

CAMPBELL A. J.; CUMMING S. R.; HUGHES I. Internet use by the socially fearful: addiction or therapy? **CyberPsychology & Behavior**, v. 9, n. 1, p. 69–81, 2006.

CAPELINHA, J. C. C. **A qualidade das relações de amizade na adolescência e suas implicações ao nível do autoconceito e da auto-estima**. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.

CARR, A. **Positive Psychology: The Science of Happiness and Human Strengths**. New York: Routledge, 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2º vol. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CERETTA, S. B.; FROEMMING, L. M. Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. RAUnP - **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**, v. 3, n. 2, art. 2, p. 15-24, 2011.

CHOI, K. *et al.* Internet overuse and excessive daytime sleepiness in adolescents. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 63, p. 455–462, 2009.

CHOU, H. G.; EDGE, N. “They are happier and having better lives than I am”: The impact of using Facebook on perceptions of others’ lives. **Cyberpsychology, Behavior and Social Networking**, v. 15, n. 2, p. 117–120, 2012.

CIRIACO, D. **O que é a geração Z?** [s/l]. 08 jul. 2009. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ComSCORE. **Relatório de 2015 do Futuro Digital em Foco**. ComScore, Inc., 2015. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2015/Futuro-Digital-Global-em-Foco-2015>. Acesso em: 25 jul. 2017.

COURTOIS, C.; ALL, A.; VANWYNSBERGHE, H. Social network profiles as information sources for adolescents' offline relations. **Cyberpsychology, Behavior and Social Networking**, v. 15, n. 6, p. 290–295, 2012.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes** – Emoção, Razão e Cérebro Humano. 21ª ed., Lisboa: Publicações Europa América, 2000a.

_____. **O Sentimento de Si**. Tradução de M. F. M. revista pelo autor Europa-América, 2000b.

_____. **O Mistério da Consciência**. Trad. L. T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 2000c.

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. (Trabalho original publicado em 1872).

DEHUE, F.; BOLMAN, C.; VOLLINK, T. Cyberbullying: Youngster’s experiences and parental perception. **CyberPsychology & Behavior**, v. 11, n. 2, p. 127–332, 2008.

DEL PINO, C. C. **Teoria dos Sentimentos**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, 2003.

DIAS, D. G.; SANTOS, S. F.; ERNESTO, T. S. O esfacelamento da identidade do sujeito pós-moderno vulnerável ao novo e antigo mal: o bullying. **Perspectivas Online**, v. 2, p. 29–44, 2012.

DINIZ, L. A. G. **Cibercultura, hipertexto e cibercidade**. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

EKMAN, P. Strong evidence for universals in facial expressions: a reply to Russell's mistaken critique. **Psychological Bulletin**, v. 115, n. 2, p. 268–287, 1994.

EKMAN, P. *et al.* Universals and cultural differences in the judgments of facial expressions of emotion. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 53, n. 4, p. 712–717, 1987.

ENGLANDER, E. **Digital self-harm**: Frequency, type, motivations and outcomes. Disponível em:
<<http://webhost.bridgew.edu/marc/DIGITAL%20SELF%20HERM%20report.pdf>>
Acesso em: 21 set. 2016.

ERICKSON, E. **Adolescence et crise**: La quête de l'identité. Paris: Flammarion, Éditeur, 1968.

ERICKSON, T. Para que as diferenças desapareçam. Barueri: HSM do Brasil, 2009. **Revista HSM Management**, n. 74, p. 86-90, 2009. Disponível em:
<<http://www.rafaoliveira.com.br/hsmmanagement/Paraqueasdiferencasdesaparecam742009.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESPINAR, E.; ZYCH, I.; RODRÍGUEZ-HIDALGO, A. J. Ciberconducta y dependencia emocional en parejas jóvenes, **Psychology, Society & Education**, v. 7, n. 1, p. 41–55, 2015.

FAN, R. *et al.* Anger Is More Influential than Joy: Sentiment Correlation in Weibo. **Journal PLOS ONE**, v. 9, n. 10, p. 1–8, 2014.

FAVA, R. **Educação 3.0: Aplicando o Pdca nas Instituições de Ensino**, 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 5ª ed. – Curitiba: Positivo 2010, 2272 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, L. Alexitimia: Dificuldade de Expressão ou Ausência de Sentimento? Uma Análise Teórica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan-Mar, vol. 26, n. 1, p. 15–24, 2010.

FREUD, A. **O Ego e os Mecanismos de Defesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 149p.
<http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2016/03/mulheres-sao-526-do-publico-que-joga-games-no-brasil-diz-pesquisa.html>

FIGUEIREDO, F. Redes Sociais Um suporte para a prática do self-cyberbullying. **Educação, Sociedade & Culturas**, v. 44, p. 107–129, 2015.

FILIPPE, C. Comunicando na Net: Um novo paradigma psicológico e social. *In*: FILIPPE, C.; ROSÁRIO, C. (Eds.). **Navegar com segurança**: O impacto das novas tecnologias no desenvolvimento das crianças, nos jovens e nas famílias Lisboa: Cadine, 2014, p. 13–27.

FLYNN, J. R. **O que é inteligência?** São Paulo: Bookman, 2009.

FONTE, L. **A influência das novas formas de comunicação sócioemocional das crianças**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0405.pdf>> Acesso em 10 out. 2016.

FOWLER, J.; CHRISTAKIS, N. Cooperative behavior cascades in human social networks. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 12, p. 5334–5338, 2010.

GIARDELLI, G. et. al. **Redes Sociais e inovação Digital**. São Paulo: Gaia Criative, 2011. Disponível em: http://issuu.com/gaiacreative/docs/inovadoresespm_redes_sociais_inovacao_digital_vl#download. Acesso em 17 set. 2016.

GIBSON, W. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOMES, H. S. Brasil possui a 4ª maior população de ‘nativos digitais’ do mundo, diz **ONU**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/brasil-possui-4-maior-populacao-de-nativos-digitais-do-mundo-diz-onu.html>> Acesso em 12 out. 2016.

GOULART, E. E. **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. 1ed. Porto Alegre (RS): EDIPUCRS/USCS, 2014.

GRIEVE, R. *et al.* Face-to-face or Facebook: Can social connectedness be derived online? **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 3, p. 604 – 609, 2013.

GROSS, J. J. The emerging Field of emotion regulation: affective, cognitive, and social consequence. **Psychophysiology**, v. 39, p. 281–191, 1998.

_____. Emotion regulation: an integrative review. **Review of General Psychology**, v. 2, p. 271–299, 2002.

GROSS, J.J., JOHN, O. Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, 85 (2), p. 348-362, 2003.

GROSS, J.J. Emotional Regulation. In M. Lewis, J.M. Haviland-Jones & L. Barrett (Eds.), **Handbook of emotions**, pag 498. New York: The Guilford Press, 2008.

_____.; THOMPSON, R. A. Emotion regulation – conceptual foundations. In: GROSS, J. J. **Handbook of emotion regulation**. New York: Guilford Press, p. 3–24, 2007.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz**, v. 5, n. 1, 1999.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, Maria Zilah da Silva; CONTE, Fátima Cristina de Souza; MEZZAROBBA, Solange Maria de B. **Comportamento Humano**: Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor. Santo André - Sp: Esetec Editores Associados, p. 63–98, 2002.

HAFERKAMP, N.; KRAMER, N. C. Social comparison 2.0: Examining the effects of online profiles on social-networking sites. **Cyberpsychology, Behavior and Social Networking**, v. 14, n. 5, p. 309–314, 2011.

HONORATO, E. J. S. A. A interface entre saúde pública e cibercultura. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 2, p. 481–485, 2014.

INDALÉCIO, A.B. **Entre imigrantes e nativos digitais : a percepção docente sobre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e o ensino da educação física**. 2015. 205 p. Dissertação (Mestrado em Profissional em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2015.

JACOBSEN, W.C.; FORSTE, R. The wired generation: Academic and social outcomes of electronic media use among university students. **Cyberpsychology, Behavior and Social Networking**, v. 14, n. 5, p. 275–280, 2011.

JENKINS-GUARNIERI, M. A.; WRIGHT, S. L.; HUDIBURGH, L. M. The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and Facebook use. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 33, n. 6, p. 294–301, 2012.

JOHN, O. P., GROSS, J.J. Healthy and unhealthy emotion regulation: Personality processes, individual differences, and life span development. **Journal of Personality**, 72 (6), p.1301-1333, 2004.

JUBÉ, C. N. **Os "avatares" do corpo rascunho: sobre a formação identitária de jovens universitários na cibercultura**. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7245>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

KÄMPF, C. **A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento**. Publicado em 2011. Disponível em: , http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 22 mar. 2017.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 23, p. 207–218, jun. 2012.

KAUFMAN, G. Seth Meyers Shares The ‘Beyonce Lemonade Late Night Aftermath’, **Teaches Iggy Azalea Teen Slang**. 4/29/2016. Disponível em: <http://www.billboard.com/articles/news/7350228/seth-meyers-beyonce-lemonade-late-night-aftermath-iggy-azalea-teen-slang>. Acesso em: 02 mai. 2017.

KEEN, A. **Vertigem Digital**: Porque as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KIM, M., KNOW, K. N.; LEE, M. Psychological characteristics of Internet dating service users: the effect of self-esteem, involvement, and sociability on the use of Internet dating services. **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, n. 4, p. 445–449, 2009.

KIM, H. H. The impact of online social networking on adolescent psychological well-being (WB): a population-level analysis of Korean school-aged children. Article in **International journal of adolescence and youth**. In press, 2016.

KIMMEL, D. C.; WEINER, L. **La adolescencia**: una transición del desarrollo, Barcelona: Ariel, 1998.

KING, A. L. S. *et al.* “Nomophobia”: Impact of Cell Phone Use Interfering with Symptoms and Emotions of Individuals with Panic Disorder Compared with a Control Group. **Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health**, v. 10, n. 1, p. 28–35, 2014.

KIRSCHNER, P. A.; KARPINSKI, A. C. Facebook and academic performance. **Computers in Human Behavior**, v. 26, p. 1237–1245, 2010.

KOHN, K.; MORAES, C. H. de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: Conceitos e características da sociedade da informação e da sociedade digital. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>> Acesso em: 12 out. 2016.

KRAMER, A. D. I.; GUILLORY, J. E.; HANCOCK, J. T. Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 111, n. 24, p. 8788–8790, 2014.

KURTH, E. **A televisão incorpora as novas tecnologias de distribuição de conteúdos**: uma consequência de convergência tecnológica. Trabalho apresentado no Intercom Sul. Passo Fundo, 2007.

LAM, L. T. *et al.* Factors associated with Internet addiction among adolescents. **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, p. 551–555, 2009.

LEDOUX, J. **O cérebro emocional**: os misteriosos alicerces da via emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. Unconscious and conscious contributions to the emotions and cognate aspects of emotions: A comment on Scherer's view of what an emotion is. **Social Science Information**, 46, p. 395–407, 2007.

LEE, M. *et al.* The effects of smartphone use on upper extremity muscle activity and pain threshold. **J. Phys. Ther. Sci**, v. 27, p. 1743–1745, 2015.

LEITÃO, C.F. & COSTA, A.M.N. da. Impactos da Internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo** (Maringá), 10(3): p. 441-50, 2005.

LENHART, A.; MADDEN, M. **Teens, privacy & online social networks**, Washington: Pew Internet and American Life Project Report, 2007. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2007/PIP_Teens_Social_Media_Final.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2016.

LENT, R. **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVISKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOADER, B. (Org). **A política do ciberespaço**: política, tecnologia, reestruturação global. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

LOMBARDIA, P. G. **Quem é a geração Y?** HSM Management, n. 70, p. 1-7. Set/out. 2008.

LÖNNQVIST, J. E.; DETERS, F. G. Facebook friends, subjective well-being, social support, and personality, **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 113–120, 2016.

LÓPEZ, C. B.; RODRÍGUEZ-CÁRDENAS, D. E. Percepción de amistad en adolescentes: el papel de las redes sociales. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 325–338, 2014.

LOU, C. M. D. *et al.* Media's Contribution to Sexual Knowledge, Attitudes, and Behaviors for Adolescents and Young Adults in Three Asian Cities. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, n. 3, p. S26–S36, 2012.

MAAKAROUN, M.F.; PAGNONCELLI, R.S., CRUZ, A.R. (Orgs.) **Tratado de Adolescência**. Rio de Janeiro, Editora e Cultura Médica, p. 1002, 1991.

_____. **Adolescência**. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Saúde de Minas Gerais, p. 102, 1993.

MAGNONI, A. F.; FERNANDES, D. Comunicação Midiática e educação na cibercultura, **Revista Estudos em Comunicação**, v.13, n. 32, p. 211–220, 2012.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

MARTINS, J. M. **A lógica das emoções**: na ciência e na vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MASTERS, J. C. Strategies and mechanisms for the personal and social control of emotion. In: GARBER, J.; DODGE, K. A. (Eds.) **The development of emotion**

regulation and dysregulation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 182–207.

MAYER, J. D., CARUSO, D. R., SALOVEY, P. **Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence.** *Intelligence*, 27, 267-298, 1999. Disponível em: www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160289699000161?via%3Dihub. Acesso em: 05 mai. 2016.

McCLOUD, S. **Desenhando quadrinhos** - Os segredos das narrativas, de quadrinhos, mangás e graphic novels. Boston: M Books, 2006.

McCRINDLE, M.; SALGADO, B.; McDONALD, P. In: HANSEN, J. **Future is Bright for Generation Alpha.** June 03, 2013. Disponível em: <http://www.news.com.au/national/victoria/future-is-bright-for-generation-alpha/storyfnii5sms-1226655050947>. Acesso em: 07 abr. 2017.

MEDEIROS, R. de A. **A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo orkut:** um retrato da modernidade líquida. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MILGRAM, S. **The individual in a social world:** Essays and experiments. Reading, Massachussets: Addison-Wesley, 1977.

MOUGUISSI, K.S. Infertilidade sem causa aparente. Em BADALOTTI, M., TELOKEN & PETRACCO, A. *Fertilidade Infertilidade Humana.*, **Rio de Janeiro: Médica e Científica**, p.131–152, 1997.

NISHIDA, S.M. **Mecanismos cerebrais da emoção.** Departamento de Fisiologia, IB, UNESP-Botucatu, p.172–177, 2007.

NOVO, R. F. **Para além da Eudaimonia:** O Bem-Estar Psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organização & Sociedade**, Salvador, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v19n62/10.pdf>> Acesso em: 15 out. 2016.

OTERO, C. **Os laços sociais na era virtual**: um novo discurso? 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Trad. sob a direção de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAPEZ, J. W. A proposed mechanism of emotion. **Journal of Neuropsychiatric and Clinical Neuosciences**, v. 7, n. 1, p.103–112, 1995.

PARK, N.; SONG, H.; LEE, K. M. Social networking sites and other media use, acculturation stress, and psychological well-being among East Asian college students in the United States. **Computers in Human Behavior**, v. 36, p. 138–146, 2014.

PIROLO, M.A.M.; FORTES, W.G.; DALMAS, J.C. et al. As redes de relacionamentos e seus reflexos na interação social do jovem. Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Blumenau: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 28 a 30 de Maio de 2009.

PIKO, B. Gender differences and similarities in adolescents ways of coping. **Psychological Record**, Ohio, v. 51, p. 223-235, 2001.

PRENSKY, M. **"Não me atrapalhe, mãe - estou aprendendo!"**: Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI - e como você pode ajudar!. São Paulo - SP: Editora Phorte, p.320, 2010.

_____. Digital Natives. Digital Immigrants. **On the Horizon** (MCB University Press, vol. 09 nº 05) October, 2001. Disponível em:

<http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20-%20Digital%20Immigrants.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a Internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 361 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2013.

RAMONET, I. **Comunicação e Manipulação da Informação**. In: VIGIL, J.; CASALDÁLIGA, P. Agenda Latino-americana mundial. São Paulo: Loyola, 2006.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2012.

REEVE, J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

REZENDE, D. A. Alinhamento da tecnologia da informação ao planejamento municipal: análise da prática de gestão de uma prefeitura. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2004.

RIES, B. E.; Sensação e Percepção. In: RIES, B. E.; RODRIGUES, E.; WAINBERG (Orgs). **Psicologia e Educação: fundamentos e reflexões**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.49-66, 2004.

RIFKIN, J. **A era do acesso**. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.

ROBBINS, A. **Desperte o gigante interior**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

ROSA, A. C.; MORAES, J. G. Cibercultura e ciberespaços: conceitos e discussões. **Revista Científica On-line Tecnologia** v.1, n.1, p. 84–89, 2012.

ROSADO, L. A. da S.; TOMÉ, V. M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 242, p. 11–25, 2015.

ROSEN, L. D. *et al.* Is Facebook creating “iDisorders”? The link between clinical symptoms. **Computers in Human Behavior**, v. 29, p. 1243–1254, 2013.

RÜDIGER, F. **Elementos para a crítica da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHELER, M. **Ordo Amoris**. Tradução de Artur Morujão. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20120726-scheler_ordo_amoris.pdf. Acesso em 10 fev. 2017.

SCHERER, K. R. "What are emotions? And how can they be measured?" **Social science information**, v. 44, n. 4, p. 695–729, 2005.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 107–115, 2003.

SCHUTZ, W. C. **O Prazer – expansão da consciência humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.

SHAKESPEARE, W. **O conto do inverno**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

SHAPIRO, L. A. S.; MARGOLIN, G. Growing Up Wired: Social Networking Sites and Adolescent Psychosocial Development. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 17, n. 1, p. 1–18, 2014.

SIEGEL, S.; CASTELLAN, H. J. **Estatística não paramétrica para ciências do comportamento**. Tradução de Sara Ianda Correa Carmona. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SIFNEOS, P. **Short-term psychotherapy and emotional crisis**. Boston: Harvard University, 1972.

SIFNEOS, P. The prevalence of alexithymic characteristics in psychosomatics patients. **Psychotherapy and Psychosomatics**, n. 22, p. 255-262, 1973.

SILVA, C. A. F.; TANCAMAN, M. A dimensão socioespacial do ciberespaço: uma nota. **Revista GEOgraphia**, v. 1, n. 2, p.55–66, 1999.

SILVA, D. M. *et al.* **Relacionamento interpessoal no contexto organizacional**, 2007. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/2008/artigos/289_0.pdf>. Acesso: 23 mai. 2017.

SILVA, L.M. **E-mail**: Guia Prático do correio-eletrónico com Gmail, Microsoft Outlook e Windows Mail, Lisboa. © CENTRO ATLÂNTICO, LDA., 2008. Coleção: Soluções.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2004.

SOKAL, R. R.; ROHLF, F. J. **Biometry**: The Principles and Practice of Statistics in Biological Research, Second ed.. New York: Freeman, 1981.

SOUSA, D. A.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 85, p. 53–66, 2011.

SOUZA, I. M. A. de; SOUZA, L. V. A. de. O uso da tecnologia como facilitadora da aprendizagem do aluno na escola. **Fórum Identidades**, ano 4, v. 8, 2010. Disponível em <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_08.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.

STEINFELD, C.; ELLISON, N. B.; LAMPE, C.; Social capitalism, self-esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. **Journal of Applied Development Psychology**, v. 29, p. 434 – 445, 2008.

STRAUMAN, T. J.; HIGGINS, E. T. The self in social cognition: Past, present, and future. In: SIEGEL, Z.; BLATT, S. (Eds.) **The self in emotional distress**. Guilford Press, p. 3 – 40, 1993.

SUBRAHMANYAM, K.; LIN, G. Adolescents on the net: Internet use and well-being. **Adolescence**. v. 42, n.168, p. 659 – 677, 2007.

SULER, J. R. The online disinhibition effect. **Cyberpsychology & Behavior**, v. 7, n. 3, p. 321–326, 2004.

TAO, R. *et al.* Proposed diagnostic criteria for internet addiction. **Addiction**. v. 105, n. 3, p. 556–565, 2010.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. 2. ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2011.

TIBA, I. **Adolescentes**: Quem ama educa, São Paulo: Integrare Editora, p. 42-53, 2005.

TIC Kids Online Brasil 2015. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil** [livro eletrônico]: Núcleo de Informações e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2015/>. Acesso em 25 mai. 2017.

TICIANELLI, A.S. **Protegendo seus filhos no uso da Internet**. Escola Superior de Redes RNP. Versão 1.0.0. Disponível em <http://www.esr.rnp.br>. Acesso em 29 mai. 2017.

TOSUN, L. P.; LAJUNEN, T. Why do young adults develop a passion for internet activities?: the associations among personality, revealing “true self” on the internet, and passion for the internet. **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, p. 401–406, 2009.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

UHLS, Y. T. *et al.* Five days at outdoor education camp without screens improves preteen skills with nonverbal emotion cues. **Computers in Human Behavior**, v. 39, p. 387–392, 2014.

UNICEF, **O Uso da internet por adolescentes**. 2013. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_pesquisa_internet.pdf> Acesso em: 12 out. 2016.

VAITSMAN, J. Hierarquia de gênero e iniquidade em saúde. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 7-22, 1994.

VALKENBURG, P. M.; JOCHEN, P.; SCHOUTEN, A. P. Friend Networking Sites and Their Relationship to Adolescents' Well-Being and Social Self-Esteem. **CyberPsychology & Behavior**, v. 9, n. 5, p. 584–590, 2006.

VAN DEN EIJNDEN, R. J. J. M., MEERKERK, G.-J., VERMULST, A. A., SPIJKERMAN, R., ENGELS, R. C. M. E. (2008). Online communication, compulsive Internet use, and psychosocial well-being among adolescents: A longitudinal study. **Developmental Psychology**, n.44, p. 655-665. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.44.3.655>. Acesso em: 15 out. 2015.

VAN DEURSEN, A.; VAN DIJK, J. “The digital divide shifts to differences in usage”. **New Media and Society** p. 1–20, jun, 2013.

VIEIRA, A. B. M. **O impacto da mídia na construção dos valores sociais**. Disponível em: <<http://www.epm.tjsp.jus.br/Sociedade/ArtigosView.aspx?ID=7444>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

WAGNER, A., FALCKE, D., SILVEIRA, L. M. B. O. & MOSMANN, C. P. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, 7(1), p.75-80, 2002.

WELLMAN, B. Studying Internet studies through the ages. In: BURNETT, R.; CONSALVO, M.; ESS, C. (Eds.). **The Handbook of Internet Studies**. Oxford: Wiley-Blackwell. 2009.

WERTHEIM, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da informação**, v. 29, n. 2, p. 71–77, 2000.

WIETHAEUPER, D.; BALBINOTTI, M. A. A. Regulação das emoções no esporte. In: BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M. **Atualização em avaliação e tratamento das emoções**. São Paulo: Vetor, 2013, p. 485–496.

WIGFIELD, A.; WAGNER, A. Competence, motivation and identity development during adolescence. In: ELLIOT, A. J.; DWECK, C. S. (Eds.) **Handbook of competence and motivation**. New York: Guilford Publications, p. 222–239, 2005.

XANIDIS, N.; BRIGNELL, C. M. The association between the use of social media sites, sleep quality and cognition function during the day. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 121–126, 2016.

YOUNG, K. S.; YUE, X. D.; YING, L. Estimativas de prevalência e modelos etiológicos da dependência de internet. In: ABREU, C. N.; YOUNG, K. S. **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, p. 19–35, 2011.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, p. 23–32, 1997.

ZANETTI, M. C. **Second life®: corpo ou avatar? realidade ou fantasia?** 2013. 178 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto

de Biociências de Rio Claro, 2013. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/11449/106314>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

ZHAO, S.; GRASMUCK, S.; MARTIN, J. Identity construction on Facebook: Digital Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. **Computers in Human Behavior**, v. 24, p. 1816–1836, 2008.

Anexo A

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

CONTATO

Rogéria A. P. Mussio (RG: 15161927-X)
Responsável pelo projeto
UNESP – Rio Claro
Tel: 3534-9140
rogeria@rc.unesp.br

Profa. Dra. Adriane B. S. Serapião
Orientadora
UNESP – Rio Claro

=====

Caro Jovem,

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa sobre **“COMUNICAÇÃO, RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E OS ADOLESCENTES NA ERA DA TECNOLOGIA E DAS REDES SOCIAIS”**, realizada na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Campus Rio Claro). Seus pais permitiram que você participe.
2. Queremos saber como as novas mídias e as redes sociais interferem nos relacionamentos e na sua comunicação dos adolescentes, para encontrar coisas boas ou difíceis que possam estar relacionadas com as emoções e o uso das tecnologias de comunicação.
3. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm entre 14 e 18 anos, de ambos os sexos.
4. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.
5. A pesquisa será realizada nas escolas, num contato em sala de aula com os participantes, onde será disponibilizado um questionário elaborado pela pesquisadora com 50 perguntas fechadas sobre a leitura que estes fazem sobre o seus relacionamentos pessoais e virtuais, o modo e os resultados da comunicação, e os sentimentos e emoções que são despertados através do uso das novas mídias na comunicação em seus relacionamentos. A sua participação consistirá apenas em responder a este questionário. O uso do questionário é considerado seguro, mas é possível que você não se sinta confortável em responder. Caso isso, aconteça, você pode pedir mais explicações e decidir se continua ou não a responder ao questionário. Mas há coisas boas que podem acontecer. No final da pesquisa você

perceberá com mais clareza como você lida com as tecnologias e como você se sente em relação a elas.

Os participantes não terão nenhuma despesa para que haja a participação no estudo, bem como não serão remunerados por esta participação.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem daremos a estranhos informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto e na página seguinte.

O objetivo do questionário é saber como as novas mídias e as redes sociais interferem nos relacionamentos interpessoais e na comunicação dos adolescentes, buscando encontrar pontos relevantes que possam estar relacionados com questões envolvendo as emoções e o uso das tecnologias de comunicação. Você pode dizer “sim” e participar, mas a qualquer momento, pode dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso.

Saiba que não existem respostas certas ou erradas. Por favor, indique as suas próprias opiniões, expectativas, sentimentos e atitudes, independentemente de serem ou não aquelas que prefere ou acha mais adequadas. Pede-se, por isso, o máximo de sinceridade no preenchimento dos questionários, agradecendo-se desde já a sua colaboração!!

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador(a).

Rio Claro, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: COMUNICAÇÃO, RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E OS ADOLESCENTES NA ERA DA TECNOLOGIA E DAS REDES SOCIAIS

Pesquisador Responsável: Rogéria Albertinase Pincelli Mussio.

Cargo/função: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”.

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Dados para Contato: cel: (19) 99621-8363 e-mail: rogeria@rc.unesp.br

Orientador(a): Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião.

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”.

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Dados para Contato: tel: (19) 3526-9100 e-mail: adriane@rc.unesp.br.

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Anexo B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Meu nome é Rogéria Albertinase Pincelli Mussio, RG. 15.161.927-X, sou aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, tendo como orientadora a Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião. Venho por meio deste documento convidar seu(sua) filho(a) a participar de um estudo envolvendo **COMUNICAÇÃO, RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E OS ADOLESCENTES NA ERA DA TECNOLOGIA E DAS REDES SOCIAIS**. O objetivo deste estudo prende-se nas relações pessoais e nos processos comunicativos dos jovens com as mídias sociais e possíveis sentimentos gerados envolvendo as mesmas.

Assim, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com sua assinatura, sua participação nesta pesquisa.

A pesquisa será realizada na escola, num contato em sala de aula com os participantes, onde será disponibilizado um questionário elaborado pela pesquisadora com 50 perguntas fechadas sobre a leitura que estes fazem sobre o seus relacionamentos pessoais e virtuais, o modo e os resultados da comunicação, e os sentimentos e emoções que são despertados através do uso das novas mídias na comunicação em seus relacionamentos. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm entre 14 e 18 anos, de ambos os sexos. A participação de seu(sua) filho(a) consistirá apenas em responder a este questionário

Fica resguardado à pesquisadora responsável e protegidas de revelação não autorizada o uso das informações recolhidas, assim como o direito ao anonimato. Os dados coletados não serão utilizados para nenhum outro fim que não seja única e exclusivamente a realização do presente trabalho. Os pesquisadores prezam pelo anonimato e privacidade dos participantes e pela confidencialidade dos dados obtidos.

A recusa do indivíduo em participar do estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompida a rotina de avaliação a qualquer momento, a critério do participante, sem que haja qualquer problema ou punição decorrente desta decisão. Fica a critério do(a) participante continuar ou não sua participação no estudo.

O uso do questionário é considerado seguro, mas é possível que o(a) participante não se sinta confortável em responder. Caso isso aconteça, ele(a) pode pedir mais explicações e decidir se continua ou não a responder ao questionário. Como benefício para o participante, no final da pesquisa ele(a) perceberá com mais clareza como lida com as tecnologias e como se sente em relação a elas.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o estudo e levantamento entre os adolescentes de como as novas mídias afetam seus relacionamentos, seu processo comunicativo e quais os sentimentos e emoções são gerados tanto pela possibilidade de acesso imediato quanto pela angústia da falta de resposta às tentativas de comunicação virtual, assim como quais comportamentos emergem a partir das facilidades e dificuldades encontradas nas comunicações virtuais.

A qualquer momento os participantes poderão solicitar informações esclarecedoras sobre o estudo, por meio de contato com os pesquisadores, e estes estarão à disposição para qualquer esclarecimento de dúvidas acerca do estudo e dos procedimentos da coleta de dados.

Os participantes não terão nenhuma despesa para que haja a participação no estudo, bem como não serão remunerados por esta participação.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora, autorizando a participação de seu(sua) filho(a).

Rio Claro, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do pai/responsável

Dados sobre a Pesquisa:**Título do Projeto: COMUNICAÇÃO, RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E OS ADOLESCENTES NA ERA DA TECNOLOGIA E DAS REDES SOCIAIS****Pesquisador Responsável:** Rogéria Albertinase Pincelli Mussio.**Cargo/função:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.**Instituição:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO".**Endereço:** Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.**Dados para Contato:** cel: (19) 99621-8363 e-mail: rogeria@rc.unesp.br**Orientador(a):** Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião.**Instituição:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO".**Endereço:** Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.**Dados para Contato:** tel: (19) 3526-9100 e-mail: adriane@rc.unesp.br.**CEP-IB/UNESP-CRC**

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Anexo C

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS E OS ADOLESCENTES

1. Quais mídias sociais e você utiliza?

	nunca	Raramente	às vezes	Frequentemente	sempre
Twitter	☐	☐	☐	☐	☐
Facebook	☐	☐	☐	☐	☐
Whatsapp	☐	☐	☐	☐	☐
E-mail	☐	☐	☐	☐	☐
Linkedin	☐	☐	☐	☐	☐
Instagram	☐	☐	☐	☐	☐
FourSquare	☐	☐	☐	☐	☐
Tumbir	☐	☐	☐	☐	☐
Google+	☐	☐	☐	☐	☐
Snapchat	☐	☐	☐	☐	☐
Skype	☐	☐	☐	☐	☐
outros: _____	☐	☐	☐	☐	☐

2. Com que frequência utiliza as mídias sociais? (assinale apenas uma alternativa)

- ☐ Todos os dias ☐ 5-6 dias por semana ☐ 3-4 dias por semana
☐ 1-2 dias por semana ☐ fico dias sem usar

3. Quantas horas você utiliza as mídias sociais por dia? (assinale apenas uma alternativa)

- ☐ 1-3 horas por dia ☐ 4-8 horas por dia ☐ 9-12 horas por dia
☐ 12 ou mais horas por dia

4. Você se preocupa com o conteúdo que é postado em sua rede social?

- ☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

5. Você se preocupa se existe alguém falando mal sobre sua pessoa nas redes sociais?

- ☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

6. O comentário nas redes sociais de qual das pessoas abaixo mais poderia afetá-lo?

	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
Pais	()	()	()	()	()
Amigos	()	()	()	()	()
namorado(a)	()	()	()	()	()
familiares	()	()	()	()	()
outros: _____	()	()	()	()	()

7. Para que você utiliza as redes sociais?

- () comunicação/mensagens () curiosidade () obter informações
 () expressar carinho para pessoas queridas () estudo () diversão
 () partilhar coisas boas com amigos () partilhar coisas más com amigos
 () manter contato próximo com pessoas () fazer novos amigos
 { } outros: _____

8. Que equipamento mais utiliza para acessar a Internet? (assinale apenas uma alternativa)

	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
desktop	()	()	()	()	()
Celular	()	()	()	()	()
notebook	()	()	()	()	()
Tablete	()	()	()	()	()
consoles	()	()	()	()	()
outros: _____	()	()	()	()	()

9. Que outros meios de comunicação você usa ao menos uma vez por semana?

- () TV aberta () rádio () jornais () revistas () TV por assinatura

10. Em que locais costuma se conectar?

	Nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
lan-house	()	()	()	()	()
Escola	()	()	()	()	()
Casa	()	()	()	()	()
casa de parentes/amigos	()	()	()	()	()
locais públicos gratuitos	()	()	()	()	()
outros: _____	()	()	()	()	()

11. Que conteúdos você acessa pelo celular?

	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
redes sociais	()	()	()	()	()
Chats	()	()	()	()	()
Notícias	()	()	()	()	()
aplicativos de mensagens	()	()	()	()	()
jogos online	()	()	()	()	()
vídeos online	()	()	()	()	()
Sites	()	()	()	()	()
outros: _____	()	()	()	()	()

12. Você considera que compreende correta e completamente as mensagens que recebe?

- () nunca () raramente () às vezes () frequentemente () sempre

13. Você considera que suas mensagens emitidas são correta e completamente compreendidas pelo receptor?

- () nunca () raramente () às vezes () frequentemente () sempre

14. Você costuma compartilhar seus momentos de alegria nas redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

15. Você costuma compartilhar seus momentos de tristeza nas redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

16. Você costuma compartilhar suas ideias/opiniões nas redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

17. Você costuma compartilhar seus sentimentos nas redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

18. Você usa as redes sociais para estudar?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

19. Você usa seu celular durante as aulas?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

20. Você usa seu celular no intervalo?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

21. Com que frequência você checa seu dispositivo ou sua conta durante o dia em busca de mensagens quando não tem sinal de nova mensagem (beep, luz, etc.)?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

22. Você sente solidão quando não tem acesso à Internet e/ou redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

23. Quando você utiliza a Internet e/ou redes sociais, você fica mais tempo que o programado?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

24. Você sente dificuldade em desconectar da Internet e/ou das redes sociais para fazer outra atividade?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

25. Você costuma se atrasar em seus compromissos porque fica conectado às suas redes sociais?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

26. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação face a face com alguém?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

27. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação face a face com você?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

28. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação virtual com alguém?

() nunca () raramente () às vezes () frequentemente () sempre

29. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação virtual com você?

() nunca () raramente () às vezes () frequentemente () sempre

30. Você utiliza *emoticons* nas redes sociais para expressar seus sentimentos?

() nunca () raramente () às vezes () frequentemente () sempre

31. Você expressa seus sentimentos através de *emoticons* para:

() ser divertido () mostrar o que você sente

() chamar a atenção dos outros () não expesso

() outros: _____

32. Por que você usa seu celular no intervalo das aulas?

() não tenho amigos () não tenho o que fazer () hábito () timidez

() necessidade de resolver algum assunto/problema real () não uso

() saber novidades nas redes sociais () outros _____

33. Por que você usa seu celular durante as aulas?

() aula desinteressante

() não consegue ficar muito tempo sem acessar as redes sociais

() falar com outras pessoas () pesquisa de conteúdo de aula

() não uso () outros _____

34. Com quem você se comunica nas redes sociais?

	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
Pais	()	()	()	()	()
Família	()	()	()	()	()
Amigos	()	()	()	()	()
namorado(a)	()	()	()	()	()
Vizinhos	()	()	()	()	()
professores	()	()	()	()	()
grupos sociais	()	()	()	()	()
Chats	()	()	()	()	()

35. Como você se sente quando suas mensagens não são respondidas?

	nada	um pouco	muito	extremamente
frustrado	()	()	()	()
Ansioso	()	()	()	()
impaciente	()	()	()	()
Irritado	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
preocupado	()	()	()	()
Tenso	()	()	()	()
desesperado	()	()	()	()
amedrontado	()	()	()	()
angustiado	()	()	()	()
indiferente	()	()	()	()

36. Como você se sente quando suas mensagens são respondidas?

	nada	um pouco	muito	extremamente
contente	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
acolhido	()	()	()	()
indiferente	()	()	()	()

37. Como você se sente quando seus posts não são comentadas nas redes sociais?

	nada	um pouco	muito	extremamente
frustrado	()	()	()	()
Ansioso	()	()	()	()
impaciente	()	()	()	()
Irritado	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
preocupado	()	()	()	()
Tenso	()	()	()	()
desesperado	()	()	()	()
amedrontado	()	()	()	()
angustiado	()	()	()	()
indiferente	()	()	()	()

38. Como você se sente quando seus posts são comentadas nas redes sociais?

	nada	um pouco	muito	extremamente
contente	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
acolhido	()	()	()	()
indiferente	()	()	()	()

39. Como você se sente quando quer se comunicar com alguém e não tem acesso à Internet?

	nada	um pouco	muito	extremamente
frustrado	()	()	()	()
Ansioso	()	()	()	()
impaciente	()	()	()	()
Irritado	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
preocupado	()	()	()	()
Tenso	()	()	()	()
desesperado	()	()	()	()
amedrontado	()	()	()	()
angustiado	()	()	()	()

40. Como você se sente sem dispositivos de acesso à Internet?

	nada	um pouco	muito	extremamente
frustrado	()	()	()	()
Ansioso	()	()	()	()
impaciente	()	()	()	()
Irritado	()	()	()	()
tranquilo	()	()	()	()
preocupado	()	()	()	()
Tenso	()	()	()	()
desesperado	()	()	()	()
amedrontado	()	()	()	()
angustiado	()	()	()	()

41. Quais sentimentos percebe em você quando a comunicação virtual não acontece?

	nada	um pouco	muito	extremamente
Tristeza	()	()	()	()
frustração	()	()	()	()
Raiva	()	()	()	()
Irritação	()	()	()	()
ansiedade	()	()	()	()
depressão	()	()	()	()
Angústia	()	()	()	()
Medo	()	()	()	()
estresse	()	()	()	()

42. Em que situação emocional você sente mais necessidade de usar as redes sociais?

	nada	um pouco	muito	extremamente
Alegria	()	()	()	()
tristeza	()	()	()	()
Raiva	()	()	()	()
irritação	()	()	()	()
Euforia	()	()	()	()
decepção	()	()	()	()
Tédio	()	()	()	()
ansiedade	()	()	()	()
Medo	()	()	()	()
depressão	()	()	()	()
estresse	()	()	()	()

43. Como você prefere/se sente mais à vontade se comunicar?

	nada	um pouco	muito	extremamente
pessoalmente	()	()	()	()
telefone	()	()	()	()
mensagem escrita	()	()	()	()
mensagem de áudio	()	()	()	()

44. Por que você fica incomodado pelas respostas não recebidas?

	nunca	raramente	às vezes	Frequentemente	sempre
curiosidade	()	()	()	()	()
preocupação	()	()	()	()	()
necessidade de contato	()	()	()	()	()
urgência	()	()	()	()	()
não sei	()	()	()	()	()

45. Qual sua reação quando não é compreendido? (assinale quantas respostas quiser)

- () tenta se explicar () ignora () responde reargumentando
 () exclui a pessoa () outra: _____

46. Por que você se comunica através das redes sociais??

	nada	um pouco	muito	extremamente
passatempo	()	()	()	()
evitar solidão	()	()	()	()
fazer amigos	()	()	()	()
mudar foco diante de problemas	()	()	()	()
diminuir saudade/expressar sentimentos	()	()	()	()
desabafar	()	()	()	()

47. Você se sente impaciente quando vai a um lugar (local público/casa de conhecidos) que não tem “Wi-Fi”?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

48. Quando você está em algum lugar diferente, mas com “Wi-Fi”, você tem vergonha ou inibido em perguntar pela senha de conexão?

☐ nunca ☐ raramente ☐ às vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

49. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais públicos (restaurantes, lojas, clubes, etc.)?

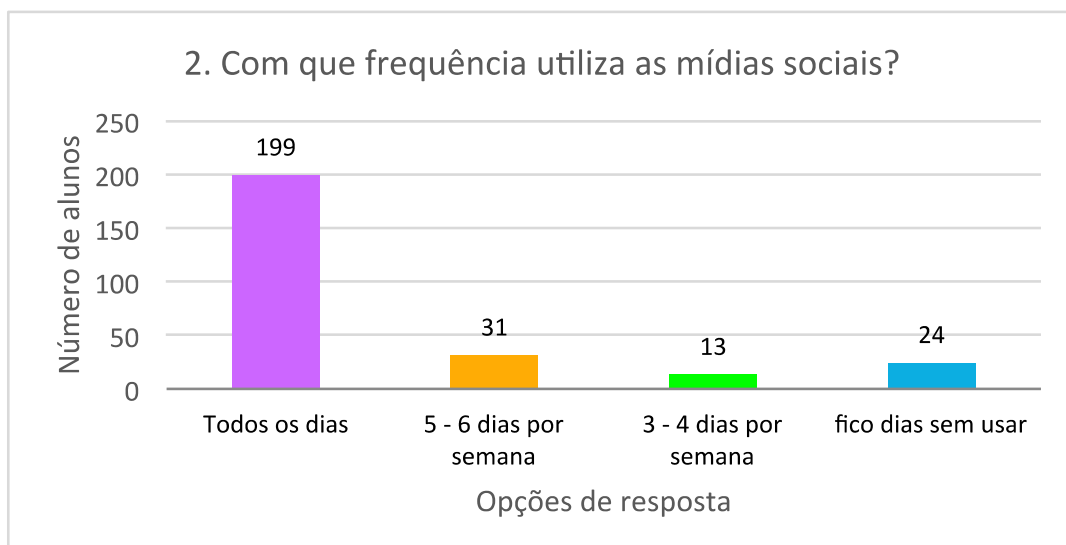
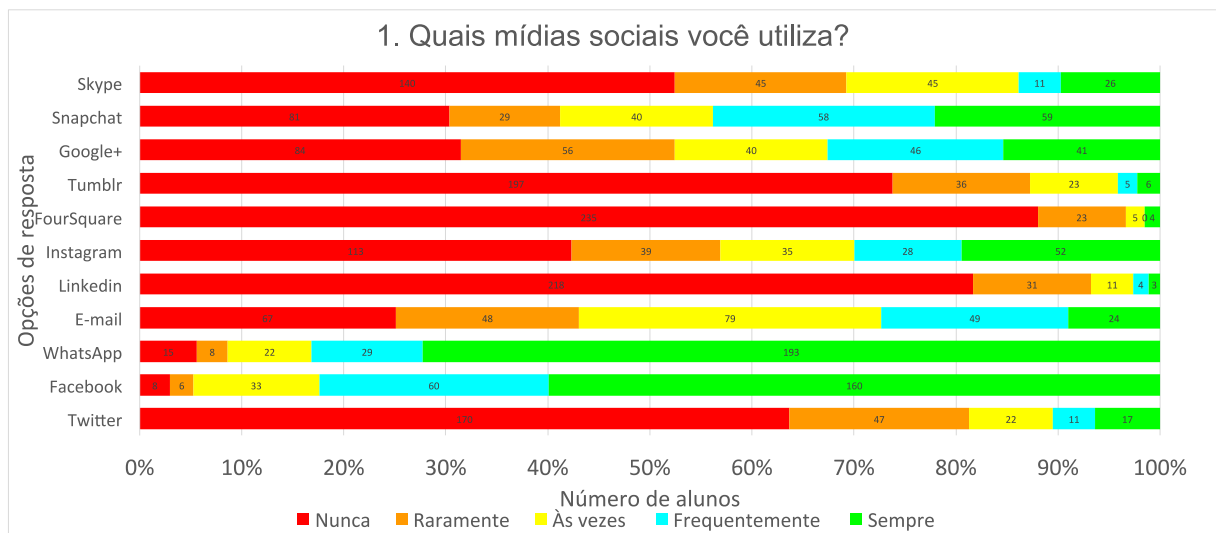
☐ assim que chega ☐ em até 15 min ☐ em até 30 min ☐ em até 1 h
☐ muito tempo ☐ não pede

50. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais conhecidos (casa de amigos, parentes, etc.)?

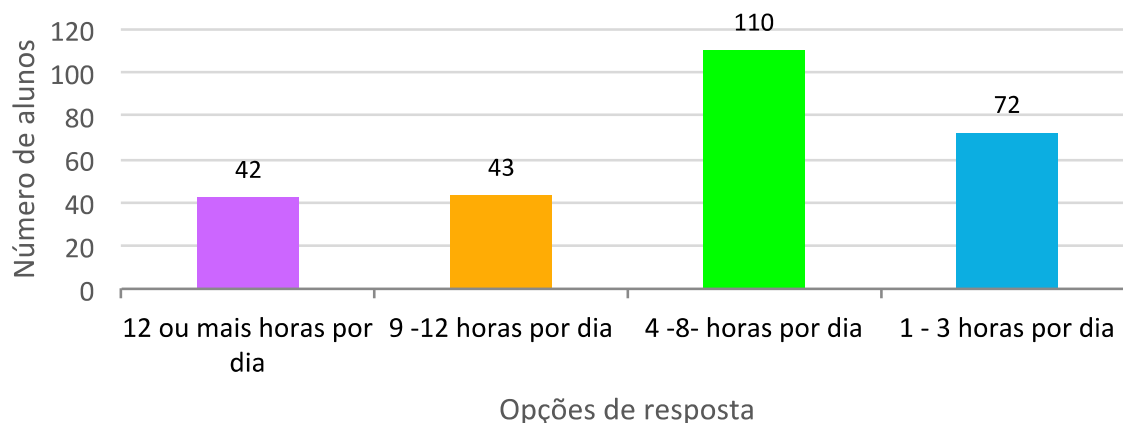
☐ assim que chega ☐ em até 15 min ☐ em até 30 min ☐ em até 1 h
☐ muito tempo ☐ não pede

Anexo D

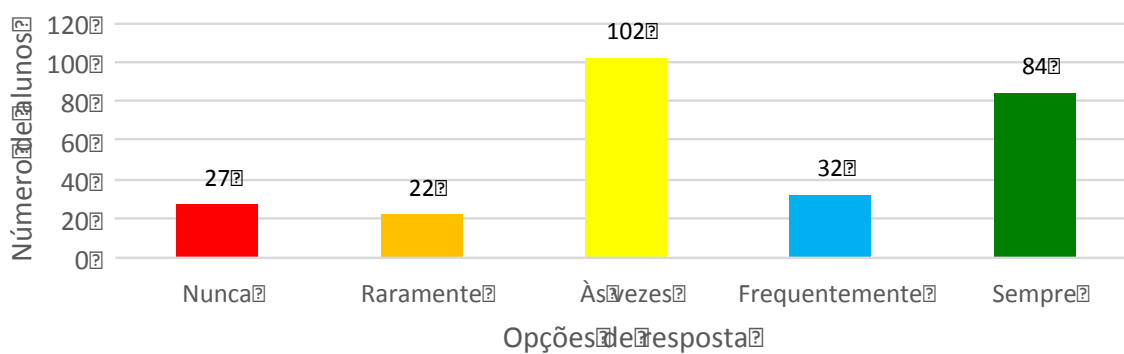
GRÁFICOS DESCRITIVOS DA COLETA DE DADOS BRUTA



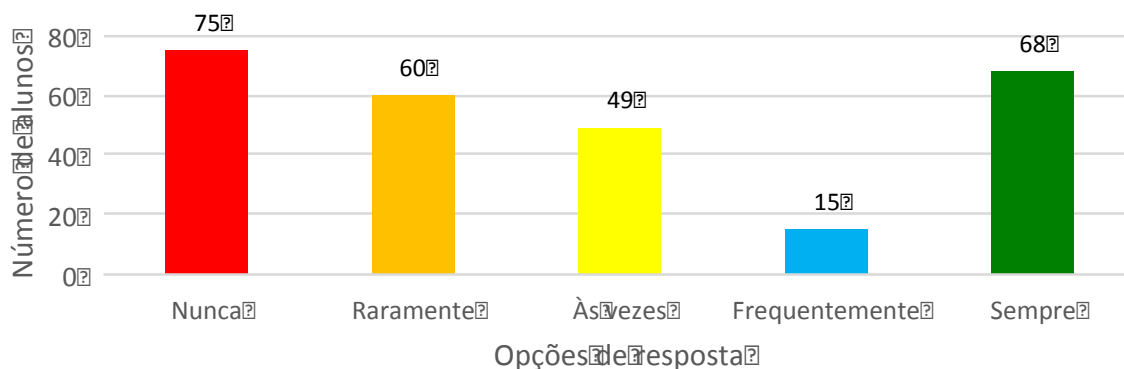
3. Quantas horas você utiliza as mídias sociais por dia?

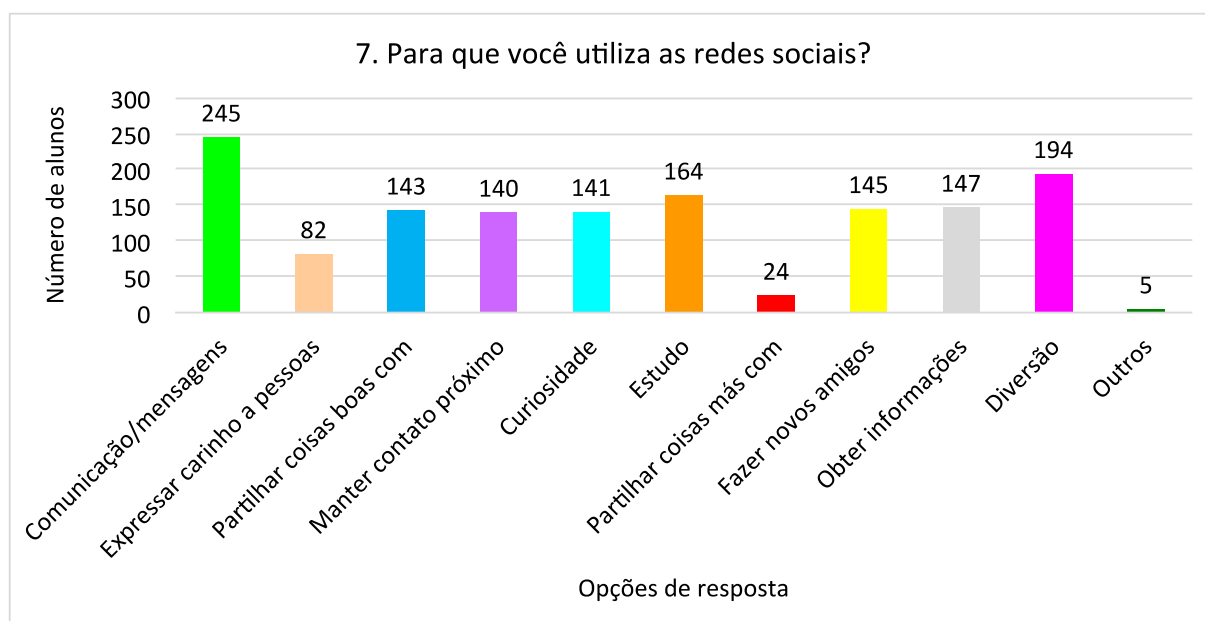
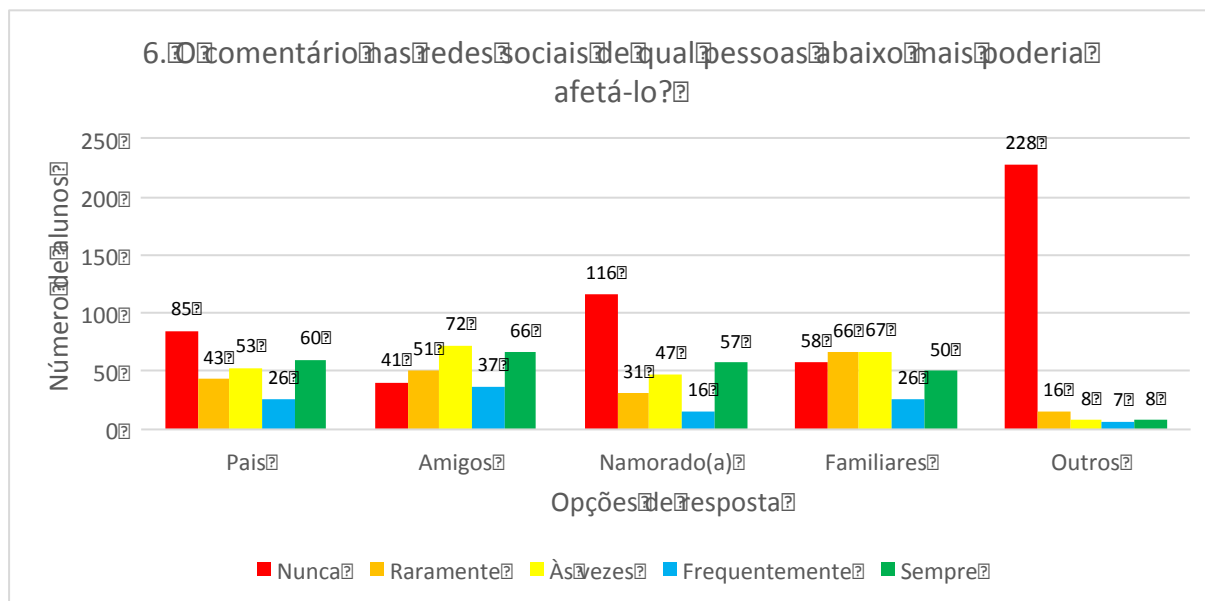


4. Você se preocupa com o conteúdo que é postado em sua rede social?

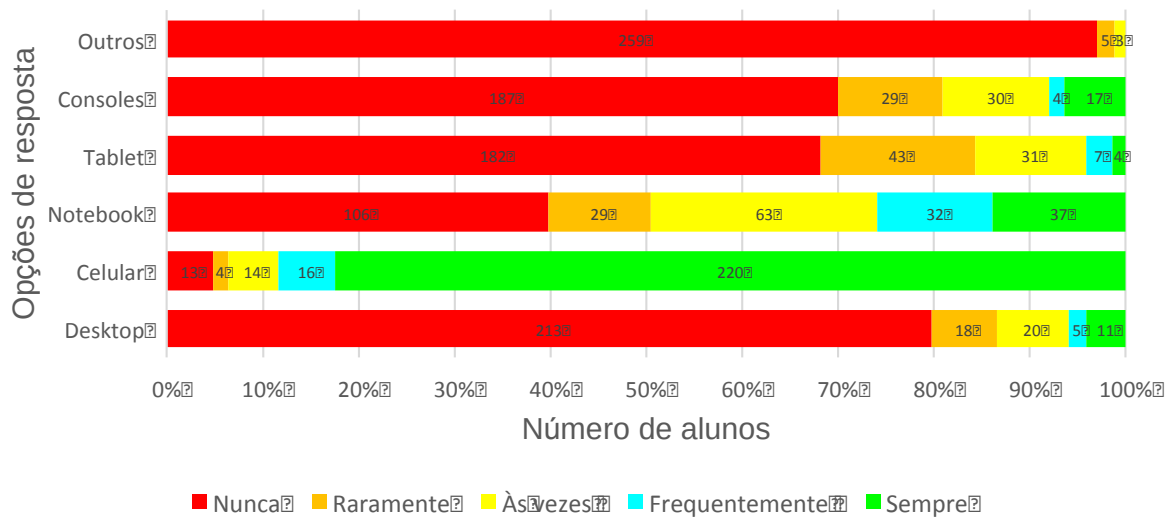


5. Você se preocupa se tem alguém falando mal de você nas redes sociais?

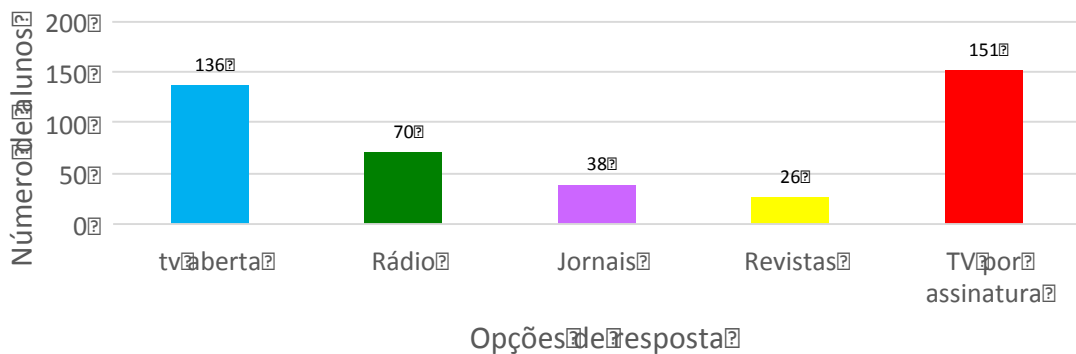




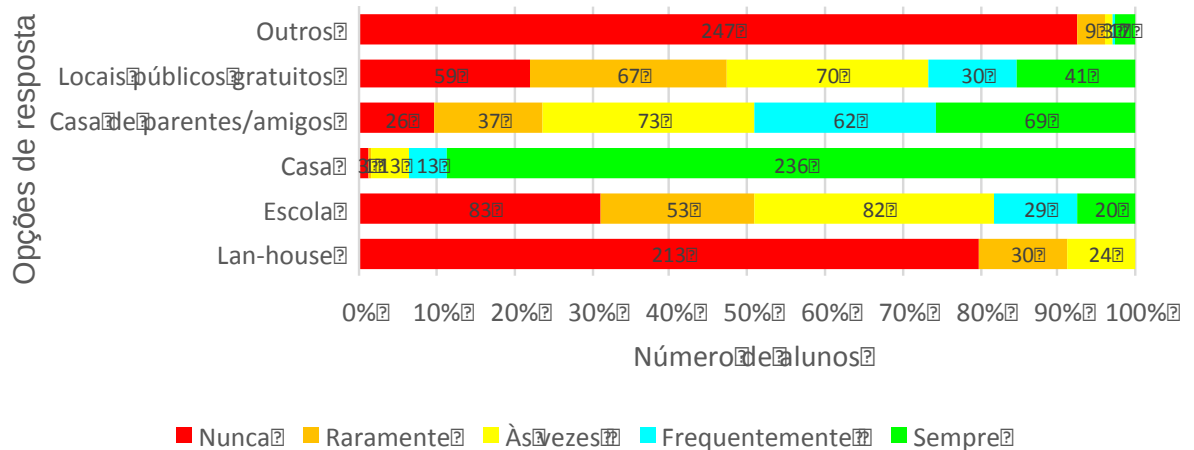
8. Que equipamento mais utiliza para acessar a internet?

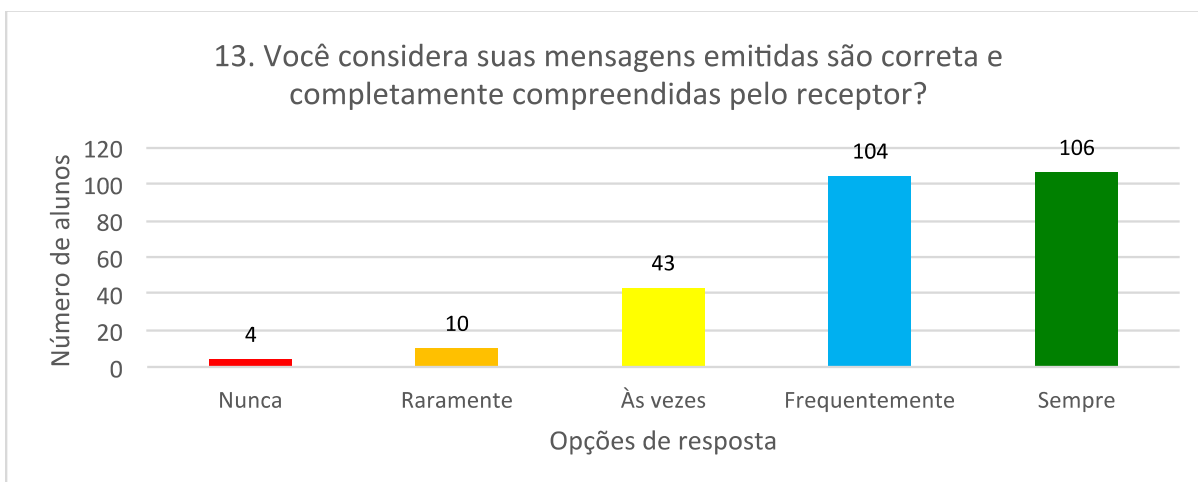
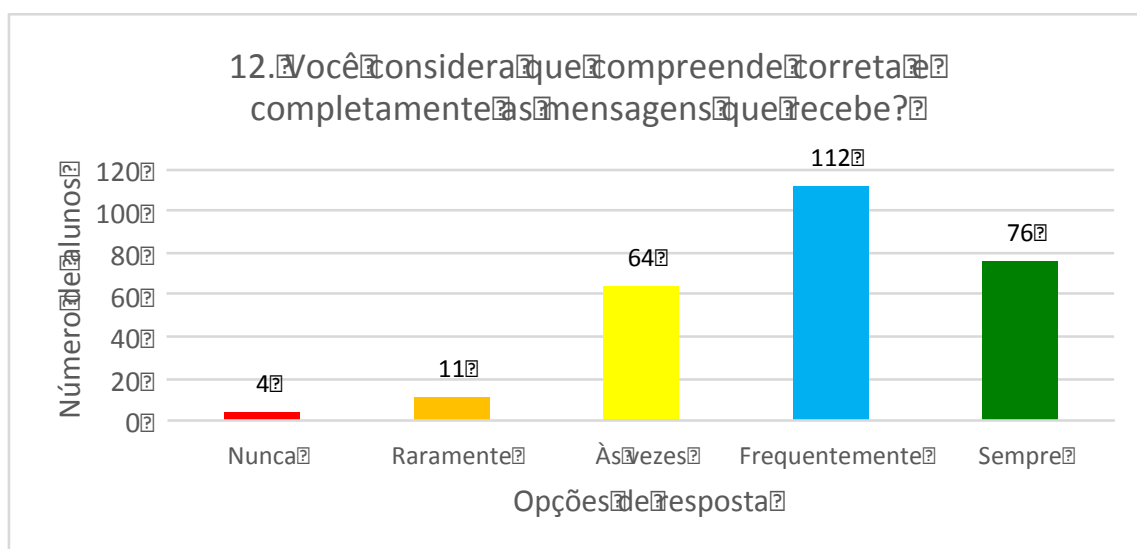
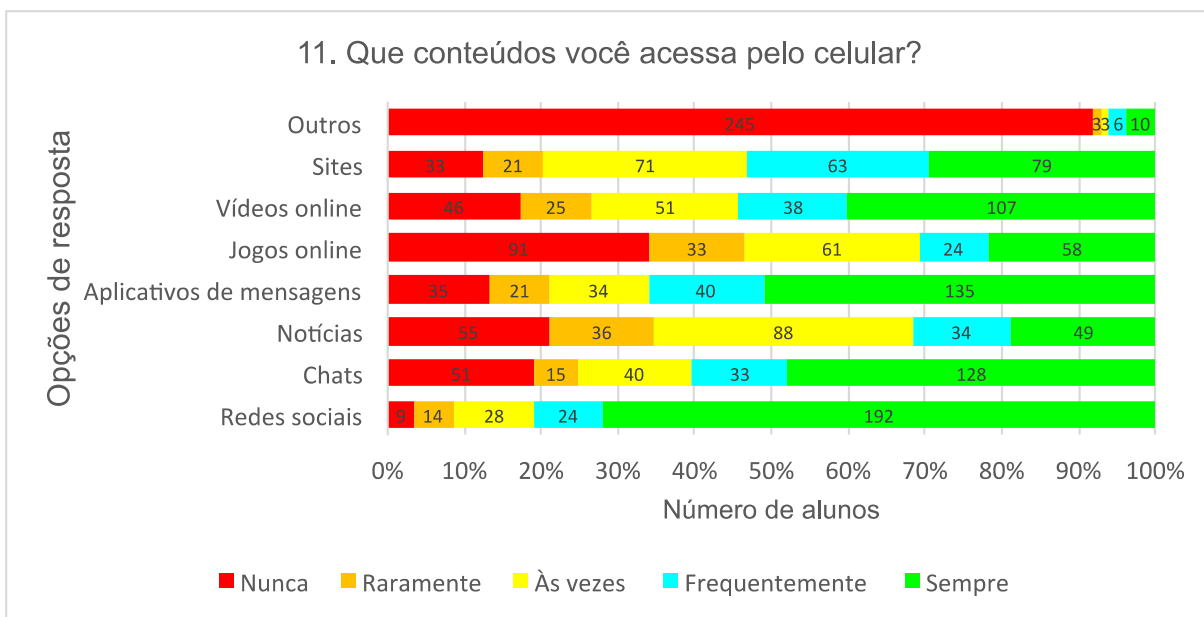


9. Que outros meios de comunicação você usa ao menos uma vez por semana?

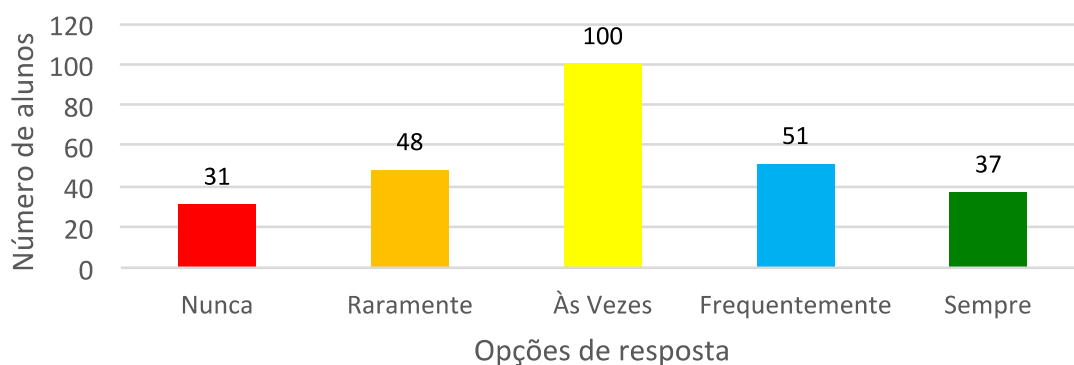


10. Em que locais costuma se conectar?

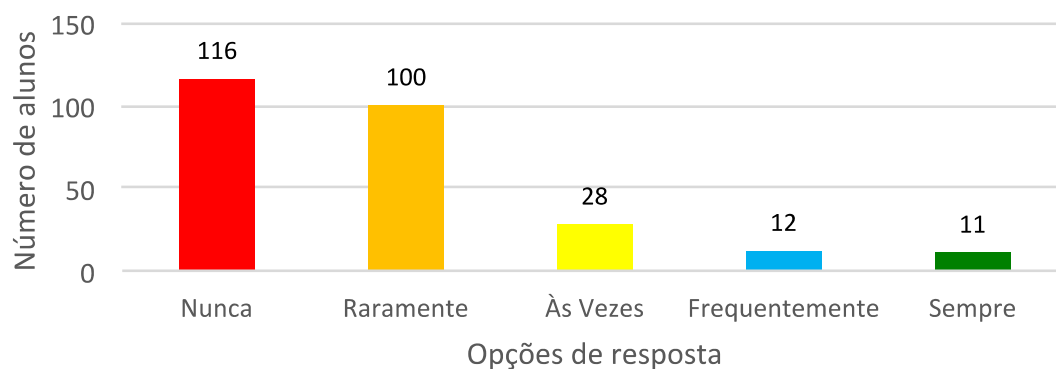




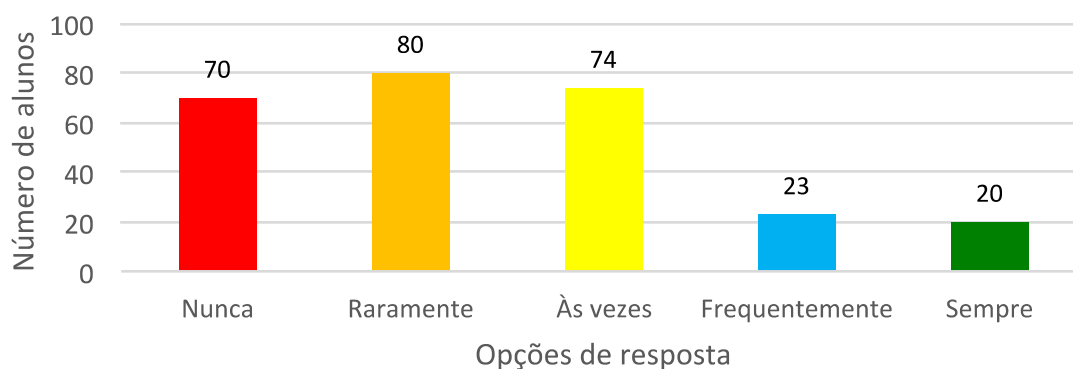
14. Você costuma compartilhar seus momentos de alegria nas redes sociais?



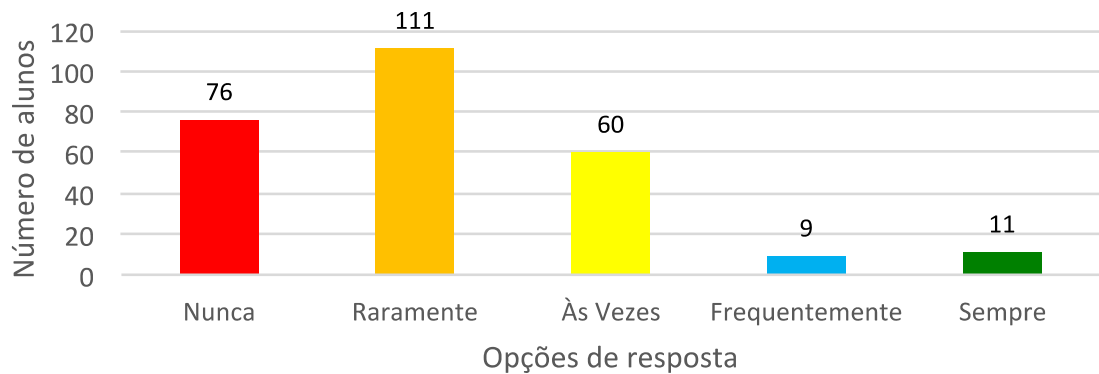
15. Você costuma compartilhar seus momentos de tristeza nas redes sociais?



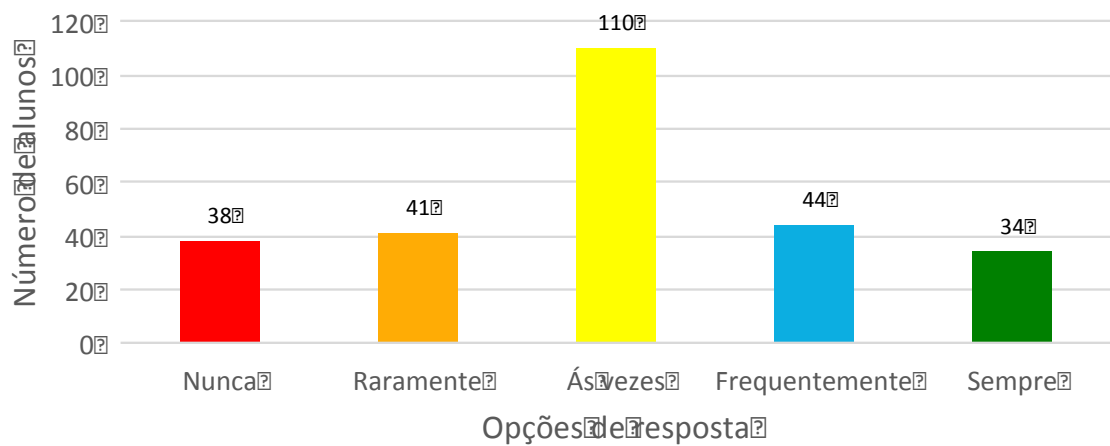
16. Você costuma compartilhar suas ideias/opiniões nas redes sociais?



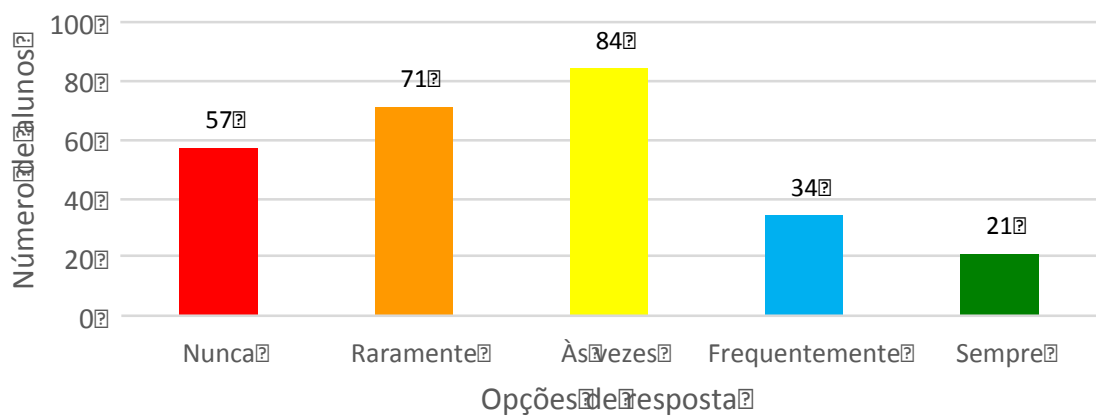
17. Você costuma compartilhar seus sentimentos nas redes sociais?

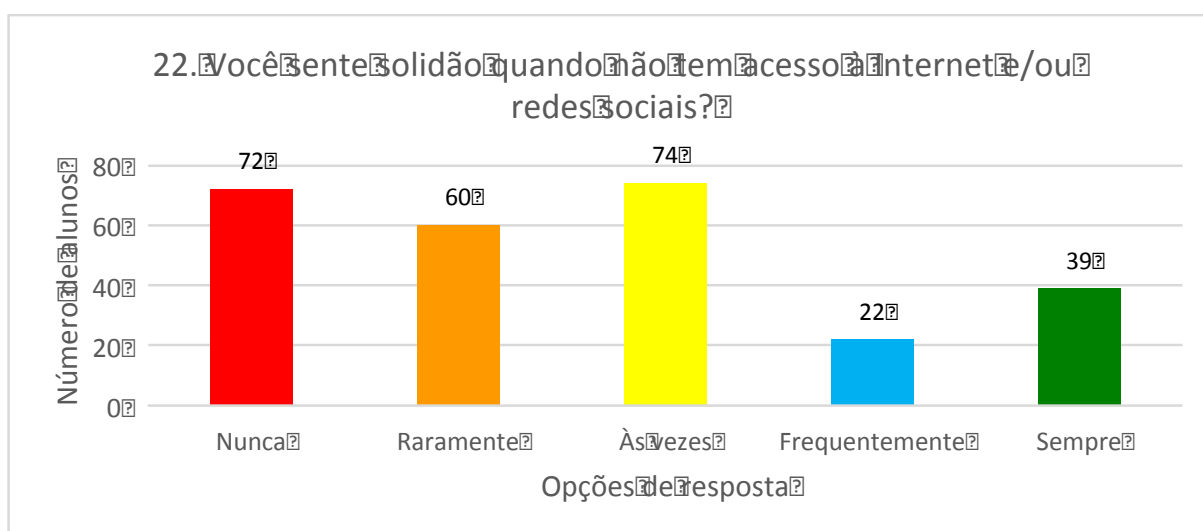
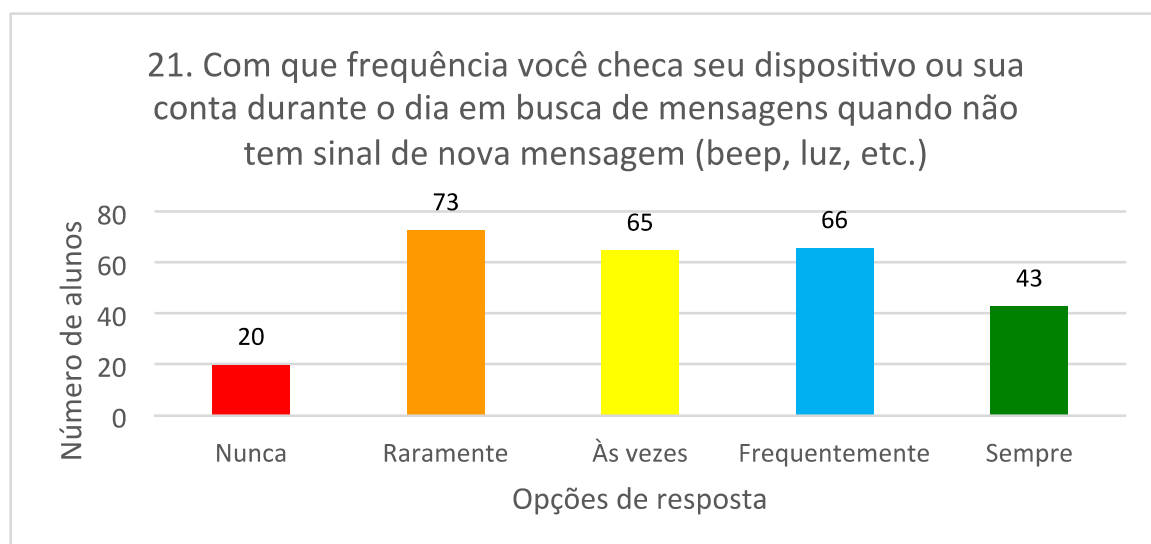
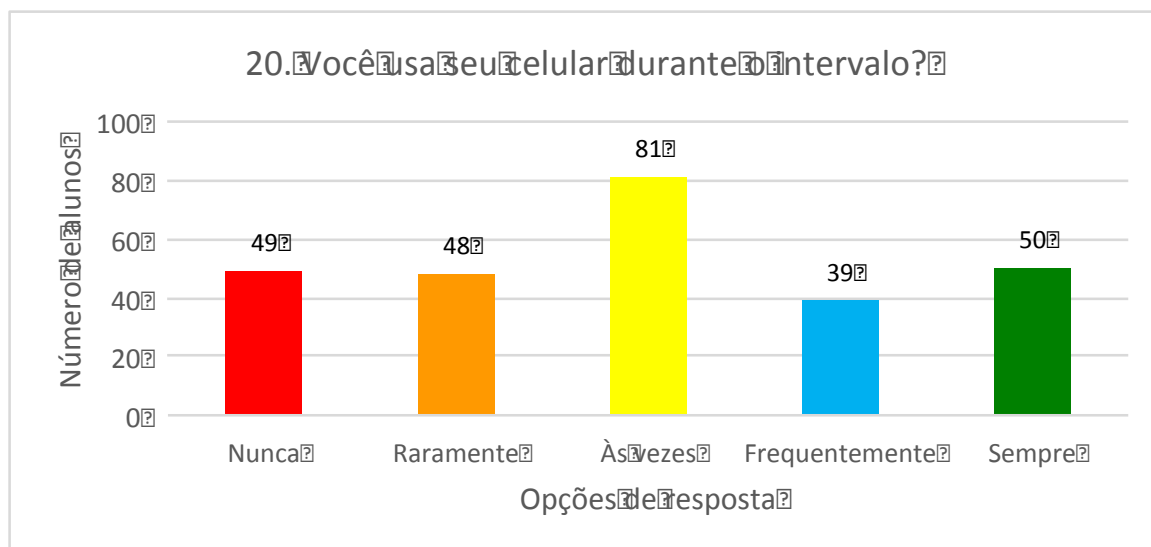


18. Você usa as redes sociais para estudar?

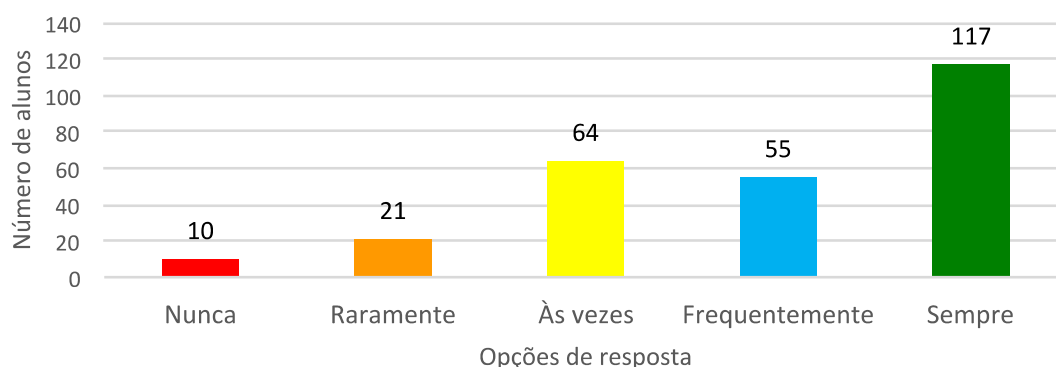


19. Você usa seu celular durante as aulas?

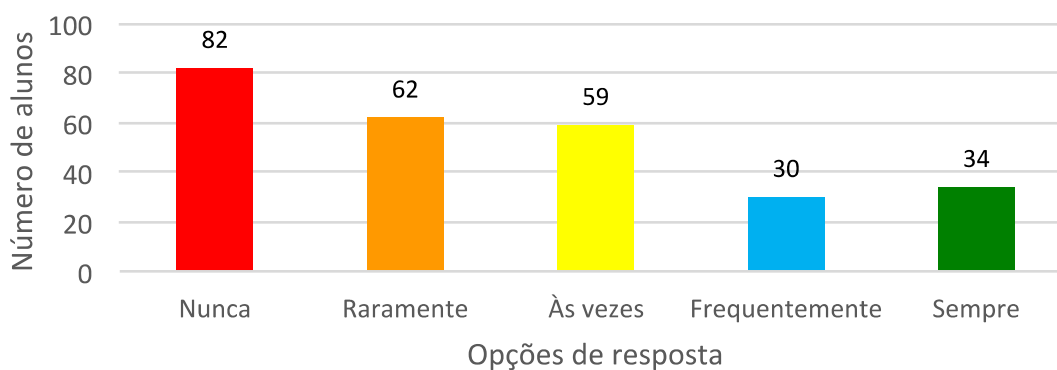




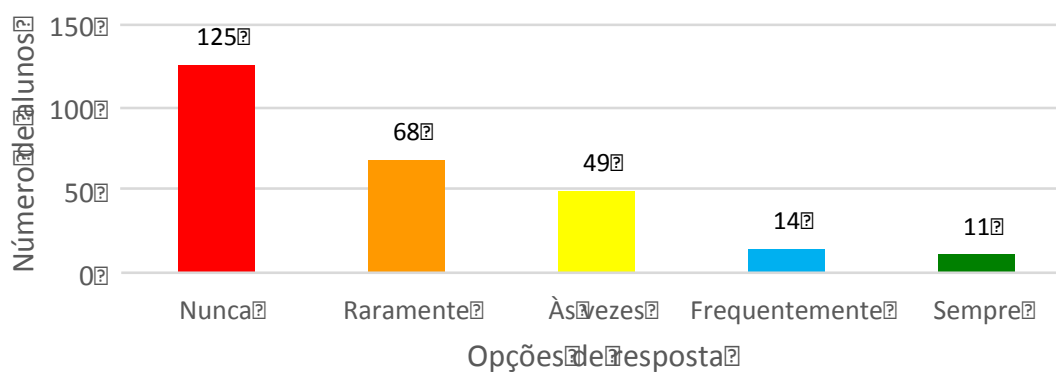
23. Quando utiliza a Internet e/ou redes sociais, você fica mais tempo que o programado?



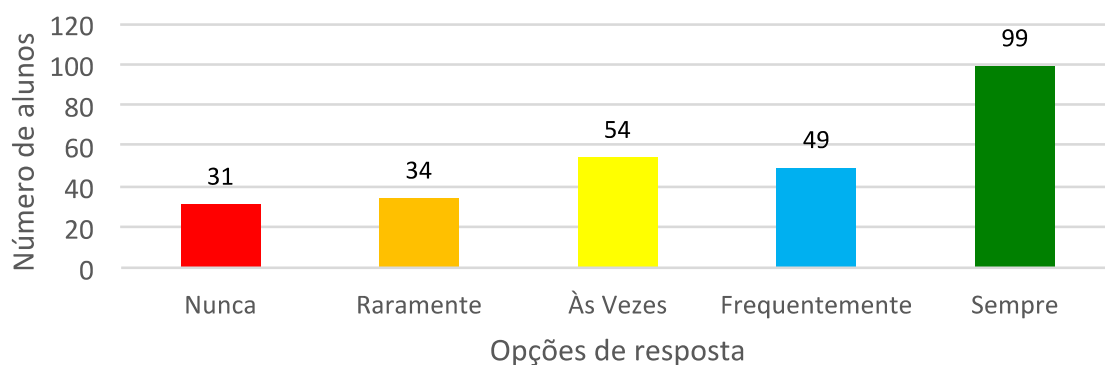
24. Você sente dificuldade em desconectar da Internet e/ou redes sociais para fazer outra atividade?



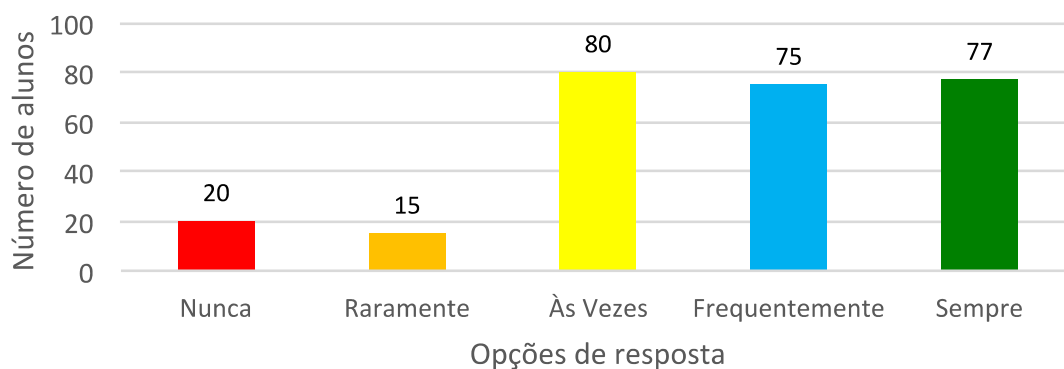
25. Você costuma se atrasar em seus compromissos porque fica conectado às redes sociais?



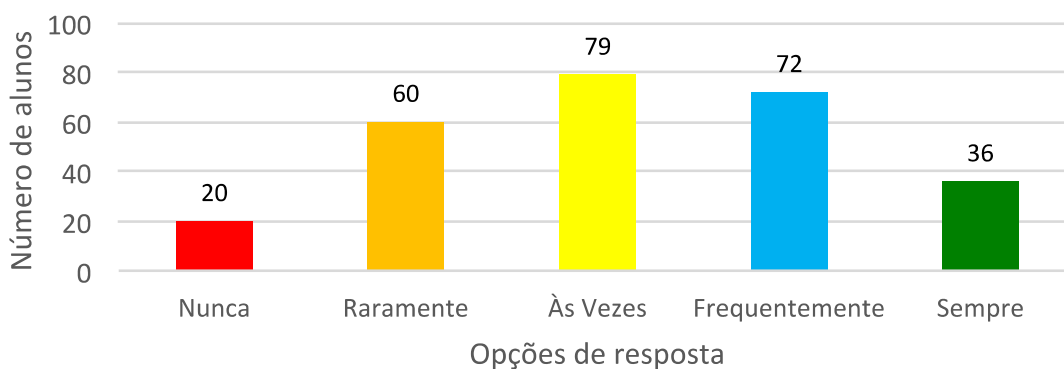
26. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação face a face com alguém?



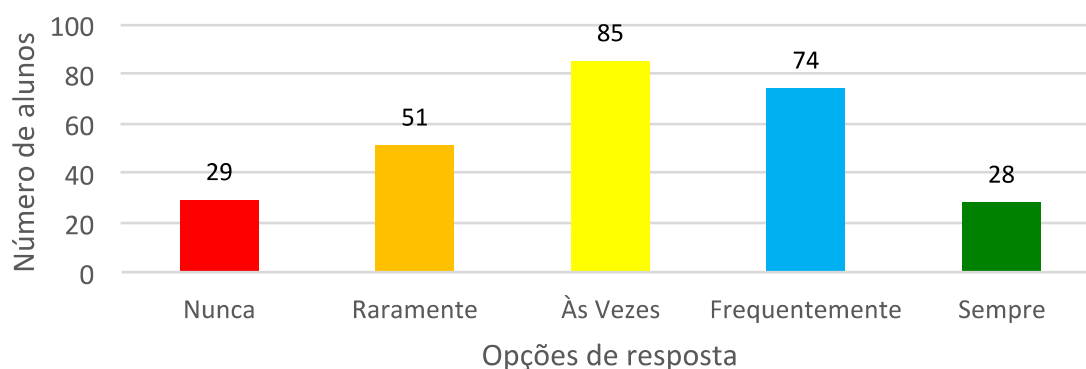
27. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação face a face com você?



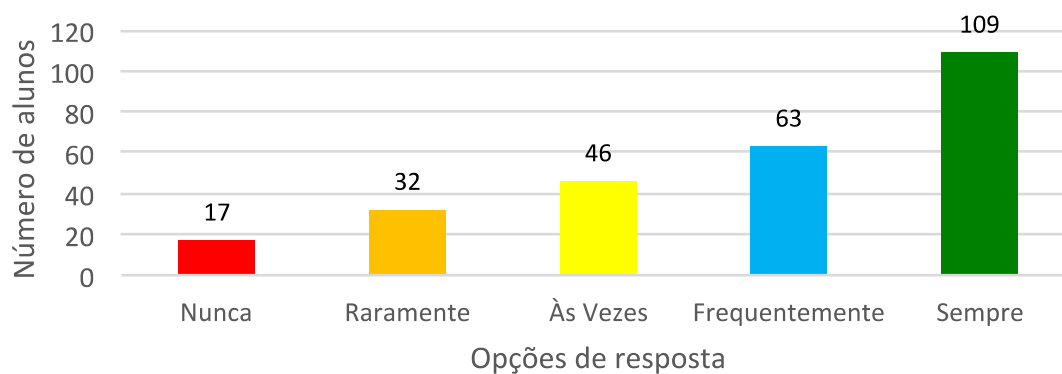
28. Você identifica e interpreta seus sentimentos quando está em uma comunicação virtual com alguém?



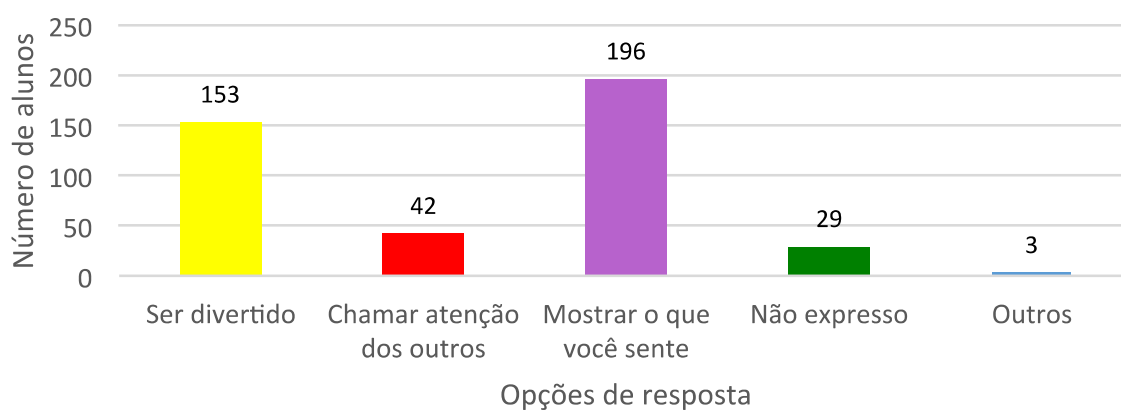
29. Você percebe e identifica os sentimentos da pessoa que está em uma comunicação virtual com você?

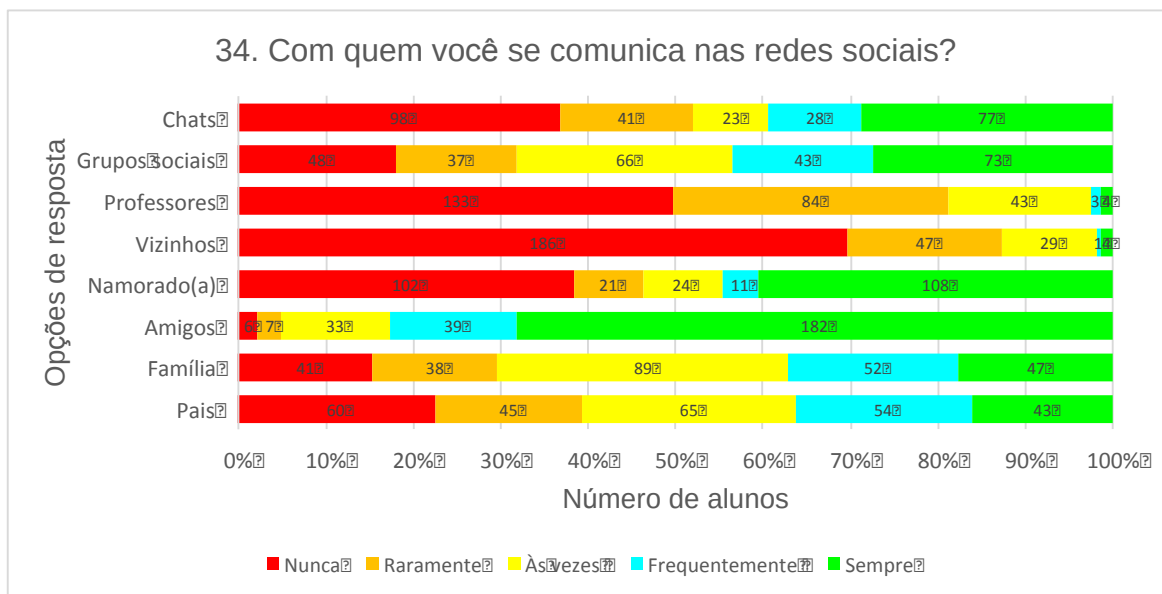
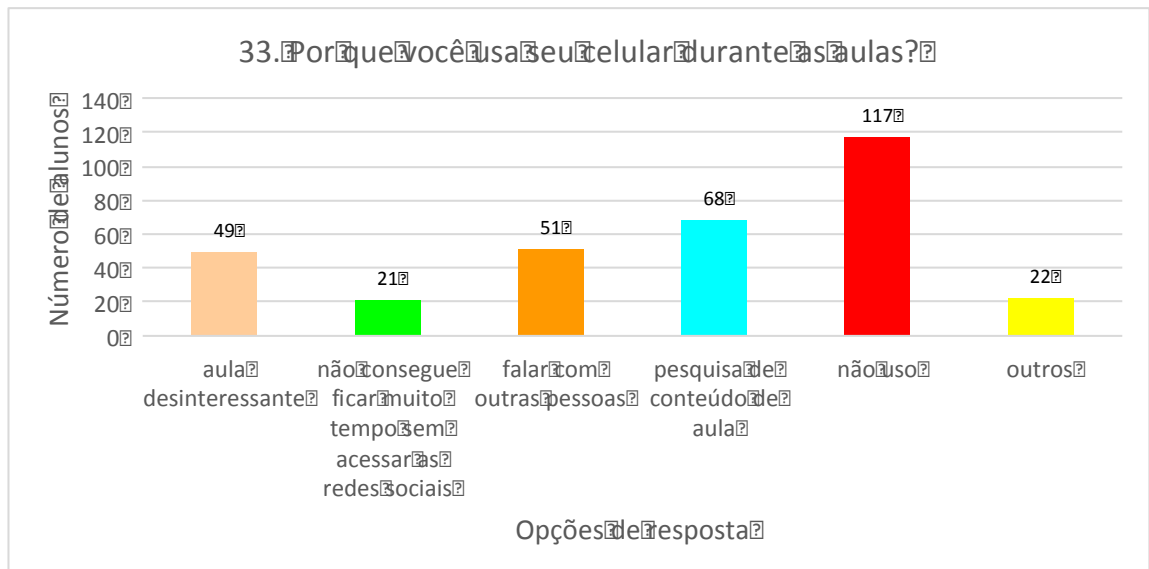
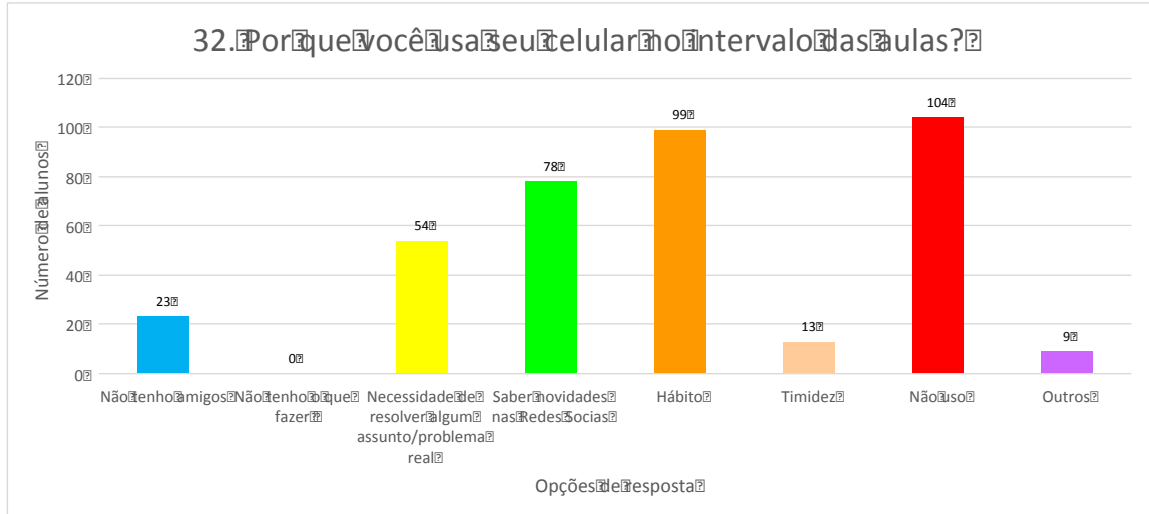


30. Você utiliza emoticons nas redes sociais para expressar seus sentimentos?

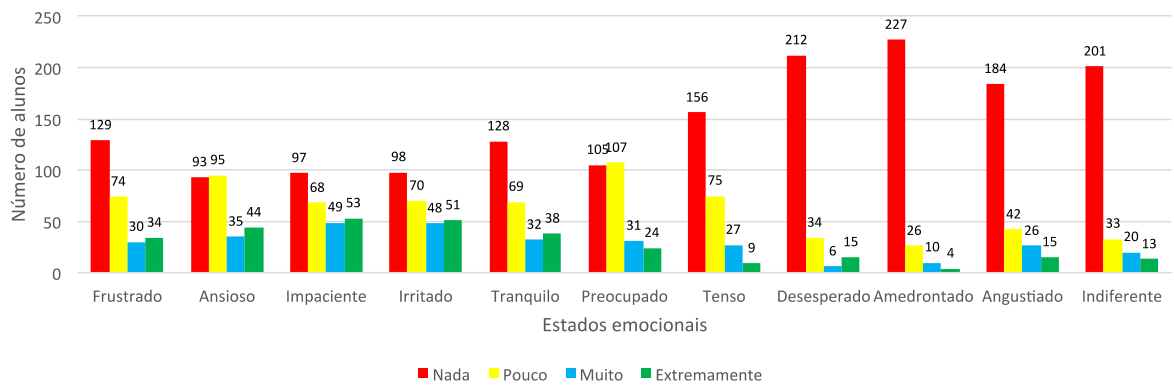


31. Expressa seus sentimentos através de emoticons para:

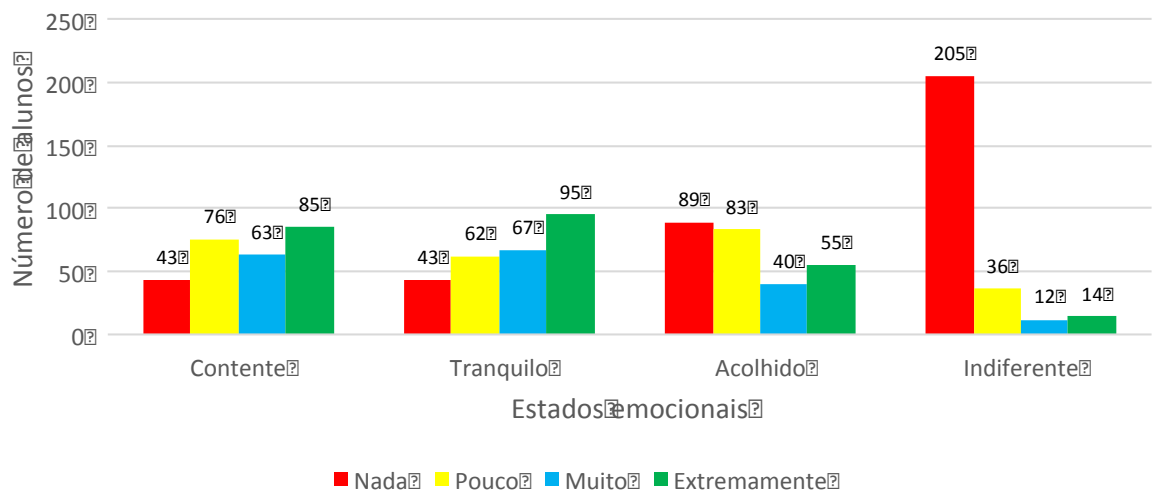




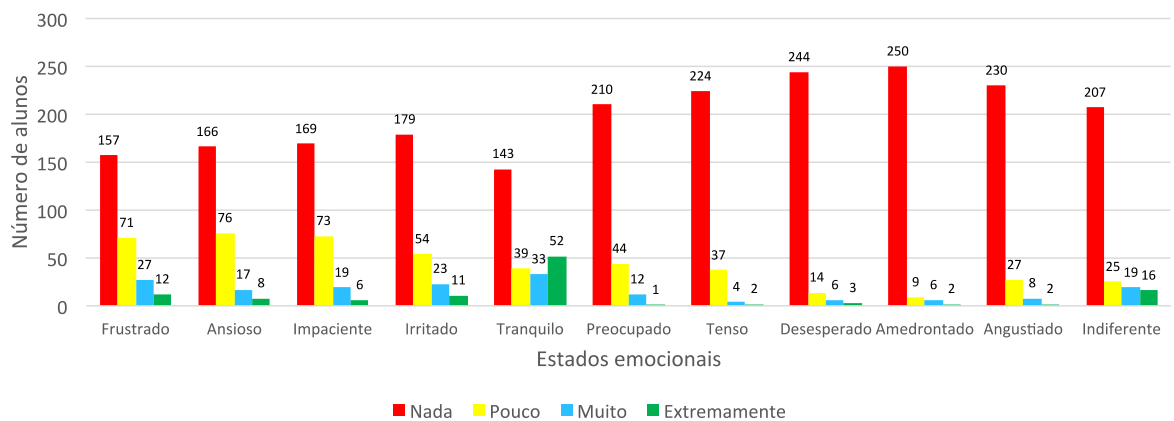
35. Como você se sente quando suas mensagens não são respondidas?



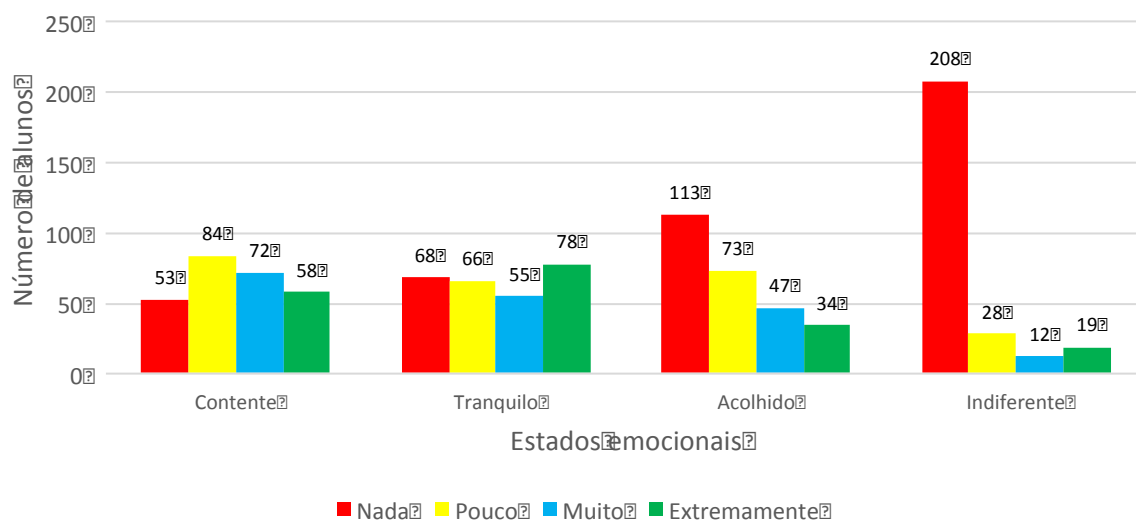
36. Como você se sente quando suas mensagens são respondidas?



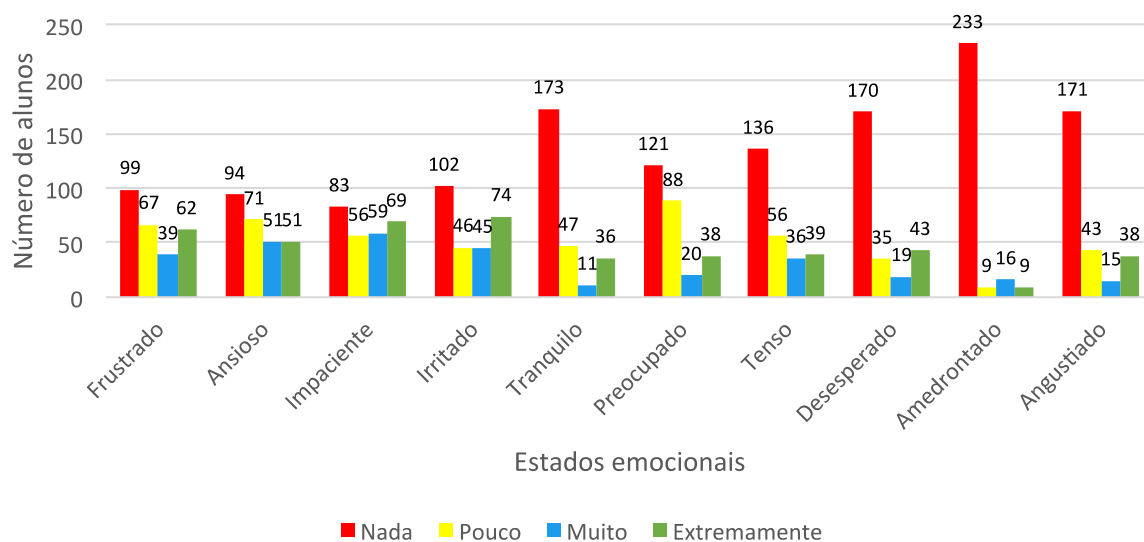
37. Como você se sente quando seus posts não são comentados nas redes sociais?

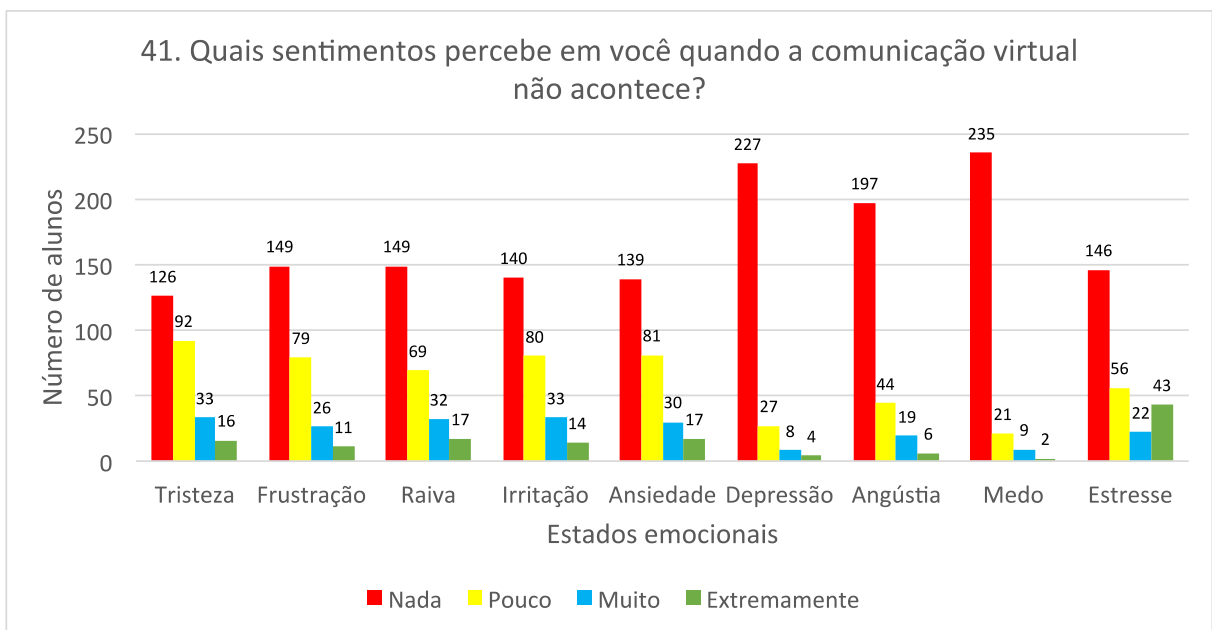
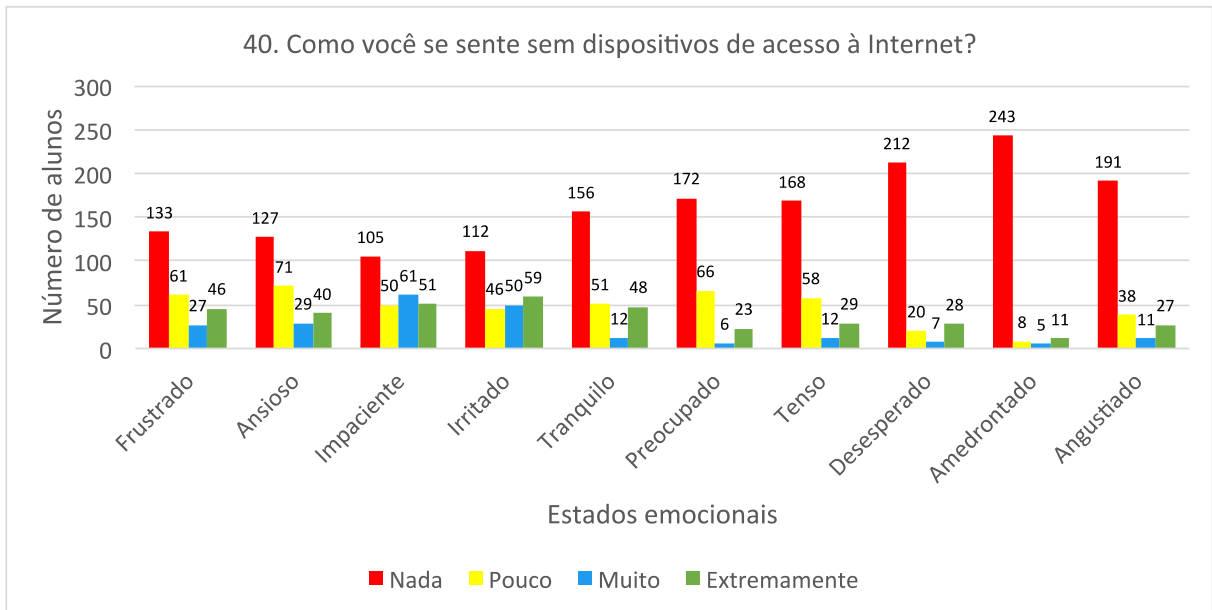


38. Como você se sente quando seus posts são comentados nas redes sociais?

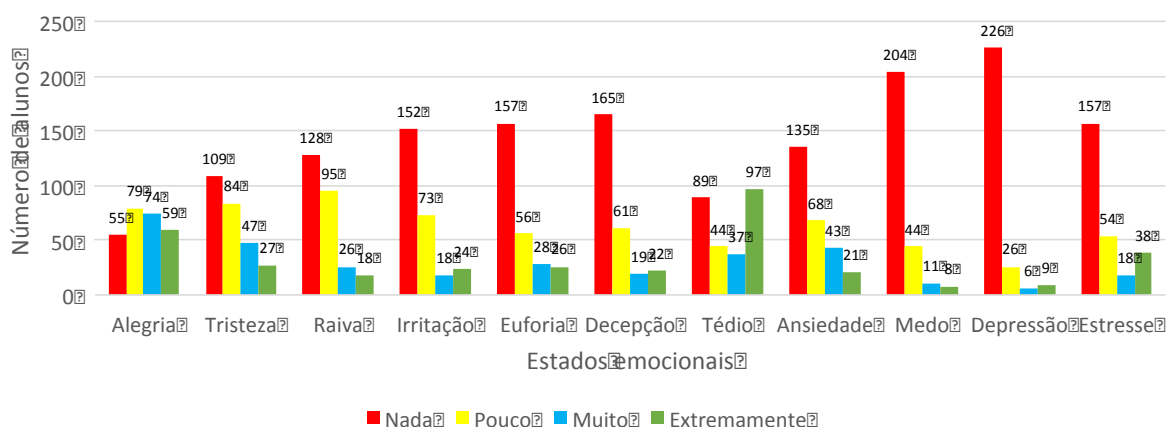


39. Como você se sente quando quer se comunicar com alguém e não tem acesso à internet?

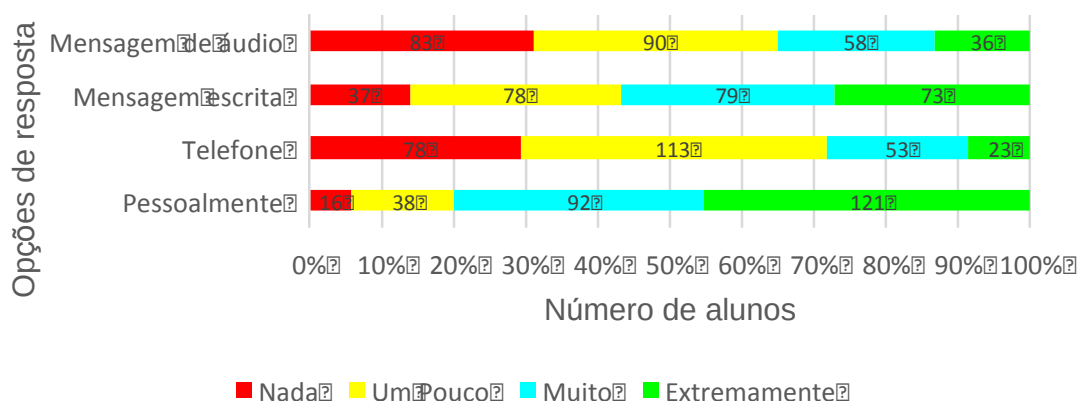




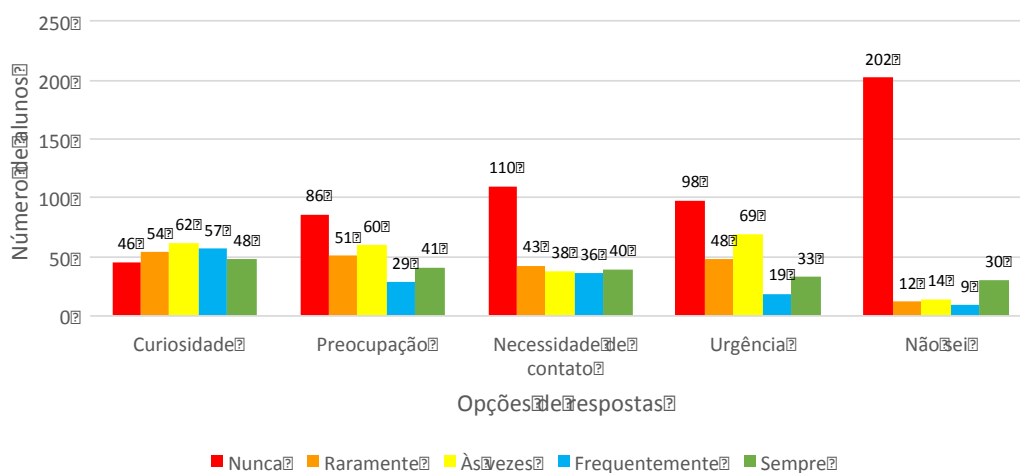
42. Em que situação emocional você sente mais necessidade de usar as redes sociais?

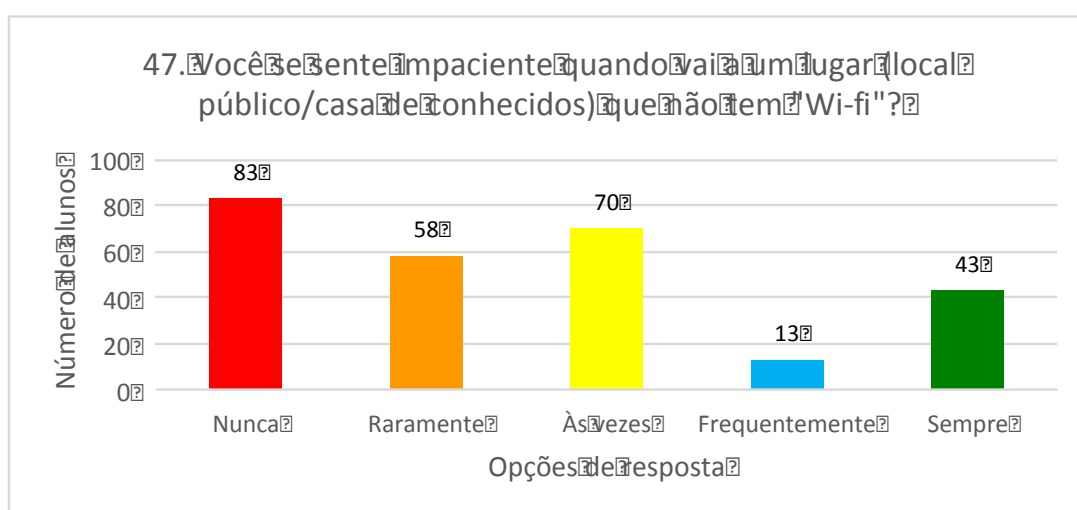
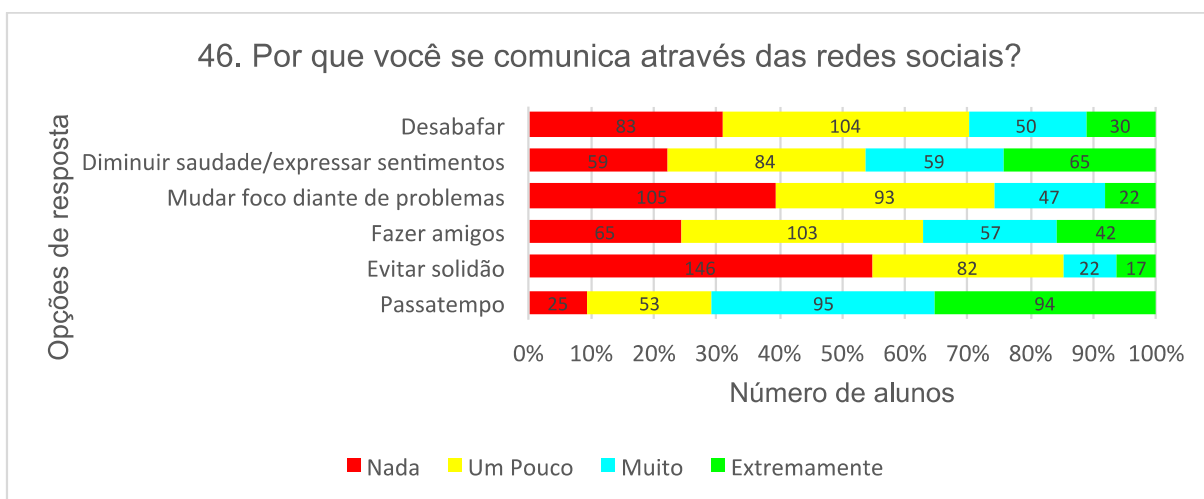
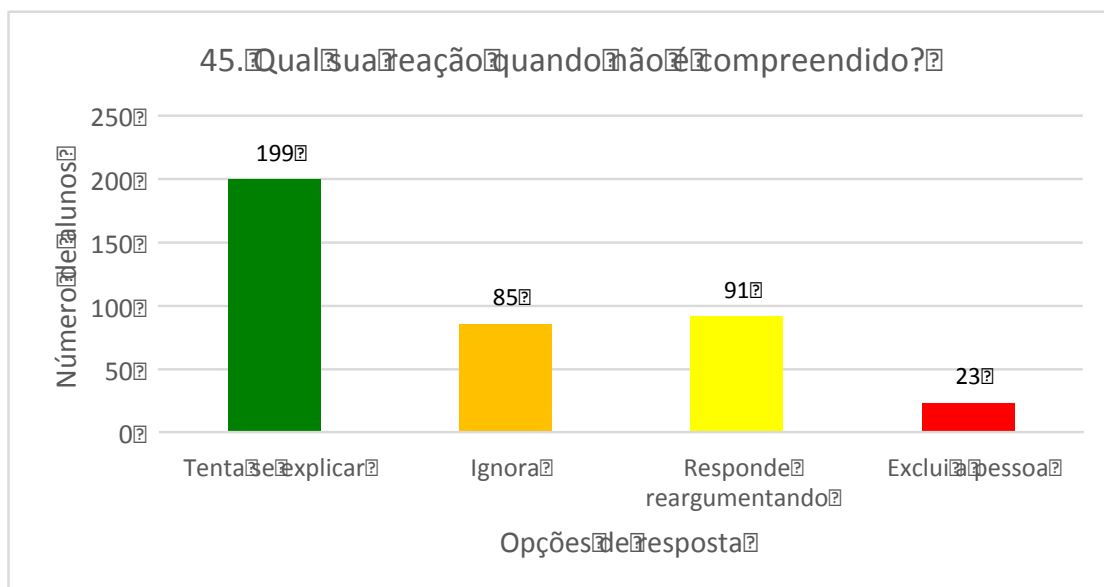


43. Como você prefere/se sente mais à vontade em se comunicar?

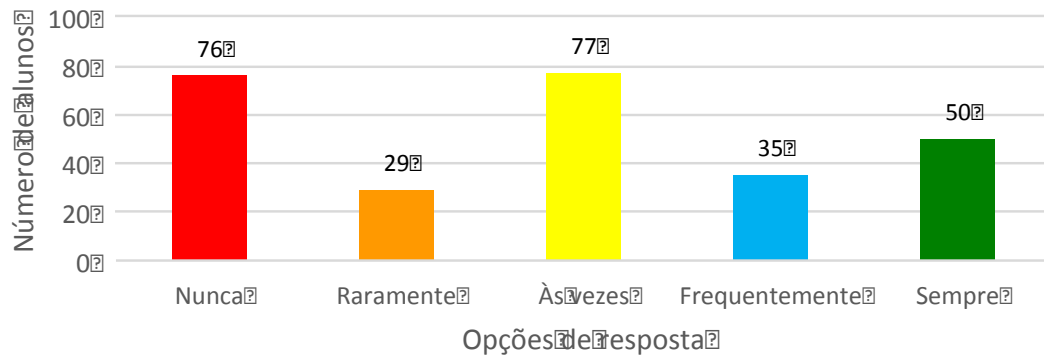


44. Por que você fica incomodado(a) pelas respostas não recebidas?

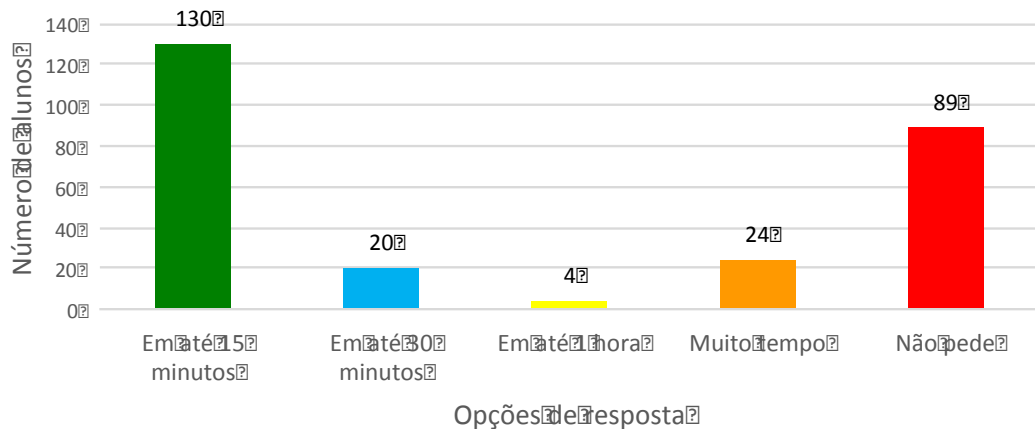




48. Quando você está em algum lugar, mas com "wi-fi", você tem vergonha ou fica inibido em perguntar pela senha de conexão?



49. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais públicos (restaurantes, lojas, clubes, etc.)?



50. Quanto tempo você leva para pedir a senha em locais conhecidos (casa de amigos, parentes, etc.)?

